



CORREA GARÇÃO

OBRAS POÉTICAS E ORATORIAS
1888

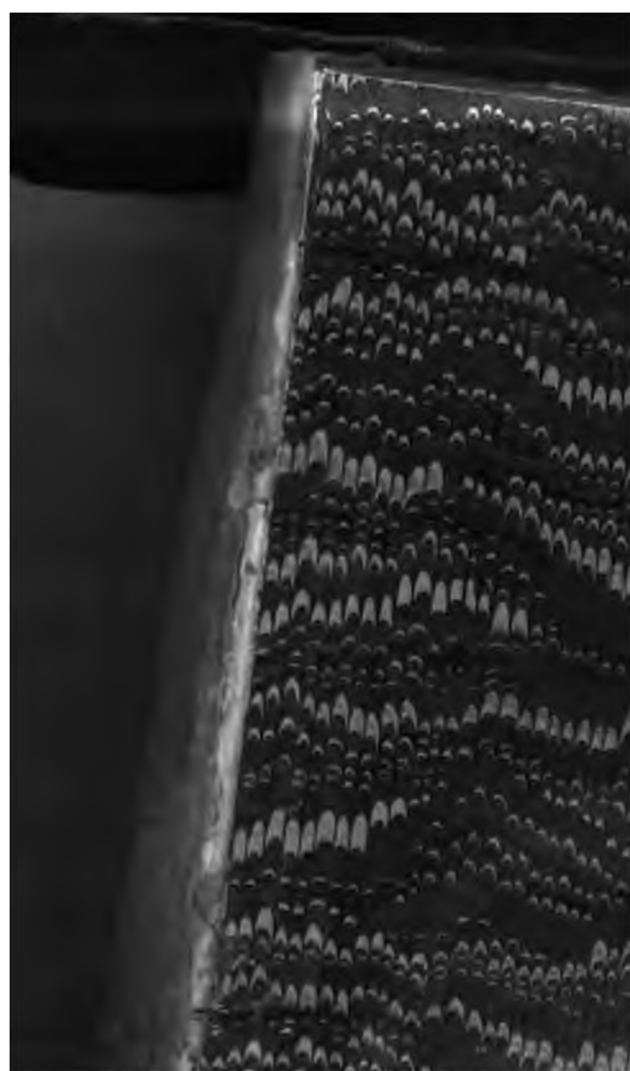


869.8

C827

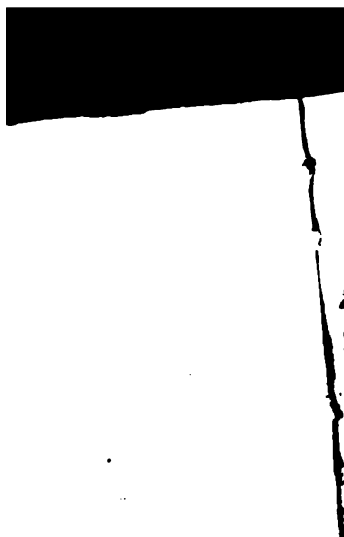
1888







Page 1





1888

B

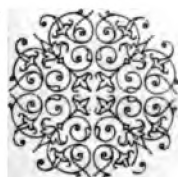


O IMPERADOR D. PEDRO II

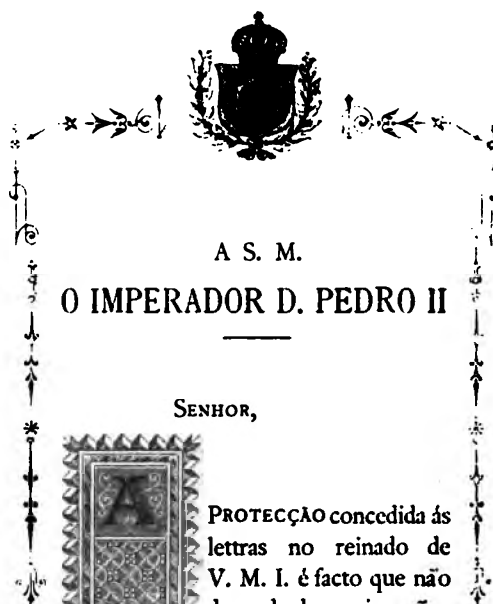
A. S. M.

674642-576





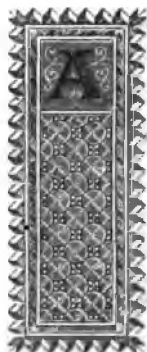
100



A S. M.

O IMPERADOR D. PEDRO II

SENHOR,



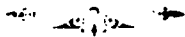
PROTECÇÃO concedida ás
letras no reinado de
V. M. I. é facto que não
depende de averiguação;
está na consciencia pu-
blica. Elle concorre com
tantos outros em abono
da solicitude, com que
vos empenhaes por tudo
quanto interessa o progresso do Brazil
e possa contribuir para o fazer hom-



brear dignamente com as Nações civilisadas.

Nenhum commettimento tem sido emprendido nesta vereda, que não encontre em V. M. I. o seu principal fautor e com encarecido louvor todos reconhecem que, onde quer que desponte a scentelha do talento, está certo de não perecer á mingua e de encontrar tão seguro conselho quão efficaz auxilio. A popularidade de Augusto dispensa entre nós a officiosa interferencia de Mecenas.

Justiça será ainda accrescentar. que a amplitude dessa protecção se mede

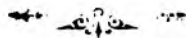


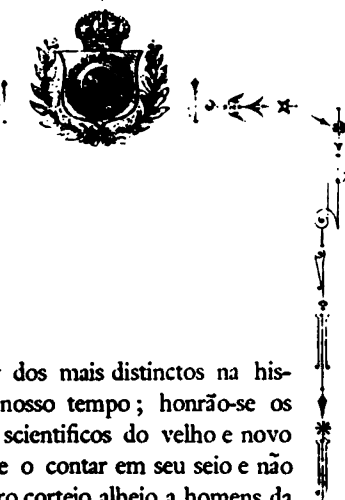


por igual á elevação de um espirito
aberto a todas as grandes ideias, ali-
mentado por solidos estudos em va-
rios ramos de conhecimentos huma-
nos, secundado além disso por uma
infatigavel e assombrosa actividade,
que recorda a bella imagem de Shel-
ley, reproduzindo no seu *Pallas* um
pensamento de Bacon :

Kings are like stars, they rise and set, they have
The worship of the world, but no repose.

Tambem não tem faltado a V. M.
a consideração devida a predicaos,
que lhe reservão como testa coroada





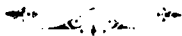
dos mais distinctos na his-
torio nosso tempo ; honrão-se os
homens scientificos do velho e novo
mundo e o contar em seu seio e não
no cortejo alheio a homens da
terra não pleno reconhecimento dos
seus e um confrade illustre. Gran-
de entre elles uma reputação que
reflexa o vosso orgulho e segura-
mente alta o sentimento nacional.
Quando, pois, a V. M. I. es-
tá completa das obras de um
homem que no seculo passado m-
ultiplicou as lettras da Na-
ção e a cujo infl-



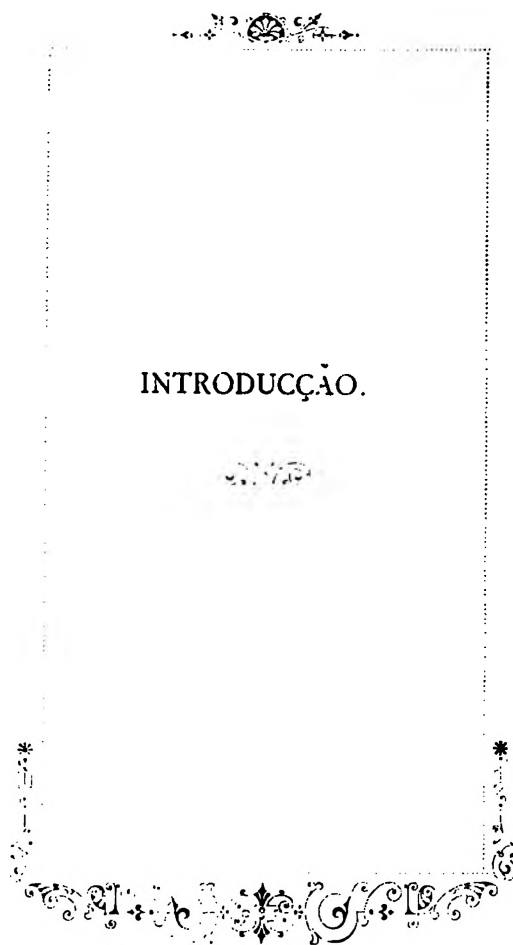


não forão tão pouco extranhos os nos-
sos primeiros poetas, não faço mais do
que prestar sincera e respeitosa homena-
gem ao monarcha, que com esclarecido
patriotismo e indefectivel devotamento
tem sabido em um longo periodo reger
os destinos da patria commum, dispen-
sando iguaes cuidados ao adiantamento
moral e ao bem estar material de seus
concidadãos.

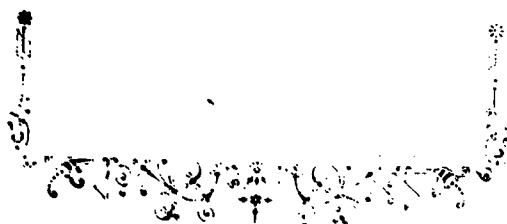
De V. M. I.
subdito reverente e dedicado
JOSÉ ANTONIO DE AZEVEDO CASTRO.







B





INTRODUÇÃO



ONHECEM-SE das Obras
de Pedro Antonio Cor-
rêa Garção trez distin-
ctas edições.

A primeira, publicada em
Lisboa, 1778, seis annos depois da
morte do poeta, por seu irmão João
Antonio Corrêa Garção, com o título
de *Obras poeticas*, contendo, porém,
igualmente escritos em prosa, *Dis-
sertações e Orações*, recitadas perante
a Arcadia ou alhures, traz a dedica-
toria ao Visconde de Villa Nova da
Cerveira, então Ministro do Reino. No
prologo allude o editor á tentativa feita



para dá-la ao publico furtivamente e pede desculpa « pela desordem e muitos erros que nella descobrirão os intelligentes, e que não foi possível comprehender na taboa das erratas. »

Em verdade nada menos de 370 emendas nella se contão. No magnifico monumento erguido ás letras portuguezas pelo genio intelligente e perseverante de Innocencio Francisco da Silva, emitte elle a opinião que esta edição, não obstante as suas deficiencias e defeitos de todo o genero, é ainda assim em tudo preferivel ás que posteriormente se fizerão, porque além de poesias encerra varias *Dissertações e Orações*, que forão não sabe como nem porque omitidas nas edições seguintes. Contem o volume, afóra as prosas referidas, 57 sonetos, 30 odes, 3 epistolas, 1 falla, 2 satyras, 3 mottes, 3 endechas, 2 dithyrambos, 2 cantigas, 1 romance hendecassyllabo e 2 comedias.

A segunda edição foi impressa no Rio de Janeiro em 1812 e consta de dous tomos. Não tem dedicatória e o editor alliviando a obra da parte em prosa, aproveitou a taboa das erratas da edição anterior, expurgando esta dos erros na outra apontados. Conservou, no entretanto, a mesma desordenada distribuição das poesias; algumas alterações, poucas e de somenos importância, introduzio no texto por conta propria. No lugar competente das notas direi em que consistirão.

Innocencio não menciona esta edição, mas refere-se a uma publicada no Rio de Janeiro em 1817.

É evidente o erro de data que facilmente se desfaz. A mesma referencia ao numero de paginas dos dous volumes, identico exactamente ao da edição de 1812, claramente o prova. Nem haveria razão que explicasse essa proximidade de edições, quando entre a

primeira e a de 1812. apesar de todo o merito do autor, medeiarão nada menos de 34 annos. Sobreleva notar, e este argumento me parece concludente, que no prologo da terceira e ultima publicada em Lisboa no anno de 1825, pelos livreiros Martim & Irmão, se diz ser conforme á de 1812. Tambem forão nesta supprimidas as prosas.

Suppunha o distincto bibliographo e o declarou no excellente artigo, que a respeito de Garção escreveo no seu *Diccionario*, que muitas outras poesias este deixára, que não forão impressas e se extraviarão. Elle proprio affirma possuir algumas ineditas, de que dera copia a um descendente do poeta, que pretendia formar uma nova edição de suas obras, mas que infelizmente nunca vierão a lume. Fiz as maiores diligencias a ver se conseguia obte-las. Forão todas baldadas. O martello do leiloeiro dispersára as preciosidades accumuladas,

sabe Deos á custa de que sacrificios pelo incansavel escritor, e como perolas desprendidas de valioso collar correrão pelo solo e desaparecerão.

Aquella opinião de Innocencio é aliás partilhada por um notavel homem de letras, de que com justa ufanía se honra Portugal. O Visconde de Almeida Garrett em a nota á Ode *O suicidio*, publicada pela primeira vez no *Parnaso lusitano* assim se exprime: « Esta Ode foi tirada de uma collecção de obras manuscritas de Garção, que existio em casa do Conde de Pombal ». (1) Calou o annotador as razões porque teria deixado de opulentar o *Parnaso* com outras producções do eximio vate. Seguramente não as colheu ás mãos. É o que se póde deprehender do laconismo da nota, parecendo haver da pcesia antes rastreado a origem do que tê-la tacteado.

(1) Obra cit., tomo III, pag. 320.

Tambem no dizer de José Maria da Costa e Silva na livraria da casa do Conde de Vimieiro tinham existido dous saccos contendo poesias de Garção, e entre ellas se achavão duas tragedias originaes, *Sophonisba* e *Regulo*. Innocencio, de quem tomamos a noticia acha-a exagerada, sem comtudo contestar a existencia de versos ainda não impressos do poeta e memoria de outros, que de certo se perderão. Entre estes cita uma satyra, accusada por Luiz Raphael Soyé no prologo do seu poema, o *Senho*, pag. 41, onde transcreve o verso:

« Ao rabido furor do pedantismo »

confessando não lhe ter sido possível descobrir mais cousa alguma de semelhante peça. Provavelmente seria essa que o erudito Snr Theophilo Braga obsequiosamente me commun'cou haver visto em um manuscrito vendido



em leilão á rua larga de S. Roque em Lisboa no anno de 1883.

Autorisado competentemente a dar cumprimento ás disposições de ultima vontade de meu prezado amigo o D^r Agostinho Marques Perdigão Malheiro, finado em 1881, entre os copiosos manuscritos que legou ao *Instituto historico e geographico do Rio de Janeiro* e forão outr'ora pertencentes á bibliotheca paterna, deparei com um cujo titulo aqui litteralmente transcrevo:

Coleção das melhores Poezias que não correm ahinda impressas dos Poetas que florescem presentemente em Portugal juntas pello cuidado de A C B U & em Lisboa 1767.

Folheando curiosamente o volume que ao presente conta a respeitavel idade de cento e vinte annos, encontrei varias poesias ineditas do autor da *Cantata de Dido* no meio de outras, que a impressão já fizera conhecidas do publico. A orthographia nada tinha de re-

commandavel como acaba de ver-se do titulo; a cada passo lia-se *puetas*, *nuvdis*, *coase*, *douce*, *epucha* e outros quejandos vocabulos, indicando tanto a profunda ignorancia grammatical como a paixão poetica do collector. Em todo o caso é muito para louvar o paciente cuidado com que trasladou tão avultado numero de poesias, inclusive todo o *Theatro novo*, com a declaração de haver sido representado no theatro do Bairro alto em 1766.

Esta preciosa descoberta suggerio-me a ideia de publicar uma edição completa das producções do mais notavel dos fundadores da Arcadia, reunindo ás conhecidas as ineditas do manuscrito e arrecadando para o futuro livro as dispersas em varias collecções de que tinha noticia.

Sem demora puz mãos á obra. Aqui e alli com indicação segura fui colligindo as poesias estramalhadas e de

cuja authenticidade não era licito duvidar. Servio-me de excellente bussola o *Diccionario bibliographico*; elle proprio forneceo tambem o seu contingente com o *Soneto* dedicado do Limoeiro a Antonio Diniz e que o laborioso collector, contra a opinião do Snr Visconde de Correia Botelho, supõe ter sido a ultima composição do poeta, asseverando-me por seu turno ultimamente o Snr Theophilo Braga que o autor é o arcade José Antonio Brito, cujas obras ineditas estão na Torre do Tombo.

Não me parecia, porém, bastante. Sabendo pela divulgação que do facto fizera o Snr Camillo Castello Branco no seu *Curso de litteratura portugueza*, achar-se elle de posse de varios manuscritos contendo poesias ineditas de Garção procurei havê-los. Infelizmente a rica livraria do eminente escritor havia sido vendida em 1883. Pude com-

tudo obter o respectivo catalogo e lá encontrei a pag. 73 na secção dos manuscritos sob n. 1865 a seguinte referencia :

« Collecção de poesias portuguezas de varios engenhos, deste e do presente seculo juntas e recolhidas pelo secretario dos engenhos alheios, 3 tom. in 4, » e em seguida a nota em italico: *Entre muitas ineditas tem algumas de Corrêa Garção.*

Começou então uma verdadeira campanha para a conquista deste novo Vellocino. Quantos se entregão a pesquisas semelhantes conhecem as arduidades da empreza ; bem podem pois imaginar a minha lida para deitar a mão no almejado manuscrito, ou quando menos para obter d'elle uma copia. Residente no Rio de Janeiro todo o meu esforço pessoal concentrava-se na correspondencia epistolar que n'aquelle intuito entabolei para Lisboa ; meio demorado,

tardio, provocando justas impacencias, mas infelizmente unico a que podia recorrer. A minha viagem a Europa em 1885 melhorou consideravelmente as condições de investigação, em Londres achava-me mais perto do campo das operações; eu proprio em ultimo caso as dirigiria.

Assim em breve foi vencida a primeira difficuldade, saber quem teria sido o licitante do manuscrito da bibliotheca de Castello Branco. Surgio, porém, logo outra quiçá mais temerosa e fatigante, a de conseguir abrisse o acquirente mão delle. O bom do homem suppoz-se na posse de um thesouro magnifico e arrogante entrou a supputalo a peso de ouro. Graças, entretanto, a obsequiosa intervenção de estimaveis amigos, a quem aproveito a occasião para testemunhar o meu reconhecimento pela efficacia de seu concurso, pude encontrar-me com o primeiro vo-

lume dos trez arrolados no catalogo já referido.

Tambem era esse o unico, segundo me foi asseverado, que continha composições de Garção. As ineditas todavia não abundavão; com excepção de trez sonetos e outras tantas orações tudo o mais constava das collecções impressas. O que, porém, contribuia para dar a meus olhos inapreciavel valor ao manuscrito era o facto de haver sido todo elle copiado e annotado pelo Conego da Sé de Coimbra, Manoel de Figueiredo, que em um prologo panegyrico explica o modo como obtinha as producções do poeta. Não me parece inoportuna a sua integral transcripção e a incluo como se acha no alludido volume. Alguns trechos desse prologo foram aliás insertos no *Curso de litteratura portugueza* do Snr Camillo Castello Branco.

« Esta collecção de composições ora-

torias e poeticas tem sido o trabalho e cuidado de alguns annos. Corydon tão digno entre nós de nome eterno, como foi entre os Romanos, não sei porque occulto mysterio era sobramaneira difficil em communicar os seus escritos. Conservava-os como moeda rara em si com summa avareza, especialmente depois que a critica indiscreta se atreveo a riscar-lhe parte de sua terceira bellissima oração. Não soffreo que uma penna atrevida e impertinente desfigurasse suas excellentes idéas, depois que vencendo os importunos rogos da Côrte, se resolveo a consentir na impressão da maravilhosa invectiva contra os traidores da patria.

« E' certo que só a prevenção que ainda dominava certos genios austeros e atrabilarios podia achar que emendar em uma tão inimitavel composição.

« Nas mesmas emendas até se deixa entrever que a mão que as fez era

muito falta da politica que reina conforme a constituição e o governo dos estados. O pastor teve a honrada constancia de frustrar antes a espectação publica do que engana-la com partos alheios.

« Os lugares notados e supprimidos, que vão indicados na nota seguinte (1) mostram bem que a penna emendadora conhecia muito fracamente a força dos pensamentos exprimidos. Estes são os desgostos que enfraquecem e desanimão um espirito que desejando sacrificar tudo pela patria, sempre reserva a honra e o entendimento. A Arcadia que ouviu Corydon detendo o Alpheo com sua melodia, chora hoje sem remedio a sua perda.

« Portugal sentirá sempre não conhe-

(1) Ao sopé de cada uma das passagens respectivas da Oração VIII a pag. 562 distribuí as modificações da critica para mais facil apreciação.

cer a fundo um pastor que tanto lustre deo a seus amenos campos. As musas lastimar-se-hão que os dissabores e as angustias de animo suffocassem um genio verdadeiramente poetico.

« Amava o grande cothurno, e se a Nação quizer contar a Horacio e Sophocles entre seus poetas, não achará outro mais digno que Corydon. A lição e o genio produzem só de seculos a seculos estes raros phenomenos. Suas *Odes* serão o modelo do grande e do sublime, e suas *Orações* sustentar-lhe-hão dignamente um distincto lugar entre os bons Gregos e Romanos, ou seja para a pureza da phrase, ou para sua natural energia e viril estylo. Milagre raro unir-se o estro e transporte dos poetas com a facil e numerosa linguagem dos oradores. O que é de Corydon é na verdade admiravel.

« A's diversas copias se deverão attribuir alguns erros, comtudo em nada.

substanciaes. Deve advertir-se que sendo as primeiras duas *Orações* transcriptas dos seus proprios originaes se cuidou muito em fazer conservar no traslado a mesma orthographia. O autor não tinha nella systema uniforme. O mesmo projecto de que nunca apparecessem em publico, os fazia ter escritos com summa negligencia; e de modo que foi necessario ter grande uso de sua letra para advinha-los. Porém com trabalho tudo se vence.

« Lê e medita; goza os fructos dos meus innocentes roubos. Para agora lêres, foi necessario que mão domestica, a quem nada se podia occultar, fosse a mesma que generosamente infiel me dêsse em summo recato algumas das composições que aqui vão copiadas. »

Por aqui verifica-se quão retrahido seria o poeta em communicar as suas producções. Essa reserva explica-se melhor, cuido, pelo resentimento prove-

niente da critica, *genus irritabile vatum*, do que por natural disposição de espirito. Não consta fosse de humor concentrado, antes a affabilidade de maneiras, com que o descrevem alguns, e o tom zombeteiro de certas poesias nos fazem representar um Garção de genio alegre e expansivo. Talvez se deva attribuir esse retrahimento a outra causa ; sabe-se que costumava polir *ad unguem* as suas composições, mas sem a revelação do conego, ignorava-se que fosse mão calligrapho. Como certo personagem que dizia a respeito da intelligencia de sua pessima letra - *em quanto escrevo Deos e eu, depois... só Deos* - elle proprio sem duvida se esquivaria de divulgar aquillo, que lhe poderia trazer enfadonha senão impossivel revisão.

Figueiredo recebendo da esposa de Garção os originaes que ella furtivamente lhe ministrava seria fiel na co-

pia? Interpretaria devidamente as garatujas do amigo, de que se desvanecer grande pratica? A mesma pressa com que provavelmente formaria os traslados, não daria em resultado um trabalho defeituoso?

Todas essas conjecturas são admissíveis. Elle mesmo aliás nos previne contra erros de copias, não suas, está bem visto, mas de outrem. Declara-as todavia em nada substanciaes. Esqueceo-se no emtanto de nos esclarecer sobre as notas ou emendas, com que ataviou varias poesias e de que em breve me occuparei. Taes annotações affectão a propria substancia de certos versos, modificando-lhes inteiramente o sentido.

Avaro na divulgação das composições entre os amigos e admiradores de seu genio, Garção o foi ainda mais em dá-los a lume. Em vida apenas se imprimirão, segundo Innocencio, as

Odes denominadas Sacras, as quaes com excepção da dedicada a Stº Ubaldo, que não apparece no manuscrito, occupão nelle o primeiro lugar depois das Orações. Aquellas mesmas Odes entrão de encambulhada com outros versos de varios autores editados por Francisco José Freire no voluminho intitulado: *Santos patronos contra as tempestades de raios*.

Poder-se-hia com melhor fundamento attribuir a outros motivos, que não meramente a avareza do poeta o seu afastamento da imprensa. Porventura carencia de meios. A prolongada e ruinosa demanda, de que fallão os biographos, lh'os teria escasseado para uma empreza, que n'aquelles tempos deveria exigir elevada somma. Havia além disso a *Real Mesa Censoria*, sem cuja permissão nenhuma obra podia ser publicada. Elle sahira já uma vez tão escalavrado da critica, que com

justo orgulho se revoltaria á ideia de submeter o fructo de suas vigílias, composições trabalhadas com tamanho esmero e carinho, á rasoura manejada por mãos ineptas e odientas.

Privada a posteridade da fortuna de possuir uma edição revista pelo proprio autor, adornada das louçanias de que só elle seria capaz de revesti-la, e reduzida a que poderião offerecer os entusiastas de um dos mais notaveis mestres da poesia e da lingua portugueza, servirá, espero, a singeleza do intuito de attenuante á temeridade com que me abalancei á presente. Os competentes, confesso, melhor farião; o monumento que erigissem á memoria do poeta, precedido de soberbo portico, seria esculpido por fino e delicado buril que não pode manejar o rude alvanel.

No estudo que o Snr Rebello da Silva publicou no *Panorama* sobre *Poetas da*

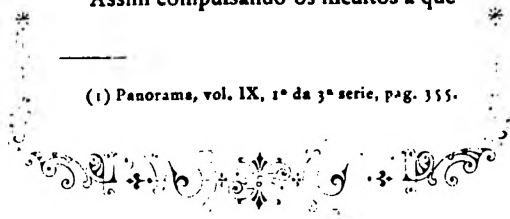


Arcadia, depois de haver analysado com grande largueza de vistas e superior sentimento poetico n'aquelle seu proprio estylo em que a sobriedade corre parcellas com a elegancia, os escritos de Corydon Erymantheo, cuja lyra, « virá nos tempos, porque ninguem, igual a elle soube nunca unir a pureza da arte á elevação do sentimento, nem traduzir em carmes mais viris o destino sublime do homem, que a fortuna não espanta, e só á mão de Deos se dobra » termina desta fórma :

« Uma edição expurgada dos erros que desfeição as que existem e augmentada com o precioso peculio das obras ainda não publicadas, seria um serviço relevante ás letras e um valioso documento para a historia dellas. » (1)

Assim compulsando os ineditos a que

(1) Panorama, vol. IX, 1.ª da 3.ª serie, pag. 355.



me tenho referido, pensei em prestar algum serviço ás letras, sem desconhecer, não preciso repeti-lo, resultaria a sua relevancia de outra penna que não a mediocre, que a boa vontade servida pelo acaso me collocou nas mãos. Esta edição é completa porque comprehende mais que todas as outras, embora nella se não encontre tudo quanto compoz o poeta. Não poupei esforços, diligencias, sacrificios, importunações a amigos e extranhos, elles que o digão, para conseguir mais, para conseguir tudo, mas foi quanto pude alcançar. Contém em definitiva, mais que as anteriores as seguintes peças, ineditas ou recolhidas de publicações extranhas: 7 sonetos; 6 odes; 1 epistola; 3 orações.

Aqui caberia tocar em um fraco do nosso Arcade. Elle pagou o tributo ao seu tempo exercitando a veia no genero picaresco e nella escreveu alguns sonetos. Faço-o tão sómente para decla-

rar que os exclui rigorosamente afin de não macular o livro. Se o latim *dans les mots brave l'honnêteté*, com o português não succede ontro tanto; as mesmas pinturas licenciosas exigem de preferencia o pincel de Lafontaine ou de Montesquieu para que possam ser toleradas; a imagem envolta em tenue gaze offende menos os sentidos do que a expressão baixa e obscena; esta repugna sempre ao bom gosto e á delicadeza.

Precedente ao prologo do manuscrito em breve nota advertia o autor das *Noites de Insomnia* aos futuros editores dos versos de Garção, que tivessem em conta as alterações nelles feitas pelo poeta constantes d'aquelle volume, e que não se achavão nas edições publicadas posthumamente.

Esta advertencia veio lançar-me em grande perplexidade. Em verdade muitas das poesias copiadas continhão no-

tas em baixo da pagina á guisa de emendas ao texto. Examinando-as, porém, accuradamente verifiquei, ora que taes notas se identificavão com as collecções impressas, ora que a identidade estava no mesmo texto. Procurei sahir do embaraço, appellando para o parecer do muito competente e abalisado escritor a quem pertencêra outr'ora o manuscrito. Na resposta com que me obsequiou e se encontrará no prefacio das *Notas*, formulou elle varias conjecturas, que todavia não conduzião a uma solução definitiva, e assim pareceo-me prudente alvitre respeitar o texto das antigas edições e offerecer como *Variantes* as discrepancias do manuscrito.

De posse do material accumulado pelo modo como acabei de expor, procurei confia-lo ao prélo e lisonjeio-me em acreditar, que os amigos das boas lettras não me levarão a mal, por ha-

ver para assim dizer vestido o nosso poeta de roupagem moderna. Sahio um livro garrido e duplamente attrahente. Os bibliophilos tem este ponto de commum com os devotos de Baccho; em finos e scintillantes crystaes mais deliciosos parecem a estes os vinhos favoritos. Tambem aquelles maiores encantos achão nos autores predilectos impressos em edições nitidas e elegantes. Apresso-me, porém, em o declarar, para que se fôr achado em culpa por isso, recaia toda ella sobre o verdadeiro delinquente, que a escolha dos ornatos alguns dos quaes originaes e expressamente desenhados para esta obra, bem como a das tintas é exclusivamente minha. A' illustre Nação do poeta pensei prestar homenagem desfraldando no vestibulo das *Obras* as côres de sua gloriosa bandeira.

Passar da historia do livro para a do autor pareceo-me complemento in-

dispensavel da presente *Introdução*. E' certo que as edições anteriores forão publicadas com esta lacuna, sobre sensível noíavel principalmente na primeira, devida aos esforços de quem pelos proximos laços de parentesco possuiria sem duvida indisputavel competencia para preenche-la. Por outro lado não gozou Garção da fortuna de encontrar como Johnson um dedicado Boswell, cognominado um tanto ironicamente por Macaulay o primeiro dos biographos, apto para descrever as mais insignificantes particularidades de sua vida, ou ainda a de Goethe a deparar-lhe algum fiel Eckermann que solícito lhe registrasse as palestras, onde provavelmente se ouvirião as primicias d'aquellas composições, em que erão celebrados a calva do Padre Antonio Delphim, os trages de Francisco Raymundo ou os gestos e compostura do bom Mardel.

Accentúe muito embora o Conego Manoel de Figueiredo o retrahimento de Corydon, elle teve uma data; anterior aquella em que a critica mutilou varias passagens de sua *Oitava Oração* é bem de crer, que nas galho-feiras reuniões da *Fonte Santa* outra cousa se fizesse além de cochichar e tomar chá. Se d'ahi não sahirão todos os *Sonetos*, com certeza muitos, especialmente aquelles em que se punha tão repetidas vezes á mostra a calva do Padre Antonio, procederão dessa origem. O tom o está claramente revelando.

O que se sabe em summa da vida de Garção é muito pouco. O proprio facto capital de sua vida, a causa da prisão, digão o que dicerem, ainda parece conservar-se envolto nas sombras do mysterio. Neste ponto temos muito que invejar aos Francezes, que do seu *Molière*, por exemplo, conhecem até o nu-

micro e o nome dos criados, sem esquecer o da cosinheira, a quem lia as suas inimitaveis comedias, a titulo de ensaio, nem ainda ignorão a relação e natureza das divi das com que se finou.

Consultei as fontes apontadas por Innocencio da Silva no artigo do *Diccionario* e quasi nada mais achei que res-pigar. (1) Fica pois sendo o excellente estudo do bibliographo a principal base para o rapido bosquejo da vida do des-venturado poeta. Se porventura elle vivesse no nosso tempo não passaria-mos sem a sua autobiographia; per-

(1) Essas fontes foram :

1º O estudo historico que sobre os *Poetas da Arcadia* publicou Rebello da Silva no vol. 9 do *Panorama* a pag. 330, 333, 346 e 355.

2º Os folhetins contendo o bosquejo bio-graphico de Garção por seu bisneto Pedro Stockler Salema Garção impressos em os ns. 537 e 538 do jornal *Imprensa e Lei*.

mittindo-lhe os lazeres talvez apresentasse ao publico curiosas *Memorias*. Em falta do que se deseja, é preceito contentarmo-nos com o que possuímos. Contentem-se, pois, tambem os leitores com o que lhes pode offerecer esta minha compilação, sem outro fito mais do que o de completar a obra e me dispensem toda a sua indulgencia.

Nasceo Pedro Antonio Corrêa Garção na cidade de Lisboa, famoso berço de assignalados talentos, aos 29 de abril de 1724. Tão debil, porém, era de compleição que, receiando-se por sua vida,

3º Um artigo de José Maria da Costa e Silva publicado a pag. 333 e seguintes, tomo 3º do *Ramalhete*.

Não omitirei tão pouco o subsidio ministrado pelo *Curso da litteratura portugueza* do Sr Camillo Castello Branco sobre o ponto controvertido da causa da prisão do poeta. (Obra cit., t. 2º, pag. 34 a 38.)

foi mister baptisa-lo em casa. Assim o reza o respectivo assentamento nos livros da freguezia de N. Sra do Soccorro, onde residião seus paes, o cavalleiro fidalgo da casa real, Felippe Corrêa da Silva, official maior da Secretaria dos Negocios Estrangeiros e D. Luiza Maria da Visitação d'Orgier Garção, senhora como indicão esses nomes de origem franceza, de quem o filho com o appellido que devia tornar illustre, parece haver herdado o scintillante espirito peculiar áquella nação.

Não supponho comtudo que a debilidade com que veio ao mundo, affectasse prejudicialmente a saude do futuro fundador da Arcadia. Não consta lhe impozesse os mesmos sacrificios que converterão, por exemplo, o historiador Prescott em um heroe de soffrimentos physicos, ou que o constrangesse a encerrar, como o sabio Darwin, a vida dentro de ferreas e inflexiveis linhas,

de que dependeria a sua duração, vergados ambos ao peso de males lutando, porém, energicamente para conservar a existencia que os achaques e enfermidades disputavão á sciencia.

Judiciosamente Goethe, e todavia era elle proprio brilhante excepção tal, que no dizer de um de seus biographos a mesma morte respeitára a belleza physica, fazia notar em suas *Conversações* a singularidade da natureza humana, a divertir-se em alojar os espiritos elevados, os possantes genios dentro de humildes envolveros; as grandes cabeças sustentadas por franzinos corpos impressionavão aquella prodigiosa imaginação acostumada a todas as opulencias. Não é pois sem razão que o vulgo, como formula para quejandas apreciações, costuma dizer que os grandes homens medem-se da arcada superciliar para cima.

No emtanto se Garção não gozava

de saúde precária e apenas ha noticia de uma grave enfermidade sua, aquella que valêra os calorosos agradecimentos ao Dr. Henriques de Sequeira no Soneto XLVIII, a descripção que faz do seu physico parece denunciar a dominante fraqueza da origem. A criança rachitica tornou se um homemzinho trigueiro senão pallido, verdadeiramente uma má figura na sua mesma phrase, apesar de com o vezo proprio dos homens baixos empertigar-se todo ao caminhar.

Elle é o proprio que o manifesta na Satira I:

Com teus grandes canhões empertigado,
Inda que baixo e fusco, vais cuidando,
Que reparão em ti, que todos dizem,
Com o dedo mostrando a má figura...

E' este com effeito o unico retrato que possuímos do poeta, incompleto como bem se vê, não satisfazendo

toda a nossa legitima curiosidade. Cui-dei muito em adornar este livro com a physionomia do mallogrado vate, mas todas as diligencias empregadas neste sentido forão baldadas. Em seu tempo Daguerre ainda não havia apparecido pedindo a collaboração da luz, para fixa-la no vidro ou no papel. Artistas que podessem fazê-lo em pintura a oleo não haverião de certo muitos, e elle recuaria ante a despeza que deveria ser grande, quando por acaso lhe viesse á mente a ideia de retratar-se. Talvez não fosse difficil em epoca mais remota a algum habil pintor, ajudado pela reminiscencia de contemporaneos, imprimir na tela as feições do poeta. Muitos retratos de grandes escritores da França, M^{me} de Sevigné e Molière entre outros, são como é sabido, pura fantasia: a authenticidade incontestada de dous ou trez salva todavia a verdade historica.

Destinado á magistradura cursou Garção os estudos chamados de humanidades nas aulas dos Jesuitas em Lisboa, aperfeiçoando-se no conhecimento das linguas franceza, ingleza e italiana, passando depois a matricular-se na faculdade juridica da Universidade de Coimbra. As margens do Mondego foram, como o confessa na Ode XXIV, as primeiras inspiradoras de sua musa e tambem o theatro dos primeiros amores; mas a frequencia na Universidade interrompeo por versatilidade de genio, ou motivos outros que não são conhecidos.

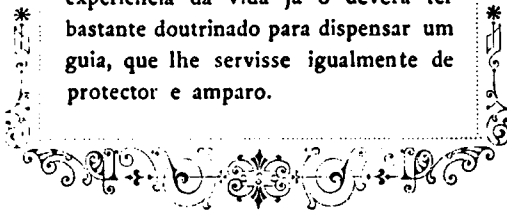
A supposição externada por um dos biographos (1) attribuindo a retirada ao fallecimento do pae que considera prematuro, me parece destituida de fun-

(1) O Sr. Pedro Stockler Salama Garção no folhetim da *Imprensa e Lei* nº 537 de 4 de junho de 1855.



damento razoavel. Elle phecêra por occasião do terremoto de Lisboa em 1º de novembro de 1755, como se canta no Soneto LIV, mas já a esse tempo o casamento emancipára Garção do patrio poder; cinco annos antes desposára D. Maria Anna Xavier Froes Mascarenhas de Sande Salema, de illustre stirpe, e que lhe trouxéra em dote muitos bens da fortuna, entre elles a propriedade do officio de escrivão da receita da Meza do Consulado geral da entrada e sahida da Casa da India.

Aquelle triste successo não se pode pois dizer prematuro para Garção, que contava então 31 annos de idade. Avalia-se bem quão doloroso fôra o golpe vibrado pelo pavoroso desastre, mas a experiencia da vida já o devêra ter bastante doutrinado para dispensar um guia, que lhe servisse igualmente de protector e amparo.



Na Ode IX, dedicada ao Capitão de mar e guerra Camara Manoel, onde o poeta em primorosos versos faz a resenha de diversas profissões sociaes para concluir :

Eu, porém, nada quero, nada estimo
Mais que a dourada lyra,

parece desanimado, attentando no dilatado numero de annos a vencer, para galgar os altos cargos da magistratura :

Honra que chega
Já quando as cãs alvejam
Na myrrada cabeça.

E' muito provavel que essa longa perspectiva, aguilhoado então de juvenil ambição, fosse causa senão pretexto para o desviar da carreira, que indubitavelmente saberia honrar, contribuindo para formar o typo do antigo magistrado portuguez para quem Deos, a lei

e o rei constituição outros tantos sym-
bolos sacratissimos.

Desses incompletos estudos juridicos
lhe viria naturalmente a confiança na
defesa de seus direitos contestados em
acção judicial, que lhe arrebatou a maior
parte dos bens. Ou o leguleio se toma-
ria de amores pela chicana e como tan-
tos consumiria grossas sommas em ali-
menta-la? Nada se sabe a respeito, como
tambem ignora-se a causa do litigio.
O Snr. Rebello da Silva refere que o
poeta chegára a grande estado de pe-
nuria, em virtude da perda de uma de-
manda e da consequente penhora, po-
dendo apenas escapar da execução a
propriedade rural no sitio denominado
Fonte Santa. (1)

Que as necessidades erão extremas
e a miseria penetrára com a sua gelida

(1) Poetas da Arcadia, *Panorama*. Tomo IX,
pag. 332.

catadura na mansão do poeta, parece não restar duvida. De trechos das mesmas poesias poder-se-hia compor um poema de angustias e lamentos. Ora são os credores que o perseguem, não por sommas avultadas, mas por essas pequenas importancias, que os Francezes denominão *dettes criardes*, e das quaes Rousseau tinha horror; contas do logista, do alfaiate, do barbeiro, que o fazem exclamar na Ode XVIII dedicada ao Coronel Macbean :

Pode mais um credor que um elephante,
Não ha tromba mais dura que uma feria,
E se queres vencer os Alexandres
Eugenios e Turennas
Não busques grevas, murriões, pavezes,
Põe-lhe diante o mercador c'o resto,
O alfaiate, o barbeiro ou um alcaide
Verás como desmaião.

Ora são os meirinhos que ferozes o
procurão no intento provavel de alguma

execução judicial e de quem elle, relembrando-se das rabulices aprendidas na aula de Direito, felicita-se de eludir contando ao amigo Dr Manoel Monteiro:

Feliz, se consigo com dous rasgos
Da penna, que maneo tão ligeiro,
Escapar aos malsins que me pesquisão.

Outro amigo, o Dr João Evangelista, que segundo a epigraphe do Ms. de 1767 á Epistola I, o convidára a ir ao Minho, onde tinha um tio que lhe queria deixar um prazos, recebe a confidencia dos apuros em que vivia Garção descriptos com resignada melancolia nestes versos:

Mas de poeta, amigo, só me resta
Desastres e misérias; filhos rotos,
De valadio o tecto, a vinha calva,
Caseiros, architectos e criados
Mais duros que os catastas e Perillo.

O Nadegas que viste esfrangalhado,
A passapello vir da pobre aldeia ;
Porque lhe devo já uns tantos mezes,
Me ralha e me governa focinhudo.

Dize-lhe que sou doudo, que desprezo
Opulentas heranças ; que inflexível
Com semblante sereno e sosegado,
Não me cansa soffrer a mão pesada
Da fome e da penuria ; não me espanta
A carregada nuvem da desgraça,
Que aos olhos me fuzila ha já dez annos.

Mas esta scena subito se muda
O Chico mostra rotos os sapatos ;
Uma quer lenços, outra quer roupinhas ;
O Nadegas dinheiro para a ceia ;
A porta está batendo o alfaiate.

Este quadro de miserias e necessidades não se pode suppor carregado pela exaggeração poetica ; a verdade ressumbra da singeleza de suas mesmas côres. Não é de crer, porém, que sem-

pre assim fosse; o poeta teria visto dias felizes e serenos em que a sua musa ora grave e magestosa, ora sarcástica e picante, ora petulante e galhofeira, lhe inspirava aquellas bellas odes, frisantes satyras e elegantes sonetos, que não nos fartamos de admirar, e como tudo o que sahe da mão do genio conservação ainda hoje o cunho da actualidade.

Não é possível no emtanto precisar esse decennio calamitoso a que se allude na Epistola II. Ella não traz data, como não a tem nenhuma das composições poeticas, bem differente das em prosa, determinadas pelo dia e anno do seu apparecimento. Sabemos sómente que aos proventos do emprego de *Escrivão da Meza do Consulado*, reunio o encargo de redactor da *Gazeta de Lisboa* de 22 de julho de 1760 a 8 de julho de 1762, seguramente de fraca retribuição, offerecendo um e outro insufficientes renditos para manter-se.

Seja, porém, como fôr a mão da desgraça pesando sobre a sua existencia não lhe comprimira a imaginação, nem suffocára os raptos do estro; a musa adejava livre, graciosa, ligeira, entornando ondas de poesia em diversos generos, em variados metros, zombando do mesmo infortunio que tentava aniquila-la.

Assim em 1754 ouvimo-lo recitar na *Academia dos Occultos*, o sisudo poema, como o classifica o Snr Camillo Castello Branco, da *Falla* em que o Duque de Coimbra Infante D. Pedro rejeitára uma estatua; em 1757 vemo-lo reunir-se a Antonio Diniz da Cruz, Theotonio Gomes de Carvalho e Manoel Nicoláo Esteves Negrão para fundarem a *Arcadia Ulysiponense*, onde tomou o nome de Corydon Erymantheo; o periodo de 1757 a 1770 é preenchido com as *Dissertações e Orações* perante a Arcadia ou outras assembléas; em ja-

neiro de 1766 faz representar a sua primeira comedia o *Theatro Novo*. Tudo em summa indicava a actividade de um espirito infatigavel, e com taes disposições é facil prever quão largamente ainda teria de dotar com os recursos de seu genio as lettras patrias, se repentinamente não o detivessem na gloriosa carreira. Em a noite de 9 de abril de 1771 foi preso na propria residencia por virtude de um Aviso da Secretaria do Reino expedido ao regedor das justiças e conduzido á cadeia da Córte, onde permaneceu no *segredo* durante oito mezes inteiros.

Entrar em uma prisão é penetrar nas trevas. Victor Hugo descrevendo nas *Choses vues* a visita que fez á uma dellas, diz que ahi o ar não é mais ar, o dia não é mais dia. Barrotes de ferro, exclama o celebre escritor, tem portanto algum poder sobre essas duas cousas livres e divinas, o ar e a luz!

Aqui a escuridão do carcere condensada sobre a figura do desventurado Garção se projecta sobre o mesmo facto, que a elle o arrastára. Qual o seu crime? Que desvario teria offuscado aquella mente, que vemos tão judiciosa em seus versos? Que força teria impellido fóra do caminho do dever quem tão formosos canticos entoára á virtude? Ninguém o soube até hoje dizer com certeza. Bracejão os biographos em um mar de conjecturas e hypotheses; cada qual conta a historia por diverso modo, reportando-se á tradição oral, ordinariamente defeituosa.

Comtudo o Snr Camillo Castello Branco em duas estimaveis obras suas⁽¹⁾ pretende assignalar a verdadeira causa da prisão de Garção, tendo bebido a in-

(1) *Curso de litt. port.*, tomo 2º, pag. 181 a 184. *O perfil do Marquez de Pombal*, pag. 147 a 153.

formação, segundo refere, em uma nota do Conego Manoel de Figueiredo no seu commentario ao soneto, que elle diz inedito, mas não é, e assim começa :

Estavão as trez Graças penteando.

Essa nota deverá achar-se em outro manuscrito, que não aquelle a que me tenho referido, copiado pelo Conego e outr'ora existente na livraria do emérito escritor. Neste nada encontrei sobre o assumpto. Quanto ao soneto é o mesmo que recita Gaspar Picote na scena XVI da *Assemblée* e pode ser lido a pag. 393 deste livro.

Sem faltar á consideração que me merece tão respeitavel autoridade, farei patentes dentro em pouco as hesitações em que ainda labora o meu espirito, e conduzem não a contestar a fonte da informação, mas a duvidar de sua authenticidade. Por agora cabe-me expor

as differentes versões colligidas por Innocencio cotejadas com a sua judiciosa critica.

Assim temos em primeiro lugar Sané, ou o autor das notas appensas á sua traducção das Odes de Francisco Manoel, o qual pretende que o Marquez de Pombal irritado por causa de uns artigos publicados na *Gazeta de Lisboa*, cujo redactor era então Garção, o mandára em castigo encerrar em um calabouço. A suspensão desse periodico, data, porém, de 1762 e não é crível que a colera do grande ministro ficasse sopitada durante nove annos para tão serodia explosir, quando era facil ao seu poderio a punição do temerario, logo após a offensa ou o atrevimento.

Segue-se o Visconde de Almeida Garret com uma refutação substitutiva da historia, que chegou ao seu conhecimento. « Contão, diz elle, que certo Lovelace alfacinha da amizade de Gar-

ção, querendo escrever a uma menina inglesa a quem galanteava, pedira ao poeta que lhe trasladasse para a lingua da bella os seus lusos namorados requebros. » A destinatária da carta, foi mostra-la ao pae e este ao Marquez de Pombal, que por conhecimento proprio ou denunciado da lettra, mandou prender o poeta. Esse, porém, foi o pretexto, o verdadeiro motivo no pensar do autor das *Viagens á minha terra*, está na famosa Falla do Duque de Coimbra, que o Garção compozêra para fustigar a vaidade com que o Marquez se esculpira em bronze no pedestal do Terreiro do Paço.

Semelhante opinião nada tem de aceitavel, e o provou Innocencio fazendo ver, que a estatua só foi inaugurada e descoberta em 6 de junho de 1775, depois da morte de Garção. Elle suppunha que a *Falla* seria de data muito mais antiga. Hoje sabe-se com segurança,

como já expendi, haver sido composta para a Academia dos Occultos em 1754, nada menos de vinte e um annos antes.

De outro genero é a versão apresentada pelo Commendador Antonio Joaquim de Mello. Em sua opinião o Marquez de Pombal não olhava bem o poeta, por ser parcial dos padres Congregados e outros murmuradores do seu ministerio. Pretextou-se a prisão com a traducção, que o poeta fez de escritos de amores de uma filha do brigadeiro inglez Elsdén com um amigo do poeta. Elsdén era um ensemblador ou marcineiro em Londres; com algumas poucas luzes elementares de mathematicas fizera de engenheiro em Portugal, onde em 1775 andou dirigindo a construcção do laboratorio chimico, museo e sala de physica experimental pegados ao Collegio dos Jesuitas em Coimbra.

Esta versão na apparencia diversa

aproxima-se todavia da de Garret. No fundo ha a mesma questão de amor consubstanciada em uma correspondencia epistolar, cujo traductor seria o poeta. Mão proveito lhe resultaria do conhecimento de uma lingua, na epoca em que Junius nella escrevia as suas admiraveis *Cartas* e Goldsmith publicava o seo bello poema *The deserted village*.

A ultima versão ouviu-a o proprio Innocencio da boca de um neto do poeta, José Maria Stokler Salema Garção, e é referida nos seguintes termos : Garção habitava na sua casa da Fonte Santa (a que está situada á direita da mesma fonte) e possuia contigua a ella outra, que alugára a um coronel inglez, Macbean, ao serviço de Portugal (o mesmo aquem são dirigidas as Odes XVIII e XXI). Davão-se por amigos e visitavão-se reciprocamente com demonstrações de muita estima; o

coronel era viuvo e tinha em sua companhia uma filha, moça formosa, porém, de character inconsiderado e leviano e que passava por extremada namorada.

Entre muitas pessoas de boa sociedade que frequentavão a casa do poeta, onde concorrião a miudo os socios da Arcadia e outros eruditos e litteratos d'aquelle tempo, havia um mancebo peralta, que parece tinha por appellido Avila, o qual não obstante ser casado e ter filhos, entendeo que podia requestar a filha do inglez e o mais é que encontrou nella as melhores disposições para attendê-lo.

Quiz dirigir-lhe uma carta, porém, como ignorasse a lingua da sua bella, rogou a Garção com grandes instancias que lh'a escrevesse ou traduzisse. Teve o poeta a fragilidade de condescender com os seus rogos, fazendo a carta pedida; porém o estouvado

amante em vez de copia-la por sua lettra, pegou no proprio rascunho e deo-o a um criado do coronel para que o entregasse á ama.

E' mister accrescentar agora, interrompe Innocencio, não porque o discesse o neto, mas porque Domingos Maximiano Torres (amigo de Garção) o contára em antigos tempos a pessoa que m' o transmittio, que a tal carta havia por fim nada menos do que convidar para a fuga a menina, cujo estado de gravidez ia já sufficientemente adeantado! ..

O criado em vez de dar a carta á filha, segundo ajustára, foi entrega-la ao coronel. E' facil de julgar como este ficaria ao reconhecer pela lettra da carta, cuja era e o fim a que se destinava!... Enfurecido correu immediatamente á casa do primeiro ministro, a quem apresentou a carta, e nella o corpo de delicto do desgraçado poeta. Nem tanto

seria preciso para exacerbar o animo do marquez, muito mais se existião já da parte deste razões de animadversão, que se tem querido suppor. A ordem de prisão foi pois expedida para logo⁽¹⁾.

Esta parece ser a tradição de familia. Della não se affasta notavelmente outro parente do poeta, o bisneto Pedro Stockler Salema Garção no *Bosquejo biographico* publicado em folhetins da *Imprensa e Lei*. Encarecendo as qualidades que compunhão o caracter do avoengo, entre as quaes primava a franqueza, fa-lo manifestar-se incompativel « para servir junto de altas personagens pela impossibilidade de encobrir o seu juizo diante de um acto injusto. » Tal resposta altiva de Garção a suggestões para solicitar do Marquez de Pombal um emprego na sua

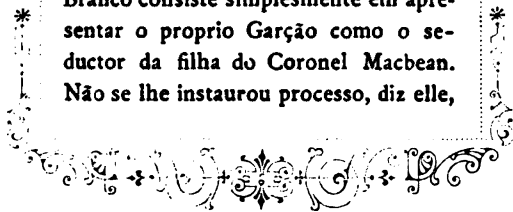
(1) *Disc. bibl. port.*, artº Pedro Antonio Correa Garção, tomo VI, pag. 390.



Secretaria levada ao conhecimento deste, seria a causa primaria do odio, cuja explosão viria ulteriormente provocar a historia da carta escrita para satisfazer alheio pedido.

Sem proposito de escurecer as preconisadas qualidades, mas unicamente por amor á verdade historica, recordarei para prova do sentimento do poeta em relação á administração de Pombal os altos encomios, que lhe tece directamente na Epistola IV ou por via allusiva na Oração VII. Uma conversação na intimidade de amigos não contrabalançaria seguramente as blandicias proferidas em publico, nas quaes se exaltava as qualidades politicas do estadista.

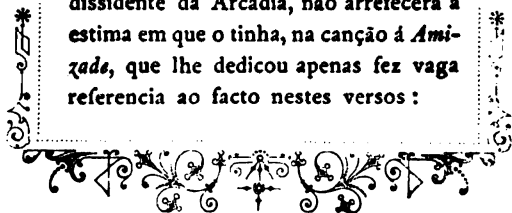
A versão do Snr Camillo Castello Branco consiste simplesmente em apresentar o proprio Garção como o seductor da filha do Coronel Macbean. Não se lhe instaurou processo, diz elle,



para evitar dous opprobrios o de Garção, chefe de familia, na idade de 49 annos e o da filha do queixoso, mulher cuja deshonra ficaria occulta, se o preso expirasse com o segredo do motivo de sua prisão. Não temos a certeza, accrescenta, de que a esposa do poeta suspeitasse a causa da prisão; é, porém, certo que a desamparada senhora andou supplicante pelo paço e pelas secretarias a pedir que a deixassem ver seu marido, e conseguiu do rei a promessa da liberdade.

Não deixa de ser sobremaneira singular que nenhum escritor contemporaneo houvesse assignalado semelhante causa.

Maximiano Torres, citado como vimos, na referencia de Innocencio á narrativa do neto de Garção e apesar de dissidente da Arcadia, não arrefecêra a estima em que o tinha, na canção á *Amizade*, que lhe dedicou apenas fez vaga referencia ao facto nestes versos:



Mas o destino avaro, que de tantos
Males opprime o triste peito humano
Sem se faltar de lagrimas e prantos ;

Urdindo-lhe fatal e extremo dano
Não consentio que o genio alto e facundo
Mais se elevasse a Apollo soberano (1).

Outro escritor de merito que tambem
floresceo n'aquella epoca (1745-1795),
Francisco Dias Gomes, character aus-
tero e independente, extreme portanto
da suspeita de parcialidade em favor
de um criminoso, fossem quaes fossem
os seus dotes litterarios, apreciando o
modo como havião sido tratados varios
engenhos portuguezes, assim se ex-
prime sobre o assumpto : « O Garção
insigne restaurador da poesia portu-
gueza em nossos tempos acabou a
vida no fundo de uma prisão, moti-

(1) Versos de Alfeno Cynthio, Bacharel Do-
mingos Maximiano Torres, pag. 173 a 180.

vada por causa de si tão futil, que é vergonha expressa-la. » (1).

Aquelle soneto das *Trez Graças* transferido no *Curso de litteratura*, não é inédito como já expuz. Dirão talvez que isso pouco vale. Importa no entretanto muito, a meu ver, para uma descoberta que teria vindo lançar forte jacto de luz sobre a questão. Não constitue poesia singular a revelar os sentimentos intimos do autor. Na boca de um dos galans da comedia *Assembleia* figura de bola apanhada no ar, em desafio ao talento do repentista. Nesses versos pretende-se, é certo, desculpar a

(1) Obras poeticas mandadas publicar por ordem da Academia Real das Sciencias a beneficio da viuva e orphãos do autor, Lisboa, 1799. Convirá talvez rectificar um equivoco do *Dictionario bibliographico*; a Elegia consagrada á morte de Gerção e a V e não a VI e encontra-se de pag. 72 a 78.

velhice namorada, mas sem nenhuma allusão a algum dos personagens, apenas aguda replica á exclamação de um delles.

Não creio que Garção já entrante nos seus 47 annos pretendesse desculpar as escapadas da idade madura. á semelhança de certo poeta inglez:

My head is gray, my blood is young
Red leaping in my veins ;
The spring doth stir my spirit yet
To seek the cloistered violet,
The primrose in the lanes.

Elle antes supplicaria á deosa dos amores como o Venusino, cujo encanecimento começára aos 42 annos, que o deixasse em paz :

Parce, precor, precor !
Non sum qualis eram bonae
Sub regno Cinaræ. Desine, dulcium
Mater sæva Cupidinum
Circa lustra decem flectere mollibus
Jam durum imperiis

e inspirando-se no grande mestre procuraria traduzir os mesmos sentimentos nos seguintes versos da Ode XXXV (inedita) que em nada destoão do original :

Que me deixes te peço, que me deixes,
Que para o duro peito,
Com trabalhos crueis endurecido
Na sanguinosa pedra
As aligeras farpas não amoles.
Já não sou, já qual era,
Quando reinava a candida Leucipe.
Passarão tão bons dias!
Não queiras atear inutil flamma
Em pouca arida cinza,
Que os gelos de oito lustros esfriarão.

Dizia La Bruyère : « Il n'y a pas de plus grande difformité dans la nature qu'un vieillard amoureux. » Sentença severa, se o quizerem, mas justa. Garção não a teria certamente affrontado entregando-se aos arrastamentos de uma paixão, que a sua posição de pae de fami-

lias transformaria em crime. A' exemplo dos anciões de Homero, que do alto das portas Scéas, comparaveis a melodiosas cigarras, εὐχόμε; τεττίεσσιν, se extasiavão diante da belleza de Helena, em de vez de succumbir á tentação, como elles faria igualmente votos pelo afastamento immediato de quem poderia ser causa da ruina propria e da dos filhos.

O alludido commento de Figueiredo parece-me, pois, carecer de authenticidade. Em pontos de tamanha ponderação a critica não se satisfaz com simples referencias, precisa remontar ás fontes, proceder á analyse da limpha, e decidir de sua pureza.

Se a historia se constituísse de meras affirmações, se não fosse mister prescrutar a raiz dos acontecimentos, examinar os filamentos, seguir-lhe a direcção, exigindo de cada autor a justificação de seu testemunho, instruir em

Aviso para o Cardeal da Cunha

« EX^{MO} E REV^{MO} SENHOR,

« Sua Magestade é servido que V. Eminencia mande soltar a Pedro Antonio Corrêa Garção e a Francisco Antonio Lobo d'Avila, que se achão presos na cadêa da Côrte por ordem do mesmo Senhor ; assignando os sobre-ditos presos um termo perante o Corregedor do crime do bairro da rua Nova, de sahirem da referida cadêa para fóra desta Côrte, á qual não poderão voltar emquanto Sua Magestade não mandar o contrário.

« *Paço, em 10 de novembro de 1772.*

« JOSÉ DE SEABRA DA SILVA. »

A libertação trazia, pois, como clausula adjecta a sahida para fóra da Côrte, sem comtudo determinar-se o lugar do exilio. A graça não era completa;

a clemencia real julgára dever restringir-se ou fôra quiçá desvirtuada na execução. Clausula deshumana e falsa, exclama um biographo, em relação a um moribundo que se achava nos ultimos momentos da agonia, contra a qual protestou a viuva nos poucos annos que lhe sobreviveo, tomando os céos por testemunha de que o monarcha, pelo que sempre tinha ouvido de sua bocca, tal não havia ordenado.

Seja como fôr, não deixa comtudo de causar estranheza, attendendo-se ás mesmas condições da epoca, que tão grave crime como o inculcado, tal que a O., L. 5, tit. 23, punia com o degredo para Africa, sendo entre pessoas de qualidade, e com açoutes, baraço e pregão nas em que taes penas cabião, fosse purgado simplesmente com 1 anno e 7 mezes de cadêa. A pena não estaria de certo em proporção do delicto. Mais uma falha na versão.

Tarde, porém, chegou o alvará de soltura. Os desgostos tanto como as agruras do carcere e enfermidades haviam acabrunhado o infeliz poeta, minando-lhe a existencia. Dir-se-hia que só aguardava livrar o corpo, para que o espirito por seu turno se libertasse da miserrima prisão. Essa aura de liberdade pela qual anhelava, veio somente como suave brisa acariciar-lhe os ultimos momentos e levar comsigo a immortal essencia. Sob as frias abobadas do Limoeiro, mudas testemunhas do seu cruel soffrimento, exhalou na tarde desse mesmo dia 10 novembro de 1772 o derradeiro alento, tendo de idade 48 annos incompletos.

Não seriam escassas á lutuosa scena as côres proprias dos tristes successos; a natureza do lugar revesti-las-hia de um toque mais carregado. As negras muralhas sem echo para os queixumes do prisioneiro, abafariam igual-

mente os lamentos, que a sua morte despertaria. Aguda e profunda, porém, devêra ser a dôr da desventurada viuva. Essa mulher de poeta, que vemos corajosa e devotada figurar na ultima phase de sua vida, importunando com justas solicitações os ministros, tragando sabe Deos que dissabores e contrariedades, subindo até o proprio Rei, bem se pode imaginar atravez de quantas difficuldades e embaraços, é digna do mais encarecido louvor. Ella representa o que ha de mais puro e elevado na sociedade conjugal, a dedicação na desgraça. Queixas que por ventura podesse ter do marido, tudo esqueceo, tudo perdoou para só lembrar-se que era desditoso e corria-lhe o dever de o amparar.

Senhora de illustre nascimento não teria seguramente poupado relações de parentes e amigos para arranca-lo do carcere; ella, porém, surge só e quando todos parecem have-lo abandonado. É

Arcadia e insigne restaurador da poesia portugueza. Seus ossos tiveram a mesma sorte que os do principe dos poetas lusitanos: não se sabe onde parão; dispersou-os ou confundio-os com o de milhares de cadaveres a demolição da igreja de S. Martinho em 1835. A mão piedosa da esposa ahí não estava mais para recolhê-los á funeraria urna, em a qual fosse esculpido o epitaphio composto pelo D^r Vicente Pedro Nolasco, resumindo o sentimento nacional:

Da Arcidia lusa e membros que a illustrarão
Garção foi honra, foi cantor divino;
E das Musas que o berço lhe embaláto
Teve do patrio idioma o tom mais fino.
Se delle as cinzas sem valor ficáto,
No pó envoltas de vulgar destino,
Sempre serão no templo da Memoria
Seus escritos brazão de eterna gloria.

Mas Portugal se ainda não possui
como a França um Pantheon onde sejão

recolhidas as cinzas de seus grandes homens, ou, como a Inglaterra, uma abadia de Westminster digna sepultura de reis e de famosas notabilidades do Imperio britannico não esquece todavia os filhos que o tem illustrado; posto que tarde será remida a divida de gratidão. Ainda não ha muito o mundo admirou as festivas homenagens prestadas por occasião do 3º centenario do seu excellente epico, do grandiloquo cantor de suas glorias. A essas demonstrações solemnes nos associamos tambem nós Brasileiros, entusiastas por tudo quanto é grande, nobre e generoso. Tempo virá, podemos conta-lo, em que duas nacionalidades irmãs se unão de novo no mesmo pensamento de honrar a memoria do genio, que exercitando-se em varios campos da poesia, deixou em todos elles um padrão imperecivel.

O lamentavel final de Pedro Anto-

nio Corrêa Garção, quaesquer que sejam as suas faltas, qualquer que fosse mesmo o seu crime, provoca a indignação contra a prepotencia de que foi victima. Nenhuma consideração a justifica, nenhum principio a absolve. A serena luz do direito poderia illuminar o juiz e o réo, o rubro clarão do despotismo destaca vivas em escuro fundo as figuras do algoz e da victima.

Felizes os que vivemos em uma epoca em que o arrasamento das bastilhas tornou impossivel a reproducção de igual facto. A conquista da liberdade garante hoje plenamente os direitos do cidadão; a espada da justiça não está a soldo de nenhuma tyrannia e a divisa que brilha em sua fulgente lamina — *lex omnibus una* — efficaç e indefectivelmente protege o fraco contra o forte, o desvalido contra o poderoso.

Londres, dezembro 1887.



PARTE I



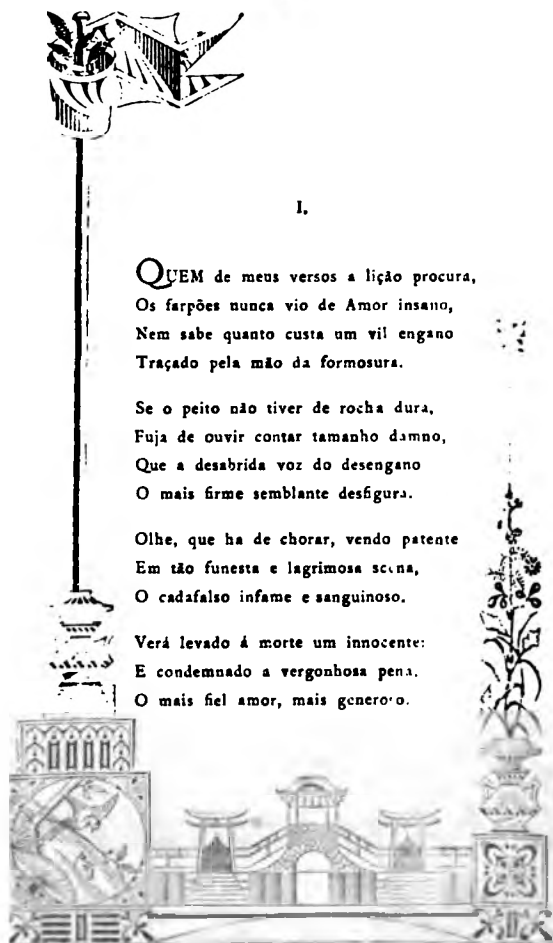
POESIA





1

1



I.

I.

QUEM de meus versos a lição procura,
Os farpões nunca vio de Amor insano,
Nem sabe quanto custa um vil engano
Traçado pela mão da formosura.

Se o peito não tiver de rocha dura,
Fuja de ouvir contar tamanho damno,
Que a desbrida voz do desengano
O mais firme semblante desfigura.

Olhe, que ha de chorar, vendo patente
Em tão funesta e lagrimosa scena,
O cadafalso infame e sanguinoso.

Verá levado á morte um innocente:
E condemnado a vergonhosa pena.
O mais fiel amor, mais generoso.

II.

A' Snr.^a D. Maria Joaquina
de Gusmão e Vasconcellos.

LUTANDO com mil sustos, mil pezares,
Com desprezos, enganos e rigores,
A teu rosto gentil, olhos traidores,
Templos lhe consagrei, ergui-lhe altares.

Rociadas de lagrimas a mares.
Degollavão as victimas Amores.
Ara cruel! Suspiros, magoas, dores
Lançava em denso fumo aos mansos ares.

Chegou Marília de mudar-te o dia;
Têas, secure, pyra, vasos, fogo
Tudo rompeste, tudo aos pés pizaste.

Triumphou, triumphou a tyrannia;
Mas apesar do altivo desafogo
Illesa a fé, illeso o amor deixaste.



III.

Em magnífica scena a fantasia,
Entre festões de estrellas radiantes,
Teus angelicos olhos triumphantes,
Gentil Marilio, me mostrou um dia.

O sol de teus cabellos se esparzia
Por columnas e frisos rutilantes;
Aos pedestaes atados mil amantes,
Honesto riso aspirar fazia.

Movendo longas azeas brandemente,
Voavão esperanças e desejos,
Co' as Graças abraçadas, c'os Amores;

Mas retinindo um silvo, de repente
A cortina cahio; maisa sobrejos!
Só magoas vi depois, só vi temores.



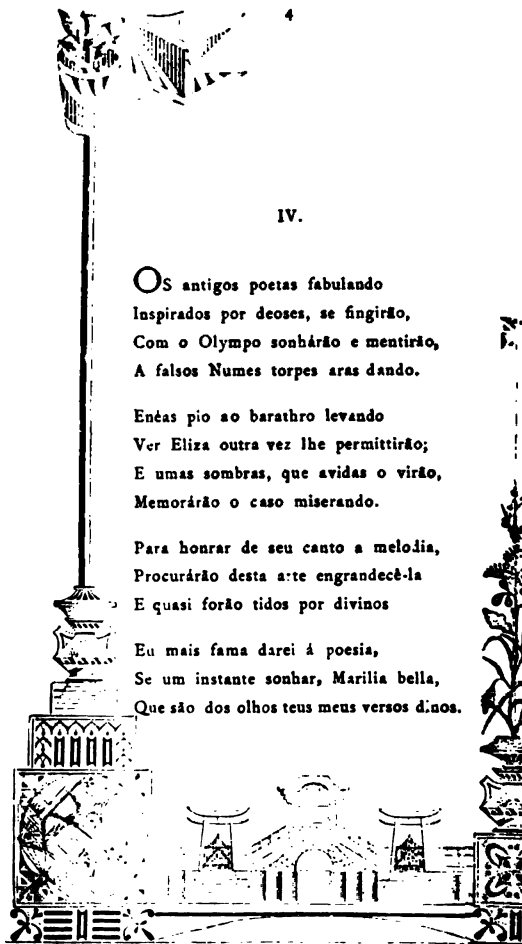
IV.

OS antigos poetas fabulando
Inspirados por deuses, se fingirão,
Com o Olympo sonharão e mentirão,
A falsos Numes torpes aras dando.

Enéas pio ao barathro levando
Ver Eliza outra vez lhe permittirão;
E umas sombras, que avidas o virão,
Memorarão o caso miserando.

Para honrar de seu canto a melodia,
Procurarão desta arte engrandecê-la
E quasi forão tidos por divinos

Eu mais fama darei á poesia,
Se um instante sonhar, Marilia bella,
Que são dos olhos teus meus versos d'inos.





V.

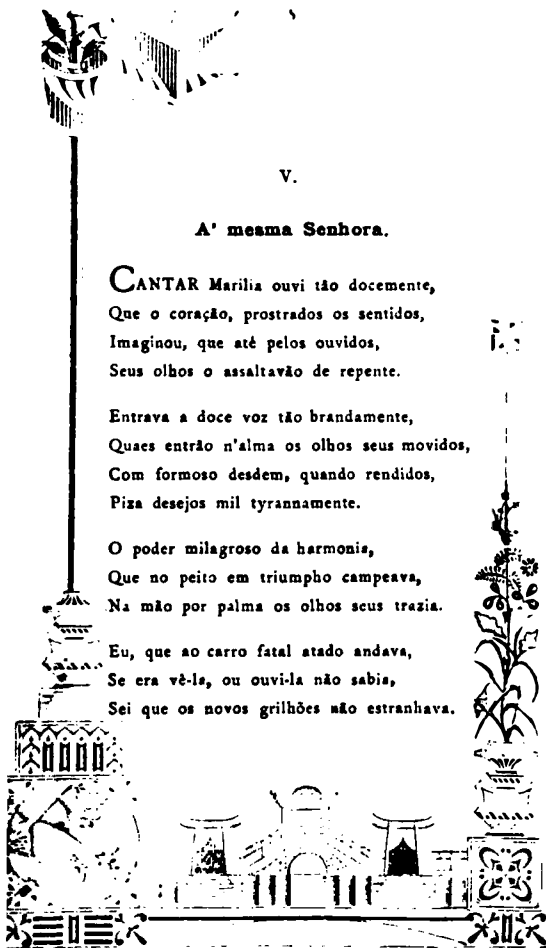
A' mesma Senhora.

CANTAR Marilia ouvi tão docemente,
Que o coração, prostrados os sentidos,
Imaginou, que até pelos ouvidos,
Seus olhos o assaltavão de repente.

Entrava a doce voz tão brandamente,
Quaes entrão n'alma os olhos seus movidos,
Com formoso desdem, quando rendidos,
Piza desejos mil tyrannamente.

O poder milagroso da harmonia,
Que no peito em triumpho campeava,
Na mão por palma os olhos seus trazia.

Eu, que ao carro fatal atado andava,
Se era vê-la, ou ouvi-la não sabia,
Sei que os novos grilhões não estranhava.





VI.

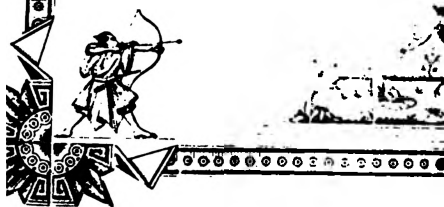
A' mesmo Senhora.

SE eu soubêra, Marília, que vivia,
O doce Amor nos olhos teus formosos,
Em meus sublimes versos numerosos,
O dia de teus annos cantaria.

Qual brando Orpheo co'a força da harmonia
Dos ingremes outeiros pedregosos,
As altas faias, álamos frondosos,
Para ouvir-me cantar desprenderia.

Não cuides que vãs fabulas invento,
Se vendo os olhos teus, teu rosto amado,
Do peito sinto o coração fugir-me.

Antes, se não me engana o pensamento,
Farei que o mundo todo namorado,
Qual fiquei de te ver, fique de ouvir-me.



VII.

CHEIOS de espessa nevoa os horizontes,
Espantosas voragens vem sabindo !
Foi-se o sol entre nuvens encobrindo,
Voltando para o mar os quatro Ethontes.

Cahio a grossa chuva pelos montes,
Os incantos pastores aturdindo ;
E engrossados os rios vão cobrindo
Com embate feroz as curvas pontes.

Com medonho estampido pavorosos,
Os longos ecos dos trovões soando,
A rezar nos pozemos temerosos.

Parou a chuva ; correm sussurrando
Os torcidos regatos vagarosos ;
Não me atrevo a sair, fico jogando.



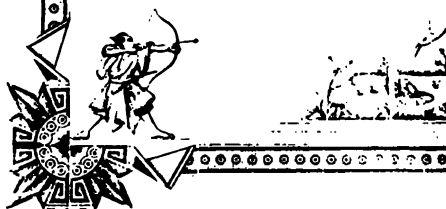
VIII.

SE, Beliza gentil, pudéra crer-te
Exposto a todo o mal, todo o tormento
Esperára, voando o pensamento,
Com suspiros e lagrimas mover-te.

Ousado commettêra, enfim, render-te
Sem a pena temer do atrevimento,
Pois para ter desculpa o meu intento,
Bastava ser a causa só querer-te.

Mas vivo tão cortado de desgosto,
De desprezos, traições e tyrannias,
Que sonho cuido ser quanto desejo.

E nem á luz de teu sereno rosto,
Com que meus tristes olhos alumias,
Posso crer que te vejo, se te vejo.



IX.

Ao som da Fonte-Santa, que corria
N'alva borda do tanque debruçado,
De cansados desejos, já cansado,
O triste Corydon adormecia :

Em doce sonho imaginando via
De Beliza gentil o rosto amado,
Que na tremula vên retratado
Dos olhos cobiçosos lhe fugia.

Os torpes braços sem cessar movendo,
Em vão aperta a límpida corrente,
Em vão lhe está com lágrimas dizendo :

Se folgas de que morra um innocente ;
Porque foges de mim, nympha, sabendo,
Que Amor me mata, quando estás presente ?





X.

QUAL a mansa novilha, que innocen-
Pelas pontas de louros enramada
A duro sacrificio vai puzada,
Sem temer a secure reluxente :

Só conhece que morre, quando sente
O frio gume na cerviz cravada,
Então ; mas tarde já, desenganada,
Ao céu se queixa da malvada gente !

Taes, Beliza cruel, o teus ouvidos
Voão meus rudes innocentes versos,
Sem merecer desprezos, nem rigores.

Quando os virem, porém, ensurdecido
Quando forem pisados e dispersos,
Debalde espalharão tristes clamores.



XI.

A' Sñr.^a D. Maria Caetana
de Souza Seyão.

AMOR, que mil ciladas me traçava
Lá detrás de uma verde gelozia,
Com uns pequenos olhos me feria,
Com que os sentidos todos me assaltava.

Mal retinio a frêcha, que vosso,
Já roto o pobre coração sentia;
E o sangue, que das vênas me corria,
Com lagrimas ardentes misturava.

Em vão fugir procuro, em vão desejo
Arrancar da ferida os passadores;
Cravados dentro n'alma me ficarão.

E desde então, que sempre os olhos vejo,
Esses olhos pequenos e traidores,
Que para me matar, me não matarão.



XII.

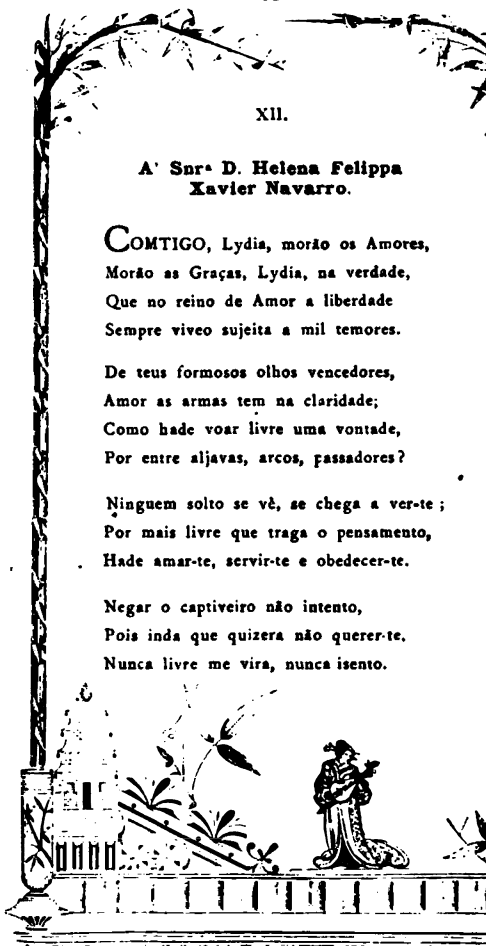
A' Snr^a D. Helena Felippa
Xavier Navarro.

CONTIGO, Lydia, morão os Amores,
Morão as Graças, Lydia, na verdade,
Que no reino de Amor a liberdade
Sempre viveo sujeita a mil temores.

De teus formosos olhos vencedores,
Amor as armas tem na claridade;
Como hade voar livre uma vontade,
Por entre aljavas, arcos, passadores?

Ninguem solto se vê, se chega a ver-te ;
Por mais livre que traga o pensamento,
Hade amar-te, servir-te e obedecer-te.

Negar o captiveiro não intento,
Pois inda que quizesse não querer-te.
Nunca livre me vira, nunca isento.



XIII.

ESPARGINDO dourados resplendores
De teus annos, angelica Maria,
Nasce o ditoso, o suspirado dia,
Dia das Graças, dia dos Amores.

Juncada a terra de orvalhadas flores
Em signal de prazer e de alegria,
Das frautas alternando a melodia
Travão chorás nymphas e pastores.

Pelas concavas fragas retinindo
O brando som de versos sonorosos
Teu nome estão os montes repetindo.

E os satyros campestres cobiçosos
De ver os olhos teus, teu gesto lindo,
Se pendurão dos álamos frondosos.



XIV.

AMIGO Frei Joaquim, assim te eu veja
 Vigario de Pondá ou Taprobana,
 Assim voltas a barra Tagitana,
 Que para seu cachopo te deseja.

Assim permita o céu, assim proveja,
 Que farto de charão e porcelana,
 Tragas veste, calção de linha ousana,
 Por solideo na tola uma bandeja.

Assim Naire montado n'um camelo
 Arrastando as qualdrapas pela rua,
 Passarás por Lisboa a passapello.

Assim digas, assim por vida tua,
 A quem sabes que adoro com desvelo,
 Que est'alma dantes minha, agora é sua.



XV.

Aos annos do Coronel de Artilheria
Frederico Weinholtz.

COM soquete, lanada e botafogo,
Armado vi Amor; tinha assestados
Em plataforma cem canhões dourados,
Com que ao mundo fazia um vivo fogo.

No serviço cruel, sem desafogo,
Fervão seos aligeros soldados,
As balas erão olhos magoados,
O estridor das peças vivo rogo.

Eu, que o golpe temi de tantos damnos,
Que é isto, lhes bradei, moços traidores?
Sorrindo me respondem os tyrannos:

Weinholtz, que ao gesto lindo, qu'aos ardores
De Filis se rendeo, hoje faz annos,
Tão bom dia festejão os Amores.



XVI.

O LOURO chá no bule fumegando
De Mandarins e Brahmenes cercado;
Brilhante assucar em torrões cortado;
O leite na caneca branquejando.

Vermelhas brazas aivo pão tostando;
Ruiva manteiga em prato mui lavado:
O gado feminino rebanhado,
E o pisco Ganimedes apalpando.

A ponto a meza está de enxarpar-nos,
Só falta que tu queiras, meu Sermento.
Com teus discretos ditos alegrar-nos.

Se vens, ou caia chuva, ou breme o vento.
Não pôde a longa noite enfastiar-nos,
Antes tudo será contentamento.

XVII.

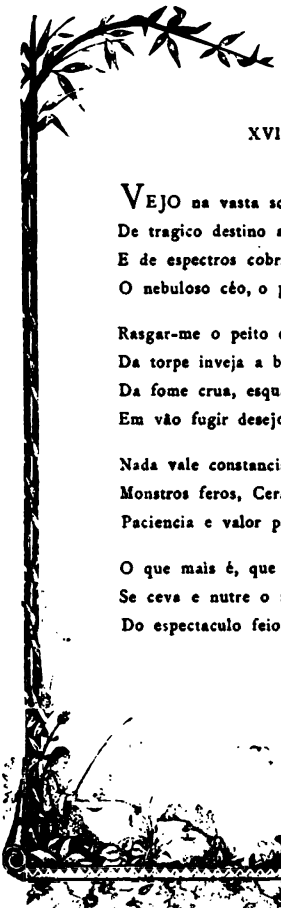
DEPOIS de atar o pobre barco Algido,
Algido pescador do Tejo undoso,
Emquanto o bravo Noto proceloso
Revolve as negras ondas insofrido :

Entre limosas lagens recolhido,
De Dinamene o nome saudoso
Na liza boia de um chinchorro algozo
Suspirando entalhou co'anzoi torcido.

Depois tres vezes o beijou dizendo :
Quaes sereno teus olhos meus pezares,
Teu nome o mar serene : e ao mar o lança.

Subito o céu azul se ficou vendo :
Desfaz-se a branca espuma pelos mares ;
Adormecem os ventos em bonança.

XVIII.



VEJO na vasta scena do futuro
De tragico destino a face accesa,
E de espectros cobrir a redondeza
O nebuloso céu, o polo escuro.

Rasgar-me o peito e coração figuro
Da torpe inveja a barbara fereza:
Da fome crua, esqualida pobreza
Em vão fugir desejo, em vão procuro.

Nada vale constancia e soffrimento;
Monstros feros, Cerastes assanhando,
Paciencia e valor põe a tormento.

O que mais é, que a vida prolongando,
Se ceva e nutre o meu entendimento
Do espectáculo feio e miserando.



XIX.

N'UMA sonora roda, que girando,
Desmancha de seus raios a figura,
Com delicada mão de neve pura
A linda Natarea vi fiando.

O linho humedecer de quando em quando
Co'a doce boca de rubim procura;
Mas Amor, que ciladas aventura
Em torno ao louro fio anda voando.

Pezados sobre as azas meus desejos,
O capitão ousado vão seguindo
Té que a molhar o fio se inclinasse.

Bradou Amor; roubarão-lhe mil beijos.
Vê o triste os ladrões ir já fugindo,
E pede-me que o furto lhe entregasse.



XX.

Ao brilhante poder do santo fogo
De teus formosos olhos vencedores,
Que do suave Tyrse são senhores,
Se acolhe humilde, meu humilde rôgo.

Que ampires, gentil Clori, peço e rôgo,
Se podem commover-te meus clamores,
A quem chora da sorte os desfavores,
Sem que em lagrimas ache desafogo.

O generoso coração inclina
Do teu e nosso Tyrse, a que se dêa
Da mofina e miserrima pobreza;

E qual Tyrse na cithara divina,
Teu lindo rosto angelico apregôa,
Cantarei de tua alma a gentileza.

XXI.

Ao Snr Theotônio Gomes de Carvalho,
socio da Arcadia.

ANTE meus olhos anda Amor roando,
Não cruentos virotes espargindo;
Mas triste e magoado o rosto lindo,
Lágrimas crystallinas derramando.

Não ousado e soberbo, humilde e brando.
Esmola pede a tenra mão abrindo:
Se lhe digo que espere; alegre e rindo,
Me vai mil esperanças amostrando.

Metto a mão na algibeira, acho só versos.
De versos, me diz elle, quem se veste?
Quem mata a crua fome com talentos?

Bem sei que os fados tens achado adversos;
Mas pede a Theotônio que te empreste
Um dobrão de seis mil e quatrocentos.



XXII.

Aos annos do Sr Theotonio Gomes
de Carvalho.

Salve formoso dia, alegre dia !
Que os olhos viste abrir a Tyrse amado;
Sempre sejas feliz, abençoado,
Cheio de gloria, cheio de alegria.

A luz, que tuas horas alumia,
Mil vezes torne ao Tejo prateado;
E o r6xo sol no carro seu dourado,
Atropelle os fris6es da noite fria.

Formoso alegre dia; pois nos deste
Um limpo cora76o, amparo, abrigo
Da espantosa, miserrima pobreza !

Que dadiva do c6o n6o nos trouxeste !
Ah ! que um amigo, e na desgra7a amigo,
N6o o p6de fazer a natureza.

XXIII.

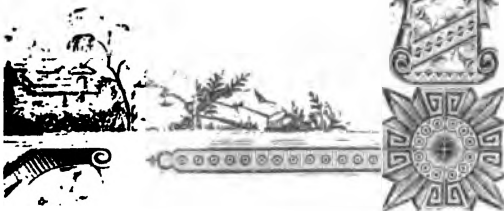
Aos annos do mesmo Senhor.

Não te direi que as Graças, qu'os Amores
Com suave prazer, doce alegria,
Salvando, caro Tyrse, o teu bom dia,
Grinaldas tecem de mimosas flores.

Não te direi, qu'as nymphas qu'os pastores,
Atroando a fragosa serrania,
Com singela, campestre melodia,
Cantão os annos teus, os teus louvores.

Com vozes mais sonoras e pungentes,
Na choça estão de Corydon cantando,
A triste Mãe, os filhos innocentes :

Não ao som de aureas tyras modulando;
Mas com devotas lagrimas ardentes
Pela vida de Tyrse ao céu clamaudo.





XXIV.

Ao mesmo Senhor.

NÃO louves, caro Tyrse, a rouca ly
Do rude Corydon, triste forçado,
Que á toste da galé aferrolhado,
Se deseja cantar, chora e suspira.

O lasso pensamento nunca tira
Do duro remo, do grilhão pezado :
Se se lembra do seu antigo estado,
Attonito e frenetico delira.

O mar a cada instante lhe apresenta
Tragicas scenas de futuras magoas,
Mergulhando entre as ondas a esperan

E só tu, qual santelmo na tormenta,
Serenos torna o furor das aguas,
Lhe das alegres mostras de bonança.



XXV.

Cor. FAZE versos, meu Tyrse, a linda Clara
Teus versos quer ouvir, teu doce canto.

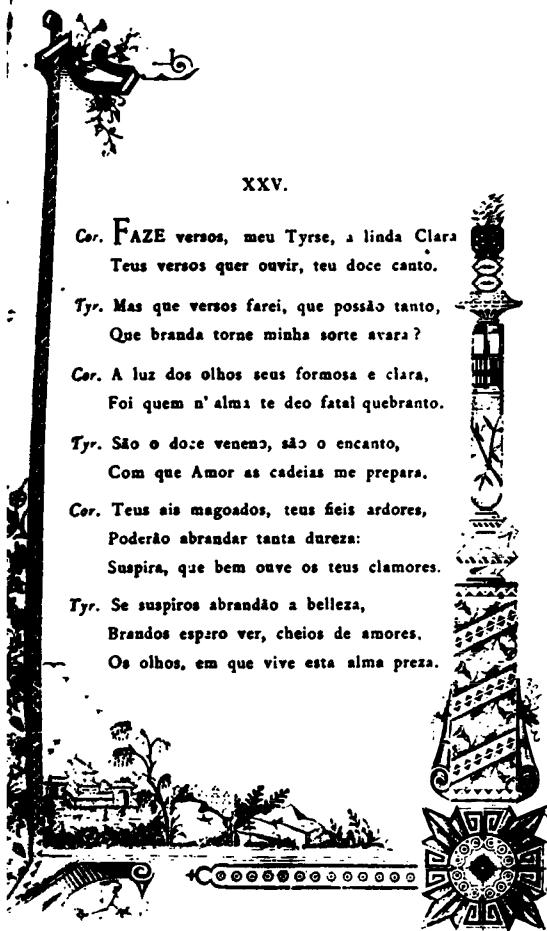
Tyr. Mas que versos farei, que possam tanto,
Que branda torne minha sorte avara?

Cor. A luz dos olhos seus formosa e clara,
Foi quem n' alma te deo fatal quebranto.

Tyr. São o doce veneno, são o encanto,
Com que Amor as cadeias me prepara.

Cor. Teus ais magoados, teus fieis ardores,
Poderão abrandar tanta dureza:
Suspira, que bem ouve os teus clamores.

Tyr. Se suspiros abrandão a belleza,
Brandos espazo ver, cheios de amores.
Os olhos, em que vive esta alma preza.



XXVI.

Ao Padre Francisco José Freire, da Congregação do Oratorio e socio da Arcadia, mandando-lhe pedir tabaco hespanhol.

QUAES as portas de Jano aferrolhadas,
Onde preza mugia a guerra dura,
O entupido nariz o embate atura,
Do teimoso vaivem das n.ãs pitadas.

As pretas sobranceiras carregadas,
Com torvo gesto, feia catadura,
Sorvo e torno a sorver; e a mão já fura,
Em vez de abrir as ventas desfloradas.

Debalde o marraffão empurro e metto,
Alojado na brecha o mormo grosso,
Com um rodeiro malho atocha o taco.

O remedio será corno ou espeto,
Se me não mandas já por esse moço
Do macio hespanhol louro tabaco.

XXVII.

N'UMA gaie Mourisca afeitebado,
Ao som do rouco vento, que ruz a,
Sobre o remo cruzando as mãos dormia
O lasso Corydon pobre forçado.

Em agradáveis sonhos ensofado,
Cuidava o triste, que o grilhão rompia,
E que entre as ondas Lília branda via
Talhar c' o branco peito o mar saído.

De vê-la e de abraça-la cobigoso,
Estremeceo, tentando levantar-se,
E os fuzis da cadêta retinirão.

Acordou ao motim, e pezaroso,
Querendo á rude chusma lamentar-se,
Só mil suspiros, só mil a's lhe ouvirão.

XXVIII.

A calva do Padre Antonio Delfim,
amigo do autor.

ERA alta a noite, a lua prateada
Já no sereno céu resplandecia;
E a corrente do Tejo parecia,
De ferventes estrellas marchetada.

Então Canidia bella, destoucada,
Descalço o lindo pé, filtros urdia,
Em torno de uma loisa, que se abria
De medonhos espectros rodeada.

Regougasão no cume dos outeiros
Esfaimadas raposas; na floresta
Lhe respondião mûchos agoureiros.

Brama Canidia; e ôs Lêmures ligeiros
Unhar mandou do bem Delfim na testa,
De finado cabelo alguns milheiros.



XXIX.

Ao Padre Delfim.

FOI-SE embora o Delfim! Como ficamos?
Ab! tyranno Delfim que nos deixaste!
Comtigo o prazer nosso nos levaste,
Por ti affictos sem cessar chamamos.

Em vão cansadas lagrimas choramos:
Desta pobre choupana te enfadaste?
Depois que a nossos olhos te negaste,
Nem comemos, nem rimos, nem dançamos.

Escura nos parece a luz do dia!
Da triste noite os funebres horrores
Inda fazem maior nossa agonia!

Tudo se nos mudou em dissabores!
Agua fervendo para nós é fria,
O chá de tres mil reis, é chá de dores.

XXX.

A' calva do mesmo.

Ao pellado Eliseo a rapazia
(Euxame de formigas inquietas)
Com apupos batenlo-lhe pelmetas.
Ergue-te, ó calvo, em chusma lhe dizia.

O pobre com a capa se cobria;
E deitando a correr, as sapatetas
No calcanhar tangillo castanhetas,
Cujo som pelas ruas retinia.

Assim creêra Eliseo, Delfim Antonio,
Fugiste de entre nós a passapello?
Parece que foi cousa do demonio

De cada vez te falta mais cabello:
Clerigo calvo, é clerigo bottonio;
Mas ainda assim, tomáramos nós vé-lo.

XXXI.

Ao Padre Delfim.

NÃO se paga de veros a saudade,
Nem de relva se farta o manso gado;
O campo que do gelo foi crestado,
Não torna a rebentar co'a tempestade.

Se queres que te creio, se é verdade,
Que este cirio te deve algum cuidado,
Não estejas em casa encoquinado;
Foge, foge da mísera cidade.

Estes campos te esperão com mil flores,
A Fonte-Santa seus crystaes desata;
Sem ti o nosso pranto se não sécca.

Desprezas o agasalho de pastores?
Pois se de apparecer aqui não trata,
Fazemos-lhe sequestro na rabeca.



XXXIV.

A' calva do mesmo.

COM a mão na rabiça, e co' aguilhada
O colono villão os bois picando,
Abre o comprido rego, a terra arando,
Que quer de louro trigo semeada.

Depois de grossas chuvas orvalhada,
Rebenta a verde canna levantando,
E no quente verão, do vento brando
Sussurra levemente meneada.

Então os encalmados segadores
Lançam por terra os esquadrões viçosos ;
Da carnagem cruel nenhum se salva,

Assim andão demonios malseitores,
Ceifando nas cabeças de tinhosos ;
Assim Delfim a tua se fez calva,



XXXV.

Ao Padre Delíam.

M.^l APPARECEO o Padre Antonio; estava
Escondido n'um côvo de gallinhas;
Para caber metteo-se de gatinhas,
E nem que pinto fôra assim piava.

Eu. Quem? O Padre Antonio, que tocava
Diversos minuets e modinhas,
Cuja calva em funções de ladainhas
Entre cinzentas c'roas alvejava?

M.^l Esse mesmo. *Eu.* Quem fez tão bom achado?

M.^l Certo atravessador, que mui contente,
Entre capões o tinha pendurado.

Mas vio, que lhe dizia toda a gente:
Como está manso pelos pés atado!
Se o soltarem, vai dar a São Vicente.





XXXVI.

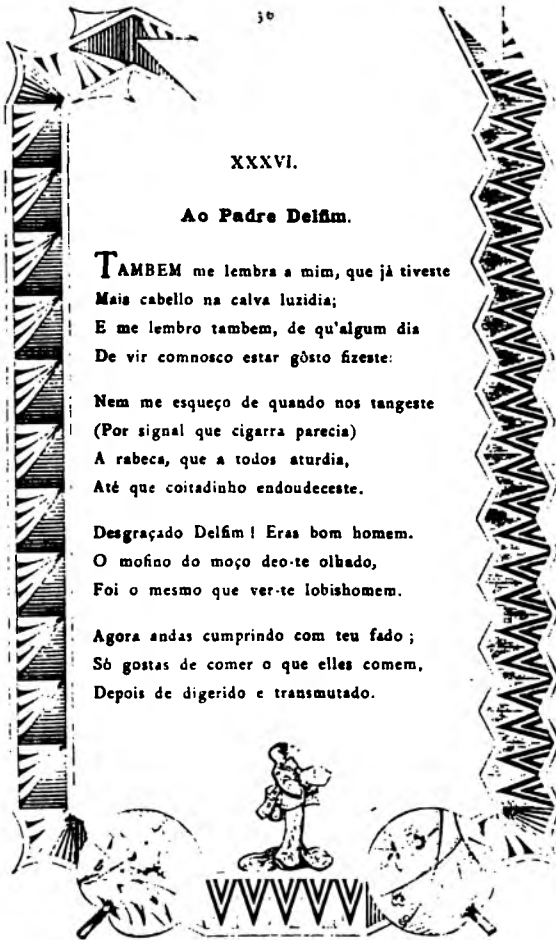
Ao Padre Delfim.

TAMBEM me lembra a mim, que já tiveste
Mais cabelo na calva luzidia;
E me lembro tambem, de qu'algum dia
De vir connosco estar gôsto fizeste:

Nem me esqueço de quando nos tangeste
(Por signal que cigarra parecia)
A rabeca, que a todos aturdia,
Até que coitadinho endoudeceste.

Desgraçado Delfim! Eras bom homem.
O mofo do moço deo-te olhado,
Foi o mesmo que ver-te lobishomem.

Agora andas cumprindo com teu fado;
Só gostas de comer o que elles comem,
Depois de digerido e transmutado.



XXXVII.

A' calva do Padre Delfim.

POR Cerastes e Gorgonas lançada,
Do mirrado Cassini à sombra fria,
Passe do lago Averno a gritaria,
Sobre as asas da noite reclinada.

Das veneráveis deusas aveasda
Teme não rompa cedo o claro dia,
E acossada dos cães freme, assovia,
Tremendo a terra toda de assustada.

Silvando vaga assim de rua em rua,
E ao som medonho da infernal calceta,
Subito quebra o somno mais profundo:

Vem buscar do Delfim a calva nua,
Para traçar o giro de um cometa
Que ha de crestar a grenha a todo mundo.



Ao Padre Delfim.

INDÁ a vermelha Aurora somnola
Os olhos esfregando, mal abria
A dourada manhã, e a luz do dia
No Tejo se encostava macilenta.

Das nuvens o theatro representa
Iris formosa, que fugir se via
Do sosegado mar da Trafaria,
Triste final da proxima tormenta.

Quando tres, quatro, seis e oito vez
O inquieto Delfim por mim chamava,
Os lombos despegando-me do leito.

Fallou, tossio, tocou e em taes reve
Quando cuidei que sosegado estava,
Fez-me os versos fazer, que tenho fei





XXXIX.

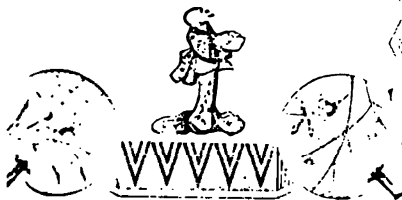
Ao Padre Delfim.

QUAL saudosa mãe, que da ribeira
 Bradando afflicta, em lagrimas banhada
 C'o amado filho, de quem era amada,
 Vê da praia fugir a não ligeira.

Tal nossa saudade verdadeira
 De te não ver aqui desesperada,
 Sente que da afflicção a alma cansada
 Está chegando á hora derradeira !

Tristes, mudos, affictos e chorosos,
 Uns para os outros, nem se quer olhamos :
 Que longos são os dias invernosos !

E se ás vezes as trombas levantamos,
 Pelo Padre Delfim, delle saudosos,
 Uns aos outros a medo perguntamos.





XL.

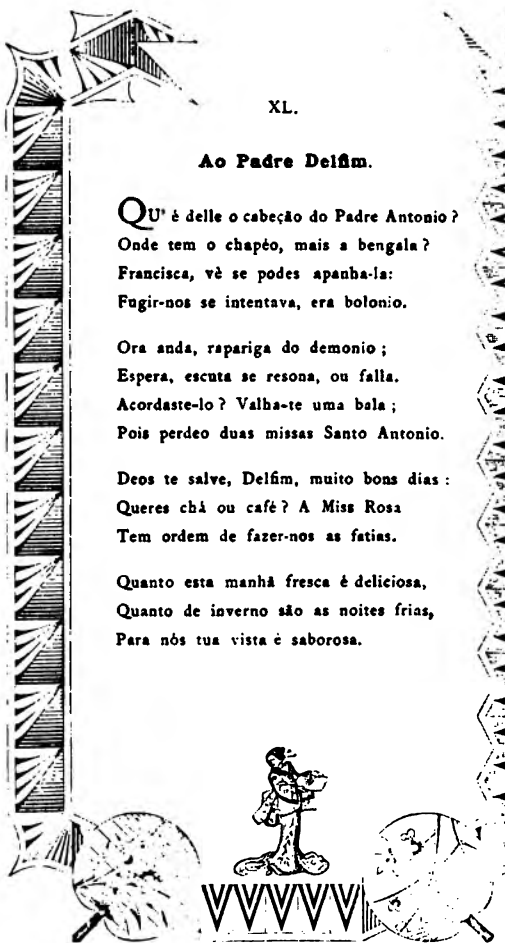
Ao Padre Delfim.

QUê é delle o cabeção do Padre Antonio ?
Onde tem o chapéo, mais a bengala ?
Francisca, vê se podes apanha-la:
Fugir-nos se intentava, era bolonio.

Ora anda, rapariga do demonio ;
Espera, escuta se resona, ou falla.
Acordaste-lo ? Valha-te uma bala ;
Pois perdeo duas missas Santo Antonio.

Deos te salve, Delfim, muito bons dias :
Queres chá ou café ? A Miss Rosa
Tem ordem de fazer-nos as fatias.

Quanto esta manhã fresca é deliciosa,
Quanto de inverno são as noites frias,
Para nós tua vista é saborosa.



XLI.

Ao Padre Delfim.

AMIGO Padre Antonio, a Fonte-Santa
Sem ti não vale nada; descontentes
Convidados, amigos e parentes,
A todos má tristeza nos quebranta.

A mim, pobre de mim ! já me ataranta
Ouvir supplicas tão impertinentes.
Uns dizem, que virás ; outros, que mentes,
Que deixaste o bordão, que tezo canta. .

Ora vem, bom Delfim, verás louraças,
Magotes e magotes de mulheres,
Umas assim assim, outras caraças.

Sêge te mandarei, se sêge queres ;
Não te peço senão, que agora faças,
O que fizeste já n' outros prazeres.

XLIII.

Ao Padre Delfim.

AMIGO, fallo serio, saudosos
Pelo nosso Delfim todos chamamos.
A's portas e janellas perguntamos,
Que feito foi de ti, de ti queixosos

Sempre os olhos trazemos lagrimosos
E crestados do pranto que choramos.
A's mangas sem cessar nos assoamos,
De cada vez nos vemos mais ranhosos.

Não desprezes, Delfim, o amor ardente
De teus velhos amigos, coitadinhos,
Que sem ti sol não achão, que os aquente

Quaes pião pela mãe os pintainhos,
Assim chama por ti toda esta gente,
Parentes, convidados e vizinhos.



XLIII.

NA solitaria praia a ruiva arêa
Com a luz da manhã resplandecia;
De inquietas estrelas se cobria
O fundo pègo, que sonoro ondêa.

De branca espuma na cerulea vèa
O gado de Protheo sulcos abria;
Glaucos da barca as redes desprendia
O lançaço consagrado a Galatêa.

Mas suspendeo as chinxas assustado,
Vendo boiar do Tejo n'agua pura
O coral roxo, o murice dourado.

Ouve uma voz bradando: „ Quem procura
Profanar este dia consagrado
Da engraçada Corina á formosura ? ”

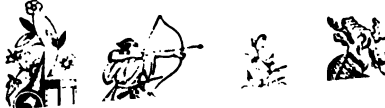
Aos annos da Snr.^a D. Maria E

PIZANDO mil estrellas radiant
As celestes virtudes vem descendo
Com as candidas mãos c'róas tec
De louro não, de immensos soes bri

Em sonora cadeia de diamantes
O tempo voador estão prendendo ;
A' longa eternidade obedecendo
Quietos os aligeros instantes.

Do fulvo Tejo as nymphas qu'admi
A luz, que pelas aguas se estendia,
Umas ás outras com prazer lembrar

Que as eternas virtudes neste dia
Para habitar, dos altos céos baixarão
No coração heroico de Maria.



XLV.

HONTEM se foi d'aqui Nize formosa,
Nize nosso prazer, nossa alegria :
Tornou se em feia noite o claro dia ;
Cobrio-se o sol de sombra pavorosa.

Até a clara fonte saudosa
Inconsolaveis lagrimas vertia .
E a tarde, que mil ditas promettia,
Oh ! quão triste nos foi, quão amargosa !

Neste espanto fatal um desgraçado,
Que por Nize em amor todo se inflamma,
De Nize tão cruel assim se queixa :

Se o mundo todo fica tão mudado,
Quando foges de quem em vão te chama,
Ou não vás, ou teus olhos cá nos deixa.

XLVI.

Aos annos da Sra. D. Camilla.

DOZE vezes o sol com seus fulgores
De teus annos dourou, Camilla, o dia ;
E doze vezes cheios de alegria
Empennarão as settas os Amores.

C'roada a primavera de mil flores,
Pelos campos aromas espargia,
O mesmo céu de estrellas se cobria :
Brilhavão da virtude os resplendores.

Jazem na fresca relva os armentios :
E os pastores tocando nas avenas,
Modulão o teu claro nascimento.

Murmurão brandamente os alvos rios,
Correm sonoras fontes mais serenas,
Tudo respira emfim contentamento.

XLVII.

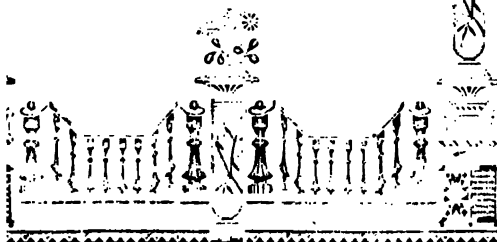
A' uma senhora, a quem o autor
chamava sua mãe.

COMIGO minha mãe brincando um dia.
A namorar c'os olhos me ensinava;
Mas Amor, que em seus olhos me esperava.
Com mil brilhantes farpas me feria.

De quando em quando mais formosa ria.
Porque incapaz do ensino me julgava;
Porém tanto a lição me aproveitava,
Que suspirar por ella já sabia.

Em poucas horas aprendi a ama-la :
Ditoso se tal arte não soubêra,
Não me custára a vida não logra-la.

Certo, que aprender menos melhor era ;
Pois não soubêra agora deseja-la,
Nem de tão louco amor enlouquecêra.



XLVIII.

A Jeronymo Henriques de Sequeira.

DOUTOR Henriques, o Garção doente,
Vai-se achando peor, a febre atura;
A face cada vez está mais dura,
Tratando mal de mim toda esta gente.

Cuido que vejo a foice reluzente,
Na descarnada mão da morte escura
Ante os olhos girar, e a má figura
Bem certa de vencer, mostrar-me o dente.

Um bando de atrocissimos peccados,
Rezenha estão fazendo em outra parte,
Terço de Tabareos mal encarados.

Que poderei fazer senão chamar-te?
Teu nome, se me livras de cuidado,
Cantando espalharei por toda a parte.

XLIX.

TRES vezes vi, Marília, de alva lua
Cheio de luz o rosto prateado,
Sem que dourasse o campo matizado
A linda aurora da presença tua.

Então subindo à serra calva e nua,
De um ingreme rochedo pendurado,
Os alhos alongando pelo prado,
Chamava, mas em vão, a morte crua.

Alli commigo vinhão ter pastores,
Que meus suspiros fervidos ouvião,
Cortados do alarido dos clamores.

Tanto que a causa de meu mal sabião,
Julgando sem remedio minhas dores,
Por não poder-me consolar, fugião.



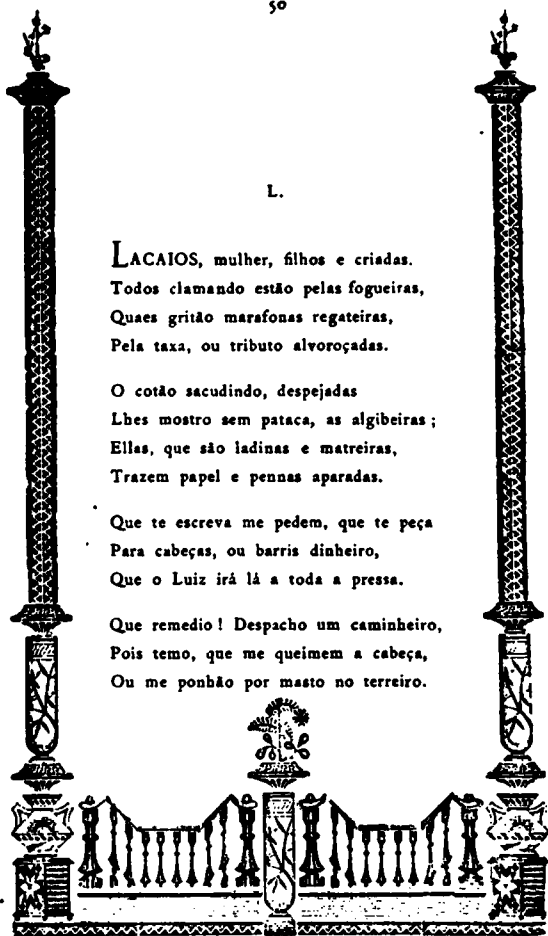
L.

LACAIOS, mulher, filhos e criadas.
Todos clamando estão pelas fogueiras,
Quaes gritão marafonas regateiras,
Pela taxa, ou tributo alvoroçadas.

O cotão sacudindo, despejadas
Lhes mostro sem pataca, as algibeiras;
Ellas, que são ladinas e matreiras,
Trazem papel e pennas aparadas.

Que te escreva me pedem, que te peça
Para cabeças, ou barris dinheiro,
Que o Luiz irá lá a toda a pressa.

Que remedio! Despacho um caminheiro,
Pois temo, que me queimem a cabeça,
Ou me ponhão por masto no terreiro.



LI.

JÁ detrás do casal vem resurgindo
O Pedro e Frei Joaquim; eis que da Fonte
Rebenta o bom Mardel no preto Ethonte.
E c'o chapéo na mão se vem já rindo.

Na janella apparece o rosto lindo,
Que não é justo, amigo, que se conte;
Saltão os dois á terra allí defronte;
As raparigas vão de cá sabindo.

Jaz Francisco Reymundo de barrete
Em trages de Confucio ou de Mafoma,
Os gentis olhos baixa Aonia santa.

O Pedro corre a mão pelo topete,
Depois de cochichar o chá se toma:
Eis-aqui o Long-Room da Fonte-Santa.



LII.

INDA que abrindo a boca o mar irado
Os dentes mostre em borbotões de espuma;
Ou nos abysmos rapido se suma;
Ou caia das estrellas despenhado:

Inds que o oceano Jenodado,
C'o grão tridente dardejar presuma,
E que o misero corpo me consuma,
De ceruleos delphns atassalhado:

Inda que Europa, com fragor estranho,
Sumergindo-se seja a campã miuba,
Servindo-me os antipodas de lastro:

Qual impavido Seneca no banho.
Com os dedos fazendo tesourinha,
Repetirei a historia de Alemcastro.



LIII.

SE como tu, Amor, mandas e queres
Que admire de Tyrcea a formosura,
Igual á que me abraza chamma pura
Em seu peito invencivel accenderes :

Se em seus divinos olhos tu puléres
Claros signaes mostrar-me de ternura ;
Se em vez de ingrata ser, e ser tão dura,
Que benigna me attenda, emó u venceres ;

Então direi, Amor, que és poderoso,
Que te é devida nossa idolatria,
E que podes fazer-me venturoso |

Mas receio que Tyrcea ingrata, impia,
Cedendo a meu destino rigoroso,
Destes suspiros faça zombaria.

Ao terremoto do 1.^o de Novembro de 1755.

AFORTUNADO Enéas, que sahiste
Da destruida Troia, carregado
Com o pezo feliz do pae amado ;
E assim as leis do sangue bem cumpriste.

Tambem nessa piedade resististe
Ao direito fatal do injusto fado :
Se viste o patrio ninho destroçado,
Salvo, quem te deo ser, ditoso viste.

Os penates, os socios transportaste
Ao Lacio porto, aonde achaste abrigo,
Onde um novo palladio collocaste.

Eu provei mais cruel fado inimigo,
A patria vi arder ; tu a salvaste :
Mas eu perdi o pae, perdi o amigo.

LV.

A sua mulher a Sr.^a D. Maria Anna Xavier
de Sande e Salema.

Ao som dos duros ferros, que arrestava,
A lyra de ouro Corydon tangia,
De Marcia o doce nome repetia;
Mas no meio do canto soluçava.

No rosto macerado, que enfiava,
O lagrimoso pranto reluzia;
E nos olhos, que aos altos céos erguia,
O pensamento intrepido voava.

Não se assombra de ventos insoffridos,
Nem com ousado lenho arar intenta
O polo do futuro nebuloso:

Menos chora terrenos bens perdidos:
De pouco um peito grande se contenta:
Antes quer ser honrado, que ditoso.

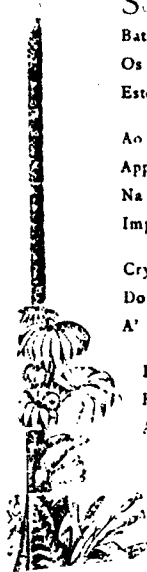


SUJOS Brontes estão arr
 Batendo o rubro ferro, e
 Os rijos malhos, vão ao ar
 Estellantes coriscos enrolad

Ao fuzilar dos goipes, pendu
 Apparecem mil elmos reluzin
 Na forja a labareda está zun
 Impellida dos folles engelhad

Crystallino suôr alaga a testa
 Do coxo mestre : a calma da
 A' fresca viração as azas crest

Forjavão uma setta colubrina
 Eis entra Amor, e diz-lhes qu
 A' vista dos bons olhos de C



LVII.

A' morte de Felix Coutinho

ESPIRITO gentil do esposo amado,
Que sobre as azas de virtudes santas,
Muito acima dos astros te levantas,
Do miserrimo corpo desatado

Ante o solio de estrellas recamado,
Já do grande Adonai o nome cantas :
E do perpétuo dia não te espantas,
Que a nossos mortaes olhos é vedado ;

Se o purpureo semblante a nós voltando,
(Nova constellação resplandecente.)
A terra, lá do céu, inda estas vendo ;

Não te causes de nosso amor ardente,
Que este pranto, que ves estar correndo,
Que viva cá sem ti, me não consente.

LVIII.

Contra José Basílio da Gama.

QUEM vem lá? quem nos honra? Este estudante,
Que das Musas quer ter o magisterio,
Aprende com varões do sacro imperio,
Porém se tolo foi, veio ignorante.

Examinado elle, é um pedante
Das Musas portuguezas vituperio,
Foi creado no calido hemispherio,
Fidalgo pobre, cavalleiro andante.

Do alto monte que é aos céos visinho
Só elle o alado bruto enfreia e doma,
Faz castellos no ar de cedro e pinho.

O louro, quando quer, despreza e toma:
Arredem-se, senhores, deem caminho,
Passe o senhor quaqui, que vem de Roma.





LIX.

Contra um rancho satyrico.

PINTO fidalgo, embaixador da Mancha,
Tu Monteiro roaz, que na baralha
Vales por espadilha da canalha
Que a fama alheia com ferretes mancha ;

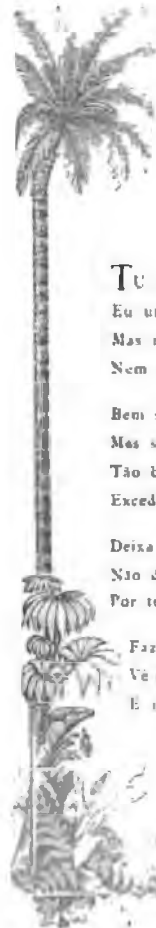
Padre Niceno, tu, patrão da lancha,
Carregada de drogas da antigualha,
Que o Bandeirinha alvar à tôa espalha,
Potro que n'outro potro se escarrancha ;

Capitão Archimedes, tu zarolho,
Manoel de Souza que parece Mendes
Que da recua aproveitas o restolho ;

Ulpiano venal . . . tu bem me entendes . . .
Se para estas cousas tenho dedo e olho,
Em peralvilhos jubilado tendes.



LX.



Tu és Dircea filha do Tirreno,
Eu um dos filhos sou do pobre Alceste,
Mas nem por fado teu tal pai tiveste,
Nem eu por culpa minha sou pequeno : ■

Bem sei que te pretende o rico Alceno,
Mas se pelles e lãs mais finas veste,
Tão bem no amor o venço, qual cypreste
Excede no robusto ao brando feno.

Deixa valdades da justiça alheias,
Não desprezes affectos e ternura,
Por teres mais cabritos e colmeias.

Faze Dircea reflexão madura,
Ve que a virtude propria em mim premeias,
E nelle só premeias a ventura.



LXI.

NÃO cobre vastos campos o meu gado.
O maioral não sou da nossa aldeia.
Do meu trabalho como, mas Dircea
Ainda que sou pobre, vivo honrado.

No jogo da carreira e do cajado
Até o dextro Algano me receia.
Qual loura espiga de grãosinhos cheia,
Me alegra ver teu rosto delicado.

Se queres minha ser, fála a verdade,
Não vestiras as pelles mais vistosas
As finas lãs tecidas na cidade.

Trajáras das que eu trajo as mais mimosas,
Fa-las-ha de mais preço a sã vontade
Com que quizêra dar-te as mais custosas.



LXII.

**Ao Padre Antonio de S. Jeronymo
Justiniano, Capellão do côro de N. Sra.
do Loreto da Nação italiana.**

MISERO gandaceiro do Parnaso,
Que para alimentar teu pobre estylo
Das escorias tiraste do chirilo
Com que da idéia encheste o tosco vaso:

Apollo faz de ti tão pouco caso,
Que vendo que tu foste persegui-lo,
Podendo te mandar beber d' aquillo.
Mandou te desse furia o seu Pegaso.

Essa furia que o Pindo te dispensa,
Bem se vê que é de besta; no prolixo
O dá a conhecer de uma obra extensa.

Deo-te Pegaso as aguas de repuzo,
Que Apollo ah se andasse de corrença,
E' que podia dar-te o seu influxo.



LXIII.

AMOR nos olhos da formosa Clara
Armado não de setas, de ternura
Cruéis vinganças, implacável jura
Guerra fatal aos corações declara.

Dos brandos tiros que d'alli dispara
Ninguém pode, ninguém fugir procura,
Que do mesmo poder da formosura
Nenhum peito de bronze se depara.

Seus lindos olhos com desdem movidos
Pisão desejos mil, rendem mil peitos,
Lançam por terra corações feridos.

Se esquivos causão tão cruéis effeitos
Inda causão mais ancias, mais gemidos
Quando se deixão ver a amor sujeitos.



A Antonio Diniz da Cruz.

QUINZE vezes a aurora tem rompido
E accendi outras tantas a candea.
Desde que prezo estou nesta cadeia,
Soffrendo o que nenhum cá tem soffrido:

De todo trago o estomago perdido:
Cômo frio o jantar, mal quente a cêa,
E este misero ornato que me arrêa,
De noute é cama, de manhã vestido:

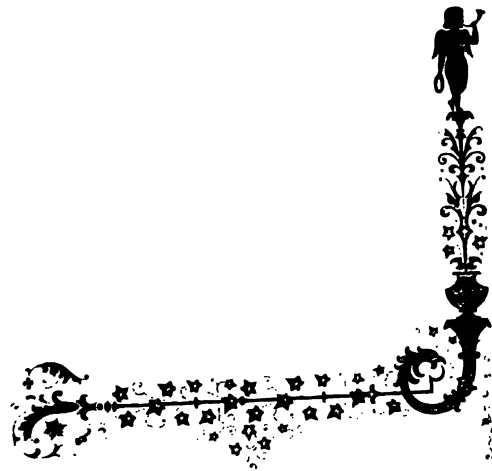
A um canto da boca arrumo um dedo:
Subo os olhos ao tecto, ao chão os mando
Sem saber o que faço me arremedo:

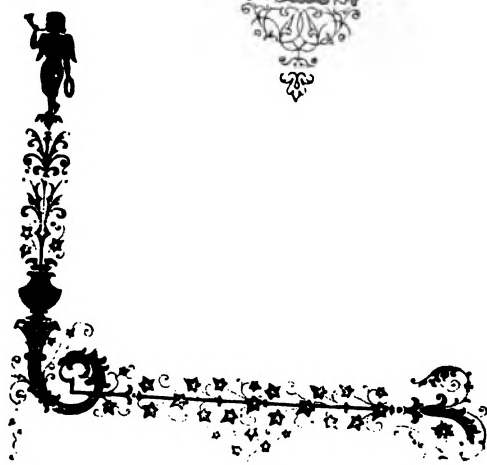
Comigo mesmo estou philosophando;
Nego os mesmos principios que concedo;
Ve tu, meu bom Diniz, qual louco eu ando!





ODES



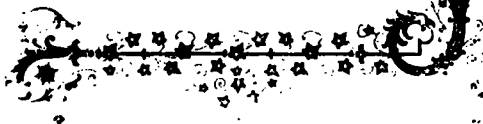


I.

Aos fidalgos, que protegão o theatro
do Bairro Alto.

Sirophe

NÃO arabico incenso, ouro luzente,
Nem perolas do Ganges,
Não tenho que off'recer-vos reverente:
Malhas, arnezes, punicos alfanges;
Mas soberbas phalanges
De almos hymnos Dirceos, qu'immortaes tecem
Mil c'rôas á virtude, me obedecem.



Antistrophe.

Fuja o profano vulgo, qual no
O rebanho medroso,
Quando vê fuzilar nos horizons
O farpado corisco pavoroso,
Ouve o trovão ruidoso,
Correndo pelo valle se derrama
E em seu balido o pegureiro c

Epodo.

Nos mansos ares vejo
Já sobre as azas lucidas perado
Meus fogosos Ethontes, que ban
No doce, flavo Tejo,
Os freios de diamantes mastiga
Quando as nymphas de rozas os



Strophe.

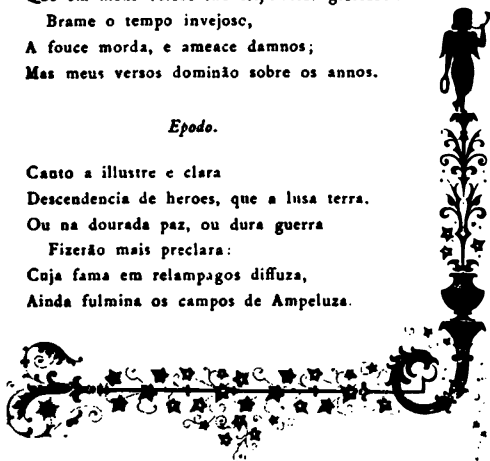
Esta, que afino cithara famosa,
 Deo-m'a o cysne do Ismeno;
 Cujo canto em Elia victoriosa
 Foi sempre ás Musas mais qu'ao Pindo ameno;
 Com semblante sereno,
 A mão nas aureas cordas me firmava, ▲
 E ás argivas canções me acostumava.

Antistrophe.

Assim digno me fez do levantado
 Assumpto magestoso,
 A quem hoje me inspira a luz do fado,
 Que em meus versos lhe erija altar glorioso:
 Brame o tempo invejoso,
 A fouce morda, e ameace damnos;
 Mas meus versos dominão sobre os annos.

Epodo.

Canto a illustre e clara
 Descendencia de heroes, que a lusa terra.
 Ou na dourada paz, ou dura guerra
 Fizerão mais preclara:
 Cuja fama em relampagos diffuza,
 Ainda fulmina os campos de Ampeluza.



Strophe.

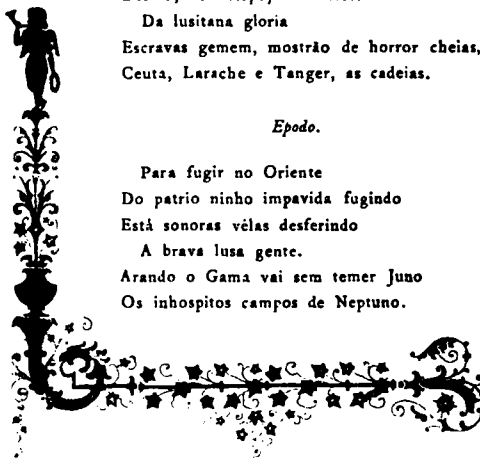
O heroico e real sangue vos inflamma,
 Que regou derramado,
 Louros e palmas, que cultiva a fama,
 Nos espantosos montes do Salado.
 O barbaro espartado
 Deixa, fugindo á ultima ruina,
 Arrazadas de luas a campina.

Antistrophe.

Que eterna gloria! Immensa luz scintilla
 Nas aras da memoria!
 Alli Farrobo vejo, e vejo Arzila,
 Destroçados despojos da victoria!
 Da lusitana gloria
 Escravas gemem, mostram de horror cheias,
 Ceuta, Larache e Tanger, as cadeias.

Epodo.

Para fugir no Oriente
 Do patrio ninho impavida fugindo
 Está sonoras vélas desferindo
 A brava lusa gente.
 Arando o Gama vai sem temer Juno
 Os inhospitos campos de Neptuno.



Strophe.

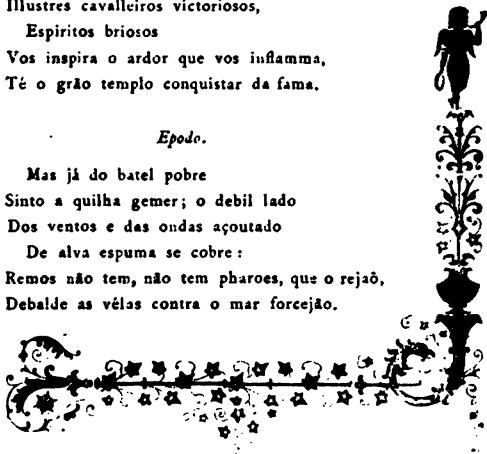
De Albuquerque, Almeidas, Castros fortes,
 Que feitos não pregôa
 A honrosa tradição, que espanta a morte,
 Qu'alem dos tempos derradeiros vôa!
 Asia respeita em Gôa
 O nome portuguez, luzes divinas,
 Que humilde adora nas sagradas quinas.

Antistrophe.

De tão henrados inclytos maiores
 Vós, netos generosos,
 Do fado das batalhas sois senhores;
 Illustres cavalleiros victoriosos,
 Espiritos briosos
 Vos inspira o ardor que vos inflamma,
 Té o grão templo conquistar da fama.

Epodo.

Mas já do batel pobre
 Sinto a quilha gemer; o debil lado
 Dos ventos e das ondas açoutado
 De alva espuma se cobre:
 Remos não tem, não tem pharoes, que o rejaô,
 Debalde as vélas contra o mar forcejão.



Strophe.

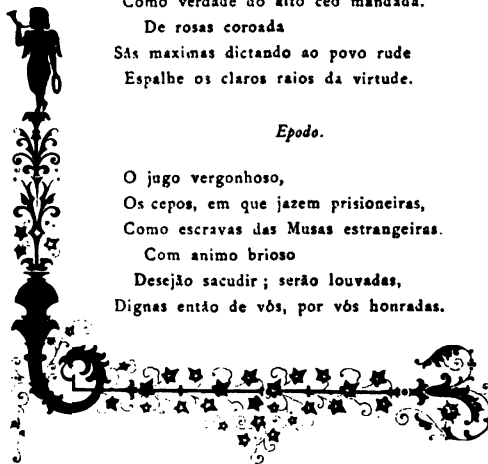
Tempo, tempo virá, que as desprezadas
Musas do patrio Tejo,
Por vossas mãos benignas levantadas
No porto vão fugir, qu'inda não vejo:
Então, então sem pejo
Em grave scena adereçando a Historia,
Mostrarão quanto pôde o amor da gloria

Antistrophe.

Calçando o humilde socco, ao feio vicio
A mascara rasgada,
Hão de ensinar no comico exercicio,
Como verdade do alto céu mandada.
De rosas coroadas
Sãs maximas dictando ao povo rude
Espalhe os claros raios da virtude.

Epodo.

O jugo vergonhoso,
Os cepos, em que jazem prisioneiras,
Como escravas das Musas estrangeiras.
Com animo brioso
Desejo sacudir; serão louvadas,
Dignas então de vós, por vós honradas.

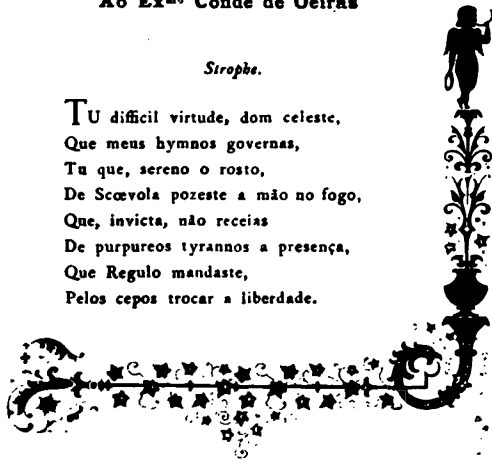


II.

Ao Ex^{mo} Conde de Oeiras

Strophe.

TU difficil virtude, dom celeste,
Que meus hymnos governas,
Tu que, sereno o rosto,
De Scævola pozeste a mão no fogo,
Que, invicta, não receias
De purpureos tyrannos a presença,
Que Regulo mandaste,
Pelos cepos trocar a liberdade.

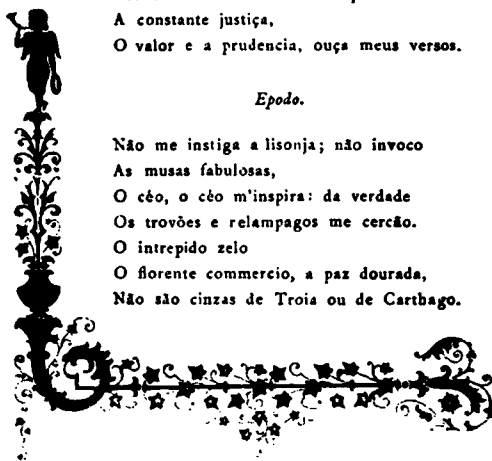


Antistrophe.

Tu me chamas aqui para em meus versos
 Da venturosa Oeiras
 Cantar a nova gloria
 Do magnanimo Conde, o amor da patria!
 Se o raio luminoso
 Por sobre elle brilhou com que tu mostras
 A constante justiça,
 O valor e a prudencia, ouça meus versos.

Epodo.

Não me instiga a lisonja; não invoco
 As musas fabulosas,
 O céu, o céu m'inspira: da verdade
 Os trovões e relampagos me cercão.
 O intrepido zelo
 O florente commercio, a paz dourada,
 Não são cinzas de Troia ou de Carthago.



Sirophé.

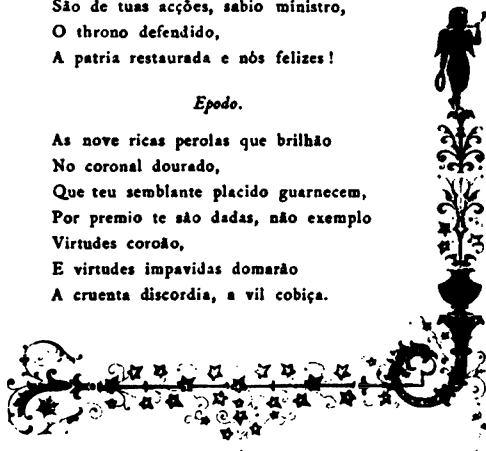
Vinde, sonoros hymnos, sobre minha
Cithara ditosa,
Batei as brancas azas !
Fremão, caído de Alcides as columnas !
Pelos ethereos campos
Das que vos trazem, rapidas carroças
Ouço gemer as rodas,
Dois luminosos circulos abrindo !

Antistrophe.

Que mais fiel sibylla, que a experiencia ?
Não falla, não responde,
Sem de profundo abysmo,
Evocarmos a sombra de Tirezias ?
Testemunhas maiores
São de tuas acções, sabio ministro,
O throno defendido,
A patria restaurada e nós felizes !

Epodo.

As nove ricas perolas que brilham
No coronal dourado,
Que teu semblante placido guarnecem,
Por premio te são dadas, não exemplo
Virtudes coroão,
E virtudes impavidas domarão
A cruenta discordia, a vil cobiça.



Strophe.

Mas negro fado que arbitro se julga
 D'imperios e cidades,
 Temia erguer Lisboa,
 Coroada de mil torres, a cabeça;
 As artes e sciencias,
 A' sombra de teu nome, receava
 Da barbara ignorancia
 Os pesados grilhões despedaçarem.

Antistrophe.

Bramir já via justamente atada
 Em ferros vergonhosos
 C'o rosto descorado
 A perversa doutrina abominavel.
 Nas ceruleas espadoas
 Erguer o Tejo mil rompentes quilhas,
 E respeitar Arcturo
 As sagradas bandeiras lusitanas.

Epodo.

Abrir o Grão-Pará os fulos braços,
 E em seus verdes cabellos
 Rêxos coraes, e aljofares atando,
 Nas douradas manilhas ler teu nome,
 C'o farpado tridente
 Que ergue a já livre mão, lançar por terra
 Os nefandos altares da avareza.



Strophs.

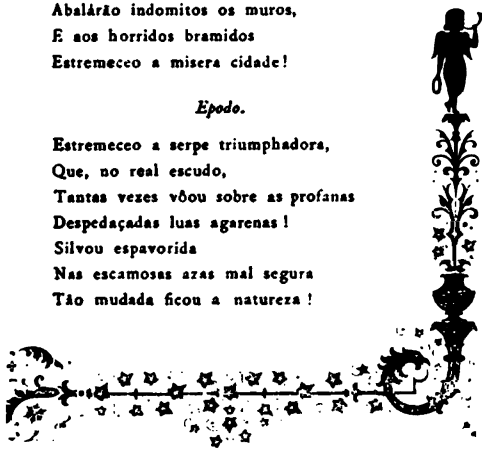
As santas leis, magníficos projectos,
 O publico socego,
 O reino venturoso,
 Com crueis olhos via o triste fado !
 Occulta providencia
 Cevár-lhe permittio em nosso sangue
 As aridas entranhas :
 Não valerão incensos nem altares.

Antistrophe.

Já o fatal decreto a mão potente,
 Justiceira, rubrica ;
 Procellosos vapores
 As convulsas cabeças levantârão ;
 Dos carceres terrenos
 Abalárão indomitos os muros,
 E aos horridos bramidos
 Estremeceo a misera cidade !

Epodo.

Estremeceo a serpe triumphadora,
 Que, no real escudo,
 Tantas vezes vòou sobre as profanas
 Despedaçadas luas agarenas !
 Silvou espavorida
 Nas escamosas azas mal segura
 Tão mudada ficou a natureza !



Sírophe.

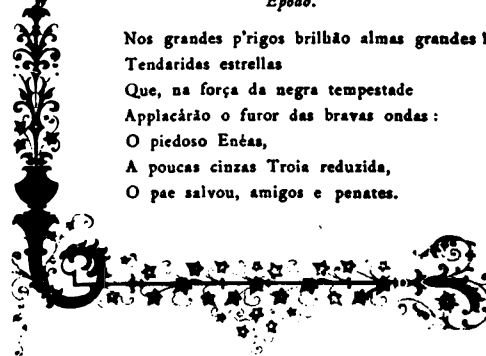
A pavida Lisboa desgrenhada
 Em negra cinza envolta,
 Vendo os reaes castellos
 Cahirem-lhe na fronte destroçados,
 Em ti fixou os olhos,
 Os olhos em ti poz, illustre conde!
 Em ti que sacrificas
 A' publica saude teu cuidado.

Antístrophe.

Qual a casta Penelope, chegando
 A' patria saudosa,
 O desejado Ulysses,
 Os traidores amigos não temia,
 Da simulada tóa
 Larga a tarefa, as lagrimas enxuga,
 Assim, assim Lisboa
 Em teus braços descansa, em ti confia.

Epodo.

Nos grandes p'rigos brilhão almas grandes !
 Tendaridas estrellas
 Que, na força da negra tempestade
 Applacarão o furor das bravas ondas :
 O piedoso Enéas,
 A poucas cinzas Troia reduzida,
 O pae salvou, amigos e penates.



Strophe

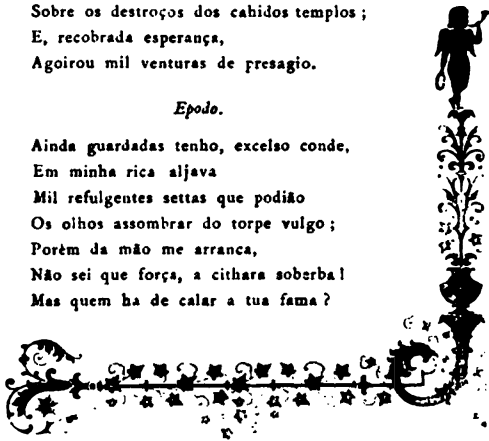
Clamar ouvimos a infeliz cidade
 Aos altos céos erguendo,
 As mãos enfraquecidas;
 Ainda os echos ouvimos destas vozes:
 « Se em tuas santas aras
 « Puro incenso queimei, senhor, guardai
 « O constante ministro
 « O defensor do lusitano Augusto ! »

Antistrophe

Assim afflicta, assim a patria illustre
 Por ti ao céo clamava !
 Os polos abaláraõ
 C'um tremendo sussurro respondendo !
 Desceo celeste chamma,
 Sobre os destroços dos cahidos templos ;
 E, recobrada esperança,
 Agoirou mil venturas de presagio.

Epodo.

Ainda guardadas tenho, excelso conde,
 Em minha rica aljava
 Mil refulgentes settas que podião
 Os olhos assombrar do torpe vulgo ;
 Porém da mão me arranca,
 Não sei que força, a cithara soberba !
 Mas quem ha de calar a tua fama ?



Strophe.

No Menalo, se Arcadia não levanta
Em honra de teu nome
Uma soberba estatua
De rico jaspe, como tu mereces,
Seus hymnos te consagra,
E nelles viverá tua memoria,
Teu nome escreveremos
Em nossos corações, em nossos versos.

Antistrophe.

Dirceos hymnos que sobre as aureas lyras
Lançaes eternas luzes
E ao som de illustres nomes,
Espalhaes da virtude os resplendores,
Vós a lubrica fouce,
Tiraes da mão do tempo, e derramando
O voluvel relogio,
hores vos fareis da eternidade !

Epodo.

Não ergue a mão cruenta a fria morte
Contra sonoros versos !
Em vão levanta templos e columnas,
Quem da patria os louvores não merece;
Teu zelo incontrastavel
Tuas acções illustres cantaremos !
A macillenta inveja
As viboras ceruleas despedace !



III.

A' Snr^a D. Maria Joaquina
de Guamão e Vasconcellos

PELEIJEI, pelei jei (e não sem gloria)
Nas barbaras, indomitas phalanges
Do forte domador de humanos peitos
Insano amor potente.

A triumphal carroça acompanhando,
Angelicos cabellos ennastrados
Com mirto e rosas; de cobrado pejo
Os alvos rostos tintos:

Mil garridas, mil candidas Licores
Vencedor me jurarão, me renderão
Do rizo e do prazer, no Capitolio
Humilde vassallagem.

Mas o tempo voðu, agora manda
A nevada prudencia, que amainando
As vélas enfunadas, surja o lenho
Em socegado porto.



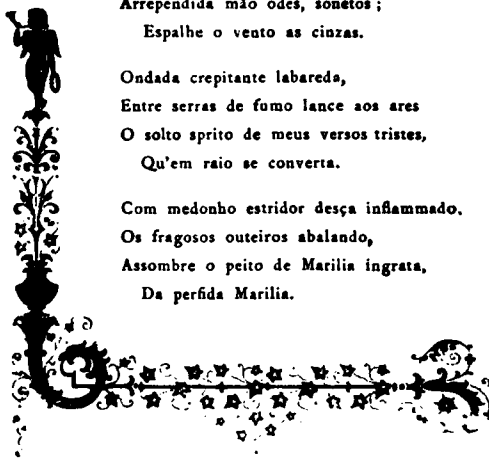
Larguem os preciosos ardimentos
Os cobiçados trophos. Eia, largaemos
Arrastadas bandeiras, rotas armas,
Iliacas escravas.

Aqui neste despido freixo annoso
Fique a sonora lyra pendurada,
Qual no templo suspende o naufragante
Os humidos vestidos.

Para ser mais solemne o sacrificio
Em vergonhoso cadafalso queime
Arrependida mão odes, sonetos ;
Espalhe o vento as cinzas.

Ondada crepitante labareda,
Entre serras de fumo lance aos ares
O solto sprito de meus versos tristes,
Qu'em raio se converta.

Com medonho estridor desça inflammado,
Os fragosos outeiros abalando,
Assombre o peito de Marilia ingrata,
Da perfida Marilia.



IV.

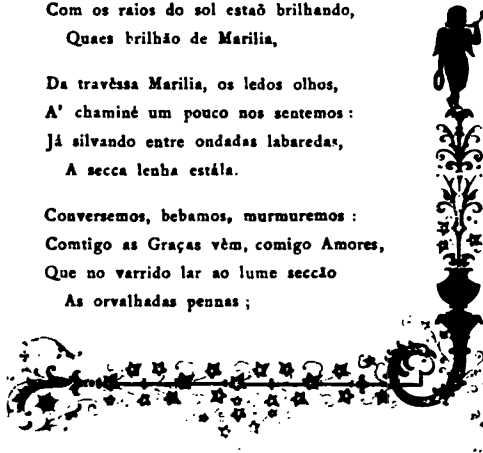
O ponche.

POIS torna o frio inverno sacudindo
Das estridentes azas gelo agudo,
As retalhadas mãos, amavel Lydia
Aqueçamos ao fogo.

Emquanto pelos montes, que branquejão
As crystallinas cãs d'annosos troncos
Com os raios do sol estão brilhando,
Quaes brilhão de Marilia,

Da travessa Marilia, os ledos olhos,
A' chaminé um pouco nos sentemos :
Já silvando entre ondadas labaredas,
A secca lenha estála.

Conversemos, bebamos, murmuremos :
Comtigo as Graças vêm, comigo Amores,
Que no varrido lar ao lume seccão
As orvalhadas pennas ;



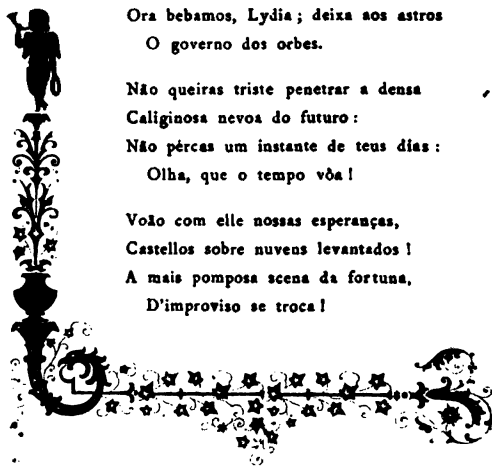
Os froxos arcos bocejando largão
E nas crueis aljavas reclinados,
Porque vélaõ de noite, somnolentos,
(Coitados!) adormecem.

Ferve o cheiroso ponche, que desterra
A pezada tristeza, os vãos temores,
Que deixa voar solto o pensamento
Nas azas da alegria.

Reluzindo na meza os crystaes limpos,
Nos pedem que bebamos, que brindemos;
Ora bebamos, Lydia; deixa aos astros
O governo dos orbes.

Não queiras triste penetrar a densa
Caliginosa nevoa do futuro:
Não pèrcas um instante de teus dias:
Olha, que o tempo vò! !

Voão com elle nossas esperanças,
Castellos sobre nuvens levantados!
A mais pomposa scena da fortuna,
D'improviso se troca!



Apenas vi raiar um doce rizo,
No angelico semblante de Marília,
Dos olhos me fugio o lindo gesto
Que os olhos me levava.

Qual sonhado thesouro em negra cinza,
Se tornou todo o meu contentamento :
Ah ! Marília cruel ! que te custava
Trazer-me neste engano ?

Voai, feri, Amores, essa ingrata ;
Fazei-a suspirar por quem lhe fuja ;
Prove tormento igual a meu tormento :
Em vão, em vão se queixe.

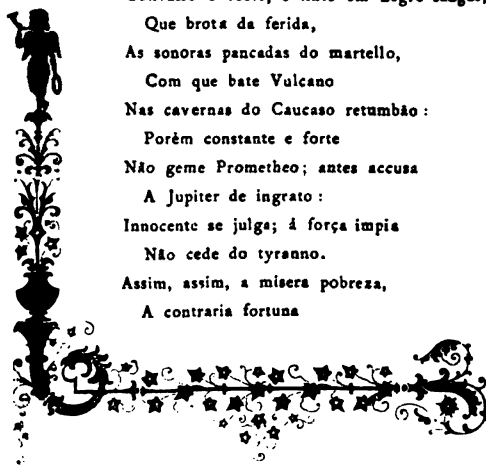
Perdôa, Lydia, se blasphemo e grito,
Que ponche tambem faz dizer verdades ;
É Marília formosa ; mas ingrata . . .
Creio que o tempo muda.



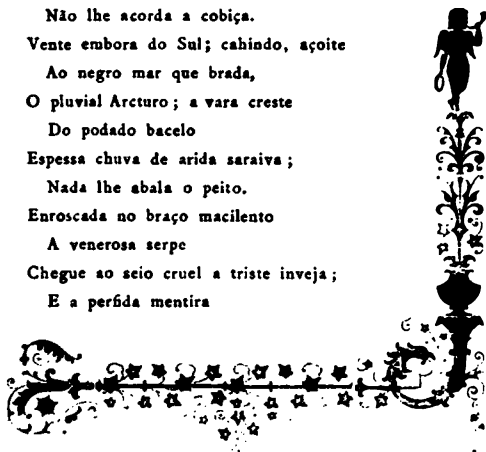
V.

A' Virtude.

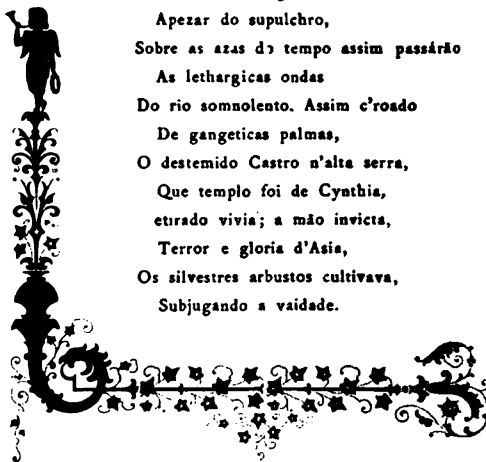
LIGADO com asperrimas algemas
Ao rigido penedo ;
Com um agudo cravo de diamante
O peito traspassado ;
Convulso o rosto, e tinto em negro sangue,
Que brota da ferida,
As sonoras pancadas do martello,
Com que bate Vulcano
Nas cavernas do Caucaso retumbão :
Porém constante e forte
Não geme Prometheo; antes accusa
A Jupiter de ingrato :
Innocente se julga; á força impia
Não cede do tyranno.
Assim, assim, a misera pobreza,
A contraria fortuna



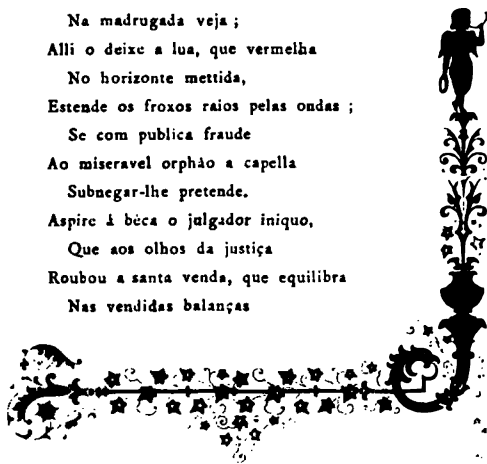
Deve immovel soffrer uma alma grande,
O' Sousa esclarecido !
Varra o credor soberbo a pobre casa
C'o desabrido alcaide;
Dorme no duro chão tão descansado,
Como no leito brando,
O intrepido varão, que do destino
Prova os fataes reveses.
Co' a dourada carroça o molle eunucho
O pize ou atropelle,
Não lhe inveja a riqueza. Que outrem lavre
Nas ribeiras do Tejo
C'os malhados bezerros longa terra,
Não lhe acorda a cobiça.
Vente embora do Sul; cahindo, açoite
Ao negro mar que brada,
O pluvial Arcturo; a vara creste
Do podado bacelo
Espessa chuva de arida saraiva;
Nada lhe abala o peito.
Enroscada no braço macilento
A venerosa serpe
Chegue ao seio cruel a triste inveja;
E a perfida mentira



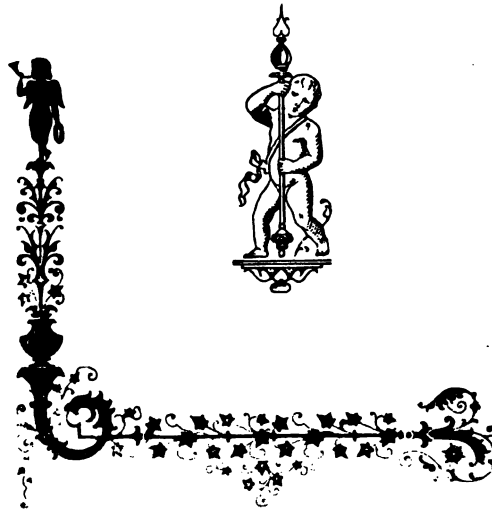
C'os titubantes beijos o crimine,
Rirá no cadafalso.
Só dos delictos pòde o vil remorso
Mudar-lhe a còr serena
Do tranquillo semblante : a mão potente
De quem o fez, só teme.
Os homens não receia, que a virtude
O coração lhe aima ;
E a consciencia sã, a fé intacta,
Os austeros costumes,
Não fantasticas honras isto ensinão.
Assim dourão a morte
Os Uticenser, Regulos, os Marios.
Apezar do supulchro,
Sobre as azas do tempo assim passárão
As lethargicas ondas
Do rio somnolento. Assim c'roado
De gangeticas palmas,
O destemido Castro n'alta serra,
Que templo foi de Cynthia,
etirado vivia; a mão invicta,
Terror e gloria d'Asia,
Os silvestres arbustos cultivava,
Subjugando a vaidade.



« Passe á gineta o tímido guerreiro,
Que com as armas limpas
Da batalha fugio espavorido ;
Porque do sangue antigo
A arvore apresenta. Ainda que honrado,
O desvalido mostre
As roxas cicatrizes das feridas
Que soffreo pela patria, »
Dizia o grande Castro. O lisongeiro
Estudando o segredo
De agradecer desprezos, não se affaste
Da sala do ministro.
Alli dourando o sol os altos montes
Na madrugada veja ;
Alli o deixe a lua, que vermelha
No horizonte mettida,
Estende os froxos raios pelas ondas ;
Se com publica fraude
Ao miseravel orphão a capella
Subnegar-lhe pretende.
Aspire á bêca o julgador iniquo,
Que aos olhos da justiça
Roubou a santa venda, que equilibra
Nas vendidas balanças



Os dourados delictos. Soffra, e busque
A vergonhosa scena
Da subita catastrophe o privado,
Que o rosto não conhece
Da clara fama, da immortal memoria,
Da honra, e da virtude.
Mas qual Marpexia rocha, um peito forte
Não roga, não se abate.



VI.

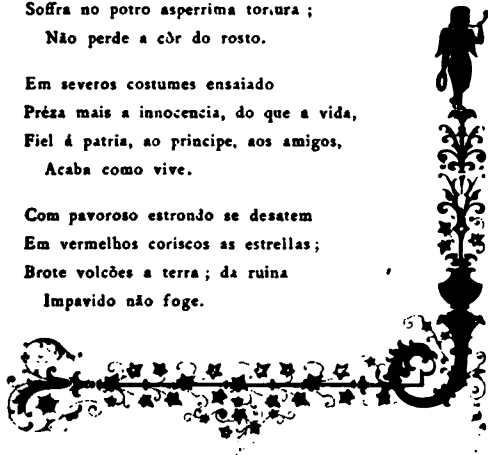
A' Virtude.

O CONSTANCE varão, que justo e firme
Da difficil virtude segue os passos,
O pezado semblante do tyranno
Não teme, não estranha.

Veja ferver o chumbo, erguer as cruces ;
Ouça afiar na pedra o curvo alfange ;
Soffra no potro asperrima torção ;
Não perde a cor do rosto.

Em severos costumes ensaiado
Prêza mais a innocencia, do que a vida,
Fiel á patria, ao principe, aos amigos,
Acaba como vive.

Com pavoroso estrondo se desatem
Em vermelhos coriscos as estrellas ;
Brote volcões a terra ; da ruina
Impavido não foge.



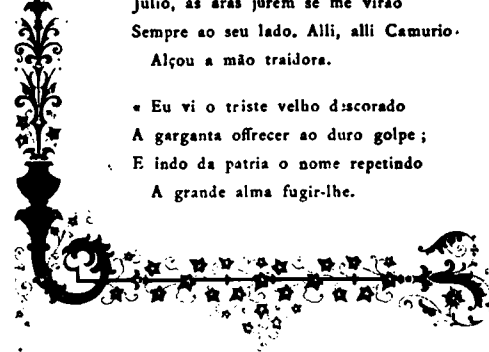
Assim Mario subio ao Capitolio,
Entre aguias e lictores conduzido,
Com aspecto sereno; inda que atadas
As rôxas mãos em ferros.

Na presença de Cesar e Conscriptos :
« Fui, disse, fui fiel a Galba e a Roma ;
Confesso o meo delicto, se delicto
A' virtude se chama.

« As legiões romanas testemunhas
Poderão ser : vós, Consules, Tribunos
A verdade dizei ; dizei se Mario
Foi amigo de Galba ?

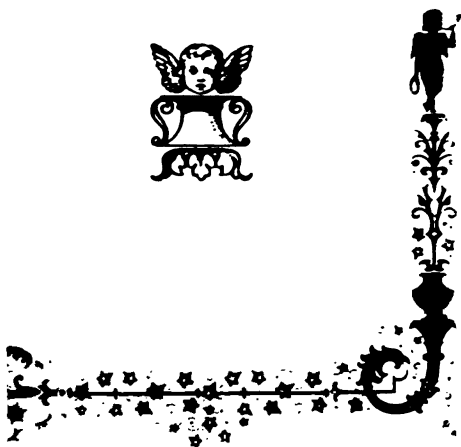
« Patricios e soldados do divino
Julio, ás aras jurem se me virão
Sempre ao seu lado. Alli, alli Camurio.
Alçou a mão traidora.

« Eu vi o triste velho descorado
A garganta offerer ao duro golpe ;
E indo da patria o nome repetindo
A grande alma fugir-lhe.



« O' Cesar ! aqui tens de Mario Ceiso
 O crime e a confissão : Romãoon, Mario
 Foi a Galba fiel ! Vamos aonde
 Está o cadáverdo. »

Acabou de fallar. Consuies, Padres
 Attonitos e curio ; porém Cesar
 De tão rara constancia bamowado
 Nos braços o recebe.



VII.

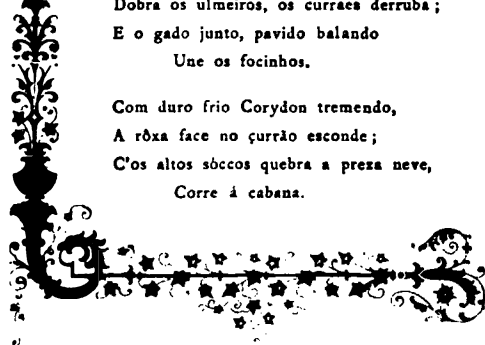
**Ao Snr Manoel Pereira de Faria,
socio da Arcadia.**

Vê, Silvio, como sacudindo o inverno
As negras azas, solta a grossa chuva;
Cobre os outeiros das erguidas serras
Humida nevoa!

Na longa costa brada o mar irado
Sobre os cachopos; borbotões de espuma
Erguem as ondas; as crueis cabeças
N'agua negrejão.

O frio Noto, rigido soprando
Dobra os ulmeiros, os curraes derruba;
E o gado junto, pavido balando
Une os focinhos.

Com duro frio Corydon tremendo,
A rôxa face no çurrão esconde;
C'os altos sóccos quebra a preza neve,
Corre á cabana.



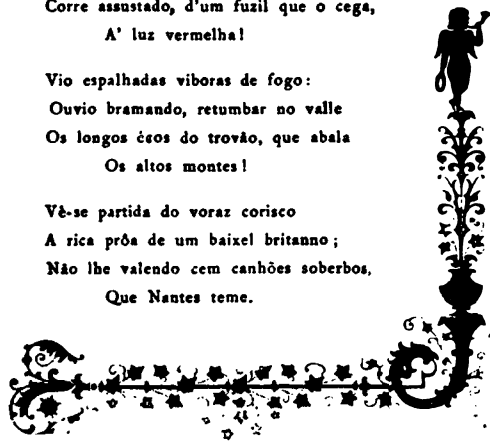
Alli ajunta de podadas vides
 Os seccos mólhos: a:soprando accende
 Pobre fogueira, aonde as mãos aquenta
 C'os rotos filhos,

Pulão nos olhos lagrimas, que enxuga
 Na grossa manga, reprimindo forte
 Acerbas dores, reflexões pezadas,
 Tristes memorias!

Eis que zunindo furacões horriveis,
 A porta arrancão dos moidos gonzo:
 Corre assustado, d'um fuzil que o cega,
 A' luz vermelha!

Vio espalhadas viboras de fogo:
 Ouvio bramando, retumbar no valle
 Os longos céos do trovão, que abala
 Os altos montes!

Vê-se partida do voraz corisco
 A rica prôa de um baixel britanno;
 Não lhe valendo cem canhões soberbos,
 Que Nantes teme.



Rotas tremulão as reaes bandeiras ;
Rompem as ondas o infeliz costado :
Inutil pranto, tristes ais levanta
A lassa gente.

Agora, dize, quem seguro vive,
Amado Silvio, da cruel Fortuna,
Se as altas torres, se as humildes choças
A morte piza ?

Os aureos tectos, doricas columnas,
Quadros antigos, marchetados leitos,
Servem de espectros, Gorgonas, Cerastes,
Na fatal hora !



VIII.

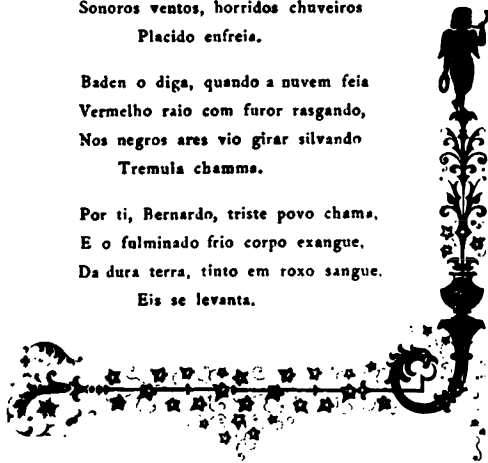
Ao beato Bernardo, Marquez de Baden.

○ VARÃO justo, que, Senhor, invoca
Teu Nome Santo, no deserto monte
Faz que rebente crystallina fonte
Da arida penha.

No fundo valle sua voz despenha
Quasi molle cera, liquidos outeiros;
Sonoros ventos, horridos chuveiros
Placido enfreia.

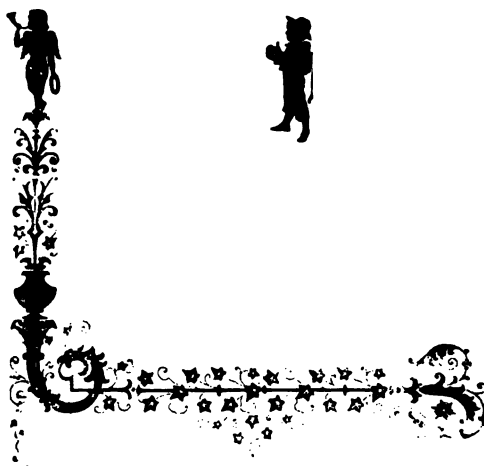
Baden o diga, quando a nuvem feia
Vermelho raio com furor rasgando,
Nos negros ares vio girar silvando
Tremula chamma.

Por ti, Bernardo, triste povo chama,
E o fulminado frio corpo exangue,
Da dura terra, tinto em roxo sangue.
Eis se levanta.



Assim armado de virtude santa
Serenos tornas os infestos ares ;
Assim dominas insoffridos mares,
Avida morte.

Salve teu nome do vibrado côrte
Desamparados miseros humanos,
Que do castigo merecidos damnos
Pallidos temem.

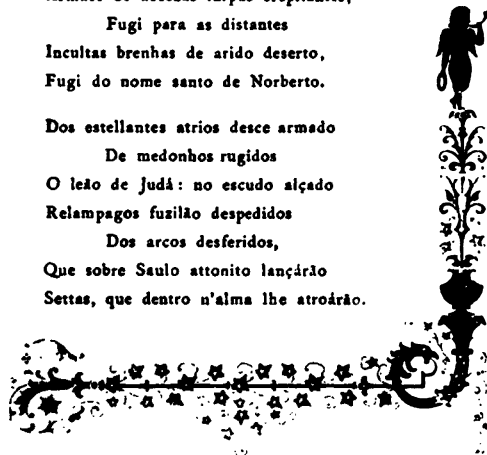


IX.

A S. Norberto, Bispo e Confessor.

ESPIRITOS rebeldes, que as infensas
Aljavas fulminantes
Das feias legiões de nuvens densas
Armaes de accezas farpas crepitantes,
Fugi para as distantes
Incultas brenhas de arido deserto,
Fugi do nome santo de Norberto.

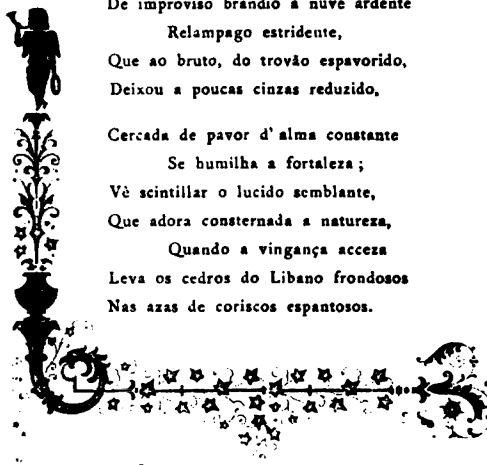
Dos estellantes atrios desce armado
De medonhos rugidos
O leão de Judá: no escudo alçado
Relampagos fuzilão despedidos
Dos arcos desferidos,
Que sobre Saulo attonito lançá-lo
Settas, que dentro n'alma lhe atroá-rão.



Rota a nevoa mortal, que lhe encobria
O throno magestoso
Do Senhor das batalhas, que o seguia
(Astros trilhando o carro luminoso)
Conhece venturoso
A mão potente, a qual se toca os montes,
Abafa o cresco fumo os horizontes.

Tu, Norberto, outro Saulo foste, quando
Intrepido e valente,
O rapido ginete arremessando,
De improviso brandio a nuve ardente
Relampago estridente,
Que ao bruto, do trovão espavorido,
Deixou a poucas cinzas reduzido,

Cercada de pavor d'alma constante
Se humilha a fortaleza;
Vê scintillar o lucido semblante,
Que adora consternada a natureza,
Quando a vingança acceza
Leva os cedros do Libano frondosos
Nas azas de coriscos espantosos.



Caliginosas trevas já rompia,
E ao claro firmamento,
De luz surcando pèlagos, subia
No regaço da fé o pensamento,
Ouvindo o claro accento,
Com que lhe falla o céu: e o mar irado
Tremeo do som terrivel assustado.

Movido pois de nosso ardente rêgo,
Desce, ó Norberto Santo,
Dissipa com teu nome tanto fogo,
Ouve nossos clamores, nosso pranto :
E já que podes tanto,
Pede ao tremendo Deos, que enfreia os mares,
Que lance os mãos espiritos destes ares.

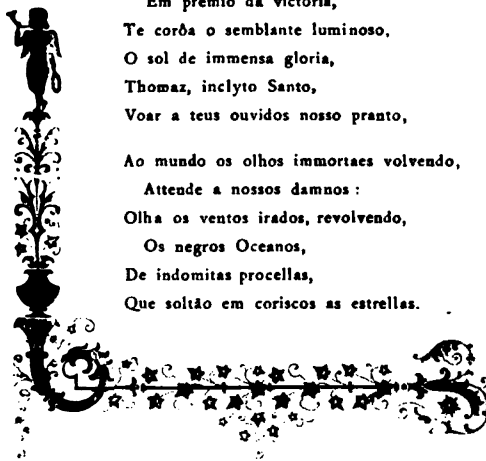


X.

**A S. Thomaz de Aquino,
Doutor e Confessor.**

SE na eterna Sã, onde ditoso,
Em premio da victoria,
Te corôa o semblante luminoso,
O sol de immensa gloria,
Thomaz, inclyto Santo,
Voar a teus ouvidos nosso pranto,

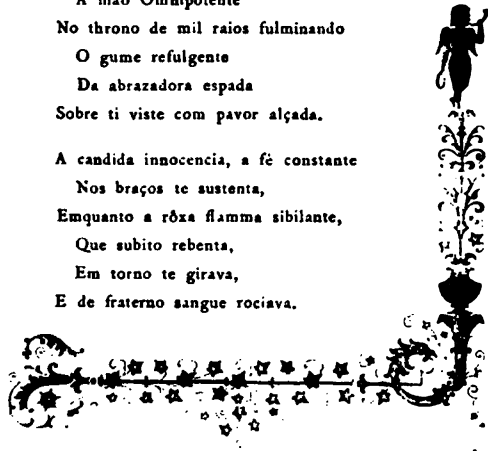
Ao mundo os olhos immortaes volvendo,
Attende a nossos damnos :
Olha os ventos irados, revolvendo,
Os negros Oceanos,
De indomitas procellas,
Que soltão em coriscos as estrellas.



Qual sem pastor o pavidó cordeiro,
Ouvindo ranger perto
Do cerval lobo o dente carniceiro :
Assim do inferno aberto
As fauces horrorosas
Vemos arder em nuvens tenebrosas.

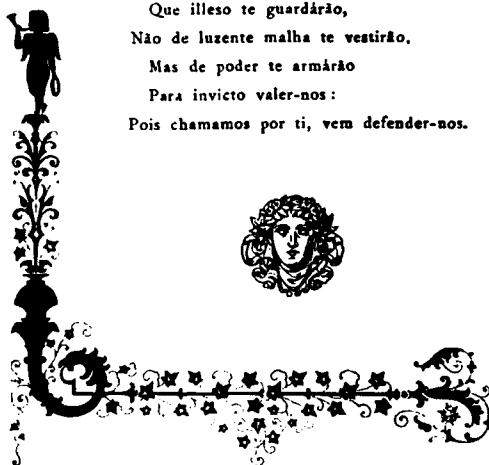
Acode-nos, Thomaz ; lembra-te quando
A mão Omnipotente
No throno de mil raios fulminando
O gume refulgente
Da abrazadora espada
Sobre ti viste com pavor alçada.

A candida innocencia, a fê constante
Nos braços te sustenta,
Emquanto a rôxa flamma sibilante,
Que subito rebenta,
Em torno te girava,
E de fraterno sangue rociava.



Do fumo arando um mar caliginoso
 Os olhos mal abriste ;
 Espectaculo feio e lastimoso
 Da misera irmã viste
 Jazer despedaçados.
 Os palpitantes membros fulminados.

As azas do Senhor, que te cobrirão,
 Que illeso te guardarão,
 Não de luzente malha te vestirão,
 Mas de poder te armarão
 Para invicto valer-nos :
 Pois chamamos por ti, vem defender-nos.



XI

A S. Ubaldo,
protector da cidade de Eugubio,
Bispo e Confessor.

QUANDO o terrivel Deos dos exercitos,
Nas leves azas de aquilões turbidos,
Sobre as altas cidades
Manda a procella horrissona :

Se vingadora solta a mão rubida
As estridentes accezas viboras,
E se o fragor dos montes
Freme no fundo pélago :

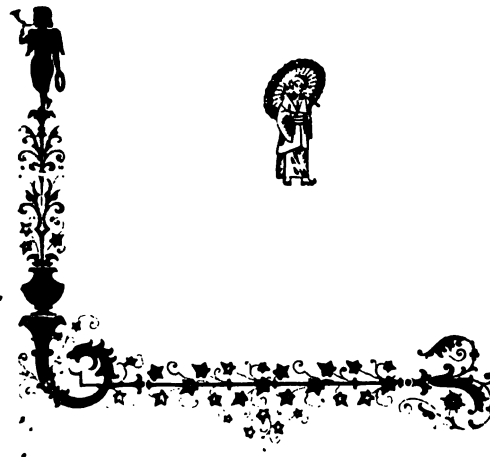
Ubaldo Santo, com rogos fêrvidos
Os Eugubinos te invocão pavidos ;
Cercando teus altares
Gemem, quaes pombas timidas :

A soccorrê-los vòas intrepido,
E da virtude no pavez rigido
Rôta a farpada lança,
Foge c'o vento rapido.



Assim te chama protector incllyto
A lusa gente ; correm as lagrimas,
Qual matutino orvalho
Banha os frondosos platanos.

Vem soccorrer-nos : no arido carcere
Os trovões prezos bramão indomitos ;
Tornem dourados dias,
Movão-te nossas supplicas.



XII.

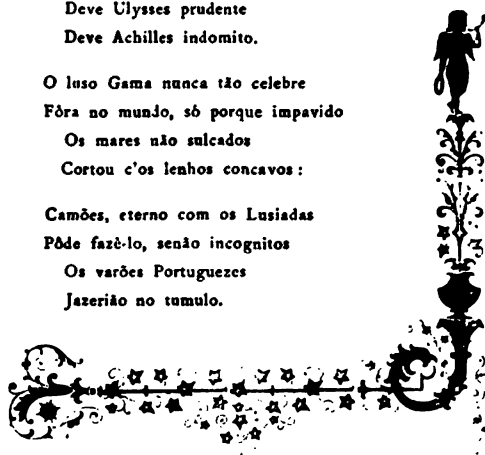
Ao Sr Manuel Pereira de Faria,
socio da Arcadia.

SE já ouviste, Silvio magnanimo,
A minha pobre, rustica cithara,
Poucos, mas novos versos,
Ouve com rosto placido.

Ouve que aos versos, famosos titulos
Devem Enéas, Deiphobo e Priamo ;
Deve Ulysses prudente
Deve Achilles indomito.

O luso Gama nunca tão celebre
Fôra no mundo, só porque impavido
Os mares não sulcados
Cortou c'os lenhos concavos :

Camões, eterno com os Lusíadas
Pôde fazê-lo, senão incognitos
Os varões Portuguezes
Jazerão no tumulo.



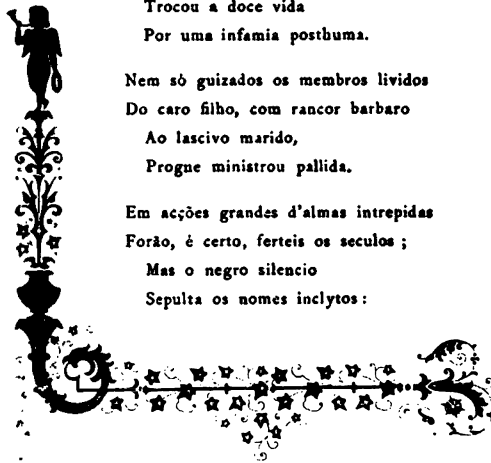
Antes que as nossas, nos mares indicos
O ferro dente, molhárão ancoras,
De quilhas europeas,
Cobertas de outras flamulas :

Antes do Grego, d'outros exercitos
Burnidos elmos vio brilhar Pergamo :
Houve na phrygia Troia
Outro Ajax, outro Stenelo.

Nem só Eliza, d'Enéas profugo
Tingindo a espada no sangue tepido,
Trocou a doce vida
Por uma infamia posthuma.

Nem só guizados os membros lividos
Do caro filho, com rancor barbaro
Ao lascivo marido,
Progne ministrou pallida.

Em acções grandes d'almas intrepidas
Forão, é certo, ferteis os seculos ;
Mas o negro silencio
Sepulta os nomes inclytos :



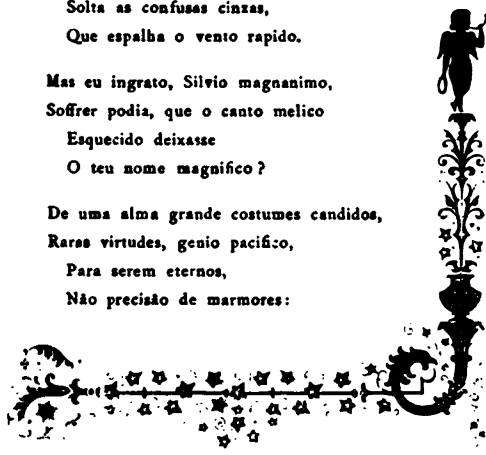
Negro silencio, que os olhos languidos
Na vil preguiça fitando tímido
A lethargica lingua
Corta c'os dentes avidos.

Cobre a virtude co'as azas lubricas
O veloz tempo, logo que ao feretro
Cede o passo a lisonja
Rasgando a torpe mascara.

Com tardos passos calcando os tumulos
O esquecimento, da mão esqualida
Solta as confusas cinzas,
Que espalha o vento rapido.

Mas eu ingrato, Silvio magnanimo,
Sofrer podia, que o canto melico
Esquecido deixasse
O teu nome magnifico?

De uma alma grande costumes candidos,
Raras virtudes, genio pacífico,
Para serem eternos,
Não precisão de marmores:



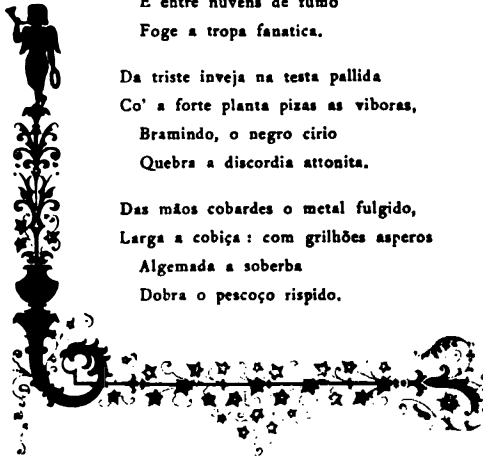
Pôde um poeta mais do que o artífice,
Ou corte jaspe, ou côres liquidas,
Largue o pincel no panno
Dos monumentos publicos ;

Sempre com versos o furor delphico
A nobre vida dos varões inclytos
Livra do vil contacto
Das mãos cruentas d'Atropos.

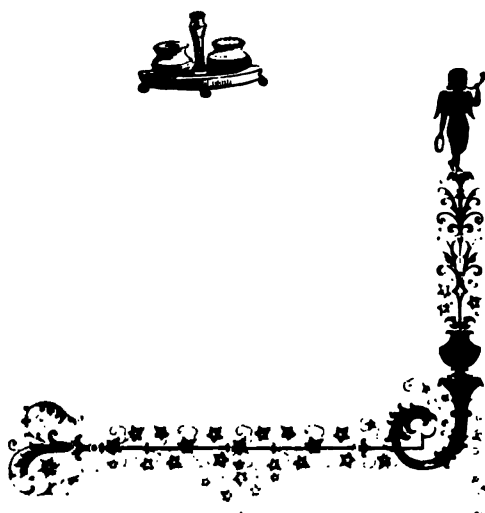
Dos torpes vícios és censor rigido;
Tu os fulminas com olhos placidos,
E entre nuvens de fumo
Foge a tropa fanatica.

Da triste inveja na testa pallida
Co' a forte planta pizas as viboras,
Bramindo, o negro cirio
Quebra a discordia attonita.

Das mãos cobardes o metal fulgido,
Larga a cobiça : com grilhões asperos
Algemada a soberba
Dobra o pescoço rispido.



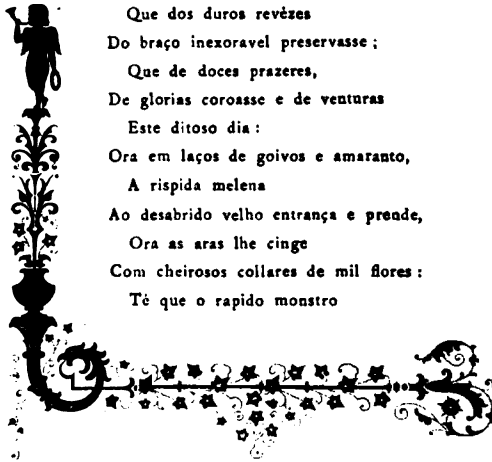
De ti fugindo cahem no pólago,
Onde a tristeza com pranto lúgubre
Cercada de remorsos,
Jamais enxuga as lagrimas



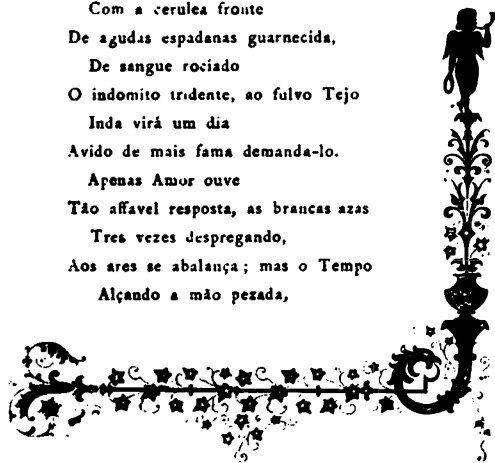
XIII.

Aos annos do Coronel d'artilheria
Frederico Weinholtz.

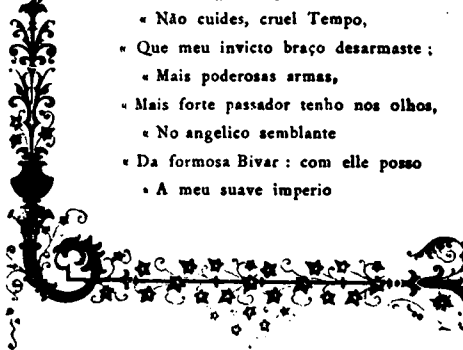
COM suaves caricias, brando, humilde,
Qual é por natureza,
As tenras mãos erguendo, o rosto lindo
Em lagrimas banhado,
Ao rigoroso Tempo Amor pedia,
Que dos duros revêzes
Do braço inexoravel preservasse ;
Que de doces prazeres,
De glorias coroasse e de venturas
Este ditoso dia :
Ora em laços de goivos e amaranto,
A rispida melena
Ao desabrido velho entrança e prende,
Ora as aras lhe cinge
Com cheirosos collares de mil flores :
Tê que o rapido monstro



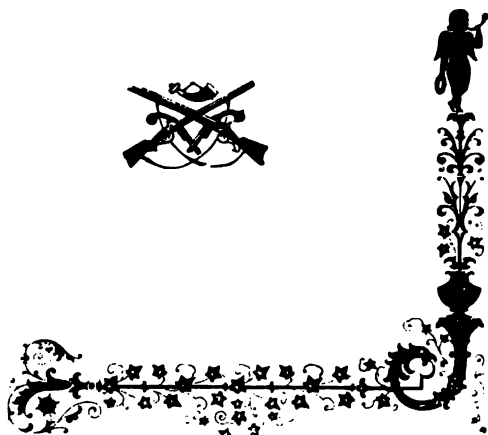
Avaro de ruínas e de estragos.
 Sobrebo e receoso
 D'alhêas tyrannias, c'um sorriso
 Que seu rancor disfarça,
 Outorga em fim a Amor quanto lhe pede.
 Pela sanguinea souce,
 Que na mão lhe reluz, jura e promete,
 Que de Weinholtx aos annos,
 As Parcas fiarão dourados dias,
 Cheios de immensa gloria,
 De prosperos successos, de venturas.
 Que o gelado Danubio,
 Que de berço lhe dar se desvanece,
 Com a cerulea fronte
 De agudas espadanas guarnecida,
 De sangue rociado
 O indomito tridente, ao fulvo Tejo
 Inda virá um dia
 Avido de mais fama demanda-lo.
 Apenas Amor ouve
 Tão affavel resposta, as brancas azas
 Tres vezes despregando,
 Aos ares se abalança; mas o Tempo
 Alçando a mão pezada,



Pelo cordão da aljava o suspendia;
E enquanto lhe tirava
Os dourado: farpões, o cruel arco :
« Estas cruentas armas
« Improrias são, lhe diz, da tua idade ;
« Para mim as reservo,
« Em premio das venturas, que prometto,
« Ao teu Weinboltz mimoso.
« Veremos se este braço também sabe
« Vibrando agudas settas,
« Domar os corações. Agora vós,
« Em doce paz nos deixa ;
« Deixa gozar o mundo de descanso,
« Que tu, cruel, nos roubas. »
Amor as leves plumas sacudindo,
Já livre do tyranno,
Batendo alegre as palmas, lhe dizia ;
« Não cuides, cruel Tempo,
« Que meu invicto braço desarmaste ;
« Mais poderosas armas,
« Mais forte passador tenho nos olhos,
« No angelico semblante
« Da formosa Bivar : com elle posso
« A meu suave imperio



« Apezar do destino, ver curvado
« O teu rispido collo :
« Então verei mil vezes sem receio
« Tornar tão feliz dia ;
« Verei contar Weinholtz ditosos annos
« Em prospero socego,
« Nos ternos braços da gentil consorte » .
Ao Tempo assim responde
Já sem temê-lo Amor ; e o velbo irado
N'um rigido penedo,
Que borda a ruiva praia de Caxias
Rompeo a curva fouce.



XIV.

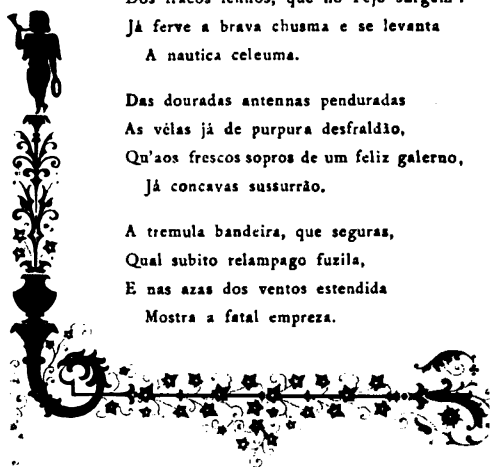
A' Restauração da Arcadia.

SOBERBO galeão, que o porto largas,
Aonde o ferreo dente preza tinha
A cortadora prôa, que rasgava
De um novo mar as ondas.

Ao alto pégo tornas nunca arado
Dos fracos lenhos, que no Tejo surgem :
Já ferve a brava chusma e se levanta
A nautica celeuma.

Das douradas antenas penduradas
As vólas já de purpura desfaldão,
Qu'aos frescos sopros de um feliz galerno,
Já concavas sussurrão.

A tremula bandeira, que seguras,
Qual subito relampago fuzila,
E nas azas dos ventos estendida
Mostra a fatal empreza.



De branca espuma borbotões rebentão
De um lado e outro lado; já boiando
Sobre as verdes espadas de Neptuno
Demandas outros climas.

O santo Numen, que entalhado leva
Tua dourada magestosa pôpa,
Trazer-te nos promete a salvamento:
Naufragios não receies.

Não temas as inhospitas arêas
De infames costas, de Hyperboreos campos,
Pelas Cyclades, Bosphoros e Syries
Has de romper constante.

Se as Halcyoneas aves levantarem
Em seu queixoso pranto triste agouro;
Não te assustes da nuvem carregada,
Que os mares escurece.

Grasnando negras gralhas enfiadas
Sobre os topos verás buscar a terra,
E logo o céu negar-te a escura noite
Da feia tempestade



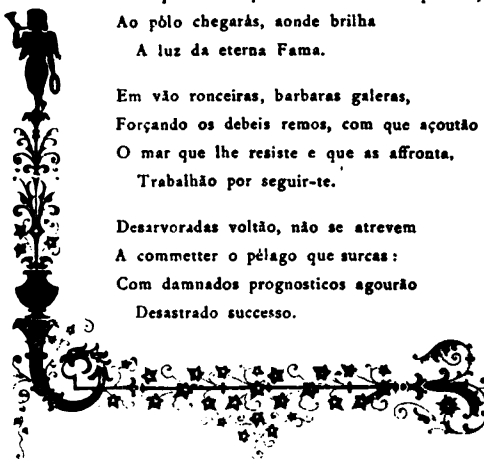
Mas não receies os fuzis vermelhos,
O ruidoso trovão, que pelas aguas
Em successivos brados estalando,
No fundo do mar sôa.

A destra mão que o leme te meneia
Fará, que avante passes, sem que amaines
O largo panno; em vão Noto sibila
Pela miuda enxarcia.

Os cabos passarás mais tormentosos,
Sem que as crespas correntes te atropellem;
Ao pólo chegarás, aonde brilha
A luz da eterna Fama.

Em vão ronceiras, barbaras galeras,
Forçando os debeis remos, com que açoutão
O mar que lhe resiste e que as affronta,
Trabalhão por seguir-te.

Desarvoradas voltão, não se atrevem
A commetter o pélago que surcas:
Com damnados prognosticos agourão
Desastrado successo.



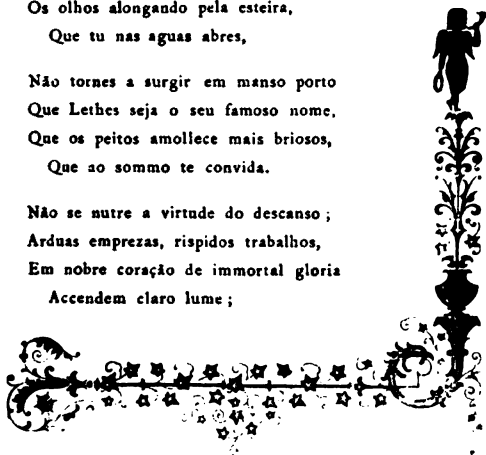
Ora contão, que os mares infamaste
Com vergonhoso misero naufragio;
Que as fulminadas vergas rotas jazem
Nas Cerauneas arêas.

Mas tu constante impavido triumphas;
E com louros no Ménalo cortados
Enramaste os riquissimos pavezes,
A forte gente c'rôas.

Se os meus votos escuta o céu benigno,
Os votos, que por ti no porto faço
Os olhos alongando pela esteira,
Que tu nas aguas abres,

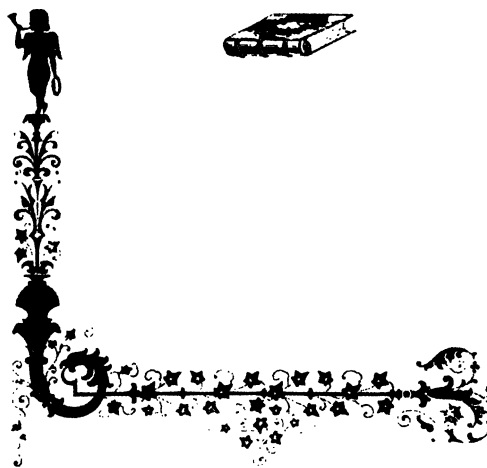
Não tornes a surgir em manso porto
Que Lethes seja o seu famoso nome,
Que os peitos amollece mais briosos,
Que ao sommo te convida.

Não se nutre a virtude do descanso ;
Arduas empresas, rispídos trabalhos,
Em nobre coração de immortal gloria
Accendem claro lume ;





O claro lume, que apagar não podem.
Nem descarnada mão da triste inveja,
Nem a foice cruel do voraz tempo ;
Não chega a tanto a morte.



XV.

Aos annos da Ill^{ma} e Ex^{ma} Sn^{ra} D. Leonor
de Almeida.

CERCADO estava Amor de mil Amores
As estridentes settas empennando,
De verde mirto e de cheirosas flores,
Os arcos enramando.

Qual o brilhante gelo sacudia,
Das crespas azas sem cessar batendo,
E qual concerta a aljava, e n'agua fria
Curvado se está vendo.

Pelos nodosos troncos dos loureiros
Os dourados farpões muitos provavão;
Outros, mais insoffridos e ligeiros,
Em bandos se espalhavão.

Estão Amor a doce voz alçando,
Que só de ouvi-la os montes estremecem,
Que velozes frecheiros convocando,
Que promptos lhe obedecem,

De Alcega, o

Foi hoje, foi que
Amanheceu a luz
Nunca tão bella a
Rompeo a noite

As lindas Graças, os
As virtudes gentis do
E cantando as acções
O berço lhe embala

Nos olhos vencedores l.
O tyranno poder da ge
Humanos corações logo
A liberdade preza.

As castas Musas cheias d'a
As aureas vozes derão tal
Que os louros não perderão
Faltando a formosura.

Crescem co' a idade os raios seus brilhantes,
Que a fêrvidos suspiros não attendem,
Apezar de desejos anhelantes,
Qu'em seu altar se accendem.

Mas tempo inda virá, que os innocentes
Olhos formosos seus a nós volvendo.
Os cruentos virotes reluzentes
Queira espalhar vencendo.

Então a nosso imperio subjugados
Os miseros mortaes, arrastaremos
Os corações das pontas traspassados
Nas mãos lh'offr'eceremos.

Emquanto a densa nevoa do futuro
Nos rouba a luz de tão feliz instante,
Por mais que as azas mova o Tempo duro.
Intrepido e arrogante,

Da illustre Alcipe bella, o claro dia,
Pretendo assignalar com faustas glorias,
De nossos arcos o destino fia
O louro das victorias.

Alague o mundo fno pranto ardente,
Voem suspiros, voem mil clamores;
Chovão por toda a parte de repente
Agudos passadores.

Rotos peitos 'a miseros humanos
Ao doce golpe entreguem manietados;
Suspirem por seus olhos e seus annos,
Em lagrimas banhado.

D'Alcipe só remedio seja
A chaga tão mortal e tão gostosa,
E no seio cruel afogue a inveja
A serpe venenosa.

O cruel Tempo quebre a fouce dura;
E o sol girando os seus frizões ufanos,
Nos traga sempre cheios de ventura
O dia de seus annos.



XVI.

A riqueza de um Poeta.

NAS despidas paredes, que me abrigão
No tormentoso inverno,
A passagem do Grânico não vejo
Em fina lã tecida:
Nem marmores, nem porfidos luzentes
Nos alizares brilhão.
Não tine do Japão na parca meza
A rara porcelana:
O dourado saleiro não me cega
C'os tremulos reflexos:
De prata não se accendem mil bugias
Em tortas serpentinas.
Porém Virgílio, Sophocles, Homero,
O venuzino Horacio,
São as ricas alfaías, que me adornão
A sala magestosa,

Os soberbos escudos, em que pinto
A geração illustre.
Elles fazem que Anberto generoso
Seu amigo me chame;
Que o Souza marcial com puro estilo
Gracejando me escreva.
Guarde a terra avarenta nas entranhas
O ouro refulgente.
O mineiro na roça afflicto cave
C'os sordidos escravos:
Por ignotos sertões exponha a vida
Do barbaro Tapuia
À setta venenosa, à veloz garra
Do tigre mosqueado.
Soffra na linha podre calmaria,
Relampagos e raios,
Para n'aldcia entrar acompanhado
De desçalços trombetas,
De purpureas araras, inquietos
Petulantes bugios,
Gaste prodiga a mão, em poucas luas
O ganho de dois lustros;
Para a vermelha cruz a brilhar no peito,
Que os fardos encurvâão.

No tegurio paterno não cabendo,
Palacios edifica
Alastrado com pedras o caminho.
Do guindaste as roldanas
C'o peso do venal escudo gemem,
Que o portico remata.
Estupido não sabe que apressada
A pallida doença
Atrás delle caminha: que já chega
Envolta em parda nevoa,
A morte inexoravel, derramando
Co' a fria mão angustias;
Que o leito de crueis fantasmas cerca,
E que lhe arranca as chaves
Do guardado thesouro; que o reparte
Pelos rotos herdeiros.
E qual sangrado rio enfraquecido
Torna a gastar-se em sogas!
Com ouro não se compra um nome digno
Da posthuma memoria.



Ao Padre An

DELFIM, caro Delém
 Lubrico pé, a curta ida
 Nos vai atropellando ! A.
 Os dias não soceção

Quaes horrisonos Euros ia
 Varrem da longa praia a :
 Que nas humidas azas cresq
 Indomitas revolvem.

Assim o Tempo cegador co'
 D'aqui, d'alli talhando a del
 Lança no vasto golfo do m
 As pallidas espigas.

Em vão fuggindo da estrond
 Se acaso tu, Delém, calvo :
 Co' a sonora navalha decotâ
 Ondados



Em vão a lôba e sobrepelliz vestindo,
Mostrando do Lorêto no alto côro
Inchadas do pescoço as cordoveas,
Bradando salmeáras.

A morte, a fria morte, nunca falta;
Ou cedo, ou tarde chega: todos devem
Humilhar a cerviz: poltrões covardes,
Colericos Achilles.

Com mão pezada abola, talha e rompe
Grêvas, arnexes, malhas, bacinetes;
Por baixo do fraldão crava o buido
Estoque refulgente.

Soberba arraza com fragor horrendo
As fundas cavas, os merlões erguidos,
Assolando cidades e provincias,
A toda a parte vòa.

Curvados anciões, moços esbeltos
Corta c'o mesmo gume: honras, thesouros,
Não lhe pegão no braço; os altos tectos,
Pobres cabanas piza.



Morre em batalha já
Debalde enrola o escudo
Os martyres top

O frio branco gelo, q
Subito põe a marca da
H poucas alvas cãs, o
Dos enfeitados cap

As brandas Lylas, as g
Todas fogem de vê-lo;
Dos olhos sem pestana,
Das crespas sobrance

Os teimosos achaques, tri
Catastas são dos entrevado
Froxos desejos morrem de
As mãos da hypocondr

Não é preciso que venal pre
Aponte com o dedo para a
Para velhos não ha melhor c
Que



131

Só tu, Delfim, cansados annos contas,
Sem signaes de velhice: inda não ouves
O tremendo pregão da eternidade,
A trombeta da morte.

Sobre o telhado teu não pousão estes
Passaros agoureiros, que bradando
Com espantosos guinchos, annuncião
A derradeira aurora.

Nunca velho serás: livre de brancas
A deserta cabeça callejada,
Não se deixa trilhar das leves rodas
Da carreta dos annos.

Sem olhar para a méta da carreira,
D'Archimedes no ponto se está rindo
Britanno capitão, que submergido
Em laudanos do Douro,

Amarrando o timão, entrega a quilha
Aos rijos ventos, aos cavados mares;
Não ouve as roucas vagas, que mugindo
Os pólos estremecem.





Venha se quer a pallida doença
A fria morte pela mão trazendo :
Não te espantes de fouces e relogios,
Nem de azas de morcego.

Apresenta-lhe a calva, que te mostre
Onde as brancas estão ? Carão lustroso,
Olhos azues, rosadas faces, alvos
Os crystallinos dentes,

São constantes signaes da fresca idade,
São de forças viris, taboleta ;
E provido colono, a sábia morte
Não colhe fruto verde.

Triste de mim, que pêco e já maduro,
Nos grizalhos monêtes do topete,
Nas carcomidas perolas da boca,
Nas obstinadas rugas ;

Já vejo revoar os tristes mochos,
Que são da fatal hora miqueletes.
Cruel tristeza ! Mais crueis memorias !
Perdidas esperanças !





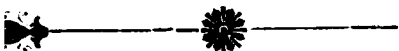
Os filhos, a mulher, tudo cá deixo,
Só levo na garganta atravessado
O venuzino Horacio, a calva tua,
A rainha das calvas.





136

Que frio gelo prende as claras fontes
E corta a fresca relva ?
Foges, foges de nós, pastor amado ?
Nossas pobres cabanas,
Nossas frautas e nossos doces versos,
A caso te aborrecem ?
Tocas do manso Tejo, que te escuta
As margens deleitosas,
Por asperos sertões, por longos mares,
Por férvidas arêas,
Com que malignos climas te convidão
E invejosos te chamão ?
Ah ! triste Arcadia, triste e desgraçada !
Que detestáveis erros,
Contra o céu commetterão os teus pastores ?
Que lugubre destino
A tão duro castigo te condemna ?
Sacrilegos erguemos
Com impia mão as campas respeitadas
Dos defuntos maiores
Para ás feras lançar os brancos ossos,
Qu'em santa paz descansão ?
As victimas divinas arrancamos
Dos sagrados altares ?





Ou que raio cahio sobre estes campos,
Que mais a ver não tornão
O suave pastor, o claro Fido,
Que virão tantas vezes?
Maldito seja aquelle, que primeiro
Fiou de curvos lenhos
Avidas esperanças, sede infausta
De enganosas riquezas!
De marmore Marpezio, rijo bronze
Tinha o peito forjado,
Quem ruidosas velas desfraldando,
Fugio do manso porto.
Sem de Africo temer a rouca furia,
Quando açoutando as ondas
C'os negros Aquilões forte contende!
As crueis tempestades,
Hyades tristes, cahos tormentosos,
E o pégo embravecido,
Ou intrepido, ou louco não temia!
Os mortaes atrevidos
Nada julgão difficil! Entregamos
Nós mesmos os pescoços
À sanguinosa fouce, á mão pesada
Da morte inexoravel!



Em soberbas columnas levantamos
Magníficos palácios:
Nem que a riqueza, a honra, ou a vangloria,
Com refulgente escudo
De rígido diamante, nos pudessem
Cobrir a fatal hora!
Escondem frias louzas igualmente
Os sceptros e os cajados!
Tudo deve acabar. O' claro Fido!
Em eterno socego
Tua cinza descanse; a terra estranha
Pesada te não seja:
Se lá no monte eterno a que voaste
Se escutão nossos versos,
Em nossos versos ouvirás teu nome,
Teu nome cantaremos,
Para honrarmos os versos, que cantamos,
Para honrarmos a Arcadia.





XIX.

CERCADO de pedreiros, de vorazes
Carpinteiros ladrões, ou cervaes lobos,
Que a bolsa me atassalhão, que esfaimados
A feria me apresentão ;

Quaes buidos punhaes, negros trabucos,
D'aqui, d'alli recrescem garatujas !
Assestados canhões, que poderião
Bater os Dardanellos !

Severo Rhadamanto, o sujo mestre
A postiça gadelha affasta e puxa ;
E os encovados olhos revirando
Alça o rol da madeira.

Debalde o rosto viro ; e do medonho
Espectro sanguinoso fugir tento ;
Que Scylla mais cruel, o rol d'arêa,
O beque me descobre.





Sibilante petardo d'outra parte,
C'o tijolo me quebrão os ouvidos!
Jornaes, carros, cal, são mil pelouros,
Que silvão pelos ares.

Com a perna ferida, co'as fileiras
Da vanguarda já rotas e medrosas,
Nas andas inda mostra o grande Carlos.
Indomita constancia!

À vista de soberbos Castelhanos,
Com poucas tropas, com bisonha gente,
Sustenta Lippe a ruiva e fresca margem
Do Tejo caudaloso!

Mas estes mesmos, o' Macbean amigo,
Se ante seus olhos vissem as carrancas
Dos leões carniceiros, que me cercão,
Voando fugirão.

Tu mesmo co' a britanna artilheria,
Deixando botafogos e espoletas,
E os dourados rabões esporeando,
O posto lhe largaras.





Pôde mais um credor que um elephante,
Não ha tromba mais dura, que uma feria ;
E se queres vencer os Alexandres,
Eugenios e Turennas,

Não busques grevas, murriões, pavezes,
Põe-lhe diante o mercador c'o resto,
O alfaiate, o barbeiro, ou um alcaide,
Verás como desmaião.

E se ainda vãos projectos commetterem,
De cruentas victorias nunca fartos,
Dá-lhe o desenho de uma nova escada,
E dize-lhe, que a fação.

Eis-aqui como fico sem lograr-me
Da boa companhia, que te cerca :
Tu, que escadas não fazes, passa alegre
A noite desabrida.

Em brilhantes crystaes a rôxa espuma
Do suave licor do Rheno ou Douro,
Te apresente sorrindo o fullo Same,
E tu vermelho bebe :





142

Bebe a saude da formosa Filis,
Do magnanimo Conde, a quem Neptuno
Namorado do seu valor, lhe entrega
O sceptro crystallino.

Os dois Weinholts, que Marte tanto préza,
Da côva porçolana que retine,
Co'a boiante colher tirem o doce
Almo fervido ponche.

E se do pobre Corydon vos pôde
Merecer compaixão a triste historia,
Fazei-lhe uma saude, que lhe sirva
Ao menos de epitaphio.





XX.

Ao Snr Gaspar Pinheiro da Camera Manoel.

QUANTOS, caro Pinheiro, noite e dia
Curvados sobre os livros
A triste vida gastão na esperança
De uma vermelha borla,
Da vara e da golilha? Honra que chega,
Já quando as cãs alvejam
Na mirrada cabeça. Quantos morrem
Por freneticas palmas
De cruentas victorias? Descorado
No raso campo treme
Com frio susto á vista do inimigo
O misero soldado :
Co' a musica mistura dos batidos
Horrissonos tambores
Os ultimos suspiros. Pelos ares
Pelouros assovião :





O tropel dos cavalli:
Do pô e crespo f
As enroladas nuvens e
O resplendor do i
Isto aos Carlos agrada,
Eugenios e Turena
Em fragil lenho entrega
O mercador avaro
Luta co' a morte: rasga
As prenhes nuvens:
Entre a rouca saraiva, o
Crepitante corisco:
Estala a fraca verga, a re
Ondeando sussurra:
E a fome de ouro, tudo fi
Que a livida pobreza!
Outro, com o martello, os
Despedaça do cofre,
Que do incansavel pal o cu
Tirou da dura terra:
Vai perdê-lo n'um dia, porqu
De brin---



Senha com Raphael e Ticiano.
Emquanto o astuto adelo
Na fragil taboa, com o dedo mostra
A testa de Medusa.
Este, n'alcantilada serra corre
O javali cerdoso ;
Os sabujos britannicos latindo
No fundo valle assustão
A quieta pastora, que aturdida
Larga da mão o fuso.
Outro, na rica meza rodeado
De vorazes amigos,
Em brilhantes cristaes, e Douro e Rheno
O rôxo çumo bebe ;
Tê que dos altos cumes dos outeiros
Caia a nocturna scmbra.
Eu, porém, nada quero, nada estimo
Mais que a dourada lyra :
Se os pastores do Menalo sagrado,
Se os loureiros d'Arcadia
Os meus versos escutão, os meus versos
Me separão do vulgo :
Na testa cingirei livre de inveja
D'hera frondente c'rôa ;

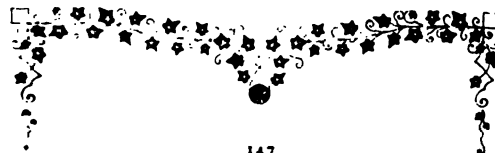




146

E com lesbico plectro ou venuzino,
Ferindo as aureas cordas,
Arcadia cantarei: o patrio Tejo
Attenda ao novo canto
Com a verde cabeça goteando
Na urna recostado,
Se aqui chegar, que Rhadamantho pôde
Negar-me o nome eterno?





XXI.

Ao Snr Gaspar Pinheiro da Camera Manoel.

QUE facil é com lapis e compasso,
Desenhar no papel uma cidade,
De cavas e merlões circumvallada,
Soberba, inacessivel :

Executar, porém, a grande planta
É trabalho de um rei, caro Pinheiro,
D' Ulysses, de Lyeo, do pio Enéas,
Dido, Romulo e Remo.

Quando tu no alto pègo ouves zunindo
Pela miuda enxarcia, Africo ou Noto,
Que ferras todo o panno, que manobras
Impavido e prudente :

Se de longa experiencia aconselhado
Não mandasses constante, que valêria
Ter no tanque de Cintra exposto ao vento
Fragatas de cortiça ?





148

Todos, todos clamamos, que se observe,
O que dicta a razão e a natureza,
E as santas decisões, que nos promulga
A catholica Roma.

Ninguém se julga barbaro; mas vemos
Lançar fumo o punhal, em sangue tincto
Na mão do matador; vemos roubados
Os sagrados altares!

Com damnada malicia, uns aos outros
Enganhar pretendemos: falso gesto
É o trunfo do jogo, da amizade
Hypocrita verdugo!

Na magnífica meza em crystaes ricos
Trasborda a loura espuma do suave
Vinho de Chypre: alegres convidados
Ao grande amigo brindão:

Levantão as reciprocas saudes,
Ternissimos colloquios; mas depressa
Esta scena se muda, e da discórdia
Rola o dourado pomo.





Pelo arbitrio de Páris não se espera;
Nua a espada brilha e fere: corre
O sangue quente, e os copos em pedaços
Espalhados retinem.

Que mais faria o perfido Argelino,
Se c'o estreito chaveco abalroára!
Talvez que nelle achasse mais clemencia
A pobre humanidade.

Se na Hyrcania, ou no Caucaso nascidos
Os homens fossem, não seria estranha
A traição, o rancor, a triste inveja,
A rispida soberba.

E fôra, pois já vio a antiga Roma
No tyranno espectáculo do circo,
Esfaimado leão lamber as plantas
Do amigo descorado.

O' amizade, o' dadiva celeste!
Enfadada de nós, de nós te ausentas
Abriste as brancas azas, que sonoras
Nos ares te sustentão:





150

Já sobra, já te elevas, já te escondes,
Ora sereno o vdo, ora apressado,
Nos imensos espaços, onde girão
Outros sões, outros mundos.

A luz do dia foge : fica a terra
A seu antigo cahos reduzida :
Mas, dentre as grossas trevas apalpando,
Eis se ergue o fingimento.

Os candidos vestidos da amizade
Co' as negras mãos levanta aos torpes membros;
Nas fantasticas roupas disfarçado
Engana a cega gente.

Com estreitos abraços se recebem
Os fingidos amigos : filho chama
O tyranno tutor ao desfalcado
E misero pupillo.

E nesta tenra idade, fracas almas,
Almas em feios vicios atoladas,
Como podem guardar as leis austeras
Da pávida amizade?





É facil ter de amigo o santo nome,
E sustenta-lo com civil aspecto ;
Mas que ao chapéo o coração governe,
É Ethiope branco !

A lingua, que te salva, quando raia
No vermelho horizonte o sol dourado,
Antes que a sombra caia dos outeiros,
Te insulta, ou te crimina.

Desgraçados rafeiros, que só mordem
Os pobres remendados ; porém, vendo
Os olhos fuzilar do roaz lobo,
A cauda desenrolão.

Não se encontrão Euryalos e Nizos,
Castor e Pollux, Pylades e Orestes ;
Nem para renascer a extincta raça
Esperes nova Pyrrha.

Mais facil é que Cadmo resemeie
Os dentes do dragão, e que rebentem
Da terra depravada, enfurecidos
Armigeros guerreiros.





Afoute beba o mercador em taças
De esmeralda e saphyra o licor almo
De Chypre e de Falerno; já que os mares
Parece que governa.





Impune trez e quatro vezes rompa
Cad'anno o golfão : desfraldando as velas
Impavido commetta infames costas,
Inhospitas aréas.

Não lhe invejo a fortuna ; pois me basta
Passar a curta vida retirado
Na Fonte-santa ao som da clara vã,
Urdindo novos versos.

Divina Providencia, tu bem sabes
Quão pouco te molestão meus desejos :
Não quero mais que ver na frugal meza,
De filhos rodeada :

Um limpo copo, com que nesta grande
Noite, só para mim prospero dia,
Possa alegre brindar aos faustos annos
Do heroico S. Vicente.

Com mais pouco se mata a crua fome :
Para fazer seu grande nome eterno,
Ou pobre, ou rico viva, tenho a lyra
Do cantor de Venusa.





Em quanto, ó Conde, as bellicas virtudes,
Que herdaste de teus inclytos maiores,
No regaço da paz jazem tranquillás,
Preparo os epinícios.

Tempo depois virá, que desferindo
Em aurea pôpa as lusitanas quinas,
Arrazadas as aguas de turbantes,
Te c'rêem mil victorias.

De negro sangue as armas rociadas,
Arrastados trarão ao luso throno
Os Mouros capitães; nas duras costas
As rôxas mãos atadas.

Se as estrellas então me consentirem
Tuas acções cantar; da fria morte
Verei luzir a fouce, satisfeito
Da gloria e da fortuna.

1

1





XXII.

Aos annos
do Snr José Carlos Mardel.

APENAS hoje a somnolenta aurora,
Entre as rosadas nuvens, que abafavão
Da alcantilada serra os altos cumes,
Mostrava a manhã fresca:

Uma inquieta tropa de vendados,
Lindíssimos Amores, se alojava
Do fulvo Tejo na arenosa praia,
Que adorna a grã cidade.

Arnezes, malhas, grevas e loricas
Veste a soberba juvenil phalange.
Dos aureos elmos, com as torcidas plumas
Zephyro empenna as azas.



Ao rouco som de horrisonos tambores,
Que n'uma e n'outra margem retinia,
A brava gente ferve, qual puxava
A rapida columna;

Qual marcando reductos e trincheiras,
Na ruiva arêa crava as aureas settas:
E qual levanta c'o alvizo pesado
Merlões e plataformas.

Os tirantes de purpura atezando,
Outros arrastão sagres, falconetes,
Que em altas baterias assestados
Affrontão todo o mundo.

Então Amor alçando a mão tyranna,
Onde a farpada ponta fuzilava,
Manda jogar os sérvidos morteiros,
E rompe nestas vozes:

« Esta alegre rezeinha, companheiros,
A tão prospero dia é consagrada:
Hoje a Mardel gentil, as duras Parcas
Fião dourados annos.





157

« As rôxas balas, que nos arcos silvão,
Das bombas as sonoras espoletas,
As ruidosas granadas fulminantes,
Tudo, seus annos louvão.

« O bellico ruido aos mesmos astros
Ensina a repetir seu claro nome:
Os mesmos astros, quaes seus olhos brilhão,
Scintillarão com elle. »

Disse: e da terra subito levanta
Dos horridos canhões o negro fumo,
Qual Encelado montes sobre montes,
Ou nuvens sobre nuvens.

Mas eis que o cego nume a scena corre;
Não vi na liza arêa mais que o fumo
De miser as entranhas palpitantes,
De corações feridos.

Que abrazados queixumes, que soluços,
Oh! que doces suspiros, que soavão!
De maneatadas nymphas, que rendidas
Jazem no duro campo.





158

As linhas, os ramos, as colubrinhas
Outra cousa não são mais que seus olhos,
Que seus olhos azues, alvo semblante,
Que seus louros cabellos.

Fugi, nymphas, fugi d'aquelles olhos,
Nelles aia Amor seus passadores:
Fugi, nymphas, fugi, que seus cabellos
São as vulcanicas redes.



XXIV.

POIS sabes, que nas margens do Mondego,
Amor, que é grão poeta,
A cantar brandos versos me ensinava,
Quando prezo me tinha,
E victima chorosa, as aras cruas
Banhei c'o sangue quente
Do roto coração, das rotas veias,
Que abrião seus virotes:
Não estranhes, Senhora, que os furores
Do genio sibyllino
Me forcem a louvar o claro dia
De teus ditosos annos:
Ao santo templo da immortal memoria,
Sobre as azas da Fama
O desejo levar; quero que chegue
Aos seculos futuros,



Cercado de relampagos e raios,
Com que os vates fulminão
Da inveja triste as assanhadas sêmpes.
Que em torno lhe sibilão
Do lívido semblante descorado,
Dos olhos furibundos.
As estofadas ondas somnolentas
Do Lethes vagaroso
Verão, passar mil vezes tão bom dia
De estrellas coroadas.
Virão, como hoje vem, a teus altares
Render devoto culto
Os miseros amantes desmaiados;
Em suas mãos trazendo
Inda quentes entranhas palpitantes,
E corações fumando.
Outros Tyrses e Elpinos namorados,
Outros Licidas Cintios,
Prostrados erguerão queixosos hymnos,
Rasgando os mansos ares
Com fêrvidos suspiros, com seu pranto,
Que tu, cruel, desprezas!
Só não sei se haverá outra Silvandra,
E que vestal do templo,





161

No sonoro rebolo, o fatal gume
 Afié da bipenne,
Com que desfecha os golpes nos solemnes,
 Cruentos sacrificios,
Quando a gelada victima estremece,
 E cerra os tristes olhos.
Hoje, porém, que tão alegre dia
 Com farta mão derrama
As delicias, prazeres, e fortunas
 Em toda a Fonte-Santa;
E nas espadas do ligeiro Noto
 As Graças e os Amores
Com sonoro sussurro andão voando
 Á roda desta casa;
Deixa, gentil Senhora, que se mude
 A cithara soberba
Em avena campestre, e que te off'reça
 Humilde rendimento
De singela vontade e sãos desejos;
 Uma pobre gallinha,
Um alvo ganso, que muito ha que adeja
 Para voar tão alto;
E co'as pennas das azas rutilantes,
 No azul ethereo assento





162

Escreverá de Arminda o doce nome;
Para ser entre os astros
De desejos, amores e suspiros,
O norte luminoso.



XXV.

EMQUANTO o pobre Tyrse descansado
Da preguiça nos braços somnolentos,
Co'a boca meia aberta a sommo solto,
Ou ronca, ou se espreguiça :

Emquanto a torpe e vaga fantazia,
Lutando com cansados pesadelos
Em verdes bancas pinta as lours marcas,
Lhe mostra o az de copas :

Emquanto atado ao duro e longo remo
Da galé, com que surca fundos pégos,
Os calejados hombros dobra ao duro
Arrebem de comitre :

Emquanto crê que a Fonte-Santa alegre,
Com sonoro ruido solta as aguas,
Só quando vê em seus quebrados olhos
Amor tremer com frio :

Emtanto o bravo Elpino, qual o fulvo
Famélico leão da grã Nonacria,
Atassalhando os pavidos rebanhos,
Traga famintos membros.

Assim vem, assim vê, assim subjuga
Rebeldes corações, que reduzidos
A poucas cinzas, qual o debil fumo
Em crespas nuvens voão.

Debaixo já da planta vencedora,
Em frio sangue sujos palpitando
Abjurto de Mafoma, ou molle Tyrse,
A immunda torpe seita.

Mas o pio Alexandre condoído
Da orphandade das miseras captivas,
Nas ricas almofadas, barba a barba,
Affavel as recebe.

Oh ! que doces, que lagrimas contentes
Inundão negros olhos ! Que suaves,
Que sérvidos suspiros retinindo,
Não voão pelo tecto !



.....



165

Ah ! pobre Tyrse ! acode, que te pizão ;
Que teus campos já roubão, talão, queimão
Armados esquadrões d'outros Amores,
Amores invencíveis.



XXVI.

Traducção de una versos inglezes feitos
a um seu grande pintor.

O DOURAR a manhã, do sol que nasce,
 Derramar os reflexos;
 Pintar a sombra do cerrado bosque,
 A rápida corrente;
 As ceruleas montanhas afastadas
 Mandar, que se levantem,
 C'o vermelho horizonte confundidas;
 Pela verde campina
 O rebanho espalhar que anda pascendo;
 Dos rachados penedos
 Fazer que desçam caudalosos rios;
 Que a criação formosa
 Brote debaixo desta mão potente
 É a grande tarefa,
 Que só se atreve a descrever Sertorio.
 Mas quando sazonados





167

Apparecem os frutos de Pomona
A produção amavel
Do fertil anno; então a natureza
Porque se vê vencida,
Se mostra envergonhada: ó pincel raro,
Do que o sol mais fecundo
C'o doce toque os pomos faz maduros:
Do paraíso pôde
A memoria acordar; dar-nos seus frutos
Sem segundo delicto.



XXVII.

NAO fabulosa tã de mentido
 Gentilico hymeneo, illustres noivos,
 Mas sagrada união d'um sacramento,
 Vos prende e vos ajunta.

Com catholico rito abençoada
 A ditosa alliança, nos promette
 Dos Mellos, dos Noronhas e Menezes
 Heroica descendencia.

As illustres acções, que a Fama espalha
 Repetidas veremos. Torna, torna
 A boa idade de ouro! A boa idade
 Do nome lusitano.

Nas respeitadas campas dos honrados
 Vossos claros maiores subir vemos
 As palmas e loureiros, que regados
 C'o sangue illustre forão.





169

Dentre a copada rama se levanta
Estranho simulacro! Reverbera
No lizo peito de aço o rôxo Phebo,
Que immensa luz espalha.

Levanta o forte braço a grande espada,
E da folha os relampagos assustão
As soberbas muralhas de Byzancio,
De Tangere e de Arzilla.

Mas que gentis guerreiros vejo agora
Concorrer para ouvi-lo! Alli lhe ensina
O tactico systema; alli lhe mostra
As avitas façanhas.

Cerrados esquadrões desbaratando
Entre nuvens de fumo as torpes luas,
Eclipsadas vacillão! No ar ondêão
As sacrosantas quinas.

Esta prole será, que a patria espera
De tão ditoso thalamo, que as Musas
Já desejão cantar; já lhe preparão
Alegres êpinicios.



A vida

O' MIL vezes feli
Entre baixas pa
O tormentoso invern
Que de um pequ
Que elle mesmo culti
Apascentando as
Que da mão paternal
C'os dourados no
Emquanto sobre a terr
Dormindo descansa
Ao som das frescas agu
Horrorosos cuidado
O não vem perturbar no
A sordida cobiça
Lhe não faz conceber --

O clópo que s
Para ornar
De esteril murta,
O campo, q
Com as uteis e p
Cubra de fre
Do espesso cedro,
Alegre vá pass
No seio das delicias
Mas ahí que n.
Que as tres filhas d.
Gyrando os leve
Lhe acabou de fiar os
Que a morte ine:
Se chega ao rico leito
Mostrando-lhe entr
A macilenta mão com q
Já entre mil angust
Entre os frios suspiros,
Acaba a triste vida,
Que intentava gozar por
Só ...



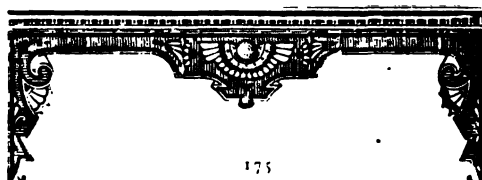
XXIX.

AINDA que o céu sereno, o dia claro
Doce prazer inspire
Aos miseros mortaes, aos namorados ;
Pesada escura sombra
O coração me cobre ; feias trevas
Onde a memória pasma,
Mais longa a saudade representão.
Nem sequer falsos sonhos
Com doce engano aquella luz me fingem,
Por quem sempre suspiro.
Vem, bella Marcia, vem, porque em teus olhos
Me trazes sol e dia,
Em teus formosos olhos me amanhece
A mais gentil aurora ;
Em teus formosos olhos vem os raios,
Que dourão estes montes ;



Que a secca terra cobrem de mil flores,
Que no meu peito accenlem
Doces desejos, doces esperanças,
Finissimos amores.
Mas já Favonio fresco brandamente,
Dos alamos as folhas
Com seus sonoros sopros levantando,
A vinda me annuncia
Dos vencedores olos, por que espero,
Dos olhes por quem morro.
Ah! que já chega Marcia, socegai-vos,
Meus cansados desejos;
Socegai, esperanças, que já vejo
Nascer o meu bom dia.





XXX.

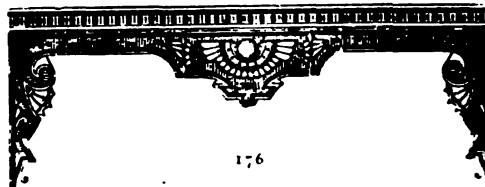
A Horacio.

DE grande nome barbaro desejo,
Se o rico templo da triforme deosa
A poucas cinzas reduzindo espera
Impia memoria!

E menos torpe, menos detestavel
Tão feio crime, que imitar Horacio
Quem triste fama não quer dar á saguas
C'o precipicio.

Ora sereno, como o sol dourado,
De alegres côres todo o mundo cobre,
Quando a cabeça de mil raios ergue
Detráz da serra.

Mas outras vezes rapido parece
Aquilão thracio, que nos céos batendo
As negras azas, terra e mar envolve
Espessa chuva.



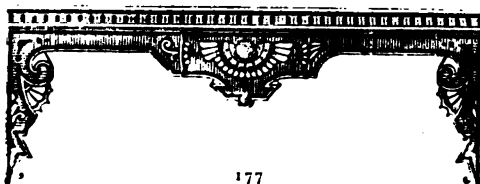
Sempre sublime no Parnaso colhe
O digno louro, que lhe adorna a testa
Immenso genio com ditosos vãos
Pindaro alcança.

Ou cante a fresca nova primavera
Dos grossos freixos sacudindo o gelo,
Serena a lua, as Graças vem dansando
Com Cytherea;

Emquanto ardendo na arida officina
Ao sibilante fuzilar da forja,
Mostrão os sujos amarelllos rostos
Os rijos Brontes.

Ou já crimine da civil discordia
As mãos vermelhas com latino sangue,
Cala-se o povo, pallida tristeza
Muda os aspectos.

Ou branco cysne livre já da esthygia,
Sinta nascer-lhe rude pello, sinta
Já, já nos dedos, sinta já nos hombros
Candidas pennas.



177

Sobre as cidades vda, já descobre
Do tormentoso Bosphoro bramindo
Parthos e Scythas, hyperboreos campos,
Libycas Syrtes.

Ou já de Augusto mostra o valor nobre
Lavar de Crasso a vergonhosa infamia,
Que o vestal fogo, Roma, Capitolio,
Tinha esquecido.

« Eu vi inteiros nossos estandartes,
As armas limpas, centuriões romanos
Co'as mãos atadas (Regulo dizia)
Vi em Carthago! »

O' grande Horacio, sempre grande e forte,
Sempre sublime, rapido te eleva!
A nossos olhos subito se esconde
Entre as estréllas.

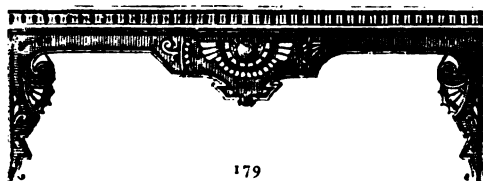
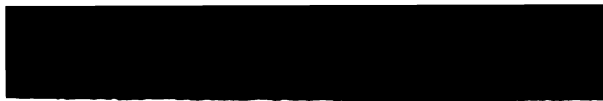


XX

DORMES, Jerusalem !
Que chega a tua luz :
As trévas dissipando, já
Já em ti nasce.

Opaca e negra sombra e
A gloria do Senhor brill
Derrama sobre ti, sobre
Acorda, acorda.

Estende a vista por teus
Vê, vê a immensa gente,
Todos o grande instante :
Todos o esperão.



Ouro e myrrha, monarchas humilhados
Já com prodiga mão alli te offerecem ;
Os olhos baixos, curvos os joelhos,
Teu templo adorão.

Abertas tuas portas já recebem
Dos mais remotos climas os tributos ;
Já os rebanhos de cedrar alvejam
Nas altas serras.

Tudo porém se cala. Que profundo,
Respeitoso silencio ! Vem, já chega
O Principe da Paz, Deos admiravel,
Filho do Eterno.

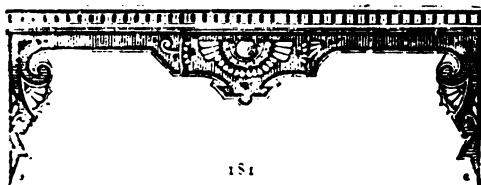
Uma Virgem pario : Fez-se Deos Homem :
Do tronco de Jessé rebenta a vara.
Lá desce sobre a rama abrindo as azas
Mystica Pomba.

Já vem o Salvador annuciado
Por divinos oraculos ; abaixão
Já no Libano os ramos incorruptos
Os altos cedros.



Densa nuvem d
O cume do Can
Já ferve a bran
De aridas pei



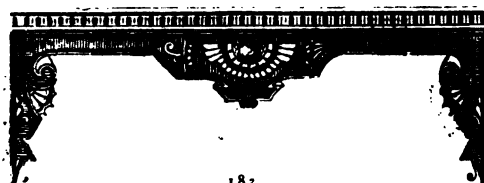


XXXII.

O Suicídio.

ROMPA-SE embora do estellante assento
A machina lustrosa ;
Conspire-se em meu damno a terra toda,
E a fortuna perversa ;
Mil duras portas de pesado ferro
Sobre mim se aferrolhem ;
E agrilhoado ao carro do triumpho
Me leve algum tyranno :
A negra fome, a sordida penuria
Vão-me escoltando os passos :
Sobre deserta inhabitada praia
Me ponha a tyrannia ;
Agudos dentes de raivosas feras
Contra mim se apparelhem :
Risonho, alegre, intrepido, constante
Me ha de ver o Universo.

Emquanto em mil pedaços se despenhe,
E me afogue em ruínas,
Lá sae, lá corre de ignorado mundo
Um espectro medonho
Mas agradável á romana gente
E ao Bretanno inflexibil;
Dos heroes divindade; eis o Suicidio
O refugio dos sabios.
Sanguinosa punhal na mão sustenta,
O escudo da desgraça
Com que se oppõe á tyrannia infame,
Á inveja e á soberba.
Sobre montões de desmembrados corpos,
Sobre abatidas aguias,
Em tristes restos de estandartes rotos
Entre extinctos soldados,
Que em vão a patria libertar procurão
Das mãos da tyrannia,
Lá vejo estar com intrepido semblante
O magnanimo Bruto,
Que nos sanguineos campos de Felipps
Fica vencido e roto;
Mas que um triumpho mais altivo e nobre
Já de si mesmo alcança,



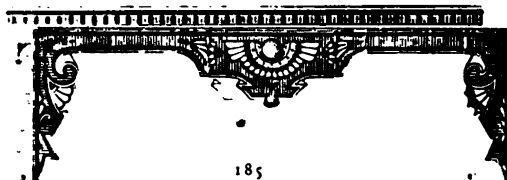
Com que as correntes ríspidas suplanta
Do dictador soberbo.
Porque Roma não sirva, a Cesar mata ;
Com o mesmo duro ferro,
Porque a Cesar não sirva, expira Bruto.
Eis como a liberdade
Do tyranno e da morte, Bruto alcança
Nos campos de Felipps.
E o genio tutelar de infeliz patria,
Em Utica expirante,
Porque ao duro Pompeo não sirva, morre.
As fâchas despedaça,
Que as feridas tapão do sagrado peito :
Nunca é Catão mais forte !
No quente banho Seneca expirando
Vence o perfido Nero.
Doce refugio de fatal desgraça,
Eu te abraço contente ;
Tu és o meu escudo impenetravel
Contra empennadas settas,
Que a indigencia e a penuria em vão disparão.
Todos podem a vida
Tirar ao homem na mesquinha terra ;
Ninguém lhe tira a morte.



XXXIII.

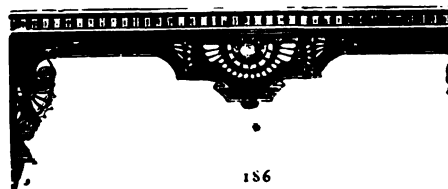
A uns annos de uma Senhora ingleza.

AMADA lyra minha, se algum dia
Cobiçosa de fama
As estridentes velas desfraidaste,
E no ceruleo golfo
Por sibilantes Notas agoitada
Impavida sordiste :
Se desejas que aos seculos vindouros
Livre da negra inveja,
Tua gloria immortal chegue triumphante
D'astros mil c' roada :
Cantemos de Marilia o nascimento,
Da formosa Marilia
Que as candidas virtudes abrigando
No peito generoso,
Do angelico semblante os resplendores
Inda faz mais brilhantes.



Em seus olhos gentis a formosura
Os corações pisando
Despedaça de Amor as cruas setas,
Subjuga o fatal Nume.
Diz-se que um dia o Tamaze soberbo
Ao fulvo patrio Tejo
Accusou de roubar-lhe a illustre gloria
De ver em suas margens
Raia os lindos olhos de Marilia
E dar-lhe o claro berço
Em Britannica terra, Exasperado
Vociferando vinha
O rio, e tão queixoso que trez vezes
Traçando furibundo
O farpado tridente crystallino
Com o dourado conto
Bateo na lusa arcia; desmaiadas
As Tagides mergulhão
As limosas cabeças n'alta veia;
Porém alegres surdem,
Vindo surcar as aguas a aurea concha
Que fervidos tiravão
Prateados delphin, onde Marilia
Com engraçado rosto

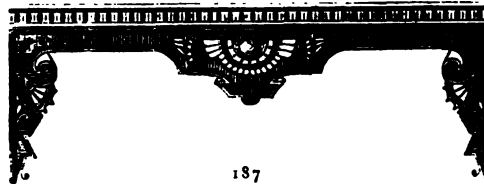




186

Que os mares acendia, serenava
Dos rios a contenda.
Ambos por sua Thetis o juravão,
Ambos em seus altares
Depozirão humildes os tridentes,
E em fausta branca pedra
Contentes e ditosos, assignalão
O dia de seus annos.



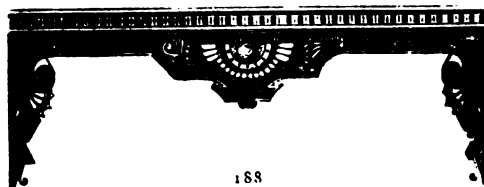


XXXIV.

Ao SS. Natal.

ESPIRITO celeste, que pesado
Em seis brilhantes azas
A prophetica lingua de Isaias
C'uma braza do altar purificaste,
Acende em minhas vozes
Aquelle som terrível que de ouvi-lo
Estremecem os montes e as cidades.
Em profundo silencio somergida
Ouça a terra meus hymnos,
Oução-me os céos, e cantarei o grande
O Santo nome do Senhor, do Forte,
Do Justo e desejado
Do Principe da paz, Filho do Eterno
Pae do suspirado seculo futuro.
Alçai os tristes olhos
Vós filhas de Sião, das alvas testas



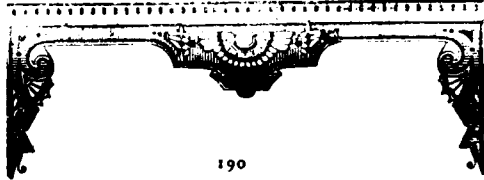


A cinza sacudi; com mão devota
Lançai no casto fogo
O incenso de Sabá; puras chammas
Ardão no livre cume do Carmello.
Uma Virgem pario, fez-se Deos Homem,
O Salvador já chega;
Do tronco de José rebenta a vara
Nas incorruptas folhas; já se sente
O espirito divino
E na sagrada rama já descansa
Entre nuvens de luz, mystica pomba.
Os montes debruçados já distillão
De leite e mel correntes.
Os valles já se encurvão, já levantão
Suas longas planicies; já verdejão
Os ingremes penedos,
Ambar Saron respira, já se encobre
Entre nuvens de aromas abrazados.
Chega o dia do Eterno
Chove dos céos o Justo, abre-se a terra
E brota o Salvador: a paz estende
O ramo de oliveira
Sobre a face do mundo, e o mundo desce
Pela mão da innocencia, a sã justiça.

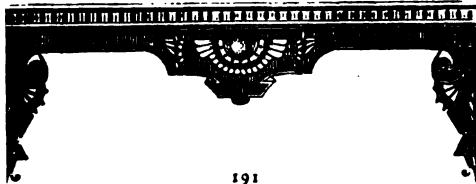


Os montes de Israel e os altos ramos
Alegres estenderão
De flores e de pomos carregados.
Os cedros já no Libano se humilham,
Os ventos se calarão,
As insofridas ondas sussurrando
Não brada o negro mar na ruiva praia.
Vem divino Infante, vem que a terra
Já se abriu, já te off'rece
Suspirando por ti, já sem trabalho
Do cansado cultor seus doces frutos,
Tenras mimosas flores
Já nascem para ti nas toscas grutas
Que as ceruleas serpentes habitavam.
Entre as aridas penhas
Já ferve a branca espuma, e já rebentão
Com doce murmúrio as limpas fontes.
Aos ares se levantão
As verdes cannas, os delgados juncos
Que ao fresco som do zephíro sibilão.
Com o cordeiro que a doce relva corta
O cerval lobo pasce,
Os indomáveis ursos misturados
C'os domados bezerros juntamente





Na clara areia bebem
Do quieto leão simples pastora
A corada melena entrança e ata.
O innocente menino namorado
Das inconstantes côres,
Que as mosqueadas conchas reluzentes
Da vibora matisão, sem receio,
C'o a fraca mão apalpa
E nos delicados membros enroscada
Lhe quer lambar a planta a serpe amiga.
Vem ó divino Infante
O throno de David por ti espera,
Vem as gentes julgar, já sôa a terra
Com o tropel fogoso
De teus rijos cavallos, das carroças
Que tem nas rodas de Aquilão as azas.
A dura guerra de armas carregada
Já foge espavorida,
Com medonho tropel pisa a campanha
Tocando a ferrea malha, o liso escudo
No fundo valle sôa.
Os tambores, os pifanos não chamão
Cerrados esquadrões para a campanha.
No deserto uma voz está bradando



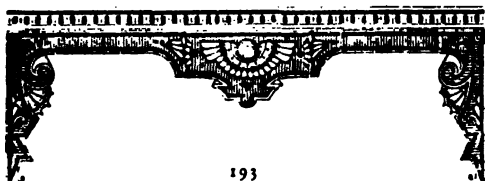
191

Com ella o Jordão clama,
Que vem Deos, que vem Deos, as fragoas dizem,
Deos, Deos no monte as arvores repetem
Que Deos ao mundo desce;
C'o a força da alegria estremecendo
Os pinheiros do Menalo respondem



XXXV.

DEPOIS de largo tempo, Amor, me veres
O pé dos cepos livre,
No regaço da paz dormir quieto
Me moves nova guerra?
Que me deixes te peço, que me deixes,
Que para o duro peito,
Com trabalhos crueis endurecido
Na sanguinosa pedra,
As aligeras farpas não amoles.
Já não sou, já qual era,
Quando reinava a candida Leucipe.
Passarão tão bons dias!
Não queiras atear inutil flamma
Em pouca arida cinza,
Que os gelos de oito lustros esfriarão.
Desprega as leves pennas,



193

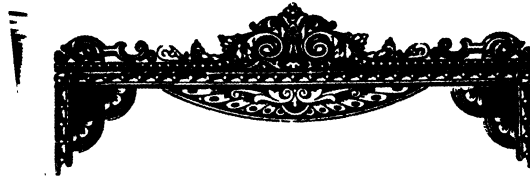
Vai-te cruel. Acode onde te chamão
Os fêrvidos suspiros,
Os brandos rogos de gentis mancebos.
De Tirse na cabana
Molle altar acharás. Ali devoto
Arabicos incensos
Queima com farta mão; da rôxa pyra
Vagando o crespo fumo,
Entre festões de mil cheirosas flores
Lambe o travado colmo.



XXXVI.

QUE bem fizeste tu, caro Macedo,
Quando com valoroso animo forte
Fugiste ao mundo que eu julguei ser cedo.
Se te seguisse a ti da mesma sorte
Agora me acharia socegado,
Sem medo ter do inferno nem da morte.
O povo portuguez vira assolado
Arrazada Lisboa populosa
Sem ter fazendas em que ter cuidado.
Sabiste na manhã clara e formosa
E por isso chegaste antes da noite ;
Gastei na cama a tarde preguiçosa ;
Não tenho quem me guie, nem m'acoite.
Apanhou-me no meio da jornada
O furibundo golpe deste açoite.





EPISTOLAS

.....







.197

I.

SE á sombra dos loureiros sempre verdes,
Que nascem junto ás aguas de Aganipe,
Inda, amigo, te encostas socegado;
Se das soltas correntes que do cume
Do frondoso Parnaso estão cahindo
Por entre frias e musgosas pedras,
Sem nunca te fartares, ainda bebes:
Se as graciosas Musas te rodeão;
Encosta a curva lyra sobre o peito,
As aureas cordas fêre, escreve a Olino:
Se a rima, como escravo, te traz prezo,
Perdida a liberdade, ao duro cepo;
Quebra as fortes cadêas; não é justo
Que o continuo zum-zum do consoante,
Que o ouvido agita sô, a alma não,
Esfrie o fogo, que na idéa nasce.
Não busques pensamentos exquisitos
Em denegridas nuvens embrulhados;
Não tragas, não, metaphoras violentas,



Imitando esse corvo do Mondego,
Que entre os cysnes do Tejo anda grasnando;
Usa da pura lingua portugueza,
Que aprendido já tens no bom Ferreira,
No Camões immortal, em Souza e Barros:
Em grego não me escrevas, nem latim.
Dá-me conta da tua larga vida:
Desejo que me digas se inda preza
No pensamento trazes a cachopa;
Se com trez companheiros n'uma banca
De panno verde ornada o whist jogas;
Se ouves fallar francez, e se iada lavra
O mal, de que hoje tantos adoecem.
Fallo d'quella praga desastrada
Dos enfermos poetas, que não querem
Os remedios tomar para sararem.
Conta-me em que exercicios vás gastando
O tempo, que lá tens; se ao som do rio
Compões os brandos versos, com qu'arrancas
Do cume das montanhas levantadas
Os arreigados cedros para ouvir-te.
Eu, amigo, depois que te deixei,
Triste vejo nascer e pôr-se o sol;
Os mais dos dias passo em minha casa



Sentado n'um banquinho e recostado
N'uma despida banca ; poucos livros,
Algum papel, com pennas e tinteiro,
É quanto só me adorna o estreito quarto
Alguns amigos tenho, mas distantes ;
Nem cavallos, nem seges á boléa
Tenho para tão longe ir visita-los :
Temo de sahir fóra... Ah ! não te engano,
Temo de sahir fóra. Desta banda
Me empurra o aguadeiro, e dest'outra
Me atropella a Saloia c'o seu macho ;
Um vem á redea solta no rabão,
Outro corre no coche á desfilada ;
Para esta parte fujo ; eis que de cima
Sobre mim vem a suja caldeirada ;
Os confusos, os vagos pragueiros,
Os ouvidos me atroão com seus gritos ;
Um « Quem as flores merca » Outro os polvilhos.
Então eu cá comigo vou dizendo :
« De que servem polvilhos a um poeta,
« Se a um filho de Apollo o verde louro
« É o melhor adorno, é todo o fruto ? »
Desta sorte não posso, caro amigo,
Novidades contar-te cá da Côte.



200

Pois que te contarei? Eu sei sômente
Que entrão nãos pela barra e sahem nãos
Com as vélas inchadas; sei que corre
Para o ceruleo mar o louro Tejo;
De Lisboa e das côrtes estrangeiras
Não saberei dizer-te cousa alguma,
Que o tempo todo gasto em ler Virgílio
No meu pobre, mas certo domicílio.





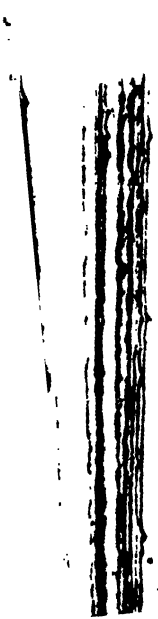
201

II.

Ao Snr Dr João Evangelista.

QUAL sordido pedreiro, que doente
De um hospital jazeo no leito pobre,
Quando torna d'alli convescido,
Mais esbelto, pellado e macilento,
Em casa não acerta com a trolha,
Picareta e colhêr tudo lhe falta.
Assim depois de tantos negros dias,
E noites longas, mais que as de Lamego,
Em funebres ideias mal gastadas,
Com pennas e papel não sei haver-me.
Quero grasnar em verso, mas não posso;
Dos olhos me fugio o santo lume,
Que me guiava ao cume do Parnaso.
Por fatuo me tivêra, se a fortuna,
Em cambio da alegria que me rouba,
Me dêsse dois rabões com tres lacaios,
Brilhantes, rendas finas e velludos,
Que bécas são de tolos e casquilhos.

26



Mas de poeta
Desastres e m
De valadio o
Caseiros, archi
Mais duros que
E neste bom e
A cantar, e tan
Que ha de faze
Um cansado roc
A méta desejada
Cahir, dando aos
Mas se pragas m
Que ver Heitor d
Do colerico Achil.
Tingindo a dura t
Supponho que a m
O Nadegas, que vi
A passapello vir da
Porque lhe devo já



Agora te ris tu; e Manoel Gomes
O nariz encrespando, te pergunta
Que fabulas são estas? Não lhe expliques
O sentido moral; deixa-o confuso:
Não convem que criados tudo saibão.
Dize-lhe que sou doudo, que desprezo
Opulentas heranças; que infeliz
Com semblante sereno e sosegado,
Não me cansa soffrer a mão pezada
Da fome e da penuria; não me espanta
A carregada nuvem da desgraça,
Que aos olhos me fuzila ha já dez annos.
Nem sonho com perdizes, nem lampreias;
Com mui pouco se calão meus desejos.
A males sempre affeito, não se accende
Na torpe fantasia a luz brilhante
De fartas mentirosas esperanças.
Nem com legados, quintas, beneficios,
Promessas e presentes, pôde um velho
O curvo anzol cevar, para pescar-me.
O peixe já sangrado desconfia,
Se vê surdir a isca á tona d'agua.
Eu que o trapo mordi, e que inda tenho
As cicatrizes da farpada ponta,



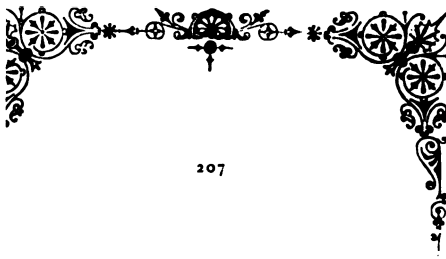
Nunca mais cahirei em esparrelías.
Antes quero jazer na estreita lapa,
Que embrulhado ficar em negras redes.
Mas para que poeta não me chames,
Quero o ponto explicar-te; attento escuta.
Naquelles priscos tempos que fallavão
Os animaes, as arvores, as pedras,
O cerval lobo, a calida rapoza,
Em juizo accusava e lhe pedia
Restituição do furto que fizêra:
Um mono petulante, mas sizudo,
Era o juiz, que as partes escutava;
E lançando a sentença, disse ao lobo:
« Não julgo que te falta o que tu pedes;
« Porém creio, ô raposa, que roubaste
« O que negas com tanta subtiliza. »
Esta fabula, amigo, nos ensina,
Que quem mente por genio e por costume,
Quando diz a verdade, não é crido.
Agora applica o conto; e lá contigo
Pésa bem as razões, as vãs promessas
Com que um astuto velho marralheiro
(A ti que leste Tacito e Commynes)
Te fe: estar quieto e allucinado,



Tirando-te por arte de berliques
Do nariz cascaveis, fitas da bocca.
O Prazo de Valdeste são os filtros
Com que esta Circe torna em leões fulvos,
Em sedeudos porcos grunhidores
Do sabio Grego os fortes companheiros.
Que em falsas apparencias embebidos,
Entrão nos paços da famosa bruxa.
Não julgues tão boçal este molque.
Que saia da senzala por missanga.
Ao Minho passarei, se tu quizeres,
Nos altos tectos, onde já brilharão
Preciosos rubins a agazalhar-me;
E sem mais esperança, que o desejo
De ver-te, de tratar-te e de passarmos
Bocejando a miudo as frias noites
Do enregelado inverno, que já chega;
Á roda da fogueira esqueceremos
As engelhadas mãos: d'entre o brazido,
Saltando as rebordãs, que na deveza
O Domingos colheo inda orvalhadas.
Alli te contarei como em Lisboa
Se dourão os carrinhos sem dinheiro;
Como tufa o José, como o Lourenço,



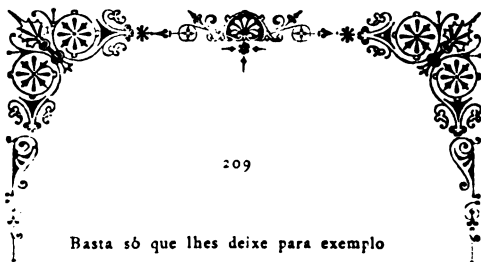
Que Duque foi no pateo e Conde em Cintra,
Agora se vai pôr a chapeleiro;
E a pallida infeliz Sebastiana
Condemnada a torcer negras prezilhas:
E se disto me ouvires, te enfadasses,
Tangendo a doce lyra em brando verso,
Mil hymnos cantaria á tua Laura,
Á tua Catharina, Dulcinéa,
Por quem vences Chimeras e Gigantes;
E tomando no lar um carvão liso,
Te pintára o retrato na parede
Daquellez olhos onde tu suspiras,
Por quem vives e morres de saudade.
Que facil é sonhar felicidades!
Tu já rico me crês: eu já supponho,
Agora que te escrevo, e que te fallo.
Mas esta scena subito se muda;
O Chico mostra rotos os sapatos:
Uma quer lenços, outra quer roupinhas;
O Nadegas dinheiro para a ceia;
Á porta está batendo o alfaiate.
Se alguém aos cães lançou os patrios ossos,
Se foi traidor á patria, se é falsario,
Seja lançado a filhos e credores.



III.

SE não te enjôas de comer sem pompa
Em toalhas do Minho, em pobre meza,
Onde não tine a rica porcelana,
Nem cansa os olhos tremulo reflexo
De burnida colbêr, de refulgente
Britannico saleiro, caro amigo,
Sabio, illustre Sarmento; ou não te assusta
O suspeito convite de um poeta
Afeito a dura fome, a duro frio,
Cujo humilde tugurio Noto açouta,
E Africo lhe arrepia as leves telhas,
Hoje pôdes cear na Fonte-Santa:
Melhor que o Falerno, o rôxo sumo
Por sordidos Galegos trasfegado,
Na fertil margem do ceruleo Douro
Alegres beberemos. Na cozinha

Estala a secca lenha, brilha o fogo,
O negro bicho, ou negro cozinheiro,
Enroscado no espeto fica assando
Um lombo corpulento. Agora deixa
As serias reflexões, as esperanças
Da branca vara, da soberba toga,
Das rascôas vizinhas, lumes fatuos,
Que observas com teu longo telescópio.
A desabrida noite nos convida
A que juntos passemos poucas horas
Em doce trato, em doce compachia :
Teremos bons parceiros, cartas novas,
E em ruivos castigaes de pexisbeque
Arderão duas candidas bugias.
Já na meza fumega o precioso
Natural elixir do rico Oriente,
O bom chá quotidiano, mais pedido,
Que o pão de cada dia, nesta casa.
Fôra uma cá lancemos; que não falta
Quem farte o molle ventre com garofos
Para da burra ver entre os ferrolhos
Pendentes barambazes das aranhas.
Não me namorão fartos testamentos,
Opulentas heranças; a meus filhos



209

Basta sô que lhes deixe para exemplo
A nobre tradição, de que descendem
De um pae, que detestou a vil lisonja
Sem humilhar-se ao cheiro do despacho ;
Que abriu novo caminho para o Pindo ;
Que leu, e que estudou; e que aprendia
Ao menos a zombar da má fortuna;
Que illustres bons amigos o buscavão,
Como allivio da barbara tortura
De conversar com Getas e Tapuyas.



IV.

Ao Ex^{ma} Sr Conde de Oeiras, S
do Estado.

SE em teus constantes hombros firm
O solio portuguez feliz descansa;
Se a forte mão nos olhos da justiça
Ata a sagrada venda; se repartes
C'o as illustres acções o justo premio
C'os vícios detestaveis o castigo;
Se ditas as leis santas que regerão
O publico socego, se c'o exemplo
Promoves a virtude, peccaria,
Carvalho excoleso, a distrahir com ve
De tão nobre tarefa o teu cuidado.
Porém, senhor, é justo que a verdade
Que abertos acha sempre os teus ouv

A patria levantáráo, nem por isso
Deixou o cego vulgo de increpa-los;
Foi preciso que a morte lhe escrevesse
Na fria campa os claros elogios.
Porém tu, entre nós vivo e presente
Mereces e consegues que te louvem.
Louvamos-te, senhor, porque repulsas
A lisonja infiel, o dolo infame,
A tyranna soberba, a vil preguiça,
Louvamos-te, senhor, porque levantas
A destroçada patria das ruínas,
Porque a fazes melhor, porque a despertas
Do barbaro lethargo da indolencia.
O commercio florente que diriges
E que as forças augmentas, nos promete
Uma nova ventura não sonhada
Dos antigos errados interesses
Com malicia sómente combinados:
Rompendo as feias sombras da mentira,
Vem raiando a verdade, o negro rosto
Tapa com as mãos o engano, e despojado
Do credito sophistico bramindo
Vae fugindo de nós, e de teu nome:
Assim depois da feia tempestade

Que os mares agitára, que encobrirá
A clara luz do sol com pardas nuvens,
Torna a brilhar o dia mais sereno
Mais alegre e formoso, e no afastado
Inda escuro horizonte ir-se escondendo
As voragens observa o navegante.
Nem sempre o patrio Tejo como escravo
Há de sofrer as quilbas estrangeiras
Que as auríferas veias lhe sangravão
Que as forças lhe abatião, que soberbos
Não exigião cambio, mas tributo.
Nem sempre os nossos campos escaivados
Hão de incultos jazer; o curvo arado
Já rasga a fértil terra, em novos sulcos
A mão do lavrador lança a semente.
Já ondeão nos montes mais agrestes
As compridas varas, pelos valles
Pascem ao som da frauta dos pastores
Os brancos e castanhos armentios:
Emquanto guarda as cabras petulante
A simples pastorinha, do forçado
A não tingida lã tira cantando.
À sombra do teu nome as boas artes
O luso reino a povoar acodem.

Ellas, senhor, farão menos preciso
O inutil luxo, dantes animado
Pela falsa tenção de extranha gente.
A gloria, o bem commum, os interesses
Da já feliz nação com teu amparo
A infallivel systema reduzidos
Nova gloria recebem: Minho e Douro
Que os róxos frutos de Lyeo produzem
Guardão nos altos choupos enredados
As vides retorcidas, sem que vejão
Colher a alheia mão os doces frutos.
Longo tempo opprimido e manietado
Pela inercia infeliz no rico leito
Jaseo o Grão Pará; o céu guardado
Tinha só para ti que lhe rompeses
As pesadas algemas, logo ouvimos
Abrir os fortes braços, revolvendo
O corpo entorpecido e fóra d'agua
Alegre sacudir as cãs de prata:
Logo as limosas mãos aos céos erguendo
Com lagrimas banhando o rosto afflicto
Ao sempre eterno Autor da natureza
Que te guarde, lhe roga, que te guarde
Porque o jugo cruel da hypocrisia

Com heroico val
Para os fragment
Atrellada cerviz;
Que precarias doi
Attonita bramir;
E os sempre abert
Mas já vencida, fa
Aos fulminantes re
Com que tu lbe a
Do sacro Vaticano
Do luso throno o
Envergonhada já, d
Entre espumas de s
Fanatica vomita, e
Ao fraco peito as v
Enroscadas no braço
Applica, e aos remon
Do falso rito quebra
Já reconhece justo o
Do

C'os infames delictos revoltosos,
Que do clemente rei os bons designios
Contentar intentárão, que insolentes
Illudindo as leis santas pretendião
Ingratos sacudir o doce jugo.
Emúm, senhor, tu lhe acudiste
Com paternal amor, do captiveiro
As opprimidas almas libertaste,
Ao pedestal da estatua de teu nome
Pendentes fiquem os grilhões quebrados.
Mas, que subito medo, discorrendo
Pelas veias o sangue me congela!
Palpita o coração, a voz não chega
Às seccas fauces! Vejo, não me engano,
Pelas praias vagar do patrio Tejo
Um espectro cruel de monstro horrendo!
No medonho semblante lhe sibilão
Entre chammas azues negras serpentes;
Os olhos coruscantes, convulsivos
A toda a parte vira; a curva fouce
Da morte traz na mão com sangue tinta;
Trez vezes a cabeça sacudindo,
Sobre a areia soltou negro chuveiro
De viboras raivosas, que silvando

Ora estendem a cauda, ora se enroscão
Lá das linguas farpadas sacudindo
Colerico veneno, inficionavão
Os ares de Lisboa. És tu Discordia
Pela horrivel traição estás chamando,
Mordendo os negros beiços, louca brada
Pela furia cruel, té que do inferno
Com medonho ruido se quebrarão
As ferreas portas; negro, espesso fumo
Té a lua subio, em que revolvem
Raivosos furacões, negros coriscos;
Sahio o negro monstro com dous rostos
Mas, cobarde outra vez quer retirar-se.
Não pôde porque os passos lhe impedilo
A má hypocrisia, a triste inveja,
A vil cobiça, a rispida soberba.
Alli bramindo, alli funesta liga
Allucinada jurão; já preparão
Instrumentos mortaes, o ferro e o fogo
Nas fracas mãos lhe brilha tristemente
Com que a patria assolar pretende o inferno
Correm traidores perdidos, que infames
O regio sangue com furor derramão,
A patria clama, clamão as virtudes

Do grande e justo rei, clamão favores
Pelos mesmos ingratos recebidos;
Mas em vão clamão, os crueis não ouvem.
O céu, o céu ouvia do afflicto Remo
O justo pranto, manda que o soccorras
Tu, que nasceste para ser dos vícios
Asperremo censor, tu lhe acodiste
Carvalho excelso, pae dos Portuguezes,
Com a prompta justiça, acautelada.
Os duros ferros mordem furiosos
Já os monstros crueis, a consciencia
De seu proprio remorso atravessada
Em vão lhe dita os meios fraudulentos
De negar o delicto commettido.
Jurão, blasphemão, té que convencidos
Cheios de confusão e de vergonha
Com as vidas no infame cadafalso
Vão purgar a sacrilega maldade.
Assim a patria salva, assim quebras
Da vil ingratição as duras armas:
Assim conservas forte e justiceiro
Da santa paz as aras venturosas
Em que jurar teu nome já podemos,
Se corôas tem o céu para as virtudes.

Mas, que faustos, senhor, que monumentos
A teu nome erguerá o reino luso
Se quizer transmittir toda a ventura
Dos nossos dias aos vindouros dias !
Que versos, ou que marmores, que estatuas
Contar-lhe poderão as leis sagradas
Com que os vícios domaste ! Os feios vícios
Que furias são do Averno atropellados
Das leis com que os fulminas, de raivosos
A dura terra mordem ; a aleivosia
Rasgando a torpe mascara se esconde
E o teimoso litigio da discordia
Apaga a feia chamma ; enfim de Themis
A teu lado se adora a santa imagem,
A balança fiel tu lhe equilibras,
Na mão lhe pões o refulgente estoque ;
Tu fazes que se tema e se respeite
Sem que seja de nós aborrecida.
A virtude promoves, a virtude
Com que a cerviz a todos nos ensinas
Com que nos mandas desejar a gloria,
Aquella gloria, que na boa idade
Das antigas façanhas portuguezas,
Os Castros ensinou e os Albuquerque

A expor a doce vida pela fama,
Que adornou teus illustres ascendentes
Das heroicas virtudes que hoje vemos
Transmigradas em ti, ou excedidas;
Das que forças te dão para susteres
O formidavel peso dos negocios
Que o grande rei te entrega, que resolves
Pelas mesmas virtudes regulado;
Que eterno te farão nos nossos peitos,
Sem que a torpe lisonja se misture
C'os publicos louvores que te damos
C'os grandes elogios que mereces.



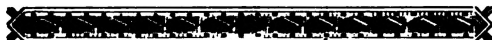
V.

Falla do infante D. Pedro, Duque de
Coimbra, aos Portuguezes, que-
rendo-lhe levantar uma estatua
pelo seu bom governo, o que elle
não consentio.

NÃO, lusitano povo, eu não consinto
Que estatua ao meu nome se dedique:
O amor da patria, o zelo da justiça,
Não stde de mandar, ou de vangloria.
Me fez tomar as redeas do governo:
Se fui clemente, justiceiro ou pio,
Obrei o que devia. É mui pesada
A sujeição do sceptro; e quem domina
Não tem a seu arbitrio as leis sagradas:
Fiel executor deve cumpri-las;
Mas não pôde altera-las. É o throno
Cadeira da justiça: quem se assenta
Em tão alto lugar, fica sujeito
Á mais severa lei: perde a vontade;
Qualquer descuido chega a ser enorme,
Detestavel, sacrilego delicto!

Quando no horizonte o sol espalha
Sobre a face da terra a luz do dia,
Ninguém a admira, todos a conhecem ;
Mas se eclipsado acaso se perturba,
Nesse instante infeliz todos se assustão ;
Todos o observão, todos o receião.
Logo se premiei sempre a virtude.
Se os vícios castiguei, nada mereço.
E não queirais, vassallos generosos,
Lisonjeiros tentar minha constancia,
Honrosa estatua pretendendo erguer me,
Porque bem vos regi ; pois eu não devo
Condescender convosco ; infamaria
Da alta virtude as maximas constantes,
Com que austero empreendi do regio throno
O accesso defender aos vícios torpes.
Se delle afugentei sempre a mentira,
A lisonja infiel, o astuto engano ;
Não queirais offuscar minha memoria,
Provocando-me a collocar no solio
Um injurioso exemplo da vaidade,
Um padrão da lisonja. A fama illustre
Deve durar na tradição intacta,
Sem a nota de fragil. Fôra impropria

A gloria que me dais, se nessa estatua
Descobrissem os seculos futuros
As maculas horrendas da vangloria.
Vós mesmos, vossos filhos, vossos netos,
De tão clara doutrina convencidos,
Ou do tempo melhor aconselhados,
A mesma estatua, que quereis attentos,
Agradecidos hoje levantar-me,
Amanhã se veria derribada
Em pedaços jazer : com páos e pedras
Os olhos lhe tirarem ; que a fortuna
Ligada co' a inveja e co' a soberba
Não deixa durar muito os elogios.
Porém se vós, illustres Portuguezes,
Desejais conservar meu nome eterno ;
Não é preciso o marmore soberbo,
Basta-me a tradição de pais a filhos,
Com fiel saudade transmittida.
Este o jaspe, este o bronze, em que pretendo
O meu nome esculpir : chegue aos vindouros
Sem perder o caracter, que o faz grande :
Lembre-se o benemerito do premio ;
Recorde se o culpado do castigo ;
Todo o Reino do publico descanso,



Em florente commercio em paz segura:
Mas haja quem se lembre deste caso,
E quem diga, que rejeitei modesto
As honras de uma estatua; e que estas honras
Quem chega com justiça a merecê-las,
Tambem sabe atrever-se a despreza-las.

Acabou de fallar; e os circumstantes,
Immoveis e calados, parecião
Outras tantas estatuas dedicadas
À regencia feliz do sabio Infante.



VI.

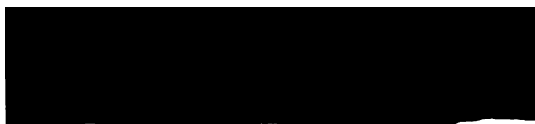
A feliz acclamação do Snr Rei D. José I
de gloriosa memoria.

ROMANCE HENDECASYLLABO.

SUBI, senhor, ao throno lusitano
A restaurar a perda de um monarcha,
Que chora Portugal, para que seja
Allivio da saudade a semelhança.

Acceitai os obsequios da lealdade,
Que o Reino vos tributa e vos consagra,
E em reciprocos votos a ventura
Illumine de amor a nobre chamma.

Arda nos corações, que a augusta ideia
Das heroicas virtudes nos abrasa,
Debuxando o prototypo dos cultos
A imagem da justiça, que se exalta.



Acclama, Lysia, o numen respeitado,
Que a regia successão o sceptro chama
Oução medrosas nos remotos climas
O augusto nome, as nações estranhas.

Asia rica, theatro das victorias,
Que o luso esforço consagrou á Fama,
Nas ribeiras do Ganges fertiliza
Para novas conquistas, novas palmas.

Nas entranhas da America opulenta,
Ao brilhante metal, delphica chamma,
Para diademas vos formar eternos
Vivifique em preciosas abundancias.

Na barbara região da Africa adusta
Temerosa a ousadia mauritana
Veja eclipsar as luas dos turbantes,
A ruina que o Tejo lhe prepara.

Os echos bastarão do vosso nome,
Para que Europa toda attenta e sabia,
Na construcção do estatico socego
De Portugal respeite as allianças.





Moderem
Das just
Sem que
Sem que

Na disci;
O luso l
Será nob
Será da

Na prote
De vosac
Os Virgi
Que atég

Doutas r
Ministros
Que entr
Hão de r

Emfim, s
Que Eur

Vivei feliz, e governai glorioso,
Do mundo espanto, admiração da patria,
Ostentem para assombro do futuro
O ouro lemas, os pórpidos estatuas.

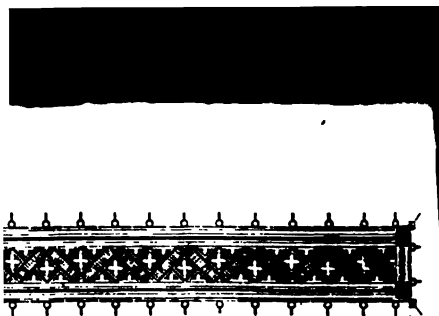
Vivei, reinae, o tempo vos respeite
Ou absorto ou rendido, enquanto a fama
No templo da memoria vos desenha
Eternos bustos, inclytas medalhas.







SATYRAS.



Odes lhes chamas tu? Elles murmurão
Não sei de que palavras. Outro dia
Me disse Fabio o douto, o longo Fabio,
Que destes bolos o chavão não tinhas;
Que no *aleaide* fallaste, e nos *bugios*,
Nos *descalços trombetas*, termos chulos,
E vedados a melicos cantores.
Pois um Matuzio, o fallador Matuzio,
Que inda mais livros lêo de quantos teve
Ptolomeo, e conserva o Vaticano,
Nesta mesma bigorna lá de longe
Co' a pezada cabeça te martella:
Que furia te tentou com tal *aleaide*?
Antes *tribuno*, ou já lictor dicesses,
E se sabes francez *sergent*, seria
Enfeitar o teu cepo mais á moda:
Mas tu não fallas? calas-te? que dizes? ».
— « Que hei de dizer, Calturnio! Que já cedo
Como Horacio aos prestigios de Canidia,
Que as mãos te dou a ti, e aos bons letrados
Lycurgos e Ulpianos de palavras,
Com que me allegas, com que me intimidas.
Que alegre borrarei o nome de *ode*
Dos versos meus, que por desastre virão:



Feliz eu, se consigo com dous rasgos
Da penna, que maneo tão ligeiro,
Escapar aos malsins que me pesquisão. »
— e E não fôra melhor que te deixasses,
De uma arte desgraçada, que os prudentes
Já calvos Salomões, Padres conscriptos
Aborrecem, desprezão e condemnão?
Almotacel que queiras ser de um bairro,
Excluido serás sendo poeta.
Antes de ti se diga, que perdeste
O dote da mulher, o pão dos filhos,
Porque Gelonio teve quatro d' honras.
Antes de ti se diga, que roubaste
Ao pobre caminhante dez cruzados;
Que violaste as vestaes; que em vão juraste;
Que és bruxo, delator, que és um falsario:
Tudo o tempo consome, tudo esquece,
Tudo dourão riquezas; mas poeta!
É furia sem remedio, é cão dannado,
Todos o apupão, todos o apedrejão!
Tu andas pelas ruas mui contente
Com teus grandes cambões empertigado,
Inda que baixo e fusco, vais cuidando
Que reparão em ti, que todos dizem,

Com o dedo mostrando a má figura :
« Eis o grande poeta, que nos trouxe
A galante invenção de *versos soltos*,
O contagio das *odes*, que atrevido
Quer extirpar a seita dos sonetos. »
Mas quanto, Corydon, quanto te enganas !
É certo que te apontão ; mas bradando :
« Lá vai o novo Horacio autor da ode
Varra o creador soberbo a pobre casa
C'o desabrido alcaide. » Circumspectos
Embicando no varra, e mais no *alcaide*
Põe as mãos na cabeça. Clamão que *odes*
Nunca virão com termos tão rasteiros ;
Pensamentos que forão condemnados
Nos rusticos escolios de Lucilio ! »
— « Basta, Calurnio meu, ante os juizes
Que tão boa sentença proferirão,
Quizera retractar me ; e te prometto,
De abjurar o estylo que seguia.
Buscarei novas phrases, novos termos,
A lingua fallarei de Palainhos ;
As minhas trovas, meus humildes versos,
Eu te juro, que nunca mais lhes falte
O sonoro *zão zão* des consoantes,



Magestosas ideias sybillinas,
E outros taes atavios, com que arreião
Suas composições esses bons mestres.
Mas tu que tens a dita de pizares
O portico sagrado de outra Athenas ;
Que és estudante, e foste preservado
Da culpa original da pobre Arcadia,
Descendente do Adão do grande monte,
Que larga as câs de prata no Mondego ;
Por ancião famoso e conhecido,
Vai, e por mim o oraculo consulta,
Pergunta se tambem o Venuzino
Clara estrella polar, o velho Horacio,
Errou na opinião desses Cujacios,
Quando chamou sem pejo dentro em Roma
Ante a face de Augusto, em suas odes
Garridos espadas, a mil eunuchos ;
Ao bom Aão chamou *vil usurario*,
Ao Mevio *fedorento* : mastim a outro,
Bruza a Canidia ; se varou em terra
Seu baixel alteroso, quando dice
De un mão liberto, prodigo e soberbo,
Que fôra do verdugo c'o azurraque
Nas costas fustigado até incharem



*Ao gritador porteiro as cordoveias
Do vermelho peçoço que suava.
Não te fallo na velha deshonesta,
Que os falsos arrebieques lhe cabião
Pelo verde semblante descorado,
Como o vermelho barro no alto monte
Em laivos se derrama, quando a chuva
Principia a correr em enxurrada... »*
— « Repara, Corydon, que nessas odes
As palavras que allegas são latinas. »
— « Logo pôde em latim dizer-se *praco*
Porteiro em portuguez 'è condemnado !
Ora, Calfurnio, vai-te ; em paz me de
Que nem me lembro já de taes doutores
Qual o grande rafeiro, que seguindo
O dono vai, sem reparar nos fracos,
Insolentes cachorros da cidade,
Que ora lhe ladrão, ora lh'os açulão,
Mal lhe volta o focinho arreganhado,
E o lizo agudo dente que branqueja,
Qual a foice da morte, os intimida.
Justo, porém, será que tu lhes digas,
Que varra cada qual sua testada ;
Que assás borbulhas tem para coçar se ;



Que seus versos não leio, que não leião
Elles os versos meus, *odes*, ou *trovas*;
Não lhes quebro os ouvidos, não os canso
Co' a importuna lição dos meus poemas:
N' Arcadia os leio; alguns de seus pastores,
A quem verde hera cinge e adorna a fronte.
Pejo não tem de li-los, e approva los.
Que se guardem de mim, porque se peço
Ao campeão de Apulia a longa espada,
Com que fendia as costas dos Romanos,
Nem a maldita fama belorenta
De seus celebres nomes esquecidos,
Illesa deixarei; serão cantados,
E fabula do povo em toda a idade. »





II.

Sobre a imitação dos antigos.

NÃO posso, amavel Conde, sujeitar-me
A que ás cegas se imitem os antigos;
Quero dizer, aquelles Portuguezes,
A que hoje chamamos *quincentistas*:
O bom Sá, bom Ferreira, o bom Bernardes,
Forão grandes poetas; qualquer delles
Foi discreto, e foi sabio; emfim as Musas
Lhe embalarão o berço, e lhe cobrirão
Com murta, e com loureiro a sepultura,
Mas nem por isso os pobres escaparão
Á culpa original; tem suas faltas,
Tem seus altos e baixos, tem sedeiros,
Onde dá c'os focinhos um pedante,
Que vá por onde fôr, ha da segui-los,
Que ha de furtar-lhe tudo quanto dizem;
E seja bom, ou máo, isso que importa?



O ponto está que o diga algum d'aquelles
Que Craesbeeck imprimio : a maior teima !
As Graças são muchachas, são rizonhas,
São faceis, são suaves : elles querem
Á força pôr-lhe brancas e bigodes,
E não lh'os sabem pôr : que é o que eu digo ?
Imitão o peor ; mas não imitão
Os versos mais canoros e correntes,
A sizuda dicção, a phrase pura ;
Aquelle attico sal, que não conhece
Quem nunca vio o portico de Athenas
Sequer em caixas opticas pintado ;
Isto é, Anacreonte traduzido,
Aristophanes, Sophocles e Sapho :
Sem que fique de fóra o bom Homero,
E outros, em quem poder não teve a morte.
Para imitares tu, senhor, os feitos
De teus claros maiores, necessitas
De calças e gibão ? Se hoje sahisses
Com jaquete e golilha, quem seria
Tão serio, e tão sizudo, que pudesse
Conter o rizo ? Nada te valera
Responder-lhe gritando, « que imitavas
Os distinctos avós, que dos Noronhas



A prosapia exaltarão generosa
Nos seculos passados. e Todos sabem
Que o valor não consiste nos vestidos,
Antes seguem as modas. A virtude
Assiste com socego inalteravel
Nos grandes corações. Ora esta regra
Corre a nivel d'altura do Parnaso,
Imite-se a pureza dos antigos,
Mas sem escravidão, com gosto livre,
Com polida dicção, com phrase nova,
Que a fez, ou adoptou a nos'a idade.
Ao tempo estão sujeitas as palavras;
Umas se fazem velhas, outras nascem :
Assim vemos a fertil primavera,
Encher de folhas ao robusto tronco,
A quem despio o inverno desabrido.
Mudão-se os tempos, mudão-se os costumes :
Camões dizia *imigo*, eu *inimigo* ;
O ponto está que ambos expliquemos
Aquillo que pensamos. A energia
Do discurso e da phrase não consiste
No feittio das vozes, mas na força :
Salvo, conforme aos garrulos trovistas,
Que não te chamão *justo*, sem chamar-te

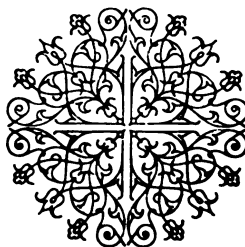


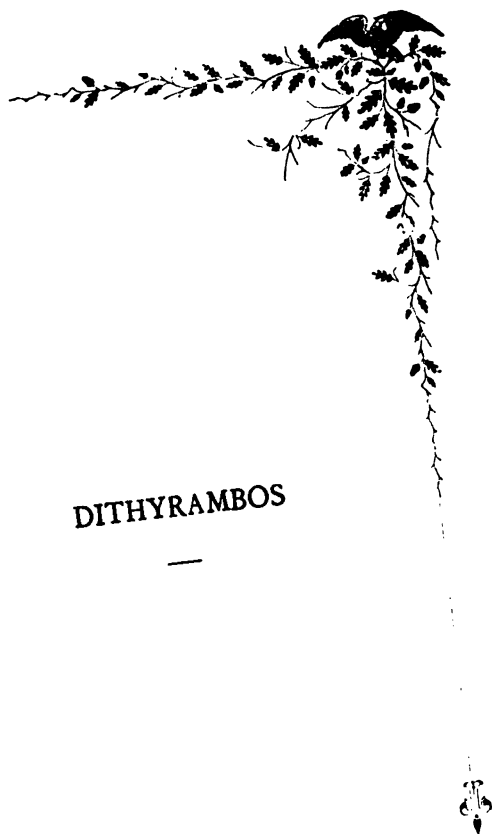
Ou *robusto*, ou *angusto* : inda que sabio
Detestas a lisonja. O raro Apelles
Rubens e Raphael, inimitaveis
Não se fixerão pela cõr das tintas ;
A mistura elegante os fez eternos.
Quem não percebe bem este segredo,
Cuida que em dizer *mór* tem dito tudo :
Que muito, se não ha discernimento,
E reina a affectação ! Vejo pedantes
Trepados em cadeiras, descompondo
Os mais honrados cidadãos de Athenas,
Sem razão, nem vergonha : e vejo gente
Prudente e sabia embasbacar nos gestos
Do mono petulante ! Muito pôde
A opinião, a teima ou o capricho !
E o pedantismo pôde mais que tudo,
Pois arrasta a razão, piza a verdade ;
E em sabendo servir-se da lisonja,
Võa por esses ares, sobe ao cumo,
Onde a vaidosa ideia ergueo o templo
Da fantastica fama. Allí se abraça
A soberba e a vaidade co' a preguiça.
Vive a ignorancia allí, dalli pretende
Dictar as leis ao mundo. Mas que digo?

Que furor atrevido me arrebatava ?
Que demonio me inspira allegorias,
Sem permissão do tribunal censorio
Dos criticos modernos ? Não é moda
Um estro nobre, tudo está mudado :
Ha pragmatica nova, estreitas regras,
Que obriga a jejuarmos, poesia
Tem longa quarentena ; e não me espanta
Ver poetas mirrados, se a abstinencia
Das clausuras fugio para o Parnaso.
Os nobres Portuguezes, christãos velhos,
Acaso são gentios, como forão
Pndaro, Homero, Sophocles, Virgilio,
Para inventarem cousas inauditas ?
Fabulas novas ? Bastão as pinturas
De quatro bagatellas : uma fonte,
Um bosque, um rio, um campo, um arvore
Um rebanho de cabras, dous pastores
Com cajado e surrão ; uma pastora,
Que se está vendo n'agua : ha melhor com
Quem pôde fazer mais ? Que nos importa
Que o verso seja frouxo ou deslocado,
Sem grammatica a phrase, sem pureza,
E sem graça a dicção ; ou emfim tudo



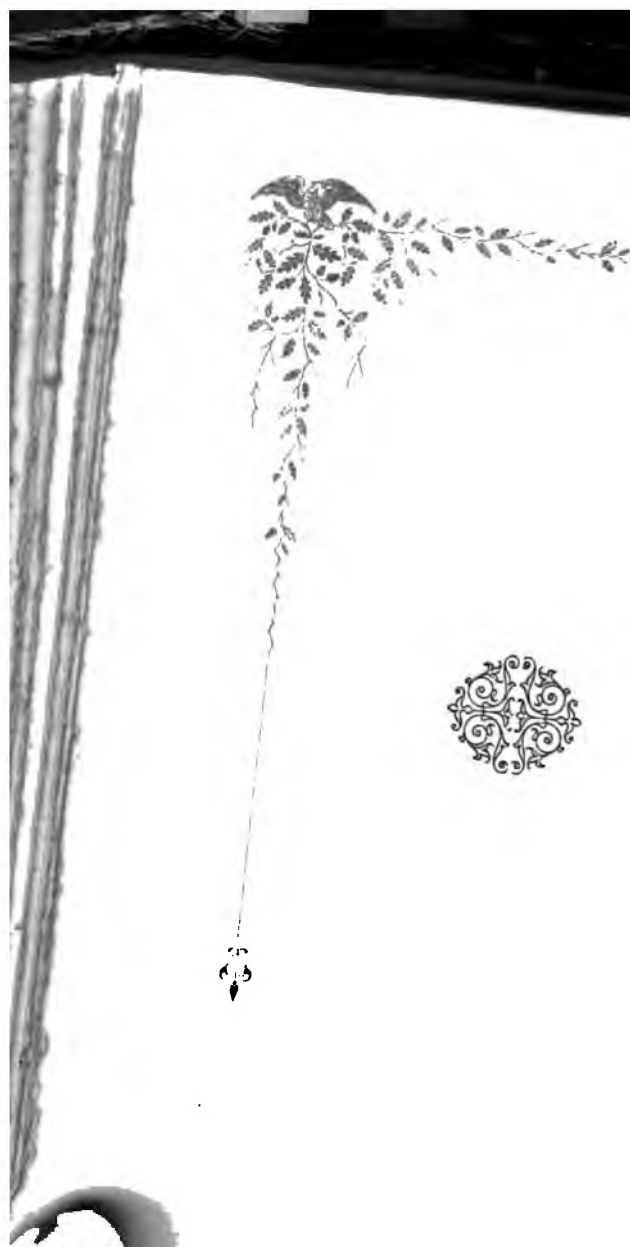
Sem connexão, sem ordem, sem juizo ?
O caso está que lembrem as pedrinhas
Lá no fundo do rio, sem que esqueça
A gaita do pastor, nem os abraços
Da simples pastorinha : e que as palavras
Sejão humildes, velhas e caducas
Sequer de quando em quando. Ah! senhor Conde!
Se isto é ser bom poeta, bom poeta
Eu o prometto ser em pouco tempo.
Mas tu, senhor, bem sabes quanto custa
Ser fidalgo da casa do deos louro :
Não se compra a dispensa com dinheiro,
Nem vale ter o pai no Desembargo ;
Mas é preciso grande genio, longo
E escolhido estudo; ouvir a todos,
Seguir a poucos ; conversar c'os mortos,
Quero dizer, c'os livros todo o dia,
E toda a noite : alli se faça branco
O cabelo que foi ou preto, ou louro.

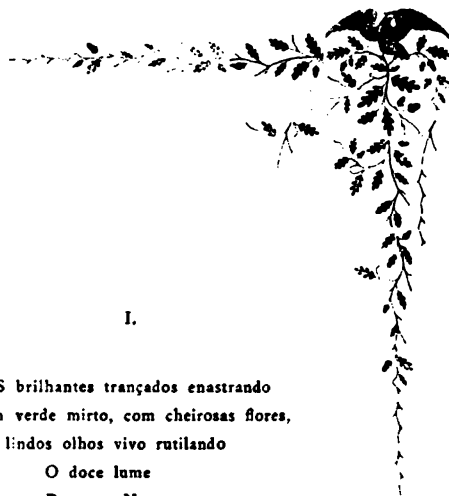




DITHYRAMBOS

—





I.

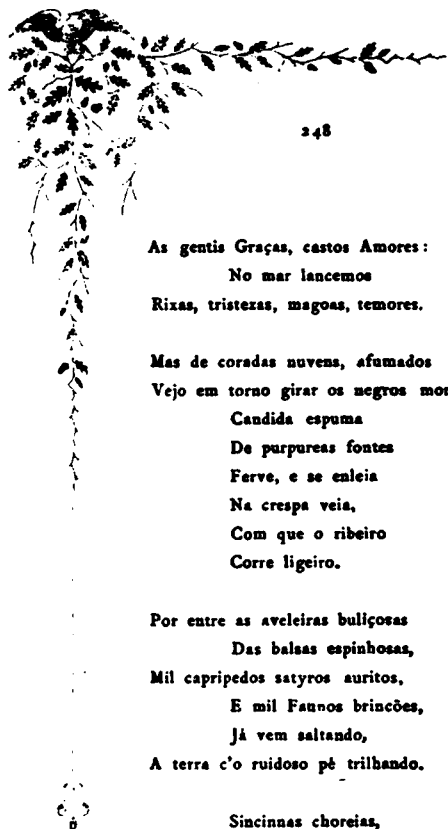
OS brilhantes trançados enastrando
Com verde mirto, com cheirosas flores,
Nos lindos olhos vivo rutilando

O doce lume
Do cego Nume,
Alvas donzellas,
A quem vos ama,
Da crespa rama,
Que Bassareo
Ao mundo deo.

Co' as brancas mãos no copo crystallino

Lançai ligeiras
Louro Falerno, rubido Sabino ;

Eia, voai,
Deitai, deitai ;
Grô grô, tá tá,
Que cheio está.
Ora brindemos

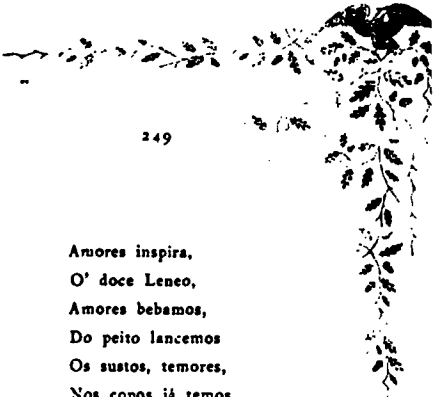


As gentis Graças, castos Amores :
No mar lancemos
Rixas, tristezas, magoas, temores.

Mas de coradas nuvens, afumados
Vejo em torno girar os negros montes :
Candida espuma
De purpureas fontes
Ferve, e se enleia
Na crespia veia,
Com que o ribeiro
Corre ligeiro.

Por entre as aveleiras buliçosas
Das balsas espinhosas,
Mil capripedos satyros auritos,
E mil Faunos brincões,
Já vem saltando,
A terra c'o ruidoso pé trilhando.

Sincinnas choreias,
Bistonidas feias
Formão bradando :
Evoé, Saboé,

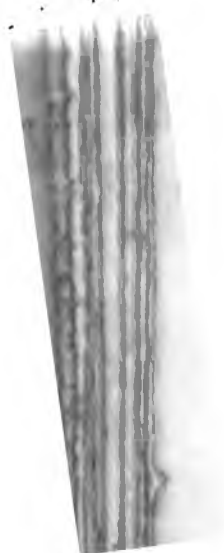


Amores inspira,
O' doce Leneo,
Amores bebamos,
Do peito lancemos
Os sustos, temores,
Nos copos já temos
As Graças, Amores,

Evoê,
O' padre Lyeo.
Saboê,
Evan Bassareo.

s ferulas protervas coriscando,
ntre as cervinas pelles maculosas
Derramão brilhantes
Tremulas estrelas,
Sobre as soltas bellas
Fulguricrinantes
Tranças pampinosas
as thyrsigeras Thydas raivosas.
Corycio escutando
O phrygio clamor,
Está ululando
Com triste fragor.





Tremillica
Do ebrifeti

Pi

Deixa entom

O cheiroso i

Encrespou o

Os humidos t

Et

O'

Sal

Eva

Com l

Em car

De tign

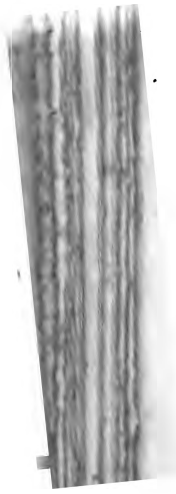
Dourand

Desterra

Os copos brilhantes
O bom nictileo
Em brindes retinem,
E amor adejando
Co' as azas rorantes,
Se está mergulhando
Em ondas brilhantes.

Evoé,
O' Padre Lyso.
Saboté,
Evan Bassareo.





Ao Snr Antonio
socio

BACCHO, Elpis
Oh! que bem qu
Baccho, B
Mas que fazes? N
O estrepito
Da confusa
Não saltas? Não t
Baccho, Bai

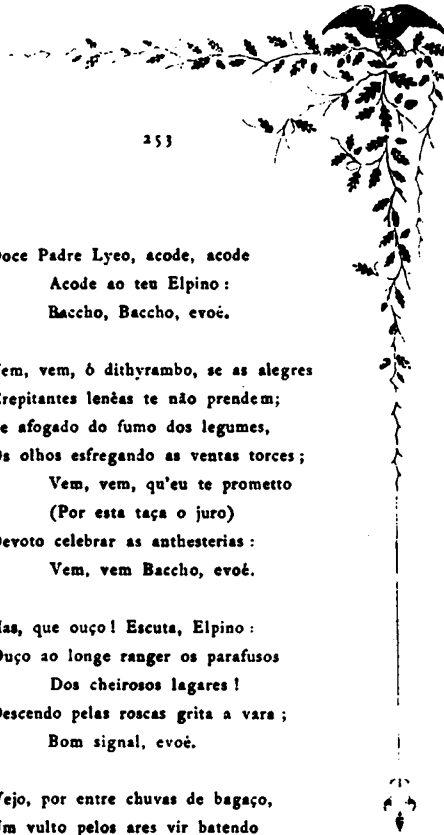
Os olhos tens chort
Estupido o semblant
E quentes as
O nariz frio

Doce Padre Lyco, acode, acode
Acode ao teu Elpino :
Baccho, Baccho, evoé.

Vem, vem, ó dithyrambo, se as alegres
Crepitantes lenças te não prendem;
Se afogado do fumo dos legumes,
Os olhos esfregando as ventas torces ;
Vem, vem, qu'eu te prometto
(Por esta taça o juro)
Devoto celebrar as anthesterias :
Vem, vem Baccho, evoé.

Mas, que ouço ! Escuta, Elpino :
Ouço ao longe ranger os parafusos
Dos cheirosos lagares !
Descendo pelas roscas grita a vara ;
Bom signal, evoé.

Vejo, por entre chuvas de bagaço,
Um vulto pelos ares vir batendo
Compridas azas ; mas não tem cabeça,
Não tem pés, não tem mãos :
Ah ! já na terra pouza :





Vamos Elpino
Es tu B

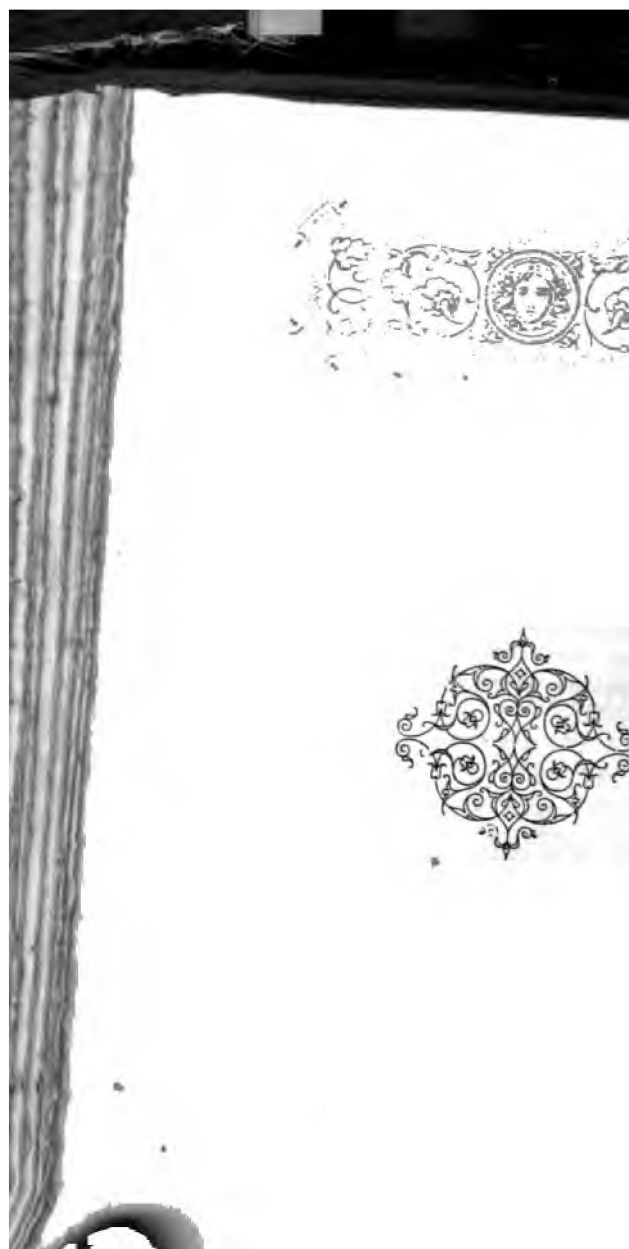
Elpino,
O valente elixir
Das pass
Que aque
Que faz vermelh
Que aleg
Que o son
Elpino, ton
Baccho, Ba





MOTES E GLOSAS



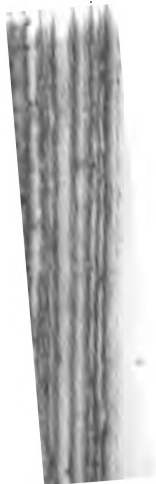




I.

*MARTE, façe-te da moda,
E teus temores desterra,
Que os soldados desta era
Trazem por moda uma roca.*

*Se queres ser namorado
Da moça mais presumida,
Deixa de paizano a vida,
Senta praça de soldado.
Trazes chapéu cercado,
Espadada a testa toda,
Casaca com pouca roda,
Nunca dinheiro contigo;
Pois é moda tal castigo;
Marte, façe-te da moda.*



Não temas a
Sanguinosa es
O pelouro, qu
E que mata de
Nem petardo, e
A' dura" porta
Busca o desprez
Com torvo irad
Faze-te forte, cl
E tens temores d

Com retorcidos t
Os antigos Cassu
Sem rabichos, me
Trezandavão mais
Marte. *de --*



Inda que a roca se ponha
Como carocha aos poltrões,
Hoje seiscentos Roldões
Não tem da roca vergonha.
Empestados desta ronha,
Que trouxe moda tão louca,
Fazendo aos rapazes cõca
Em trajes de Cruz-diabo,
Nos mostram por moda o rabo,
Trazem por mola uma rocca.





II.

DE que me serve o querer-te,
Nem tão pouco idolatrar-te ?
Sujeitar-me a teus preceitos,
E vir outrem a lograr-te ?

De que me servem gemidos
Ao céu vamente espalhados ?
Se a meus rogos magoados
Cerras, Marília, os ouvidos ?
Se mil extremos perdidos,
Perdidos só por mover-te
Chegão, cruel, a offender-te.
Se nada enfim me desculpa,
Antes, o querer-te é culpa,
De que me serve o querer-te ?



De que me serve ? Que vale,
Que o pranto meu pezaroso,
Qual ribeiro caudaloso
As duras penhas abale ?
Grite, murmure ou me cale,
Nada chega a magoar-te.
Quem é que pôde abrandar-te ?
Se para, ingrata, mover-te,
De nada serve o querer-te,
Nem tão pouco idolatrar-te.

Cuidei que viver atado
Ao grilhão da tyrannia,
Em compaixão trocaria
Tão estranho desagrado.
Vejo-me desenganado ;
Vejo em lagrimas desfeitos
Meus olhos, que tão sujeitos
Teu duro imperio rendeo ;
Nada, Marília, valeo
Sujeitar-me a teus preceitos.



262

Mas é tal o meu tormento,
Que heide com gosto soffrê-lo ;
Pois imaginar perdê-lo
Inda é maior sentimento.
Não, Marília, o pensamento
Não sabe deixar de amar-te ;
Antes escolhe encontrar-te
Sempre ingrata, sempre esquiva,
Que ver-te emfim compassiva,
E vir outrem a lograr te.





III.

Tudo faz o Padre Antonio.

A negra melancolia
Com os olhos no chão póstos,
Suspiros, pranto, desgostos
Sobre os mortaes diffundia :
Quando a rizonha alegria
Apparece a tempo idoneo,
E como o brando Favonio
Dissipa a nuvem do pranto ;
Mas tornar em doce canto
Tudo faz o Padre Antonio.

Tu fazes, Delfim sonoro,
Mudar em consolações
As penosas afflicções
Com o instrumento canoro :
Fazes que do Pindo o côro



264

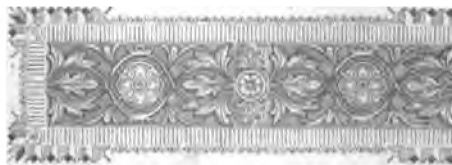
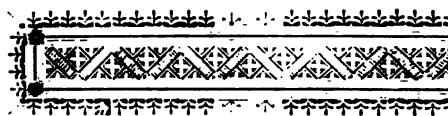
Por ti deixe o lago Aonio ;
Fazes descer do Telonio,
Por te ouvir o deos luxente,
E tu fazes.... Finalmente
Tudo faz o Padre Antonio.

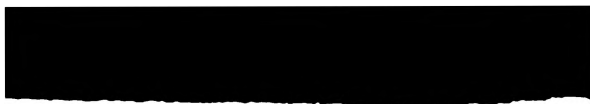




CANTIGAS







I.

DO campo de Rio frio
Já vierão os soldados,
Trazem corações de bronze
Em dura guerra ensaiados.

Ferozes e carniceiros,
Arrastão duros canhões,
Ameaçando ruínas,
Incendios, roubos, traições.

Com pifaros e tambores
Nos atroam os ouvidos :
Os fundos valles, os montes
Gemem do estrondo feridos.





As bandeiras
Desampará-lo
De linhas e b
Se espantá-lo e

De improviso se
As brancas azas
Ora nos ares sua
Ora ás estrellas s

As settas, que lhe
Ficão no campo pt.
Rotos os sonoros as
As vendas despedaça

Successo tão lastimos
Andão as moças carph
Soltos os louros cabell
Descorado o rosto lind



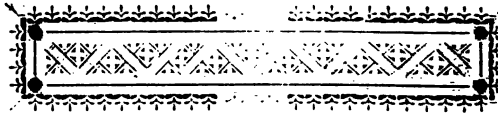
Nas curvas margens do Tejo.
Que lambe a cressa corrente,
Para onde fugio Amor
Perguntão tristes á gente.

Pelos asperos outeiros,
Com seu pranto rociados,
Umas bradão por Cupido,
Outras praguejão soldados.

A seus sérvidos gemidos,
O pobre não lhe responde ;
Antes com panico medo
Até das moças se esconde.

Teme, que até nos paizanos,
Galharda gente mimosa !
Se ateie o fogo voraz
Da feia guerra estrondosa.





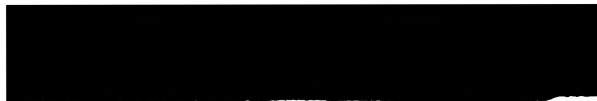
Nunca mais com brando rôgo,
Com reciprocos suspiros,
Sujeitará corações
A seus laços, a seus tiros.

Fugio Amor, escondeo-se,
Levou comsigo a alegria:
Murcharão se as lindas flores,
Apagou-se a luz do dia.

Mas quem quizer saber onde
Escondido Amor está,
Venha ver de Lylia os olhos,
As frêchas de Amor verá.

Ah! fecha, Lylia, teus olhos,
Não deixes sahir Amor,
Emquanto ouvires das armas
O desabrido fragor.





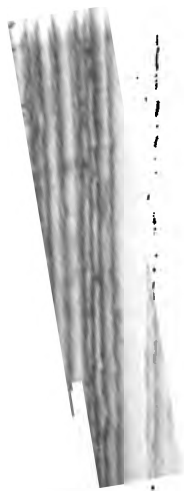
Espera que a paz dourada
Tomando ao collo os Amores,
Com os cocares dos elmos
Empennem seus passadores.

Deixa, que ardidos ginetes
Rompendo os campos talados,
Em vez de bellicos Sagres,
Arrastem curvos arados.

Então á sombra dos ramos,
Que estende o carvalho annoso,
A casta pomba arrulando
Chamará o fido esposo.

Então co' a frauta sonora
Modulando em desaho,
O teu nome ensinarei
As mansas aguas do rio.





Cuidava qe
Era branda,
Cuidava que
Mais tenra de

Mas, ai, ai, a
Ella é cem ve.
E cem mil vez
Muito mais dura.
Que onça esfain
Loba malvada,
Que na espessura
Degolla as raa-

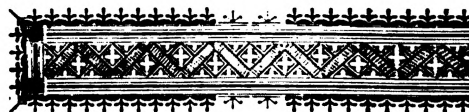
**Ao Divino Espirito Santo no anno
em que servio de Imperador um filho
do Ill^{mo} e Ex^{mo} Snr
D. José de Alencastro.**

Almo Espirito divino,
Deste imperio protector,
Inflamma os devotos peitos,
De que foste Creador.

Tu Paraclyto te chamas ;
Fonte viva e sempiterna ;
Incendio de caridade ;
E dedo da mão paterna.

Do estellante Empyreo desce,
Nas azas de Semsins :
Anjos, thronos te acompanhem,
Potestades, Cherubins.



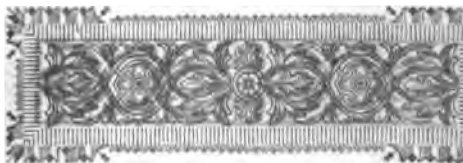


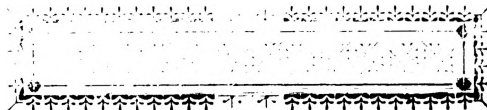
Já com vozes incessantes
Tres vezes Santo te aclamão :
E de tua immensa gloria
A magestade proclamão.

Abrão-se as portas do céu,
Enche de luzes a terra,
Os rebeldes inimigos
Longe de nós os desterra !

Venhão em nosso socorro
As celestes legiões,
Para a tremenda batalha
Arma-nos os corações.

Mil coriscos vomitando
Caia o dragão furibundo,
Que accezas fauces abrindo
Deseja tragar o mundo.





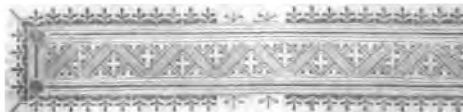
Derrotadas as catervas
Do caliginoso bando,
Em nossas rixas bandeiras
A victoria está brillhando.

Sobre a dourada corda
Do devoto imperador,
Vemos fuzilar os raios
De teu divino esplendor.

Emquanto de nossos olhos
Teu lume santo for guia.
Confessarão os infernos
Deste imperio a soberania.

De dourada paz gozando
Cantaremos teus louvores,
Dissipando as densas trévas
O ruido dos tambores.





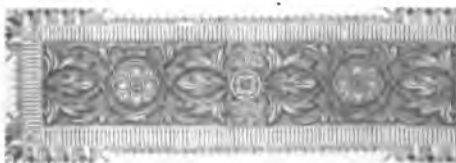
276

Em triumpho campeando
Cantaremos a victoria,
Té ver de Sião os muros
Cobertos de immensa gloria.

Seguindo tuas bandeiras
Em teu serviço alistados,
Foliões e imperador
Somos de Christo soldados.

Armados do lume teu,
Rutilante escudo forte !
Esperaremos constantes
A curva fouce da morte.

Se nossos votos te agradão,
Se escutas nossos clamores,
Sobre a casa d'Alencastro
Chovão os teus resplendores.





277

Entre candidas virtudes
Com illustre heroicidade,
Esmalta os brazões do sangue
Magnanima caridade.

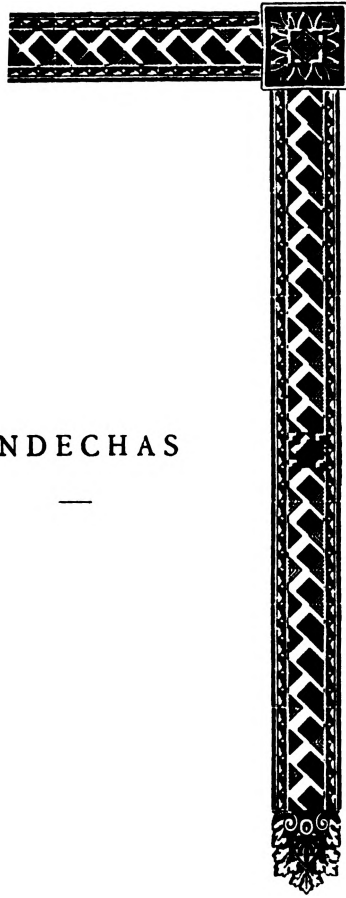
Qual o pelicano terno,
Que o peito de ouro rasgando
Está c'o sangue das veias
Os filhos alimentando;

Assim a grande alma illustre
Em celeste amor acceza,
O coração rasgará
Para acudir á pobreza.

Nos solios da eternidade,
Que occulta tanto mysterio,
A-desejão ver c'roada
Os vassallos deste imperio.



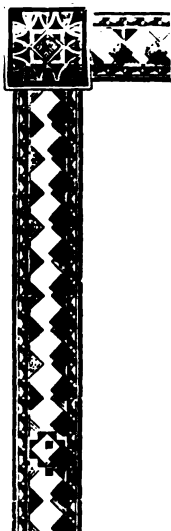


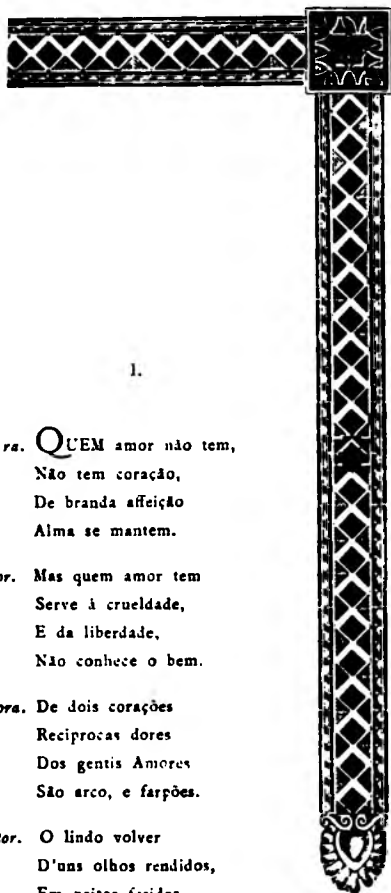


NDECHAS

—







1.

ra. QUEM amor não tem,
Não tem coração,
De branda afeição
Alma se mantém.

ra. Mas quem amor tem
Serve à crueldade,
E da liberdade,
Não conhece o bem.

ora. De dois corações
Recíprocas dores
Dos gentis Amores
São arco, e farpões.

tor. O lindo volver
D'uns olhos rendidos,
Em peitos feridos
Derrama o prazer.



Pastora. Deseja dizer
Balandando o cordeiro
No valle, no outeiro,
Que sabe querer.

Pastor. O pégo do mar
À praia nas fragas,
Quebrando mil vagas
A vem abraçar.

Pastora. Que bom fôra Amor
Se fôra leal;
Mas é grande mal,
Que seja traidor.

Pastor. Se em amor não ha
Singelas tenções;
De enganos, traições
Quem não fugirá?

Pastora. Bem posso mostrar
Quem te ama fiel.

Pastor. De quem é cruel,
Que devo esperar?



283

Pastora. Se me amas, pastor,
Sou fida pastora.

Pastor. Se não és traidora,
Já creio em Amor.

Ambos. Que doce prazer
Não sente quem ama.

Pastora. Tão suave chamma
Deixemo-la arder.



II.

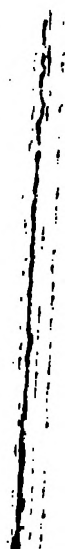
Em mil agonias
Cercado de abrolhos
As noites, os dias
Me deixão Licore.
Depois que teus olhos
Os meus captivárão,
E me sujeitárão
A tanto rigor.

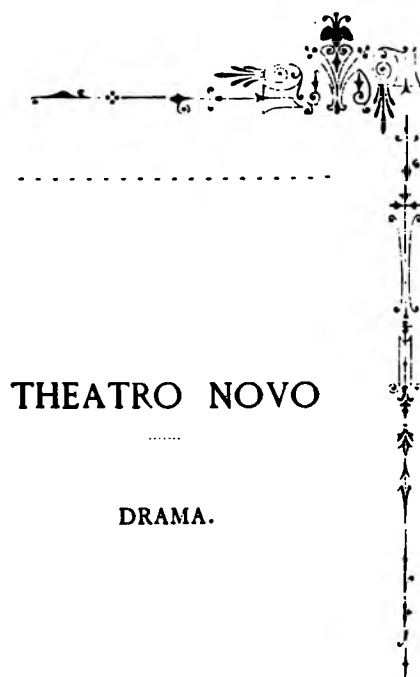
Se tratas assim
Com tal tyrannia,
Quem por ti se inflamma
A quem te não ama;
Que mais lhe faria
O teu desamor ?



PARTE II



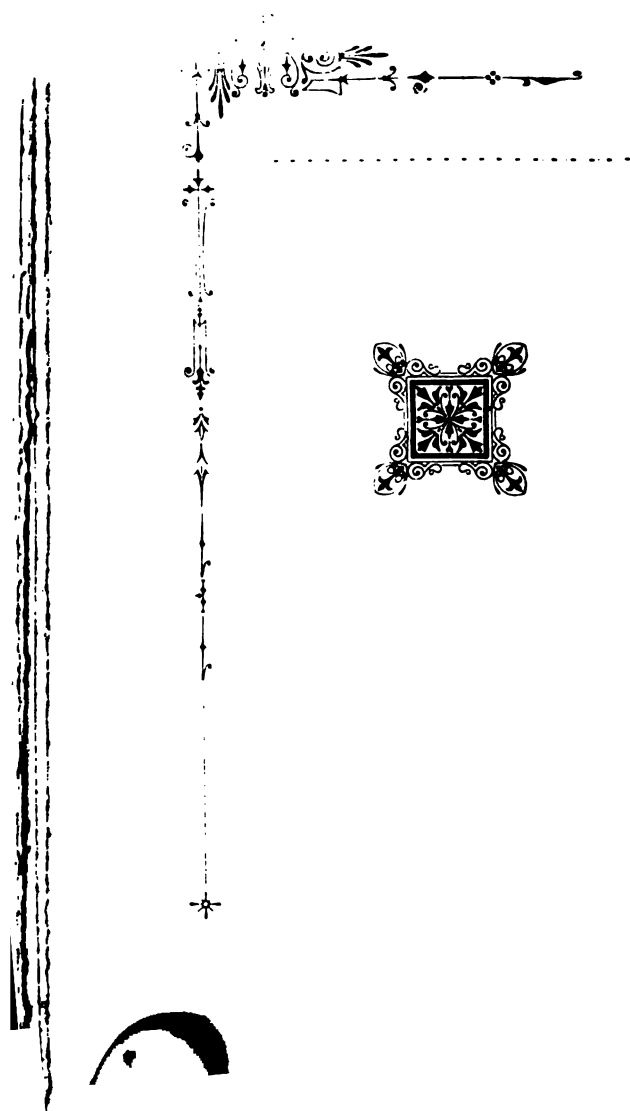


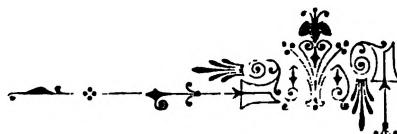


THEATRO NOVO

.....
DRAMA.







ACTORES.

Aprigio Fafes,

Aldonsa } suas filhas
Branca }

Arthur Bigodes, mineiro e compadre de Aprigio.

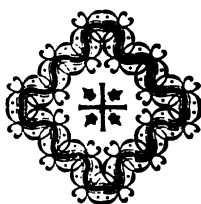
Jofre Gavino, musico e mestre de Aldonsa.

Inigo, actor.

Braz, Licenciado.

Monsieur Arnaldo, architecto.

Doutor **Gil Leinel,** poeta.



SCENA I.

APRIGIO, ALDONSA e BRANCA.

Aprigio.

Mil vezes, filhas, já vos tenho dito,
Que noite e dia penso, e que repenso
Em estado vos dar: o céu bem sabe,
E bem o sabeis vós, quanto o desejo;
Mas o tempo correu-me tão avesso,
Tão contrario ás magnificas idéas,
Que não acho um piôga a quem se possa
Empurrar uma filha, sem mais dote
Que seus olhos azues, louros cabellos.

Aldonsa.

Solteiras, e comtigo viveremos
Honradas, e contentes.

Aprigio.

Caras filhas;

Este emprego de zangano, que tenho,
Com a alcunha de corretor dourado,
De todo deo em droga, está perdido :
A cada canto um Myrra tópa a gente,
Tão casado co' a burra, e tão cioso
Dos lacrados cartuxos, que primeiro
Callado deixará vasar-lhe um olho,
Que pregar-lhe um callote : não se atre
A bulir nos dobrões : dos proprios dedos
Desconfia, e se doe : os chicos guarda
Quaes medalhas dos Cesares antigos.

Branca.

Inda, meu pai, te não pedimos dote ;
Deixa correr o tempo, casaremos.

Aprigio.

Algum dia (que tempo venturoso !)
De lá de cima vinhão a cardumes
Escudeiros Serriz, rolhos Morgados,
Com solares no concavo da lua ;

Pousavão na Betesga ou no Cachimbo,
E mandavão chamar-me logo, logo,
Por um laçao, ou pagem de polainas :
O bisonho Jangaz me descobria
O fraco de seu amo : eu lhe levava
Relógios, *espadas*, *outras* missangas :
Tudo o boçal Jalofo cobiçava ;
Tudo se lhe vendia á queima roupa,
Gato por lebre : eu mesmo vi um destes
Por tres dobras pagar uma pintura
Do Zeuxis do Castello, e mui sisudo
Jurar que era o painel de Ticiano.
Mas tudo o tempo gasta, tudo leva.

Aldonza.

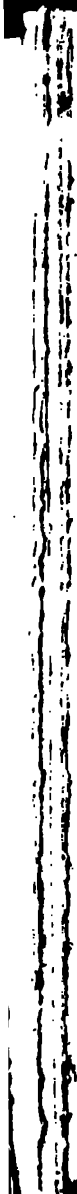
Hoje os mesmos caloiros são l. dinos.

Branca.

Capazes de lograr-nos.

Aprigio.

Portém, filhas,
Quando mais desatados rijos ventos



Aprigio.

O bico tem revólto ; mas podemos
O vello tosquiar-lhe com bom geito :
Finge tu, minha Aldonsa, que lhe queres ;
Chora, suspira, ri-te, a mão lhe beija,
Expõe-lhe o desamparo em que ficaste
E tua irmã, por morte de Malfalda,
Boa mãe de vossês, delle comadre.

Aldonsa.

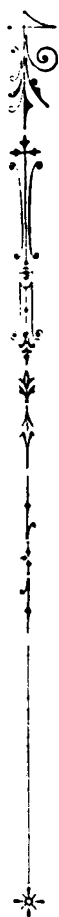
Triste empreza, meu pai ! E na verdade
Que fingir-me não sei ; mas quando saiba,
Um velho tão sagaz e tão matreiro
Não cae em esparrellas.

Aprigio.

Velhos, moços,
Em todos igualmente se descobrem
As tyrannas paixões, a pouca força
Da pobre natureza.

Aldonsa.

De que modo
Posso vencer o natural antojo,



Aldonsa.

Sim; mas a mana
Sabe contrafazer-se, que eu não posso.

Aprigio.

Aldonsa, Aldonsa, que resposta é essa?
Assim pagas o amor com que te trato?

Branca.

Meu pai, a mana zomba; descansado
Podes cuidar no mais, que o velho é nosso.

Aprigio.

Aldonsa, filha minha, ao velho, ao velho,
Se allivio queres dar a um pai cansado,
Que tanto bem te quer, e que deseja
Ver-te casada c'um senhor de terras,
Rodando pelas ruas de Lisboa
Em dourado carrinho, inda que berre
O triste corrieiro, que, bom homem,
Acreditou a lábia do Morgado.
Mas vão vossêz compor-se e vão vestir-se,
Para mais engoda-lo. Ei-lo que chega.
Vão-se, que logo as chamo.

SCENA II.

ARTHUR = APRIGIO

Aprigio.

Meu compadre,
Cuidei, que já não viasas.

Arthur.

Essa é b.
Eu sou Pilatos; o que digo, digo
Pão, pão, queijo por queijo. Arthu
Tem palavra de Inglez.

Aprigio.

Assás conh.
O muito que te devo: e que me di
Do projecto de que tratamos hontem

Arthur.

Amigo, amigo Fafes, o negocio
Seus laivos tem de logo: quasi semp

297

Vale mais a fortuna, que a sciencia :
O coração presago é o piloto
Com que se arroja ao mar quem Deos ajuda.
Ha delgado chatim, que mal entende
Que dous e tres são cinco, e sempre ganha,
Ou no contrato lance, ou na commenda :
E quantos vemos nós com guarda-livros,
Com seiscentos caixeiros zigue-zigue
Dar c'os bodes na arêa, e nas esquinas
O bom nome servir-lhes de epitaphio !
Mas deixando preambulos, approvo
A idéa do theatro; é bom projecto,
O ponto só consiste em desbancarmos
O da rua do Conde e Bairro Alto.

Aprigio.

Senhor Arthur Bigodes, meu compadre,
Quem tem tão bom amigo, não duvida
De abalançar-se á mais custosa empreza;
Este meu tal e qual pouco bestunto,
O trago preenhe sempre e recheiado
De soberbas idéas; mas não tinha
Calor bastante na myrrada bolsa,

Para o braço chegar a executa-las.
O céu bem sabe, quantas vezes, quantas,
Vociferando, disse: Em hora infausta,
Por longos mares, d'entre nós fugindo,
Se ausentou meu compadre Arthur Bigodes;
Coração de Alexandre, farto amigo,
Pé de boi portuguez; mal empregado
Nos desertos sertões dessas Arábias,
Entre gente boçal, entre bugios!

Arthur.

Manso, fiel amigo, essas lisonjas,
Carapuça não são desta cabeça.
Sou amigo e compadre; isto me basta;
Faço o que devo. Vamos adiante.

Aprigio.

Tanto que a frota veio, uma alma nova
Senti pular no peito; a fantasia
Entrou a erguer palácios e castellos:
Vi dragos, serpes vi: quando sonhava,
Vologeso e Catão me appareição
Com punhaes e cadêas: acordava

Aturdido de caixas e trombetas ;
Estes e outros projectos me inspirarão
A idéa de um theatro : eu sempre tive
Bom dedo para a cousa ; fiz marmotas ;
Varias famas vesti, e Cruz-diabos
Para os cirios do Cabo e d'Atalaia.

Arthur.

O dinheiro está prompto ; agora falta
Quem nos arme a charola.

Aprigio.

Caro amigo,
A teu arbitrio entrego, e deixo tudo.

Arthur.

A mim, Aprigio? Fôra ; não sou desses,
Que emprestando dinheiro com usura,
Dão mil regras depois de economia
Ao pobre padecente, que corrido,
Como cão com funil atado ao rabo,
Vai ladrando e fugindo á surriada.



Aprigio.

Basta, compadre, basta ; as minhas filhas
Muito bem sabes como são galantes ;
Aldonsa ha de fazer primeira dama ;
Branca, a segunda : tu verás pendentes
De seus travessos olhos todo o povo :
Tantos os corações, tantas as Troias,
Em amoroso incendio chammejando.
Tu mesmo, meu compadre, sem remedio,
Apezar dessas cãs, embaraçado
Has de sentir-te na vulcanica rede.

Arthur.

Eu não sou tão sizudo, nem tão velho,
Que viva por demais ; enfim, sou homem ;
Nem tive nunca coração de pedra ;
E pouco bastará para mover-me ;
Muito mais as paixões, que docemente
Os animos revolvem.

Aprigio.

Ora vou-me
Chamar a nossa gente, para vermos



Aldonsa.

Sempre brincando vem o meu padrinho.

Branca.

Senhor Arthur Bigodes, como passa ?

Arthur.

Mui bem, senhora Branca. Ouves, Aldonsa ?

Eu não brinco, antes fallo bem devéras.

Branca.

Pois a mana, senhor, essa não zomba :
Noite e dia conversa em seu padrinho ;
Não falla n'outra cousa, quantas vezes
Se á porta batem, vai correndo á porta ;
E porque dá com outro, do semblante
A côr lhe amarellece, e recuando
Sobresaltada, diz que não é elle.

Arthur.

Quão feliz, minha Branca, e quão ditoso,
Se isso verdade fôra, me julgára !
Inda porém Aldonsa m'o não dice

Para tão facil ser, que me arregai
Que dizes, bella Aldonsa : aquillo

Aldonsa.

A mana não te engana, nem te ment
Mas se te adoro, deverei dizê-lo ?

Arthur.

Devêras, devêras, que essa innocente
Suave inclinação em nada offende
A modestia, o decôro : inda que custa
A' moça mais amante o confessa-lo,
Posto que honesto fim lh'o approve e dou

Aldonsa.

Pois vive descansado que te quero.

Branca.

Eu dou-lhe os parabens, senhor Bigodes.

Arthur.

Eu os acceito, Branca. Minha Aldonsa,
Que nunca me enganei com os teus olhos,

Agora o chego a ver ; nelles ao longe,
Muito ha que descobri um brando gesto,
Que n'alma me bulia ; mas atado
Ao pezado trambolho de meus annos,
Lutando afficto com setenta invernos,
Por mais que ardião férvidos desejos,
Capazes de animar a fria pedra,
Tiritando com medo, enregelava :
Porque um homem qu'ê serio e qu'ê prudente,
Antes se humilha a parecer covarde,
Que levar na bochecha uma apupada
Destas rascoas de hoje, presumidas,
Que buscão Tamerlões, imperadores,
Franchinotes, casquilhos e poetas,
Para ao depois berrarem com ciúmes,
Sem achar cabeções com que os subjuguem.
Tu és, Aldonsa, a excepção da regra,
Amavel, linda, candida, innocente ;
Qual rosa pudibunda em manhã fresca,
Que da rustica mão do jardineiro
Deixa talhar o pé, deixa colher-se.

Aldonsa.

Tão estranhos, tão grandes elogios
Não chego a merecer; antes conheço,
Que a maior parte da fortuna é minha.
Uma pobre donzella, sem mais dote,
Que seu singelo amor, em nossos dias
Mui pouco, ou nada vale: sem riqueza
Quem sofre a formosura? São costumes,
Honrado sangue, angelico semblante,
Não namorão os noivos deste tempo.

Branca.

Maior favor te faz o teu padrinho.

Aldonsa.

Assim, mana, o confesso, assim lh'o digo.

SCENA IV.

APRIGIO, JOFRE, INIGO, e os mesmos.

Aprigio.

Aqui trago, compadre, estes senhores,
Ambos um *non plus ultra* do theatro;

São musicos, actores, dansarinos,
Grandes poetas ; tudo ao mesmo tempo :
São dous tomos de rara miscelanea,
Em ambos quiz mostrar a natureza,
Que sabia fazer uma obra prima.
O Senhor Jofre, quando as arias canta
As almas arripia ; calda os ventos.
Pois o mancebo cá, o meu Inigo !
Este vivo bemol, este magano,
Nos lances amorosos é um pismo !

Arthur.

Ambos, bem me parecem : gentis moços !

Jofre.

Sou antigo criado desta casa,
E mestre da senhora D. Aldonsa ;
Por tão honrado titulo me julgo
Merecedor de grandes elogios.

Arthur.

Logo o mestre sabio o mais esbelto !

Inigo.

Eu não posso allegar antiguidades ;
Mas vou tambem na folha. Venturoso
Se de applauso e favor me vejo digno
Apesar de não ter merecimento.

Arthur.

Ambos discretos são.

Aprigio.

Mais que discretos
São os melhores Ciceros da Côrte,
Capazes de prégar ! Aqui o amigo,
Um drama já compoz. Logo o veremos

Inigo.

Dize-me, Branca, que Affonsinho é este

Branca.

É padrinho da mana.

Arthur.

O Senhor Jofre,
Quanto tempo ha qu'ensina nesta casa ?

Jofre.

Ha já tres annos, pouco mais ou menos.

Arthur.

Com que tres annos ha, que nesta casa
Tem entrada o senhor !

Aprigio.

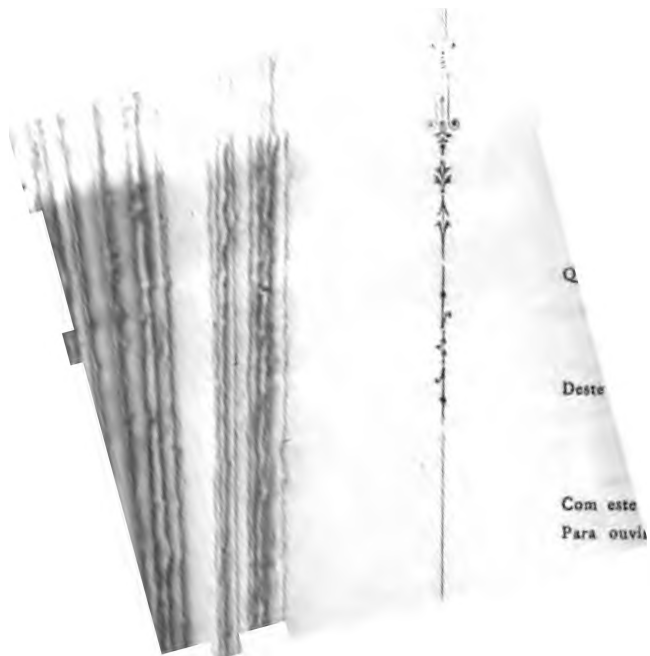
Ai ! meu compadre,
Tu cuidas qu'inda tão alarves somos,
Como no tempo em que d'aqui te foste ?
Já lá vão os biocos Portuguezes,
Mourisca usança, barbaro ciume,
Que uma pobre mulher aferrolhava,
Quaes se guardão freneticos orates :
Ha gente mais feliz ! Outros costumes
Adoptou a nação, abriu os olhos.

Arthur.

Eu cuido que os tapou.

Branca.

Que rabujento !



SCENA V.

GIL e os mesm s.

GIL.

Senhor Aprigio Fafes, aqui venho
Cumprir as suas ordens.

Aprigio.

Caro amigo,
Homero Portuguez, Pindaro nosso,
Já cá te suspirava. Vem contigo
As Musas, vem as Graças.

GIL.

Basta, basta ;
Não estamos nós outros os poetas
A fartos elogios costumados :
Os mesmos que nos pedem um soneto
Para render a dama desdenhosa,



Ou os annos louvar de uma abb.
Depois de ter campado por discre
A' custa de um poeta, sem vergon
Jurão que são uns doudos os poet

SCENA VI.

BRAZ, *Monsieur* ARNALDO e os

Braz.

Amigo Aprigio Fafes, aqui trago
Monsieur Arnaldo, pratico architecto
O Pozzi, Paradossi e Bibiena
Traz alli no emicraneo, a perspectiv
Na pineal lhe vellica com tal força,
Que em cada pulsação da traca-artes
Um theatro magnifico levanta.

Aprigio.

Viva, viva, senhor Arnaldo. Agora
Que estamos todos juntos, comecemos
A nossa conferencia : venha a banca.
Vossês não ouvem ? Tragão mais cade

Arthur.

Quero que a par de mim se assente Aldonsa.

Branca (*para Inigo*)

Queres qu'eu fique cá da outra banda?

Jofre.

Parabem, parabem, senhora Aldonsa.

Aldonsa.

Se tu soubéras, Jofre.....

Jofre.

Bem entendo.

Inigo.

Que te parece, Branca, o Tupinamba?

Branca.

Velho e reiho.

Aprigio.

Sentemo-nos, senhores.

Que grave tribunal! Que magestoso!

Mal sabe o mundo agora, que pendente
Deste conclave está o seu destino.
Oh! quanto, amada patria, quanto deves
A teu bom cidadão Aprigio Fafes,
Suando e tressuando por salvar-te
Do pélago profundo da ignorancia,
Onde pobre jazias, atolada
Entre pessimos dramas corriqueiros!
Deste cano real hoje te sáco,
Qual sáca o gandaeiro um prego torto
D'entre os chichelos velhos da enxurrad

GII.

Senhor Aprigio Fafes, isto é tarde,
E eu tenho que fazer. Vamos ao ponto.

Aprigio.

Sim, senhor, sim, senhor: o caso é este
E bem o sabeis vós, ha quanto tempo
Que eu desejo fundar um bom theatro;
Agora que a fortuna me depara
Feliz occasião de executa-lo
Com o favor, alli, de meu compadre,

É preciso ajuntar a sarabanda,
Repartir os papeis, escolher obra,
As vistas idear e celebrarmos
Com solempne escriptura este contrato.

Gil.

Senhor Aprigio Fafes, o theatro
Depende, mais que tudo, do poeta.
Que fazem bastidores e instrumentos,
Sem dramas regulares? Uma boa
E perfeita tragedia, inda despida
Da magnifica pompa do apparato,
Tem mais graça e mais força q'um mão drama
No theatro de Reggio ou de Veneza,
Com soberbas tramoias recitado.

Jofre.

Amigo Gil Leinel, ninguem te nega
O constante poder da poesia:
Mas quem ha de soffrer Catão ou Dido
Do grande Metastasio, repetido
Entre velhas cortinas, sem orchestra?



Exponha ao povo fábulas sublimes,
Tragedias ou comedias regulares.
D'aqui venho a tirar, que no theatro
Não devemos soffrer drama imperfeito,
Cuja graça consiste na doçura
D'afeminada musica moderna,
Na remendada phrase de mil vozes
Barbaras, ou guindadas, ou rasteiras.
Longe, longe de nós esta mania:
Restauremos o portuguez theatro,
Desagravando a casta lingua nossa,
Dos aleives, que sem razão lhe assacão.

Aprigio.

Viva o Doutor Leinel, Doutor das gentes !
Quem me dêra qu'o bom Goldoni ouvisse
Como ronca um poeta de Lisboa !
Agora falla, Braz Licenciado.

Bras.

Eu que posso dizer ? Que me parece
Muito mal tudo quanto aqui se dice.
Que proveito tiramos em metter-nos

No principio em camisa de onze v
Tragedia é cousa que ninguém stu
Quem ao theatro vem, vem divertí
Quer rir e não chorar ; lá vai o !
De lagrimas comprar ás carpideiras
Não faltão boas operas, comedias,
Em francez, italiano, em outras lis
Que pôde traduzir qualquer pessoa,
Com enredo mais comico ; que o !
Só se agrada de lauces sobre lance
Quem isto não fizer jamais espere
Que o pava diga brevo, e dê palm
É o voto que dou.

Aprigto.

Optimamente.

Arnaldo, agora vota.

Arnaldo.

Meus senhores

Venho ajustar o preço do theatro.
Com dramas não me metto : ou b
É só o que me toca. Porém digo,

Que regular tragedia nas Italias
Muito ha que se não usa ; que a mudança
De vistas sobre vistas, as tramoias,
Mâres, incendios, dragos e batalhas,
São cousas de que o povo se namora.
Já eu fiz em theatro trovoadas,
Com raios e relampagos tão proprios,
Que as damas desmaiavão era um gosto
Ver a gente fugir dos camarotes
Espantada, bradar misericordia.

Aldonna.

Negro gosto ! Quem pôde divertir se
Co' a pavorosa scena de um flagello ?

Branca.

Rom architecto ! Magico parece.

Aprigio.

Calai-vos, filhas. Vote agora Inigo.

Inigo.

Muito dizer podia, pois que tenho
Experiencia bastante de theatros ;

Actor de profissão, isto me basta
E também, senhor Gil, o louro A
De comigo tratar não se envergon
Mas por não demorar a conferencia
Em branco assignarei. Estou por tu

Arthur.

O cão é Mouro.

Aprigio.

Inigo, desabafa ;
Dize quanto souberes : falla, falla.
Es a columna do theatro novo .

Inigo.

Pois se devo fallar, digo, senhores,
Que o theatro sem danza pouco vale ;
Muito menos sem musica. Podia
Quem a gloria quizesse de primeiro,
Pôr no theatro as operas cantadas
Na lingua portugueza. Eu aqui trago
Uma por mim composta neste gosto.
É a perda de Troia : vê-se Enéas

Sahir c'o pai ás costas : vai Ascanio
Com os caros penates abraçado :
Arde a cidade: cahem as altas torres :
Embarca a gente phrygia : muitos annos
Por inhospito mar andão vagando,
Até que surgem no distante Lacio,
Onde Enéas a Turno tira a vida,
E casa com Lavinia.

Aprigio.

Bravo ! Bravo !

Inigo.

Tem varios dños, árias, cavatinas.
Eu cuido que desbanco a Metastazio.

Branca.

Agora sigo-me eu.

Aprigio.

Espera, Branca.
Perdôa, amigo Jofre, que a memoria
Principia a faltar-me : preterido

Por engano ficaste, e bem pod
Pedir a tua vez. Perdôa e falla

Jofre.

Em tal não reparei : eu sou sinc
Digo o que entendo, e cuido qu'
Sem musica e sem dança, nada v
Ha cousa mais formosa que a lig
Calada pantomima, cujos gestos,
Sem auxilio das vozes, representão
Reconditas paixões, mudos suspiros,
Que entende o coração, ouvem os
Que melhor espectaculo, que os levi
Grandes saltos mortaes ? Que ver me
Bater c'os calcanhares oito vezes,
Torcer o corpo e revirar os braços ?
Mas nunca votarei em que façamos
Opera em portuguez toda cantada :
Para tanto não é a lingua nossa :
Algumas arias, duos, recitados
Se podem tolerar ; o mais em prosa :
Para o theatro nós não temos versos.

Aprigio.

Fallas como um Catão. Que dizes, Branca?

Branca.

Eu sou de parecer, que só se fação
As portuguezas operas impressas:
Encantos de Medía, Precipícios
De Phaetonie, Alecrim e Mangerona.
Em outras nunca achei galantaria.

Aprigio.

Esse voto era digno de mais annos.
A ti, amigo Arthur, que te parece?

Arthur.

Que podem parecer-me taes loucuras?
Estou tonto de ouvir estes senhores!
Parece-me que estou entre Paulistas
Que arrotando congonia, me aturdião
Co'a fabulosa illustre descendencia
De seus claros avós, que de cá forão
Em jalcão e ceroulas. Mas pergunto:
As comedias de Calderon, Mureto,

Candâmo e Salazar, isso não presta ?
Tem bichos, meus senhores ? Tanta gen
Imperadores, reis, infantes, duques,
Os condes e os marquezes, qu'as ouviã
Com gosto e com prazer, erão uns assu
Sô estes meus senhores tem juizo ?
Que Colombos e Gamas denodados,
Para achar novos climas, novos mares !
Pois digo-vos que só se a minha Aldon
Fôr de contrario voto, o meu dinheiro
Servirá para as barbaras idéas,
De que prenhes trazeis essas cabeças.

Aprigio.

Aldonsa, minha Aldonsa, que nos dizes ?

Aldonsa.

Eu digo, que me louvo no teu voto.

Gil.

Falla, formosa Aldonsa, tu bem sabes
Quaes são as leis e regras do theatro.

Aldonaa.

Não acceito a lisonja, porém digo,
Qu'emfim approvo quanto tu votaste.

Aprigio.

Eu que tenho dois votos, digo o mesmo.

Arthur.

Acabou-se a questão, vivamos todos.

Aprigio.

Agora, amigo Gil, que obra faremos ?

Gil.

Eu tenho varios dramas traduzidos,
De Sophocles, d'Euripides, Terencio.

Aprigio.

Nada de grego, nada ; fôra, fôra :
Sempre te ouvi dizer, que elles não tinham
Os lances amorosos de que gosta
O povo portuguez.

GIL.

Queres a C
Tragedia do Ferreira?

Aprigio.

Deos me li
Amigo Gil Leinel, eu desejava
Um drama teu. Conheço nesses oli
A suave ternura de teus versos.

GIL.

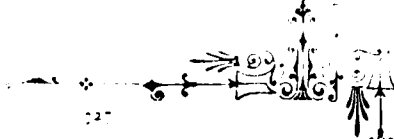
Pois, amigo, encetemos o theatro
Com a minha *Iphygenia*.

Aprigio.

Bello nome!
Isso é que eu chamo titulo arrogante;
E que em vermelhas letras, nas esquinas
Ha de pescar curiosos a cardumes.
Repartido-se os papeis; vamos a isso.

GIL.

Iphygenia será Aldonsa bella.



Aldonza.

É extenso o papel?

Gil.

Não, é pequeno.

O senhor Jofre seja Achilles: seja....

Arthur.

Espere; tenha mão, senhor poeta;
Veja como reparte essas garrochas,
O primeiro galan a mim me toca.

Gil.

Não pôde ser galan, ha de ser barbas.

Arthur.

Eu barbas! Eu que empresto o meu dinheiro!

Gil.

E que tem o dinheiro co' a figura?
Um velho nunca pôde ser mancebo?

Arthur.

Senhor poeta Gil, faça-me graça,
E ponha-se na rua. *(Levantão-se todos)*



Aprigio.

Arthur... amigo...

Onde está a prudencia desses annos?

Arthur.

Quaes annos! *Antes que todo ex mi dama*
Aldonsa, não a largo. Tenho dito.

Jofre.

Que tal, senhora Aldonsa?

Aldonsa.

Escuta, Jofre.

Branca.

Senhor Arthur Bigodes, não se enrgile ;
Será o que quizer. Quer ser Achilles?

Braz.

Arnaldo amigo, vamo-nos safando,
Que isto não fôr aqui.

Arnaldo.

É gente douda. (*Vão-se os dois*)

SCENA VII.

TODOS, menos os dous.

Aprigio.

O' paz, serena paz ! Que nos deixaste,
E abrindo as brancas azas te sumiste !
Inspira-me palavras, com que possa
O velho socegar incarnizado.
Amigo Arthur Bigodes, que me perdes !

Arthur.

Queria o Doutor Gil, esse barbicas,
Poeta bordalengo, defraudar-me
D'ametade de mim ! Fôra c'o talho !

Inigo.

Jofre amigo, despede-te de Aldonsa.

Amigo Aprigio F
Ao respeito devid
Por isso não resp

Ai

Adeos, senhor poet
A's moças do seu l
A Padre Cura de o

G.

Senhor Arthur Bigod

SCENA

Os mesmos, m

Jofre.

Não venho do Brazil. Eu cá sou pobre.

Branca.

A mana não tem culpa: crê-me Jofre.

Arthur.

Senhor mestre de solfa, vá-se embora,
Que esta menina toma agora estado,
E vai senhora ser da sua casa.

Inigo.

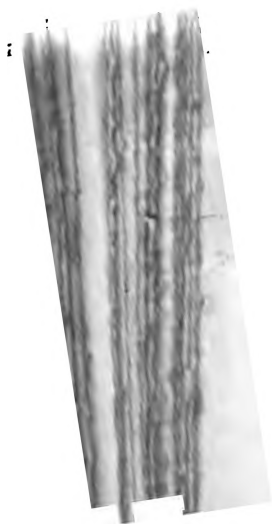
Branca, o mineiro cuida que esta casa
É senzala ou possilga de crioulos.

Branca.

Assim convem, assim melhor se encrava.

Aprigio.

Amigo Arthur, as noivas não costumão
Os mestres despedir: levão consigo
Cravo, livros de solfa. O mestre attento
Vai logo no outro dia visita-la.



Se fôr a min

Sim, barbas lh

SC

Os mesmos,

Ald

Infausta sêde de ou
A cara liberdade! O
A duro canção

Eu caso com Aldonsa, e doto Branca ;
O noivo, lá o busca; pois conheces
Os bonifrates de chapéo pequeno,
De rabicho e casacas estiradas,
De que gostão as moças deste tempo.

Aprigio.

Alli Inigo está, que para genro
Deseja de compra-lo a mesma Thetis.

Inigo.

Que ventura maior! Branca, que dizes?

Branca.

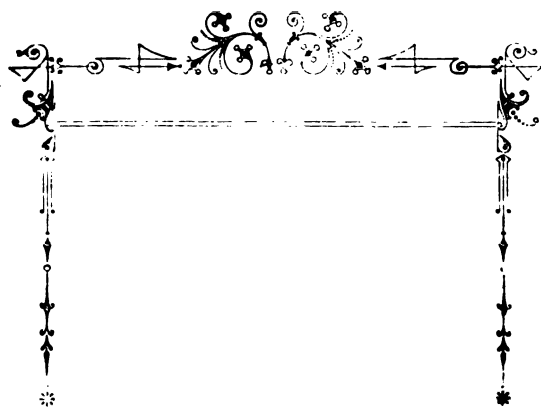
Bem sabes o que posso responder-te,
Se de antigos extremos não te esqueces.

Aprigio.

Inda o fado não quer, inda não chega
A epoca feliz e suspirada,
De lançar do theatro alheias Musas,
De restaurar a scena portugueza.

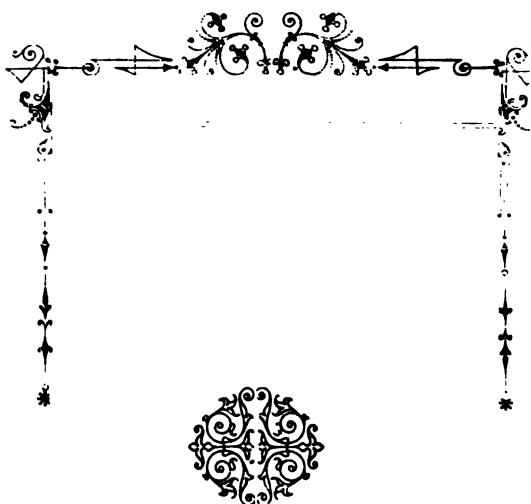


Vós manes
E tu, ó Gl
Embalário :
Na honrada
Esperai, espe
E soltos, voi
Ilustres Port
Não negueis :
Ellas, não as
De vossos bon
Que eternos so
E podeis espera
Se detestando p
Lhe defenderdes
E quizerdes com



ASSEMBLÉA OU PARTIDA

DRAMA.



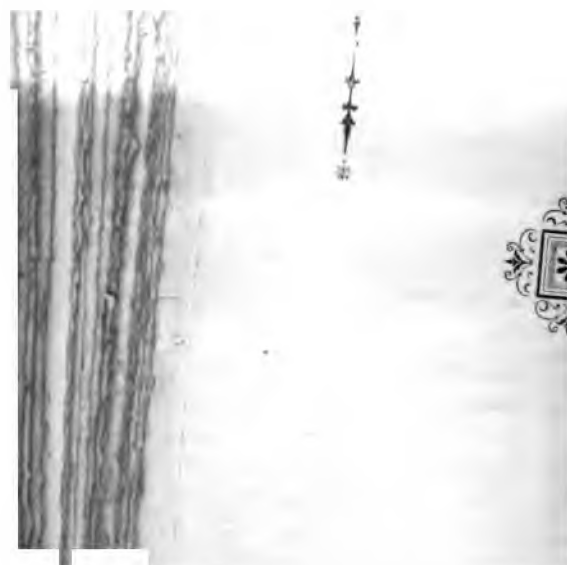
ACTORES.

Braz Carril.
D. Urraca Azevia, sua mulher.
Jofre
D. Dulce } filhos dos ditos.
D. Branca }
Jacob Bilhostre.
Gaspar Picote.
Gil Fustote, compadre de Braz Carril.
Doutor Muconio, medico.
D. Mafalda, sua filha.
Florestão, escudeiro de Braz Carril.
Lourença, criada do mesmo.
Um alcaide.
Um escrivão.
Dous gallegos.

Prostaticas.

Jogadores e convidados.
Damas convidadas.
Quadrilheiros.

—
A scena representa a casa de Braz Carril.





SCENA I.

BRAZ CARRIL e GIL FUSTOTE.

Braz.

Entendes, Gil Fustote, o que te digo ?

Gil.

Entendo, entendo : dizes que partida
Hoje em casa terás, ou assembléa.
Amigo Braz Carril, estas galhofas,
Jantares e merendas, são o fruto
Da reloucada teima de fidalga
Com que tua mulher sagaz te enloixa,
Ou te embrulha na rede em que pernêas.
Compaixão grande, compaixão me deves.
Partidas ! Assembléa ! Que mania !



B

E chamas tu mania
O viver, como vive
Hoje em Lisboa ? G
Todos querem gozar
Do suave prazer da

G

Sem esses bons praz
Nossos avós e nossos
Fartos, alegres, ricos,

Bra:

Ora já que trazão re
Os grizalhos bigodes ;
A esqualida guedelha ;
Crespas golilbas ; gon
As calças retalhadas e
Não tragas tu casaca e
Nem ates com fivelas .
Mudão-se os tempos -

A fresca primavera, verdejarem
 Cobertos de mil folhas novos ramos?
 Assim as modas são, assim os usos:
 E devemo-nos todos sujeitar-nos
 A tão perpetuas leis da natureza.

Gil.

Amigo, amigo, estás perdido... doudo...

Bras.

Com os olhos abertos.

Gil.

Não t'o invejo,
 Nem quero governar a casa alheia:
 Fica - te em paz com tuas assembléas,
 Podes sem mim fazer a synagoga.

Bras.

Caro Fustote, espera que não posso...

Gil.

Eu não canto, nem sou arreborrinho;
 Pouco gosto de chá, menos de jogo;
 Falta cá não farei. Adeos, amigo.



Espera, espera,
Ouvindo duas as
E doce delicado,

Não caio nesse a

I

Espera, escuta...

G

Dia

Bra

Eu queria pedir-te al
Porque estou sem re

GII

Pois a perpetua lei d-

Braz.

Amigo Gil Fustote, eu pouco peço ;
Dá-me, sequer seis mil e quatrocentos :
Acode-me; e conforme o nosso ajuste
Sete e duzentos lançarás na conta.

Gil.

Seis mil e quatrocentos ! Quem m'os dá !
Não me pagão tão bem os teus foreiros ;
E a divida vai já de fôz em fôra.

Braz.

Oito mil reis porás.

Gil.

Isso é perder-te.

Braz.

Qual perder-me !

Gil.

Amigo, eu não podia ;
Mas vejo o grande aperto... Toma... escuta :

Eu chamo a Deus
Sem juro te levar,
De tão forçosa ve:
E que o pouco qu
À nossa conta, é
Sim de livre vont
Que vou vestir-me

SCE

BRAZ (

Br

Para sequeiros, chá,
Falta só para luzes.
Recorro ao coscorrin
Que é fonte limpa. D.1

SCENA III.

BRAZ e URRACA.

Urraca.

Assim se chama, Braz, uma fidalga ?

Braz.

Perdôa, filha, que hoje não me lembro
Nem de Excellencias, nem de Senhorias.
Mandando á via estou a não ronceira
Com vento escasso e com estofas aguas.

Urraca.

O rato sempre foge para a palha ;
E preto velho não aprende lingua.

Braz.

Que vens a dizer nisso ? Que me esqueço
De etiquetas, medidas, ceremonias,
E mais ritos e leis da fidalguia,
Com que queres Urraca ser tratada ?



O: entendes.
Descendem de
Por seus honr
Bons vassallos

Tem bem que
Por linha masc
De principes, de
E que até nos c
Tem mitras, e n

Senhora, Excellent
D. Urraca Azevia
Vamos ao caso: fi
Dous arrateis de v

Um
Queres, já sei, preg

Urraca.

Quando tiverem dentes as gallinhas ;
Mas para que conheças que não falto
Quando é preciso, mandarei busca-los.

Braz.

Onde mezas não ha, não ha cadeiras,
Colheres, castiçais, pratos, bandejas :
Querer dar assembléas e partidas,
É nadar sem bezigas.

Urraca.

Mas com labia

Tudo se vence, tudo se consegue ;
Porque a gente ordinaria agasalhada
Com uma tal lhaneza, facilmente
Deixa cardar a lã. Anda o dinheiro
Pelas mãos de villões contra vontade ;
E como galgo em tréla cobiçoso
De entrar nas algibeiras de fidalgos,
Para brilhar com pompa e luximento,
Em ricas mezas, em custosas gelas.

Braz.

Ah ! Vossa Senhoria ou Excellencia,
É perdida entre nós : que sã doutrina,
Que politicas maximas de Estado,
Cabindo não lhe estão por entre os dedos ?
Que florente não fôra o vasto Imperio
Dos fulas Amazonas, se o regêra
Tão gentil coração, alma tão nobre !

Urraca.

Só me julga capaz de mandar gente
Tão cãfara e boçal ? Negros, Tapuias ?
Agradeço-te, Braz, o bom conceito
Que tu fazes de mim : bem me conheces,
Se fosse outra qualquer, dessas que campão
Por letradas, que gostão de ouvir versos,
Que os repetem, que os fazem, se lh'os fazem,
Dessas...

SCENA IV.

Um Gallego com uma teiga e os mesmos.

Gallego.

Aqui, senhor, manda meu amo
Senhor Jacob Bilhostre, o que se pede.
Vem oito castiças; diz que tesoura
É traste que não tem, menos de prata;
Que virá a seus pés, como lhe ordena,
Que sempre estimará poder servi-lo.

Braz.

Vai-te, dize ao senhor Jacob Bilhostre,
Que tudo recebi, que fica entregue.

(Vai-se o Gallego)

SCENA V.

BRAZ e URRACA.

Braz.

Vejamos que taes são. Olá! Soberbos!
Que sécia, minha Urraca! Estás contente?

Urraca.

Nunca vi castiças ? Tu imaginas
Que em berço de cortiça me embaláão ?
Que nasci n'um curral ?

Bras.

Não digo tanto ;
Mas olha, são magníficos e novos.

Urraca.

Na verdade são bons, mal empregados
Em casa, onde bastava uma candeia ;
E talvez, que nem essa ella teria,
Quando cebo vendia ao Remulares
Na fetida baúda... Mas o tempo...

SCENA VI.

Outro Gallego com teiga e os mesmos.

Gallego.

Aqui manda o senhor Gaspar Picote
Assucareiro, bulle e cafeteira
Com tres duxias de chicaras e pires,

Que sente não ter mais; e fica prompto
Para a vossas mercês servir em tudo.

Urraca (*irada e furiosa*).

Mercê, a mim mercê ? mercê, maroto
Atrevido, insolente, vai-te embora,
Tu não sabes fallar ? Dize a teu amo
Que te mande ensinar : logo pareces
Criado de villão...

Braz.

Urraca, Urraca...

Urraca.

Tolo, tolo ! E pretendes que tolere
Semelhante dizer ? Fôras tu outro
E soubéras melhor desaggravar-me.
Mas tenho quem nas veias lhe circule
O sangue generoso de Azevias,
Que viugar saberá tamanha offensa. (*Vai-se*).

St
GALLEGO

A senhora está

Vai-te, rapaz, ad
Não te venha pr

G
A mim! senhor,

SCENA VIII.

JOFRE, URRACA, FLORESTÃO (com uma lisonja)
LOURENÇA e BRAZ.

Jofre.

Maroto... patifão... villão... gallego...

Atrevido... insolente... *(Correndo todo o theatro).*

Braz.

Olá, que é isto?

Jofre, não ouves? Onde vais?... Espera.

(Correndo atrás de Jofre).

Jofre.

Este villão ruim, ladrão, patife...

Urraca.

Mata! filho, mata! A ferro e fogo

Assoláráo teus inclytos maiores

Tetuão, Azambôr, Tangere, Arzilla.



Flores

Mate, fidalgo, mate
Seja David do sord

Brax (

Tem mão, tem mão

Jof

Urre

Mata! meu filho, mata

Flores

Brax (enf

A quem, a quem?

Jofre

Villa

Florestão.

Fidalgo...

Lourença.

Mate!...

Braz (*pega-lhe no braço*).

Tem mão, olá! Jofre, que fazes?

Lourença (*dando em Jofre*)

Com a pá de varrer nesta batalha
A forneira serei de Aljubarrota.

Braz (*dá-lhe*)

Não ouves, marotão? Anda patife!

Urraca.

Villão...

Florestão.

Fidalgo...

Urraca.

Assim se trata um filho
Descendente de heróes?

Florentão (*suando a Braz*).

Fidalgo...

Lourença.

Dalgo.

Florentão.

Vossa Excellencia, Vossa Senhoria...

SCENA IX.

JACOB e os ditos.

Jacob.

A partida por entremes começa?

Senhora D. Urraca... Amigo, amigo.

Braz.

Senhor Monsieur Bilhastre, este magan

Urraca.

Senhor Bilhastre, um filho meu... Fida

Descendente do grande Lancerote

Que a Barbarôxa arrancava as barbas,

Que arrastou pelos sordidos cabellos

Solimões, Mustafás e Mafamedes,
Não devêra seu pai injuria-lo,
E na minha presença.

Braz.

Mas que injuria?

Urraca.

Não é injuria dar-lhe bofetadas?
Alma fidalga de meu pai, que gozas
No empyreo ao menos do lugar de duque,
Como não desces a vingar tamanha,
Tão desmedida affronta?

Jacob.

Não, senhora,
O castigo de um pai não é injuria.
Mas senhores, o dia de partida,
Um tão solemne dia, não é dia
De arruidos, de rixas e disputas.
Em Londres, em Pariz, Parma e Veneza,
Estes bons dias são em todo o mundo
Ao prazer e socego dedicados.

Solto, e mil farpas de ouro despedindo,
Anda voando Amor nas assembléas.
E qual sonora abelha em lindas flores,
Bebe o suave nectar nos formosos,
E triumphantes olhos das Nadamas,
Com que ferozes corações abrandam
D'homens, os mais austeros e sizudos.

Braz.

Muito bem me parece. Pazas, pazas.
Leva a teiga dahi; ouves, Lourença?

Urraca.

Que perdestes, meu Jofre?

Jofre (*apalpando-se*).

Uma arrecada,
Que me cahio da orelha: e tenho sangue.

Braz.

Uma orelha?

Florestão.

Não, senhor, um brinco.

Urraca.

Busca, Lourença.

Lourença (*brincando e cantando*).

Um... dois... tres, e argolinha (*parando*) *
Ei-la... não... finca pé de pampolinha.

Florestão.

Ei-la, fidalgo. Alviçaras, fidalga.

Braz.

Ora está bem, senhora, vá vestir-se:
Vai tu, Lourença, vai limpar a prata;
E tu vai, Florestão, comprar o doce.

Urraca (*fazendo-lhe uma mesura*).

Com licença, senhor (*vai-se*).

Jacob.

Minha senhora.

Jofre.

Quem ha de pentear-me, se vais fóra?

Florestão.

Se me manda seu pai.

Braz.

Não, não, primeiro

O podes pentear.

Florestão.

Vamos, fidalgo.

Jofre.

Vamos de pressa, Florestão, que é tarde. (*Vão o-se.*)

SCENA X.

JACOB BILHOSTRE e BRAZ CARRIL.

Jacob.

Hoje, senhor Carril, vinha mais cedo
Para metter em ordem de batalha
As mezas e cadeiras ; todos fallão
Em partida, assembléa ; poucos sabem
As regras da importante symetria,

Com que se deve preparar a sala,
Que serve para um acto tão vistoso ;
Porém vejo que tudo está já prompto,
Tudo no seu lugar.

Braz.

Falta-me a cêra,
Acabou-se o dinheiro.

Jacob.

Eu pouco trago ;
Bastará um quartinho ?

Braz.

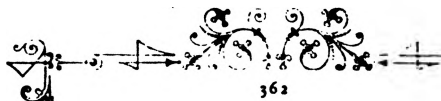
Basta, basta ;
Eu lhe mando já vir as raparigas.

Jacob.

Muito bom cravo.

Braz.

É do Doutor Maconio,
D'aquelle coripheo da Medicina.



362

Jacob.

Elle vem cá ?

Braz.

Espero que não falte.

Jacob.

Sua filha virá ?

Braz.

Foi convidada.

Jacob.

Venha com Deos.

Braz.

Eu cuido que me chamão.

SCENA XI.

JACOB, BRAZ, DULCE e BRANCA.

Dulce.

Vá depressa, meu pai, que é lá preciso.

Braz.

Que falta lá?

Dulce.

Dinheiro para assucar. (*Vai-se Braz*).

Branca.

Boa tarde, senhor Jacob Bilhostre.

Jacob.

Senhora D. Branca, boa tarde.

Minha Dulce, meu bem, minha senhora.

Dulce.

A Pedro donde vem fallar gailego?

Jacob.

Do coração, do coração rebenta

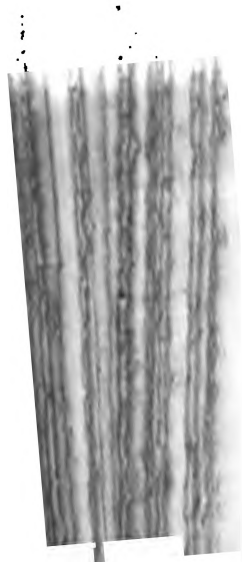
O vesuvio de fêrvidos suspiros,

Com que humilde, captiva a liberdade,

Ante esses lindos olhos ajoelha.

Dulce.

Não me falle em latim, que não entendo.



Entendes, b
Estas aa phr
Uma alma ti

O bem que r
Que a filha d

A filha do Do

Se eu, Branca, l

Dulce.

É mui formosa!

Jacob.

Aqui de comprimento...

Dulce.

Mui discreta.

Jacob.

Se fui á sua casa...

Dulce.

Que bem canta!

Branca.

Dansa muito melhor!

Jacob.

Porém, senhoras...

Dulce.

Tem bom dote.

Jacol

Mas eu.

Branc

Jacol

Escuta, minha Dulce...

Dulce

Da formosa Mafalda é
Esse perdido coração
Tudo, tudo já sei.

Jacol

É tu

Se, Dulce, quebrantei
Nunca mais a meus olhos
O vivo e gentil lume,
Em teu semblante anse

Alma, vida, sentidos, pensamentos,
E o fido coração onde tu reinas
Deixe a teus pés de lagrimas banhado
Entre pizadas cinzas palpitando.

Dulce.

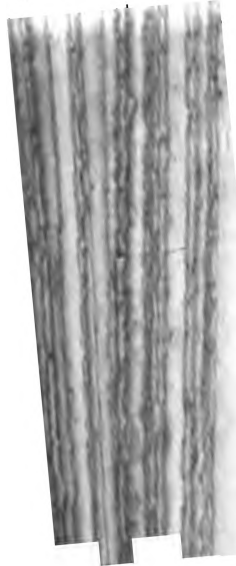
Branca, não lhe resisto.

Branca.

Eu me estremeço.

Jacob.

Dulce, minha senhora, Dulce amada,
Ah ! não fujas, escuta, ouve-me, espera,
Ao menos me permite o desafogo
Daquella mão beijar por despedida,
A cujo aceno o mesmo Amor se humilha.
E que de Amor o arco retorcido,
Enristadas as frechas estridentes,
Mirou ao fraco peito que anhelava
De tens soberbos olhos ser ferido.
Bem me viste cahir, Dulce, bem viste
Do roto coração o sangue quente



Fumegand
Alagar a
Os miserai

Oh! que fr
Nos encanta
O doce som
Que raras v

As que de vs
Á buena-dicha

Dulce, formosa
Se minhas trist
Entende, entenda
Olha, vê c'os t
Brilhar o vivo .
11

Branca.

Choras, Dulce ?

Dulce.

Basta, basta, Jacob, enfim venceste.
De tão fiel rendida vassallagem,
Não quero desprezar o sacrifício ;
Mas ouve a dura lei, se me promettes
Observa-la com animo constante.

Jacob.

Pela luz dos teus olhos o prometto.

Dulce.

Vê o que dizes ; nunca mais á casa
Tornarás de Mafalda.

Jacob.

Assim o juro,
Dulce, minha senhora.

SCENA XII.**GASPAR PICOTE e os mesmos.****Picote.**

Boa tarde,

Senhora D. Dulce: minha Branca,
Boa tarde, ou bons dias, pois já vejo
Que vão amanhecendo nesta casa
Os polidos costumes estrangeiros.
Graças a Deos, que temos assembléas,
Que já temos partiça, que podemos
Sem pejo conversar, que rir podemos
Sem receio dos olhos assustados,
Com que a senhora D. Urraca altiva,
Inda mais que ciosa, pretendia
Espantar os lindíssimos Amores,
Que em torno do seu rosto andão voando.

Branca.

Isto é comedia, Dulce; trazem ambos
Os papéis estudados.

Dulce.

Eu te creio.

Branca.

Imagina, senhor Gaspar Picote,
Que isto é casa de baile? Inda não sabe
Que pessoas de nossa qualidade....

Picote.

Já vejo, são de pedra, são de bronze :
E em vez de alvos, de crystallinos peitos,
Trazem arneses d'aço e diamante,
Onde debalde rompe Amor as settas.

Branca.

Não o diga zombando, pode crê-lo.

Picote.

Santas Pascoas ; mas isto de partida,
È a feira da Gualva, onde se escolhe :
Logo virão pelouros, branda cêra,
Que com mui pouco lume se derrete.

Dulce.

Lê com lê, crê com cré.

Picote.

Amor é cego,
E nunca soube ler genealogias.
Dize, Branca, virá D. Mafalda?

Branca.

Virá, logo virá, perfido, ingrato.

Dulce.

Tu choras, Branca?

Branca.

Choro, Dulce, choro
O negro fado, a minha desventura,
Que a querer me forçou com tanto extremo
Um perjuro, traidor, perfido, ingrato.

Picote.

Um perjuro, traidor, perfido, ingrato,
Palavras são de Amor, e de quem ama;
Mas tão grande senhora, e tão fidalga
Não pode ter amor, amar não deve,
Que desta vil paixão nasceo izenta.

E dois milhões de avós, que não farião,
Se sonhassem que a neta namorada
Maculava a prosapia generosa,
Acolhendo os suspiros de um amante,
Que ao certo não se sabe se descende
De Abel, ou de Caim. Melhor me fôra
Remar n'uma galé p qual outro Orestes
Das veneraveis furias avexado
Me vira em toda a parte perseguido
De finados heroes, sombras illustres.

Jacob.

Caro amigo Picote, basta, basta ;
Estes arrufos são de namorados.
Mas hoje não é dia....

SCENA XIII.

JOFRE e os ditos.

Jofre.

Meus senhores

Meu Jacob, meu Gaspar, caros amigos...
Mas, pára carruagem ; foi á porta....

Será D. Mafalda... Com licença.
 Vou abaixo busca-la, e dar-lhe o braço.
(Vai-se).

Picote.

Perdôa, minha Branca.

Branca.

Ahi vem Mafalda,
 E não vais recebê-la?

Picote.

Não, senhora.

SCENA XIV.

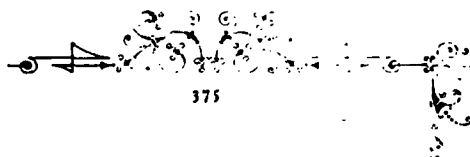
JOFRE, MAFALDA, URRACA e os ditos.

Mafalda.

Não pude vir mais cedo, senhor Jofre.

Jofre.

Quando a aurora apparece, sempre é cedo.
 Eu aqui venho já co'a minha dama.



Urraca.

Minha linda Mafalda, quanto estimo
Que venhas divertir-te e divertir-nos.

Braz.

O Doutor não virá?

Mafalda.

Teve recado
Para ir a uma junta, mas vem logo.

SCENA XV.

**GIL FUSTOTE, LOURENÇA, BRAZ
e FLORESTÃO.**

Gil.

Ora vejamos isto de assembléa
Em que vem a parar.

Braz.

Que te parece,

Amigo Gil Fustote? Não te agrada
Tão sincera alegria?

Gil.

Agrada, agrada.

Braz.

Não ha maior prazer que a companhia.

Gil.

Té o lavar dos cestos é vindima.

Braz.

Lourença! Florestão! Venhão cá todos,
Tragão cadeiras, tragão cartas, luzes.

Lourença.

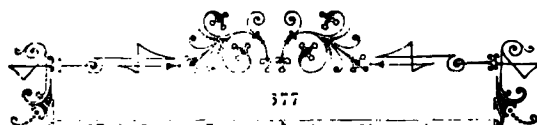
Trarei os castiçaes, ou candieiro?

Braz.

O candieiro, tola. Vêlas, vêlas.

Lourença.

Sem castiçaes?



377

Braz.

Com castiças. Que burra

Lourença.

Temos sepulcro. (*Vai-se*).

Florentão.

Cuido que é charola. (*Vai-se*).

SCENA XVI.

BRAZ, JACOB, GASPAR PICOTE, JOFRE,
GIL FUSTOTE, MAFALDA, DULCE,
BRANCA e URRACA.

Braz.

Eia, senhores, vamos, comecemos
A famosa partida, haja fandango,
Alegria, brinquemos, alegria ;
Fôra uma cá se lance, fallem, fallem.
Minhas senhoras, dancem, cantem, rido



Fôra, fôra daqui as ceremonias.
Allem, sentar, sentar sem precedencias.
Venha chá, venha doce, venhão cartas,
Joguem, e ralhem, gritem, descomponha
O parceiro ao parceiro, é desafogo,
Que foi sempre a quem perde concedido.
Senhor Bilhostre, a boa poesia
Apezar de Platão e de seiscentos,
Que nunca o lerão, seu lugar merece :
Venha mote... lá vai, lá vai, ouçamos.

Jacob.

Amigo Braz Carril, a poesia
Não é adufe, gaita, nem viola,
Que tanja cada qual quando lhe agrada ;
Logo, logo será.

Picote.

Ao cravo, ao cravo,
As senhoras cantando nos inspirão
Versos das Musas e de Apollo dignos.

Jofre.

A senhora Mafalda principie.

Já peizados nas azas os Amores
Estão co' a boca aberta para ouvi-la
E os estrondosos ventos enclaustrando
Eolo amarra o odre, porque teme
Que tão doces angelicos accentos
Varrendo os mansos ares lhe desmanchem.

Mafalda.

Isso, com pouco mais, era um soneto.

Dulce.

E dos da moda.

Picote.

O prologo é já grande.
Vamos, que o tempo vâa.

Braz.

É certo, é certo;
Senhores, atenção: fallem calados.
Vá, sente-se, senhora Mafaldinha.
Mas espere... a cantata de Dido ha de
Ser recitada. Seja em pé. Ouçamos.



380

Mafalda.

Inda mais essa ?

Braz.

Faltão bastidores;
Cuidarei no theatro pouco a pouco.



Mafalda (*recitando*).

CANTATA

Já no rôco oriente branzando
As preñhes vélas da troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sobre as azas dos ventos se escondito,

A miserrima Dido
Pelos paços rezes vaga ullulando,
C'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Enéas.

Sô ormas ruas, sô desertas praças
A recente Carthago lhe apresenta :
Com medonho fragor na praia nda
Fremem de noite as solitarias ondas ;

E nas douradas grimpas
Das cupolas soberbas
Pião nocturnas agouzeiras aves,
Do marmareo sepulcro
Attenta imagina
Que mil vezes ouviu as frias cinzas
Do defunto Sichêo com debeis vozes,
Suspirando chamar : Elisa, Elisa,
D'Orco aos tremendos Numens
Sacrificios prepara ;
Mas vio esmorecida
Em torno dos thurificremos altares
Negra escuma ferver nas ricas taças,
E o derramado vinho
Em fôlegos de sangue converter-se.
Frenetica delira;
Pallido o rosto lindo.
A medeira subtil desentrançada ;
Já com tremulo pé entra sem tino
No ditoso aposento,
Onde do iúfido amante
Ouvia enternecida
Magoados suspiros, brandas queixas.

Alli as cruéis Parcas lhe mostráráo
As illiacas roupas, que pendentas
Do thalamo dourado descobriáo
O lustroso pavêz, a teucra espada.
Com a convulsa mão subito arranca
A lamina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro crystallino peito :
E em borbotões de espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta :
De roxas espadas rociadas
Tremem da sala as doricæ columnas.

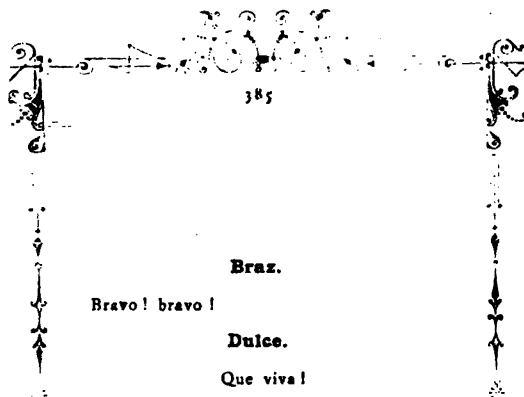
Tres vezes tenta erguer-se,
Tres vezes desmaiada sobre o leito
O corpo revolvendo, ao cêo levanta
Os macerados olhos.

Depois attenta na lustrosa malha

Do profugo Dardanio,
Estas ultimas vozes repetis,
E os lastimosos lugubres acantos
Pelas aureas abobadas voando
Longo tempo depois gemer se ouvirão :

Doces despojos
Tão bem logrados
Dos olhos meus,
Emquanto os fados,
Emquanto Deos
O consentião.
Da triste Dido
A alma acceitai,
Destes cuidados
Me libertai.

Dido infelice
Assás viveo ;
D'alta Carthago
O muro ergueo :
Agora nua,
Já de Charonte,
A sombra sua
Na barca feia,
De Phlegetonte,
A negra veia
Surcando vai.



Braz.

Bravo! bravo!

Dulce.

Que viva!

Jacob.

Bravo

Branca.

Viva!

Urraca.

Excelente cantata!

Picote.

Bella, nobre!

Jacob.

A musica é sublime!

Jofre.

A poesia

Não é menos suave, e na verdade

Pôde calçar o tragico cothurno.

Mafalda.

É do senhor Bilhostre.

Branca.

Viva! viva!

Dulce.

É do senhor Bilhostre?

Jacob.

Sim, senhora.

Dulce.

Fô-la para a senhora?

Jacob.

Não, senhora.

Mafalda.

Não, minha Dulce.

Dulce.

Basta, já percebo.

Braz.

Seguem-se versos, cantem os poetas
Com plectro de marfim em lyras de ouro.

Jofre.

Lá vai.

Braz.

Tu o primeiro?

Urraca.

Tu poeta?

Jofre (*recitando*).

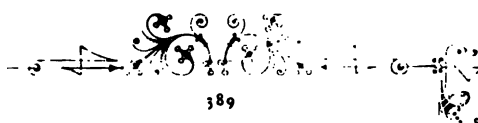
SONETO

Não menti, não, se disse, qu' os Amores
Estavão no ar suspensos, esperando
Que tua voz divina modulando
Aplacasse dos ventos os furores :

Ergue, Mafalda, os olhos vencedores,
Vê-los-has por aqui andar voando,
E os retorcidos arcos affrouxando
Largar das tenras mãos os passadores.

Não vês o fulvo Tejo c' o tridente
Os cavallos azues estar detendo
As levantadas ondas reprimindo ?

Se isto sente Mafalda quem não sente,
Que não sentirei eu, ouvindo e vendo
Tua angelica voz, teu rosto lindo ?



Mafalda.

Bello, sublime !

Jacob.

Viva.

Braz.

Bravo ! bravo !

Picote.

Que viva ! senhor Jofre.

Jofre.

Basta ! basta !

Urraca.

Tu poeta, meu Jofre ? Coitadinho !

Picote.

E que mão é, senhora, ser poeta ?

Urraca.

De frezei tão louco imaginava
Que só pobres, villões, adoecião ;

E teus grandes avós, qu' erão illustres,
Sabião de cavallos, não de livros.

Bilhostre.

Serião excellentes alveitares.

Dulce.

Poetas, nunca achei nos nobiliarios.
Antes Mouro, ou Judeo.

Branca.

Dulce, estás Jouda?

Jacob.

Que ha de ser, se eu compuz o recitado!

Braz.

Victor sério, senhores; versos, versos.

Dulce.

Queres que todos sô de versos gostem,
É perverter as leis da natureza.

Jacob (*recitando*).
É perverter as leis da natureza.

SONETO

Se tuas longas azas despregando
 De negras louras plumas estofadas
 Atrás das leves horas apressadas
 O bom dia qu'espero vem voando:
 Como te estás, ó tempo, demorando
 Nestas só de desgosto prolongadas:
 Já que vierão tão acceleradas,
 Co' a mesma pressa deixas ir passando.
 Mas eu cuido que á scena lastimosa
 De meus males te deixa suspendido,
 Ou perdes só comigo a ligeireza.
 Ah! fuge de tragedia tão pasmosa,
 Que mostrar-te uma vez enternecido
É perverter as leis da natureza.

Viva!

Dulce.

Picote.

Bonito!

Braz.

Deo-me c'os pés n'alm.

Urraca.

Nem o soneto os tem, nem tu Amores.

Braz.

O soneto tem pés, amor eu tenho.

Urraca.

Insolente, traidor, tu imaginas

Que ter um velho amor, não é tontice?

Picote (recitando).

Que ter um velho amor, não é tontice.

SONETO

Estavão as tres Graças penteando
 O cabelo subtil de Amor um dia,
 Qual c' o marfim assyrio lh'os abria,
 Outras andão mil gommas preparando.

Amor, como rapaz, de quando em quando,
 Co' a dourada cabeça lhe fugia ;
 Porém vê qu' Eufrosina se sorria,
 Porque Aglauro lhe está as cãs tirando.

O menino pasmado vê no espelho
 Por entre os anneis de ouro reluzente
 Branquejar a saraiva da velhice :

Suspira, e diz : Oh ! Saiba a cega gente,
 Que Amor nascendo moço se faz velho,
Que ter um velho amor, não é tontice.

Urraca.

Senhor Picote, viva muitos annos !

Braz.

Bravo ! Picote, viva ! bom soneto.

Branca.

Viva ! senhor Picote. Ha de escrevê-lo.

Picote.

Tal não farei, por certo.

Braz.

Eu tambem quero
Mostrar o meu talento. Venha mote.

Urraca.

Que fazes, Braz, que fazes ?

Braz.

Versos, versos ;
Porque tambem levei palmatoadas,
Aprendi, estudei ; e no meu tempo
Soube mui bem syntaxe.

SCENA XVII.**MUCONIO e os ditos.****Muconio.***Boas noites.**Criado, meus senhores e senhoras.***Jofre.***Senhor Doutor Muconio.***Muconio.***Senhor Jofre.**Mas que vejo ! senhores. Fujão !... fujão !...**Foge ! Mafalda, fujão ! fujão todos !***Braz.***De que havemos fugir ?***Dulce.***Ai que eu desmaio.*

Branca.

Que é ?

Urraca.

Que será !

Muconio.

Fujamos !...

Jacob.

De quem ?

Muconio.

Fujão !

Fujão, fujão, senhores ! Estão cegos ?

Não tem visto, não tem inda observado

No senhor Jofre os tetricos symptoms

Da endemica, epidemica estrangeira

Pestifera lethal enfermidade,

Que grassando em Lisboa, insulta, ataca

A pobre, debil mocidade estulta ?

Braz.

É peste, meu Doutor ?

Muconio.

Sim, senhor, peste ;
E peste a mais cruel que tenho visto.

Urraca.

Deos nos livre, Doutor !

Jacob.

Está zombando,
Senhor Muconio ?

Picote.

Branca, será opio ?

Muconio.

Não zombo, não, senhores, fallo serio.
É um forte contágio de chicotes,
De tranças e de arrochos no cachaço,
De que andão enfeitados os casquilhos.

Jacob.

Eu não disse, senhores, que era brinco ?

Muconio.

É bom brinco, Bilhostre, é mal, é peste,
É a plica polonica doença,
Que assim como no Norte, e em varios climas
Os Polacos e Sarmatas transforma
Em medonhos espectros e fantasmas,
Transforma cá no nosso continente
Os mancebos gentis em bonifrates.

Bras.

Que nova, que recondita sciencia !
Já tinha repara'o na grossura
Deste immenso chicote de meu filho ;
Mas cuidei que era moda.

Muconio.

Boa moda !

Jofre.

É boa logração, Doutor Muconio.

Muconio.

Que é boa logração ? Fugão ! fujamos !...

Braz.

Espere, meu Doutor, diga primeiro.
Em que pára este mal, em que consiste?

Muconio.

Consiste na disforme, na medonha,
Espantosa grossura dos cabellos,
Que scirrhosos, talvez lignificados,
Se grudão e se empastão um com outro :
Esta massa fatal, ou cõdea espessa,
A cutanea excreção embaraçando,
Os humores estagna excrementicios,
Se inflammão, se coagulão nas minutas
Scriferarias glandulas represos.

Jofre.

Que se segue d'ahi?

Muconio.

O que se segue ?
Mais alta que a columna de Trajano,
Uma agulha, ou pyramide disforme
De esqualidos cabellos, sobre a testa

Dos enfermos estupidos erguida,
 Lhe carrega a molleira com tal pezo,
 Que convulsos os olhos retorcidos,
 Ou abertos em horridos espasmos,
 Se trabalham, se cansão, se enfraquecem,
 Onde veio o contagio das lunetas,
 Que tantos Polyphemos de um só olho
 Encrespando o nariz, mettem á cara.

Bras.

Forte doença !

Branca.

Triste enfermidade !

Jofre.

Chimeras, petas, lograções, mentiras.

Bras.

Calte, insolente ! Diga, meu Muconio.

Muconio.

A disforme pasmosa intumescencia
 Atacando estas glandulas que disse,

E que por locação são conglobadas,
As conglomeram tanto, e tanto as une,
Que a estranha mole, turgida grandezza
Nos inchados pescoços apparece,
Apesar de dez varas de gravata,
Que amortalha os focinhos espantados.

Urraca.

Coitado do meu Jofre!

Braz.

Eu bem dizia,
Vendo que não bastava meia peça
De cambrata, de cassa, ou musselina
Para duas gravatas. Meu Muconio,
Falla, dize-nos tudo quanto sabes.

Muconio.

Quanto sei, meus senhores, são incriveis
Deste tremendo mal, deste contagio
Os enormes e magicos portentos,
Peiores que os thessalicos prestigios,
Com que Circe tornou os companheiros

Do sabio Grego em javali cerosos.
 Alevelado o tumido fermento,
 Que as glandulas, emfim, apinhoadas
 Em tamanbas escrofulas acabão,
 Que em seus doutos escritos nos attestão
 Banivenio e Boneto, que cortarão
 Alporcas de sessenta, e trinta libras.

Picote.

Opio, carapetão.

Braz.

Bravo! Muconio.

Muconio.

Leão, senhores, leão, não se rião,
 Oução : *In momento temporis* do enfermo
 Incha o pescoço ; os tabidos bracinhos
 Se myrrão e se encolhem, e parecem
 De boneco de massa : mal campeão
 As entanguidas pernas marasmadas,
 E dos luides pés cascos vidrentos

O tarso e metatarso edematoso
Só consente nas unhas as fivellas.
Finalmente, senhor, degenerando
A massa dos humores pelas pravas
Estranhas qualidades, que lhe adquire
A errada nutrição em todo o corpo ;
Os horrendos estragos se propagação
Da triste, da fatal metamorphose,
Que os enfermos e misereros casquilhos
Em peraltas ridiculos transforma.

Braz.

Tem razão, tem razão, agora atino
Na causa, e na molestia, e já me lembro
De varios manequins empanturrados,
Que passeião as ruas de Lisboa
Pallidos, paralyticos, convulsos,
Quasi sempre c'os beiços ruminando,
Que trazem já safados de lambê-los.

Jofre.

Tal não creia, senhor, é zombaria.

Bras.

Calte, tolo, asneirão. Senhor Muconio,
Quero são o rapaz, ahí lh'o entrego,
E se manda que faça quarentena,
No telhado o porei, não nos empeste
Com seus malignos e mortaes vapores.

Muconio.

O mal ainda parece incipiente,
Remedio lhe daremos; mas primeiro
Intento dissecar este cabelo;
É valente tortulho, enorme trança !.

Urraca.

Meu Jofre, tem constancia, tem paciência.

Jofre.

Senhora, que é mentira.

Muconio.

Qual mentira !

Bras.

Chiton, tolo, chiton.

Jacob.

E cae no logro !

Picote.

Forte pateta ; come bem as petas !

Braz.

Florestão ! Florestão !

Florestão.

Senhor.

Braz.

Depressa,

Desmancha esse rabicho, essa serpente.

Jofre.

Hei de ficar, senhor, esgadelhado ?

Braz.

Sim, senhor, sim, senhor. Senhor Muconio,

Faça quanto quizer, talhe, retalhe,

Purgue, sangue, tosque, desenrole....



Muconio.

Olhem lá, meus senhores, se me engano !
Lignificada a putrida materia
Já vem apparecendo. Vejam, vejam
Que tassalho de pão !... É caso horrendo !

Braz.

Pois que vai, minha Urraca, que me dizes,
Em que se torna o sangue de Azevias ?

Urraca.

Que posso responder ? Estou pasmada !

Jacob.

É forte surra !

Picote.

Logração completa.

Muconio.

Que tal é o caroço do lobinho ?
Coitado do rapaz !

Braz.

Deite isso fóra.

Muconio.

Nada, nada, senhor, deve guardar-se,
Estes são os cabellos com que sára
De tão damnado cão a mordedura.
Agora vamos receitar, escute :
Este villosos, esqualido chumaço
Scirrroso, laparáo, turgido edema
De tumentes cabellos empastados,
Crestado, secco, estitico, myrrado,
Pela má rotação do sangue podre,
E total discrazia dos humores
Acidos, corrosivos, virulentos,
Adquire a secca e tabida dureza,
Que do secco cação a rija pelle ;
Para estendê-lo, para amacia-lo
Deve ungir-se com balsamo asinino,
E para o ver elastico e flexivel
Duas vezes ao dia, nove dias,
Ha de batê-lo, e muito bem sova-lo,
Com este mesmo arrocho, taco ou tóco.

É remédio excellente, é aprovado,
Que descobri nos priscos cartapacios
De Philon, Serapião, dos Apollonios.

Jacob.

Não está máo o récipe, Muconio !

Jofre.

Basta, basta de judiar comigo.

Bras.

Callas-te ou queres, Jofre, que te cure ?
Approvo esse remédio ; mas, Muconio,
Onde acharei o balsamo asiaino ?

Muconio.

A providente madre natureza
Não cria sem antidoto o veneno.
No mesmíssimo corpo dos enfermos,
Bem atrás das orelhas, deposita
Este forte elixir em tenues vasos,
Ou delgados folliculos, que cheios
Do succo burriral, sendo espremidos,

Talhe, embota as particulas do sangue,
E o deixa circular sem embaraço.

Bras.

Mas diga-me, Doutor, como se espreme?

Muconio.

Puchar-lhe muito bem pelas orelhas.

Picote.

É bom o tal remedio?

Bras.

Quer que o faça?

Jacob.

Peior, peor.

Urraca.

Coitado do meu Jofre!

Muconio.

Não, senhor, inda não, e depois disto
É preciso cortar-lhe aquella trunfa,

Para a fauce messoria ficar livre,
E a coronaria região sem peso,
Desembaraçada, os líquidos rotantes
Deixará permear pelos seus vasos ;
Banhos, emborçações e cataplasmas,
Além de outros remédios, facilmente
A força vencerão destas medonhas
Tão enroscadas aspides da Lybia ;
E se com todos se pratica o mesmo,
A florente Lisboa vereis limpa
De caraças ou frentes de Medusa ;
Praga, ou nuvem de estultos gafanhotos,
De tarecos rabões, melhor diria :
De rabudos bachás, de enormes caudas.

Bras.

Estou, Doutor, attonito ; e já vejo
Quanto sabe, quem sabe a Medicina.

Muconio.

Agora ouçamos duas arias novas.

SCENA XVIII.**LOURENÇA, FLORESTÃO e os ditos.****Lourença.**

Senhor ! senhor !

Florestão.

Senhor !

Braz.

Temos mais peste ?

Florestão.

Peior, senhor, peior !

Braz.

Dize, que é isso ?

Lourença.

Peior, senhor, peior !

Braz.

É fogo em casa ?

Florestão.

Peior, peior, senhor !

Lourença.

Minha senhora !

Dulce.

Morreo o papagaio ? Dize, dize ?

Florestão.

Peior, muito peior ! Batem à porta.

Braz.

Vai ver quem é.

Florestão.

Peior !

Braz.

Vai ver, Lourença.

Lourença.

Peior, muito peior !

Florestão.

Peior que tudo

Braz.

Falla.... dize.... quem é ?

Florestão.

Peior ! Alcaides,

Escrivães, e diabos quadrilheiros.

Urraca.

Ai ! moína de mim !

Branca.

Tremo.

Dulce.

Desmaio.

Bilhastre.

Ronda talvez será.

Braz.

A ronda?... a ronda ?...

Florestão.

É o poder do mundo com espadas,
Com chuços, alanternas, até cuido
Que trazem o carrasco e mais a força.

Bilhostre.

Que será?

Picote.

Que ha de ser?

Bilhostre.

Commigo nada.

Picote.

Menos commigo.

Braz.

Se será commigo?...

Abre-lhe, Florestão, abre-lhe a porta.

SCENA XIX.

MEIRINHO, ESCRIVÃO, QUADRILHEIROS
e os ditos.

Meirinho.

Eu, senhor Braz Carril, venho mandado.

Escrivão.

Somos mandados, manda-nos quem pôde.

Braz.

Pois são (e tanto phariseo) mui mal mandados.

Meirinho.

A parte requereo : fomos mandados.

Escrivão.

É parte rija.

Meirinho.

Não se dobra a nada.

Bras.

Mas, que querem de mim, senhor meirinho?

Meirinho.

Este mandado.

Bras.

Irra! Mais mandado!

Vem mandado o meirinho, e vem mandado

O escrivão, os esbirros vem mandados,

E sobre isto ainda vem mais um mandado!

Urraca.

Á casa d'um fidalgo quadrilheiros?

Meirinho.

Somos mandados.

Escrivão.

Seja, ou não fidalgo,

Quem deve, paga; porém eu, senhora,

Ao senhor Bras Carril, bem o conheço,

E que fosse fidalgo não sabia:

Nomea-lo por tal agora o ouço.

Urraca.

A gente baixa não conhece a nobre.

Escrivão.

É nobre?... Póde ser.

Urraca.

Meia tigella.

Escrivão.

Isso é louça quebradiça.

Urraca.

É prata fina.

Meirinho.

Vamos, vamos, senhor, este mandado,
Senhor Carril.

Braz.

E que mandado é esse?

Escrivão.

Nove centos mil reis, que o senhor deve
A Martinho Raimon.

Meirinho.

É estrangeiro.

Bras.

É um ladrão ladino : bem conheço.
O capataz de quantos berlinguetes
Nos vem aqui vender gatos por lebres,
Nabos em sacco ; cascaveis, pandeiros,
Gaitinhas, berimbãos, quinquilharias ;
Que promptos a far tentão a gente,
E depois de empolgar rapaces unhas,
Fervem as citações, servem penhoras.

Meirinho.

Isso não é do caso, esta sentença...

Bras.

E como hei de pagar essa quantia ?
Venhão cá outro dia ; hoje não posso.

Escrivão.

Então, senhor Carri!, dê-nos licença.

Bras.

Licença, para que ?

Escrivão.

Para fazermos
Penhora no que acharmos.

Meirinho.

Ou ir prezo.

Urraca.

Ir prezo meu marido?

Escrivão.

Não se assuste :
Talvez, senhora, qu' haja nesta casa
O valor da sentença e mais das custas ;
A nossa diligencia, isso cá fica.

Muconio.

O cravo é meu, custou-me o meu dinheiro.

Bilhostre.

São meus os castiças, senhor Carrança.

Picote.

As chicaras são minhas (*para o escrivão*), e protesto,
Senhor André Garrote, que são minhas.



Meirinho.

Nós, senhores, fazemos a penhora,
Depois requerêrão.

Muconio.

Essa está boa !

Bilhostre.

É forte chasco !

Picote.

Adeos, chicanas, bulle.

Fustote.

Como te vai, amigo, co' a partida ?
É divertida emfim, é uso, é moda.

Braz.

Té o lavar dos cestos é vindima,
Meu querido Jacob, Picote amigo,
Doutor Muconio, amigo, caro amigo :
Generoso Fustote, alma d'um principe,
Acudi-me, livrai-me, bons amigos ;
E que acção mais illustre, mais honrada,

Que acudir um amigo a outro amigo ?
A amizade fiel, e verdadeira
É dádiva do céu, e do céu digna,
E dos humanos o maior thesouro ;
É fonte donde mana a honra, a fama,
Que os miseros mortaes transforma em deoses .
Brilhando estão no céu Castor e Pollux ;
E no sagrado templo da memoria
Nizo, Euryalo, Pylades, Orestes.
Haverá coração, haverá peito
Tanto de aspero e rígido diamante,
Que não estale, ao menos se enteneça,
Vendo do caro amigo miseravel
A consorte fiel desamparada,
Os innocentes filhos sem abrigo,
E nas mesquinhas mãos da fome horrenda,
Da triste desnudez e da vergonha
Expostos a desprezos e ludibrios ?
Sois meus amigos ? Que fazeis, amigos ?

Gil.

Ês tu Tullio, meu Braz ? Eu não sou nescio :
Não me quero perder, não tenho em casa

Partidas, assembléas : bem me basta
O que perdi contigo, e tu gastaste
Em golodices, secias, pataratas.
Quem muito não tiver, que gaste pouco :
Deixe-se de partidas, d'assembléas,
Brilhar não queira á custa dos amigos.

Dulce.

Que inhumano !

Urraca.

Que baixo, vil !

Branca.

Infame !

Dulce.

Jacob, caro Jacob ! Da triste Dulce
Os suspiros e lagrimas ardentes,
A fé immaculada, amor sincero,
Se alguma cousa podem merecer-te,
Não me deixes Jacob ; e se por minhas,
Estas sentidas vozes não te movem

Mova-te o grande e triste desamparo
De uma casta donzella, bem nascida.

Jacob.

Dulce, minha senhora, minha gloria,
Não te assustes, não chores, não te afflijas,
Quanto sou, quanto valho, quanto posso,
Tudo ao teu descanso sacrificio.

Branca.

Acaso esperas, dize, que te peça ?

Picote.

Não, Branca, não, senhora ; espero...

Branca.

Esperas ?

Picote.

Que me deixem fallar. Senhor Carrança,
Vou buscar o dinheiro.

Muconio.

Espera, espera :

Amigo Brax Carril, não sou de pedra,

Nem sou tigre, homem sou, os homens amo,
 De ter humano coração me prêzo.
 Descansa, pagaremos o que deves :
 Darás Dulce a Jacob, Branca a Picote,
 Jofre case co'a minha Mafaldinha,
 E todos tres o escote pagaremos.

Bras.

Que dizes, D. Urraca ?

Urraca.

Paciencia....

Perdoem meus avós, mas a desgraça....

Bras.

Casem, casem ; Muconio, estais contente ?

Bilhostre.

Minha Dulce, meu bem !

Dulce.

Caro Bilhostre !

Picote.

Branca, minha esperança, que ventura!

Branca.

Que ventura, Gaspar, meu doce emprego!

Lourença.

E nós, meu Florestão, não nos casamos?

Florestão.

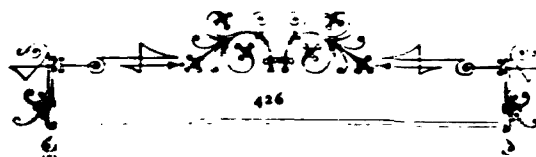
E porque não, Lourença, sendo gratis?

Muconio.

Senhor André Garrote, em minha casa
O espero d'aqui a meia hora:
Para pagar mandado e diligencia,
Tenho não só dinheiro, mas bigodes.

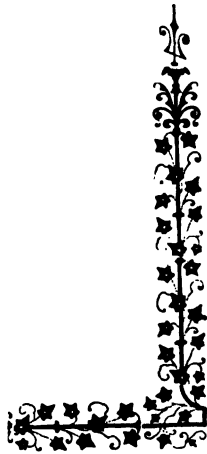
Braz.

Que generoso exemplo de amizade,
De nobres corações, de honrados peitos!
Mas neste raro exemplo se não fie
Quem se empega no mar de desperdícios.



Guarde-se da subita procella
D'alcaides e credores, que santeimos
Nem em todos os topos apparecem ;
E Bilhostres, Muconios e Picotes
São difficeis de achar. Batei as palmas.



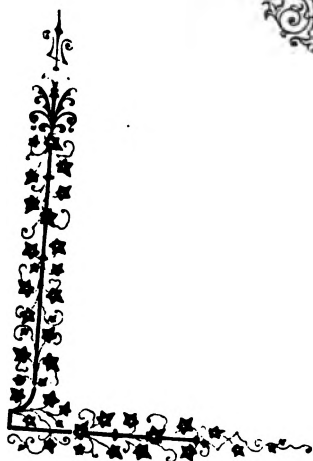


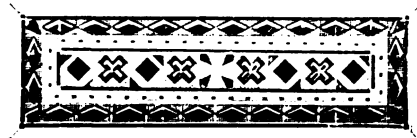




ÇÕES.







DISSERTAÇÃO PRIMEIRA

*sobre o character da tragedia propondo ser inalteravel
regra della não se dever ensanguentar o thea-
tro e no desempenho de cujo drama devem rei-
nar o terror e a compaixão, para que assim
com esta representão se purguem os espec-
tadores destas e outras semelhantes paixões (1).*

*Nec parva coram populo Medea trucidet.
HORAT., ART. POET. v. 185.*

Nobilissimos, sapientissimos e amantissimos
Senhores,

Se assim como a vossa compaixão prosegue
no designio de instruir-me, pôde desculpar os
meus erros a vossa indulgencia; perderei o medo

(1) Recitada na conferencia da Arcadia lusi-
tana no dia 26 de agosto 1757.

As composições que se seguem, diz Innocen-
cio, são muito louvadas por F. M. Trigoso na
sua *Memoria sobre a Arcadia* pela liberdade e
eloquencia de seu estylo.



de fallar diante de vós, sem me ensaiar no estudo das mais solidas doutrinas. Mas quem me ha de persuadir, que exercendo funcções do meu destino, e levado da honra de obedecer-vos, não desperdico aquelle tempo, que podia aproveitar em ouvir as vossas lições? Que systema, ou que questão posso discutir na vossa presença, sem que vos enfastie ouvir o que já sabeis; ou talvez o que refutais? De que a te, ou de que sciencia poderei combinar uma regra de que vós, melhor do que eu, não conheceis profundamente toda a sua extensão? Assim é, senhores; porém vós quando me chamastes para membro desta sociedade, concebestes outra idéa mais illustre. Qui-xestes ser uteis á patria: e um projecto tão generoso não se pôde praticar sem com effeito ensinardes os vossos compatriotas.

Affortunado fui eu, se fui um dos que primeiro vos devoo esta piedade: e seria ingrato se olhando para vós, como para mestres, tivesse pejo de mostrar a minha insufficiencia. Capacitado pois desta verdade, e não podendo resistir a tão formosa reflexão, discorrerei em um ponto, que en-

tre todos os da Poetica foi sempre para mim o mais difficiloso.

Seguindo a Demetrio Phalereo, ou a Neoptolomco de Paros e certamente a Aristoteles, estabeleceo Horacio a inalteravel regra de que na tragedia se não devia ensanguentar o theatro, isto é, que as feridas, os tormentos, e as mortes, que são inseparaveis do character deste poema, se não devião expôr à vista dos espectadores; mas sim fia-las de uma facunda narração, ainda que o mesmo Horacio parece que forneceo as armas aos fautores da opinião contraria, lembrando-lhes que com menos efficacia persuade o que se conta, do que aquillo de que os olhos se informão por si mesmos (1).

Quem observar com circumspecção as tragedias antigas, achará, que esta regra foi quasi sempre religiosamente guardada.

Ainda entre os modernos ha poucos documentos que possão contesta-la. Os Francezes a receberam, a adoptarão, e a defendem com a pra-

(1) HORAT., *Poet.*, vers. 180.

tica, e com a doutrina. Nós temos a gloria de que a nossa *Castro* (1) seja um exemplo de que não a ignoramos, e de que a seguimos. Os Ingleses, nação em que mais se descobre os genios dos republicanos antigos (2), e que no orbe litterario fazem uma grande figura; os Ingleses, digo eu, são os que menos respeitarão esta lei. infringindo-a reiteradas vezes de que é triste testemunha o seu *Castão* e de que talvez os fez gostar aquelle odio, com que sacrificão á sua pretendida liberdade uma testa coroada.

É verdade que á primeira vista parece estranho que um poema, que nasceo nos braços da alegria e da festividade, exija de sua natureza uma peripecia sanguinolenta; e ainda mais extraordinario, que sendo do seu character as mortes, as feridas, e os tormentos, hajão de frustar aos olhos estas imagens funestas e horrorosas; parecendo que uma vez que ellas não sejam o

(1) Doutor Antonio Ferreira.

(2) *Reges et exactos Tyrannos densum humeris bibit aure vulgus.*

principal objecto da scena tragica, perderá grande parte da sua força e da sua efficacia este poema.

Antes de desatar esta duvida, é preciso descobrirmos a razão por que sejam as catastrophes funestas essenciaes da tragedia, lembrando-nos, de que este drama, segundo a sua natureza, é, como disse um grande homem, o throno das paixões, em que conforme Aristoteles, devem reinar o terror e a compaixão, para que assim nos purgue destas e outras semelhantes (1). Ora se os espectadores sahirem alegres com uma peripecia afortunada, perderão sem duvida toda a ternura e semente de constancia (digamo-lo assim) que o poeta lhes tiver inspirado, pondo-lhes em movimento o terror e a compaixão. Deste principio nasce a justiça com que são criticados aquelles mãos poetas, que ordinariamente acabão as suas tragedias com uma catastrophe ditosa, e atropelando não só a regra, mas a razão, em que ella se funda.

Ainda que seja esta a natureza da tragedia,

(1) Lx ROSSU, *Poem. Epiq.*, T. II, pag. 194.



não é ella tão austeramente rigorosa, que haja de expôr aos olhos de todos o que a humanidade não poderia soffrer sem indignação, e que a policia pede que se occulte, ainda que se conte; com tanto que ella seja efficazmente o fim a que se dirige, isto é, a mover o terror e a compaixão. Para o poeta chegar a este fim não é preciso que Medéa diante do povo despedace os filhos; que Atreo preparasse a nefanda cêa; que Progne se converta em ave, ou Cadmo em sergente. Tudo o que assim se dispõe no theatro fica incrível, desgosta os ouvintes, e não persuade; basta que eloquente narração o exponha aos nossos ouvidos com eloquencia, que chegue ao coração; as figuras, as imagens (n'uma palavra), a verdadeira poesia, um estylo pathetico, sem que os olhos se perturbem com os espectaculos horrorosos.

Persuadidos assim de que para mover o terror e a compaixão, não é preciso derramar o sangue no theatro, fica menos difficiloso o conhecimento, e a contemplação desta doutrina, pois consegue assim a tragedia o purgar-nos de se-

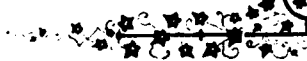


melhantes paixões pelo meio o mais suave e o mais decoroso.

Assim se mistura o util com o deleitoso; assim foge o poeta de fazer inverosmil a sua acção, ou de dever mais a habilidade dos actores à disposição das scenas e tramoias, do que à boa economia da fabula e energica força dos seus versos.

Falta-nos examinar se com tudo persuade mais o que se vê, do que aquillo, que se ouve, como lembra Horacio, e se a narração basta para mover as paixões, quanto exige a natureza da tragedia. É esta uma duvida, que certamente me abria o campo para uma larga dissertação, se a angustia do tempo, e o respeito da Arcadia não acudissem à pobreza do meu discurso.

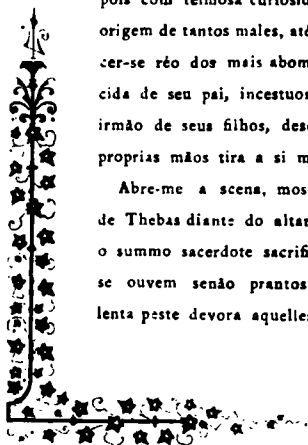
Não saberei negar de que mais individualmente ficarei capacitado do que eu testemunhar com os meus olhos, do que aquillo, que simplesmente ouvir; mas esta vantagem, que seria precisa para eu dispor de qualquer successo em um tribunal, não é necessario que assim seja no theatro; ainda que bem conheço que a differença, que



ha entre a poesia dramatica, e exaggeratica, consiste em que aquella obra, e esta conta. No theatro não só escuto o que se diz, mas vejo o que se faz. Na epopeia não vejo o que se faz; ouço o que se diz.

Devemos não perder de vista o fim da tragedia, para mover o terror e a compaixão. Se por exemplo me propõe o poeta a desgraça de Oedipo, consiste a força desta persuasão em mostrar-me um homem, que inviolavelmente commette um parricidio, matando a seu pai Laio; um incestuoso adulterio, casando com sua mãe Jocasta; usurpa um reino, irrita a divina justiça; e depois com teimosa curiosidade procura indagar a origem de tantos males, até que chegando a conhecer-se réo dos mais abominaveis delictos, homicida de seu pai, incestuoso com sua mãe, pai e irmão de seus filhos, desesperado, com as suas proprias mãos tira a si mesmo os olhos.

Abre-me a scena, mostrando-me a mocidade de Thebas diante do altar prophetico de Ismeno: o summo sacerdote sacrificando; na cidade não se ouvem senão prantos e suspiros; uma violenta peste devora aquelles miseraveis. Consulta-



se o oraculo, vem a resposta, descobrem-se alguns indícios, exige o céo, que o delicto original se expie com a morte do delinquente. E emquanto se examina quem é o desgraçado, quantas vezes me assusto, receando não seja aquelle mesmo homem que eu vi, como pai da patria, chorar com os innocentes, jurar-lhe, que não deixará de solicitar o remedio daquella calamidade, ainda que seja á custa da sua vida; um homem, que dissolveo o enigma da Esphinge: finalmente um rei clemente. Chega o reconhecimento, vejo que este mesmo Oédipo é o culpado. Quanto me compadecço!

Affirmo-vos, senhores, que nunca li esta tragedia de Sophocles, que não chorasse, quando vejo o miseravel rei com os innocentes filhinhos, ora fazendo imprecacões, ora chorando sobre elles lagrimas de sangue, e neste triste desamparo deixar a mulher, a casa e o reino: ao mesmo tempo ouço a noticia de que Jocasta se matou. Ha mais terror! Ha mais compaixão! Eis-aqui como a tragedia consegue seu fim, sem me fazer inverosimil a sua fabula.



se pas e por detrás
parecer no theatro. E
se chama *golpes de*
a fabula seja composi
faz mais do que ouv
ainda, que as veja, tr
contarem, e sinto o
compaixão, que se ni
quando se ouve a traç

Ficando pelo que te
regre, em que provado
propor-vos, devo examina
toteles, em que se fun
texto alguma duvida, ou

E certo que muitos e
terpretado mal as palavras

(1) ARIST., *Poet.*, cap.

d'ellas a errada consequencia de que o theatro se deve ensanguentar, para bem se mover o terror e a compaixão. O maior tragico de França Mr. Corneille no exame do seu Horacio diz: « se é uma regra não ensanguentar o theatro, não é certamente do tempo de Aristoteles, que nos ensina que para mover efficazmente são precisos grandes desgostos, feridas e mortes em espectáculo. »

Varios traductores d'esta inestimavel obra, quero dizer, da Poetica de Aristoteles, traduzem o texto no mesmo sentido *mortes in aperto factam* (1); porém outros, a quem abona o sabio Dacier, *mortes evidentes e certas*; pretendendo que debaixo desta expressão geral comprehenda Aristoteles as duas especies de mortes que succedem na tragedia, as que se não vêm, e as que se vêm, porque uma personagem pôde vir acabar de morrer no theatro, comtanto que nelle não tenha sido ferida.

Vejamos, senhores, se repetindo-vos o texto, conforme a traducção de Dacier, se comprehende

(1) Alexandre Paecio Florentino.

...as partes
teria. Ha tambem
paixão. Ja se tem
a peripecia. Chamo
alguma personagem
como são as morte
mentos, as feridas,
melhantes (2).

A palavra paixão,
teles, não significa u
alma por este, ou aq
sentido, em que ella s
quando dizemos (se é
cousa profana com os
gião) a *Paixão de Chr*
entende este termo: e
ache em uma tragedia,
ridas, as mortes, e os ti

(1) Dacian...

theatro; basta que o auditorio fique certo que esta, ou aquella personagem, vai padecer infalivelmente aquella morte, aquelle tormento, e que depois com energia e com facundia outra personagem lhe conte este lastimoso caso, ajudando-o a compadecer-se com as reflexões, lamentações, e, se preciso é, com as lagrimas, como diz Horacio: *Que se o poeta quizer que chore o espectador, ha de elle chorar primeiro.*

Aqui me lembra advertir, que esta paixão é tanto do character da tragedia, que pôde haver fabula simples, isto sem peripecia, ou reconhecimento, como é o *Ajax* de Sophocles, a *Hecuba* de Euripides: mas não pôde haver nenhuma sem paixão, pois sem ella, como já vimos, é impossivel mover o terror e a compaixão, que é o fim da tragedia.

Daqui se infere incontestavelmente, que o philosopho estabelece esta regra. Não é verosimil que um homem, que apoiou toda a sua doutrina na pratica dos antigos, concebesse a idéa de fundar um systema que lhe é contrario (1). O mesmo *Ajax*

(1) Hedelin in Praxi Theatrica.

de Sophocles, com que os fautores da opinião contraria se tem alliucinado, não se mata no theatro, como elles pretendem; mas bem se percebe que esta fatalidade se passa em um bosque vizinho: assim se escutão os clamores de Agamemnon (1); assim se ouve gritar Clytemnestra, quando é ferida por Orestes (2); e os mais exemplos, que vós sabeis, e que eu julgo superfluo repetir.

Finalmente, senhores, não deixaria de ser culpavel a minha afoiteza, se eu me atrevesse a discutir mais uma materia, em que devia só consultar-vos. Basta que eu mostre o desejo que tenho de instruir-me, e que vos proteste sinceramente que não me dedico aos trabalhos academicos, com outra esperanza mais, do que com a idéa que tenho concebido, de que correndo por vossa conta a direcção dos meus estudos, algum dia saberei imitar-vos; e que então poderei sem pejo fallar na vossa presença, e concorrer para a utilidade publica, para o credito do reino e para gloria da Arcadia.

(1) Agamen. de Eschil.

(2) Sophoc.

DISSERTAÇÃO SEGUNDA

*Sobre o seu character da tragedia e utilidades
resultantes na sua perfeita composição (1).*

Et quicumque valent, animum auditoris agunt.

Honor. Ars. Poet., vers. 100.

Nobilissimos, sapientissimos e amantissimos
Senhores,

Como estou seriamente persuadido de que vós
não só soffreis, mas em certo modo approvais o
meu trabalho com o projecto, certamente, de pro-
movê-lo, e de adiantar-me assim em materias de
litteratura; torno a fallar na vossa presença;
torno a mostrar quanto necessito das vossas li-

(1) Recitada na Conferencia da Academia lusi-
tana no dia 30 de setembro de 1757.

ções: tórno a implorar a vossa indulgencia (1).
 E já que no congresso passado tratei a regra, que
 serve de limite á força com que a tragedia move
 nos nossos animos o terror e compaixão, sem lar-
 gar de mão o prumo, procurarei sondar este ma-
 ravilhoso pèlago, mostrando quanto é necessario
 que a tragedia mova as paixões para conseguir o
 fim a que se dirige: qual é este fim, e se elle
 de sua natureza é capaz de concorrer para a boa
 policia de uma republica.

Horacio conhecendo profundamente a razão, a
 força, e os admiraveis effeitos deste activo fil-
 tro da poesia, propõe na sua Poetica a regra não
 só para a tragedia, mas para todos os poemas;
 advertindo-nos que não basta que elles sejam ador-
 nados de bellezas, mas que é preciso tambem que
 o poeta mova nos corações dos ouvintes as pai-
 xões que lhe parecer, ou que exigir a natureza
 da sua composição.

(1) *Ille per extensum funem mihi posse videtur
 Ire poeta; meum qui pectus inuauiter angit
 Irritat, mulcet falsis terroribus implet
 Magnus ut et modo me Thebis, modo ponit Athenis.*

Este mesmo grande critico escrevendo a Augusto, lhe dizia : « Que para elle só era bom poeta o que possuindo bem a difficil arte de mover as paixões lhe commovia o coração com poeticos fingimentos; ora irritando-o, ora aplacando-o, e finalmente enchendo-lhe o peito de terror, e de espanto : bem como um magico, que o transportasse uma vez a Thebas, outra a Athenas. »

Para conhecermos nós quanto esta regra não só é relativa á tragedia, mas que incontestavelmente quadra com a sua natureza, e é como alma de todas as suas forças, será preciso trazermos á memoria a definição deste poema (1). « A tragedia é pois a imitação de uma acção grave, inteira, e que tem uma justa grandeza, cujo estylo é agradavelmente temperado; mas differentemente em todas as suas partes; e que sem o soccorro da narração pelo meio do terror e da compaixão, acaba de purgar em nós este genero de paixões, e todas as outras semelhantes (2). »

(1) ARIST., *Poet.*, cap. 6, pag. mihi 72.

(2) BOILEAU, *Poet.*, Cant. 3.

É preciso que a tragedia mova as paixões, e nisto se conforma com os mais poemas. Deve especialmente mover o terror, e a compaixão aqui se affasta delles, e deve purgar-nos destas, e de outras paixões semelhantes: assim os excede; assim fica util; assim é maravilhosa (1).

Quanto é preciso para mover as paixões, é escusado que o examine, pois julgo que qualquer de vós trará continuamente nas mãos as melhores Poeticas, as Rhetoricas de Aristoteles, de Longino, de Demetrio Phalereo, de Cícero, e de Quintiliano, além dos modernos, que excellentemente tem tratado esta materia. Agora bastará que vejamos qual é o melhor caminho de mover o terror e a compaixão.

É certo que estas duas paixões nascem da surpresa (2). E isto é a admiração que nos causa um successo inesperado, que quando menos o cuidamos, então nos assusta e nos arrebatá. Esta é a qualidade de tudo quanto é sublime e admiravel;

(1) LE BOSSU, *Traité du Poem. Epique*, chap. 9.

(2) ARIST., *Poet.*, 9.

pois no que assim vemos succeder, achamos sempre um character maior do que nas revoluções que vem, quando nós as esperamos (1). Se um homem nunca tivesse visto a luz do dia, que espanto lhe não causaria ver sahir do horizonte um globo luminoso, que estendendo os seus raios pela superficie da terra, cobria tudo de côres e de clari-
dade? Mas para que a surpresa cause este bom effeito na tragedia, é preciso que as causas nasçam umas das outras contra a nossa esperança (2): não basta que os incidentes sejam puramente fortuitos (3); mas é preciso que o poeta com boa economia disponha de tal forma a sua fabula, que os episodios, ou os incidentes, nascendo uns dos outros, conduzão a pessoa fatal do drama ao reconhecimento; que deste reconhecimento nasça a peripecia; que a peripecia mostre a protogneste em uma catastrophe desditosa, contra o que promettião as circumstancias, e ideava a esperança

(1) ARIST., *Poet.*, 9.

(2) *Ibi.*

(3) D'ACER, *Not.*, 26.



Aqui vemos
modo de move
que nos causa
nascidos uns de
contrario. E por
casos puramente
que procede dell
estas paixões com
tureza da tragedia
rabilhosos.

Com effeito nad
cahida de uma casa
tes: é verdade que
nesta compaizão não
aquella, a que simple
dade (1). Mas nos in
outros, a idéa do espa

(1) DACINA, Not., 2

objecto, vê juntamente a causa e fim d'aquelle horroroso successo; e desta duplicada vista seguem infallivelmente a surpresa e as paixões: e por isso ha tanto de maravilhoso na Sagrada Escrip-tura, onde são tão frequentes os successos extra-ordinarios produzidos sempre de incidentes, que nascem uns dos outros contra a expectação dos leitores.

Para o poeta conseguir o effeito que se propoz pelo meio do movimento das paixões, deve ter diante dos olhos duas cousas (1): uma é o meio de as fazer receber dos seus ouvintes, ou leitores, e outra é fazer-lhes effectivamente sentir. Emquanto á primeira, é preciso que disponha os animos para lhes embutir as paixões; emquanto á segunda, deve não misturar paixões incompati-veis (2). Com effeito para transportarmos uma cousa, é preciso primeiro tira-la de onde estava para a levarmos para onde a queremos pôr: as-

(1) LE BOSSU, *Trait. du Poem. Epiq.*, cap. 9. page 261.

(2) Idem, ibi.

desto, então e
Nesse instante j
da compaixão.

Por estar fóra
Bossu o Ajax da
zendo comparecer
juizes, que estavam
cipia o requerimen
lentas, e as mais pa
de inclinar os aulm
Ajax, o dá a conha
desarrazoado, e que e
ter certamente mais j
do que para persuadi

Ainda que esta doutri
a epopeia, e outros por
meira parte, contudo ei

(1) Lx Bossu já citad

que advertissemos, que ainda que a surpresa é a origem do maravilhoso, e que é da natureza da tragedia, não devemos contudo dispor uma contextura de incidentes falsissimos, e de repente, sem que, nem para que, amontoarmos incidentes lastimosos e funestos (1); mas que devemos tiral-os uns dos outros, com tal graduação que insensivelmente se vão dispondo os animos dos ouvintes para receber aquillo mesmo que não accet-tarão, se dependesse de seu arbitrio a sorte do protagonista.

Em quanto á segunda parte, todos sabem que o amor, e o odio não podem estar juntos, e que assim mesmo seria impossivel que a reinarem em uma dama diversas e incompativeis paixões, além de cahirmos na Polymithia, ou perdermos a unidade da acção, seria difficultoso que uma paixão repugnasse ao effeito da outra, e que por este modo se nos não fizesse impraticavel o mover os animos.

Alguns espiritos fracos não sendo senhores de

(1) BOILEAU, *Poet.*, Cant. 3.



uma fertil imaginação, tem cahido em outro defeito mais ridiculo e mais estranho; quero dizer, procurão mover o terror e a compaixão pelo meio das tramoias e decorações, ou de incidentes monstruosos; por isso diz Aristoteles, que nascer o terror e a compaixão da contextura dos incidentes é o melhor, e que a isto é que se chama *golpe de mestre* (1). Eschylo cahio naquelle defeito nas suas *Eumenides*, não excitando o terror e a compaixão mais do que com o espectáculo. Todos sabem a historia do seu terrivel côro das furias, e os nocivos effeitos que produzio no seu auditorio. É notavel o paralelo que faz Dacier deste drama com o *Edipo* de Sophocles. Quando nós (diz elle) lemos hoje as *Eumenides* de Eschylo não nos sentimos muito penetrados; porque o que havia de terrivel neste drama, nascia da decoração: mas quando lemos o *Edipo*, não podemos deixar de tremer, e de sentir os mesmos movimentos de terror e de compaixão, que sentião aquelles, que o vião representar no theatro.

(1) ARIST., *Poet.*, cap. 14, pag. mibi 211.

Desprezando estas reflexões, e estas solidas doutrinas, tinha o máo gosto adoptado o peor systema: dragões, magicos, navios, incendios, batalhas, naufragios, carceres, patibulos, demonios e espectros, erão os milagres do theatro. Ha bem pouco que uma cõrte polida fazia as suas delicias de semelhantes espectaculos. E Metastasio, não obstante alguns destes defeitos, teria, se quizesse, uma estatua no Capitolio. É para sentir, que um homem como este, excellente poeta, tenha innumeraveis vezes infringido as mais irrefragaveis leis da tragedia.

Outro defeito ha, que não é menos impio: com effeito, não só não move, mas é ridiculo. Deste genero são as transformações, as serpentes, e outras puerilidades semelhantes, de que deve abster-se um bom poeta, e de que não pôde gostar um discreto espectador.

Tambem devemos notar, que para mover o terror e a compaixão não é conveniente, como entenderão muitos, escolher para assumpto das tragedias os martyrios, quero dizer, os martyres não devem ser herbes de semelhantes poe-



em Menturno, que na sua Poetica decide que a Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo pôde ser materia de tragedia.

Tudo isto é necessario para que a tragedia chegue ao desejado fim a que se dirige, isto para que consiga o purgar em nós o terror e a compaixão, e todas as outras semelhantes paixões. Platão, que lhe não attribuiu tão util efficacia, a banio da sua republica; e muitos pretendem que este effeito não seja mais do que uma chimera, trabalhando por mostrar, que a tragedia em vez de purgar-nos das paixões, as suscita, e as promove. Porém estas accusações, como são fundadas em sophisma, não podem vencer a força da razão, e da verdade.

É certo que á primeira vista parece impossivel que a tragedia haja de purgar-nos das paixões, que ella mesma influe nos nossos corações; mas em reparando em Dacier, como se deve entender este termo de *purgar as paixões*, conheceremos a razão.

Os Academicos, e os Estoicos dizem: *Lançar fóra as paixões; desarraigá-las da alma; isto é su-*

perior ás forças da tragedia ; isto não faz ella. Mas os Peripateticos persuadidos que o excesso das paixões é que as faz viciosas, e que sendo reguladas, são uteis, e ainda necessarias, entendem por purgar as paixões, reduzi-las a uma justa moderação.

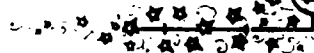
Eis-aqui o fim da tragedia, eis-aqui o que ella é capaz de fazer ; e não é pouco.

A tragedia move em nós o terror e a compaixão, expondo-nos no theatro as desgraças dos nossos semelhantes, desgraças, que merecêrão por culpas involuntarias. Assim nos familiariza com estes infortunios ; assim nos ensina não temê-los, ou tolera-los com paciencia, e com constancia. O imperador Marco Aurelio é da opinião de Aristoteles ; diz : « Que as tragedias forão primeiro introduzidas para fazer lembrar aos Homens dos accidentes que succedem na vida ; para lhes advertir, que devem necessariamente succeder ; e para lhes ensinar que as mesmas cousas, que os divertem na scena, lhes não devem parecer insupportaveis no theatro do mundo » (1).

(1) Marc. Aur. art. 6. n. livr. das *Reflex.*

Não só a tragedia purga, como temos visto, o terror e a compaixão, tambem modera todas as outras paixões: obriga-nos a qué examinemos a causa das desgraças que nos representa: e conhecendo nós qual foi a paixão, que, por exemplo, precipitou *Edipo* em semelhantes desesperações, é impossivel que não cuidemos muito em nos abstermos de uma temeraria e cega curiosidade, pois uma vez que se leia aquelle excellente drama, facilmente se conhece, que estas duas paixões, mais do que o incesto e do que o parricidio, forão a causa da desgraça de *Edipo*. Desta sorte é que uma fabula tragica, com o disfarce das allegorias, nos imprime na alma as proveitosas maximas da *Ethica*, assim nos fôrma para a sociedade; assim nos dispõe para a virtude; assim nos ensina a obrarmos grandes acções; a ser util á patria, e á republica. Os herões de Athenas, de Thebas e de Roma talvez que sejam discipulos da tragedia.

E com effeito que frutos não colheria uma republica, se nos theatros se ensinasse as virtudes, e as grandes acções? Bem sei que na nossa



regrão ha melhores cadeiras e escolas da Ethica. Os pregadores evangelicos incontestavelmente farrão sempre melhor progresso; mas a depravação dos costumes e dos caprichos dos homens, obsta não poucas vezes a este santo projecto.

Um homem da cõrte raras vezes vai ouvir os pregadores, sem a prevenção de que elles hão de censurar-lhe o seu procedimento; e este feço com que olhão para elles, como para seus inimigos, ou ao menos como para juizes severos, embaraça notavelmente a persuasão.

Aos theatros concorre todo o mundo com a idea de que só vai divertir-se, e recrear-se. E se o poeta tem a feliz arte de obrigar a que os espectadores se transportem com o movimento das paixões, e neste transporte lhes inspira uma maxima de boa Ethica, o triumpho é infallivel. Assim para um menino enfermo beber o remedio se lhe costuma banhar com o mel a circumferencia do côpo. Os bons generaes usão muitas vezes de estratagemas. Não quero dizer nisto, que se levantem theatros e que se desamparem os pulpitos: hajão umis, e outras aulas. Deva-se a

todas a boa educação da mocidade; a reforma dos costumes; as maximas da virtude; o aborrecimento dos vícios; o amor da patria; e gloria da nação.

Não é meu intento defender as tragedias irregulares e monstruosas, aquellas em que só reina uma paixão criminosa; aquellas que ensinão o adulterio, a aleivosia e que atacão vigorosamente a castidade, que pintão os Cesares, os Brutos, os Enéas, não como homens, mas como mancebos affeminados e impertinentes amadores. Esta formidavel peste, que depressa se derrama não só pela cõrte, mas pela cidade; esta tragedia ainda que tem mais fautores, é certamente a que deve subir a sentença de Platão, a censura dos Santos Padres, e a condemnação dos Concilios.

Não me atrevo a cansar mais a vossa paciencia: com argumentos tão triviaes acabareis de conhecer a debilidade do meu discurso; e permitta o nosso numen tutelar, que não desespereis do meu adiantamento, que eu da minha parte, para vos descobrir a sinceridade, com que me sacrifico aos trabalhos academicos, vos confesso,



que para obedecer-vos me tenho feito plagiaro,
não fazendo nos meus discursos mais do que trans-
crever aquelles poucos autores, que a má for-
tuna, que me persegue, me não pôde arrancar
das mãos.



DISSERTAÇÃO TERCEIRA

*...ser o principal preceito para formar um bom
poeta procurar e seguir somente a imitação dos
melhores autores da antiguidade (1).*

*Nea verbum verbo curabile reddere Œdus
Interpres...*

HORAT., Ars. Poet., v. 136.

Preclarissimos, amantissimos e sapientissimos
Senhores,

Se assim como vós, ó Arcades, desejais for-
mar em mim um membro digno de tão illustre
sociedade, quizesse a fortuna dar a mão a meus

(1) Recitada na Conferencia da Arcadia lusi-
tana no dia 7 de novembro de 1757.

Autorisado por Innocencio emendei proveito
para preceito na summa desta dissertação. (Vide
Dic. Bibl., art. Garção, pag. 391.)



desejos, ajudando-me, ao menos, com a tranquillidade, de que necessita quem escreve, poderia eu de algum modo desempenhar vossa generosa eleição, e assentar-me menos envergonhado em um lugar, que por sorte do escrutinio tocava a um de nossos melhores, e mais distinctos socios. Substituir as vezes de um homem sabio, eloquente e erudito, as vezes de um *Elpino Nonacriense* (1), não é pezo com que posso meus hombros. Para commetter tão ardua empresa, necessitava de mais brilhantes armas. Longo estudo, profunda erudição, um vasto conhecimento dos autores mais versados e de melhores tempos, uma natural elegancia e delicada pureza de linguagem, são predicados e talentos que não descubro em mim, e os que só me podião desculpar a confiança, com que me sacrifiquei a tão difficil empenho. A gloria de obedecer-vos é a unica, e feliz circumstancia que me anima, e me promette a indulgencia, de que me fazia talvez indiguo meu atrevimento. Se não satisfação, ao menos obedeço.

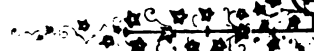
(1) O Sr. Antonio Diniz da Cruz e Silva.

Entre as solidas maximas, com que Horacio pretende formar um bom poeta, não é, como vós sabeis, menos importante a imitação. Não fallo da imitação da natureza, mas da imitação dos bons autores, daquella imitação, á qual deve a Arcadia sua grande reputação, e não pequena parte dos honrados elogios com que foi recebida de nossos mais prudentes e doutos patricios, e que ha de espalhar seu nome pelas nações estrangeiras. Este foi em todos os seculos e será em todas as idades o maior segredo de tão divina arte.

Os Gregos e os Latinos, que dia e noite não devemos largar das mãos, estes soberbos originaes, são a unica fonte de que manão boas odes, boas tragedias, e excellentes epopeias.

Este é o verdadeiro genio, a que o vulgo chama *veia poetica* e os doutos *enthusiasmo*.

Muito pode o espirito humano! Mas nunca terá força para subir tão alto, se não fór pela estrada que trilharão os antigos poetas e oradores. Entre nós, depois que acabarão os bons dias da poesia portugueza, poucos forão os que penetrarão semelhante mysterio, de que são miseraveis testemu-



nhas as obras dos seiscentistas. Guardava o céu para a Arcadia a honra e a vaidade de erguer esta bandeira, e levar consigo seus compatriotas. Hoje todos desejão imitar os antigos, todos estudão pelos Gregos, pelos Latinos e pelos nossos bons autores: mas fugindo de Scylla, quantos vão em Charybdes?

Querem ser imitadores e não passam de uns humildes plagiarios.

Para evitar tão depravado extremo, nos recommenda Horacio o modo, com que devem ser imitados os antigos; e ainda que neste lugar estabeleça outras regras para conseguirmos tão desejado fim, a mim me pareceo, olhando para o vicio mais commum, que devia escolher para assumpto as poucas, mas importantes palavras, com que tão grande critico nos ensina a imitar, e nos mostra o perigo, de que devemos fugir.

Muitos, querendo imitar Virgilio, fazem uma má traducção desta, ou daquella imagem de tão grande poeta; e escravos de suas palavras, não passam de traductores. Não imitão, roubão e despedação as obras alheias: desfigurão o que lhes

agradou, como se tomassem por empreza fazer-nos aborrecer o que admiramos. Disto acha-se que enfermão tantos, quantas são as obras, que todos os dias apparecem cheias de lugares dos poetas, não imitados, mas servilmente traduzidos. É tão forte a preocupação, de que nascem tão lastimosas desordens que muitos com vaidade e com soberba apontão, e mostrão os pensamentos, ou idéas, que roubarão, ou traduzirão.

Esta epidemia, que talvez reinava no tempo de Horacio, lhe deo razão para advertir aos poetas dos vícios, de que devião fugir, quando quizessem imitar, recommendando-lhes, que não traduzissem palavra por palavra, como um fiel interprete: assim explicão este lugar os melhores commentadores da sua Poetica. E não sei com que razão o traductor portuguez trabalha por mostrar, que Horacio nestas palavras dá regras para as traducções. Julgo que a ninguem deixará de parecer obvio e natural o sentido do texto, tão livre de amphibologia.

Todos sabem que Horacio, ainda quando parece passar de umas para outras cousas, guarda



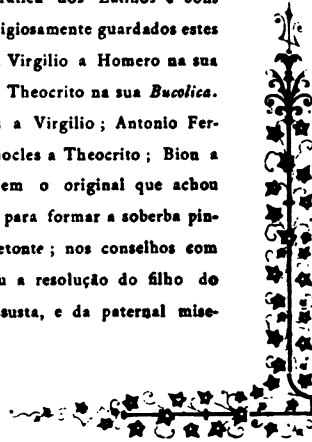
o melhor methodo, e conserva o fio da sua doutrina. Dom, que não podia faltar em um tão grande lyrico acostumado ás digressões, que parecendo-lhe alheias do assumpto, nascem delle, e o deixão mais brilhante, magestoso e sublime.

Não falta quem compare os poetas com os navegantes. A agulha, que lhes mostra os rumos, é a estrella que os guia, e leva a salvamento: sem ella serião mais frequentes os naufragios, e não poucas vezes os que demandassem remotas praias, não voltarião com a feliz noticia de novos continentes. O poeta, que não seguir aos antigos, perderá de todo o norte, e não poderá já-mais alcançar aquella força, energia e magestade, com que nos retratão o formoso e angelico semblante da natureza.

Devemos imitar e seguir os antigos: assim no-lo ensina Horacio, no-lo dicta a razão, e o confessa todo o mundo litterario. Mas esta doutrina, este bom conselho, devemos abraça-lo, e segui-lo de modo, que mais pareça que o rejeitamos, isto é, imitando, e não traduzindo. Os poetas, devem ser imitados nas fabulas, nas imagens, nos pen-

samentos, no estylo ; mas quem imita, deve fazer seu o que imita : se imito a fabula, devo conservar a acção, ou alma da fabula ; mas devo variar de fôrma os episodios, que pareça outra nova e minha : se imito as pinturas, não devo no meu poema introduzir um Polyphemo ; mas do painel deste gigante posso tirar as côres para um Adamastor : se imito o estylo, não devo servir-me das palavras dos antigos, mas achar na linguagem portugueza termos equivalentes, energicos e magestosos, sem torcer as phrases, nem adoptar barbarismos.

Olhando para a pratica dos Latinos e bons modernos, achamos religiosamente guardados estes preceitos. Assim imita Virgilio a Homero na sua *Eneida* ; assim imita a Theocrito na sua *Bucolica*. Assim imitou Camões a Virgilio ; Antonio Ferreira a Horacio ; Sophocles a Theocrito ; Bion a Mosco. Todos conhecem o original que achou Ovidio em Euripedes para formar a soberba pintura do carro de Phaetonte ; nos conselhos com que o pai encaminhou a resolução do filho do cuidado com que se assusta, e da paternal mise-



ricordia, com que prantão a desgraça do atrevido mancebo. Quando em idade mais adulta observamos mais attentamente estes formosos astros da poesia, se não fosse irrefragavel a chronologia, se não constasse da historia, poderíamos duvidar de quem era o original; assim como tem havido quem ponha em problema, qual das duas nações merece a primazia.

Se fallasse com homens menos instruidos, casar-me-hia em confrontar as copias com os originaes, os Latinos com os Gregos, os Portuguezes com uns e outros. Mas na presença de Arcades não me atrevo a mostrar como cabedal meu o que tem feito trivial a inundaçào de Poeticas e Rhetoricas, que já cansão o espirito mais ávido de erudição, e mais cubiçoso de sciencia.

Não pareça que levado desta doutrina, quero dizer, do muito que Horacio e todos os bons criticos recommendão a imitação dos antigos, tiro por consequencia, que o poeta não deve dar um passo livre, e que não pôde adornar seus poemas com pinturas, de que não conheça originaes. Bem será que não chegue a perdê-los de vista; mas

seguindo este rumo, pôde largar as vélas á sua fantasia, e voar até descobrir novos mundos. Feliz aquelle que não só imita, mas excede ao seu original. Virgílio não poucas vezes cortou esta palma, excedendo na concepção e energia a abundancia do poeta que imitava. Nas poucas palavras deste hemestichio *Jovis omnia plena*, abrangeo as circumstancias, com que Aracto descreve a onnipotencia: outras vezes applicando e vestindo de mais formosas côres a imagem que imitava, como nestes versos :

*Olli dura quies oculos et ferrus urget
Somnus in aeternam claudientur lumina noctem,*

nos quaes accrescentou magestade á magestade de Homero. Algumas vezes servindo-se dos oradores gregos, dava a seus pensamentos a luz e pompa da poesia, como nestes versos :

*Aut furis Caci meus offera nequid inausum
Aut intentatum scellarisve dolive fuisset :*

que os criticos conhecem ser imitação de outra



semelhante sentença de Demosthenes, ou de Eschines.

Esta generosa liberdade concede Horacio aos poetas, e tanto se não envergonha, que se jacta de havê-la tomado, quando fallando dos imitadores servis, disse de si mesmo:

*O' imitatores servum pecus, ut mihi saepe
Bilem, saepe jocum vestri movere tumultus
Littera per vacuum posui vestigia princeps,
Non aliena meo pressi pede; qui sibi fidet
Damus reus examen.*

Solto de tão pezáda escravidão, imita o mesmo Horacio o lyrico grego, sendo em muitos lugares conhecidamente superior a Pindaro. Quantas vezes a simples mudança de uma palavra afôrmosa um verso, de fôrma que parece não só outro, mas fica na verdade melhor. É bem conhecido o verso de Euripedes, que se lê em Sophocles, sem mais differença que a de um vocabulo; mas tão differente, que nada tem Sophocles que restituir a Euripedes, nem Euripedes que pedir a Sophocles.

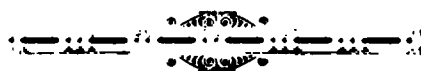
Eis-aqui o que não penetra a maior parte dos nossos poetas, por adorto com tal superstição seus antigos originaes, que querendo imitalos, não tem valor para mudar uma syllaba, quanto mais uma palavra.

Sobem pela estrada, que pizarão nossos bons poetas; seguem as pizadas dos Latinos e dos Gregos, mas tão cobardes e medrosos, que tarde, ou nunca chegarão aonde elles subirão. Semelhantes ao desgraçado caminhante, que em uma tenebrosa noite piza o caminho tão carregado de susto, que finalmente tropeça, cahe, e se precipita.

O poeta é senhor da materia de que trata: se a invenção é toda sua, pôde forma-la como lhe parecer; se a pedio emprestada a algum dos antigos poetas, deve, quanto lhe fôr possível, reduzi-la a tão nova figura, que pareça outra, e que fique sendo sempre a mesma.



ORAÇÕES.







ORAÇÃO PRIMEIRA

em que se intima e persuade aos Arcades se interessarem em cumprir as leis da Arcadia que crão empenhar-se com todo o esforço na restauração da eloquencia e antiga poesia portugueza(1).

Nobilissimos e sapientissimos Arcades,

Se a opulencia da materia pôde fertilizar a idéa do orador, se lhe pôde dar força, energia e elegancia para mover, para arrebatat, e para persuadir, certo estou eu, ó Arcades, de que hoje poderei com minha oração dominar vossos animos, ganhar vossa attenção e benevolencia.

Sois Arcades, sois Portuguezes. Falla comvosco um compatriota, e não pretende mais, do que

(1) Recitada na Conferencia da Arcadia lusitana no dia 8 de maio de 1758.





obrigar-vos a cumprir o que dispõe as leis da Arcadia : o que exige a vossa honra, e o que se deve à gloria da nação, do estado e do príncipe.

Já vejo que todos estais suspensos, e que talvez não falta quem diga : que homem é este, que sempre excogita para assumpto das suas orações objectos fantasticos ? Que nos accusa de crimes, que nós não commetemos, e que devendo aprender connosco a orar, tem degenerado em declamador ? Mas tambem eu, ó Arcades, vos pergunto : e se este declamador vos narrar factos incontestaveis, se produzir documentos authenticos, se tratar de uma materia per si mesma grande, magnifica e capaz de levantar a reputação da Arcadia, chamar-me-heis orador ?

Confessareis que tenho aprendido connosco ? Que vos imito ? E que mereço ser admittido a fallar em vossa presença ? Pois, Arcades, hoje não quero senão mostrar-vos, que o pacifico e prospero reinado do nosso clementissimo soberano está clamando, que cumpramos o que promettemos ; quero dizer, que séria e inalteravelmente nos applicuemos com todas as nossas forças ao





honrado trabalho de restaurarmos a eloquencia e poesia portugueza. Sem a fundação de uma Arcadia seria impraticavel o magnifico projecto de restaurar estas duas divinas artes, artes em que se apoia a duração da sociedade ; de que depende, a memoria dos homens illustres ; e não poucas vezes, a conservação da republica ; isto reconhecerão os Medicis, as Christinas, os Pedros Grandes, Luiz XIV, e D. João o V.

Que importa que entre uma congregação de homens, ou barbaros, ou ignorantes, haja um Homero, ou um Demosthenes ? Isto fará que religiosamente se guarde a pureza da linguagem, a energia da dicção, ou verosimilidade de pensamentos ? Persuado-me que este homem será obrigado a calar-se, a esconder as suas obras, e a suspirar no seu gabinete, enquanto o resto da nação prostitue o credito de todos, divulgando escritos de que os estrangeiros ou zombem, ou se compadeção.

Corre o tempo ; ateia-se a epidemia ; desprezam-se os bons autores ; não vale o exemplo da antiguidade ; apaga-se a memoria da arte ; e fi-



... e ali;
... e ali;

São tão frequentes, e talvez
exemplos, que não devo
Deos, é Arcades, que ainda
avultassem mais as ruínas
do que as miseráveis reliquias
boa. Só uma academia, uma
sabios, zelosos do bem, e
tria, é o Alexandre que pôs
diano, é o Achilles de que
de Troia.

Vós mesmos, senhores, com
maximas; vós a adoptastes;
mente praticado. Mas não r
esta empreza é trabalho de
rei grande? Nós podíamos
hombros pezo tão formida
a outro se deve a restaur
da grande. Um exemplo



pai de seus vassallos ; um principe, que nós amamos, e que nos ama ; um rei tão grande, que não necessita de conquistas para fazer respeitado seu augusto nome ; um genio clementissimo, amante da paz e das sciencias : este foi o novo astro, que influio tão gloriosa revolução no Portugal litterario.

O' paz, santissima paz, dom celestial : tu que affugentas os vicios, que conservas a religião, que produzes a abundancia, que defendes a honestidade, que animas as artes e sciencias : ó paz, a ti, santissima paz, devemos o felicissimo reinado do amabilissimo Augusto portuguez : tu nolo conservas, tu fazes gozar da publica tranquillidade, de que necessitão as sciencias e as artes.

Não vos pareça, ó Arcades, que um soberano só protege as academias : mandou-lhe passar um Alvará, e uma Provisão Régia. Talvez que esta protecção não seja a mais efficaç. Enche de vaidade os membros da Academia ; e honrados com titulo, adormecem, desprezão a gloria, que só adquirem com o trabalho, esquece-se a instituição, e se se ajuntão, não se colhe de suas assembléas



mais fructo do que o apparatus. A verdadeira
recção consiste na tranquillidade publica, na
e na abundancia.

Agora provar-vos-hei, ó Arcades, que é
esta venturosa situação a sabedoria do mi-
nistrado soberano. Mostrarei que restau-
rou para melhor dizer, que fundou o commer-
cio aquelle admiravel apoio da monarchia, de-
pendem as forças da nação, a magnificencia
principe, e a reputação do estado: aquelle ne-
cio fundado na boa fe, e na verdade; aquel-
le que honrão as leis, aquelle, que tem feito g-
rãos, e florescentes tantas monarchias. Deverei p-
var, que este grande rei para sustentar o se-
u commerco lhe franqueou os meios de forma-
tão importantes fundos; que concedeo privilegi-
o e que lhe deu navios.

Vós não sabeis, ó Arcades, para que se fi-
dou um tribunal de commercio. Quem ignora
severidade com que se prohibirão os contrab-
dos? E a magnificencia com que se fundarão
bricas? Pois a que se dirigia todo este apparat-
Que desejava o coração deste amabilissimo pr-



cipe? Não era a nossa tranquillidade, a publica abundancia e a segurança do estado? E se faltasse este apoio ás artes, e ás sciencias, quem poderia restabelecê-las? Qual seria o Alcides, que vencesse este trabalho? Se um principe imprudente, ou ambicioso, desejasse as provincias alheias; se para devasta-las, ou para possui-las levantasse numerosos exercitos, lançasse pezados tributos, fizesse innumeraveis reclutas: se nos estrugisse a artilheria; se nos incommodassem os quartéis; se nos algemassem os inimigos, quem estudaria? Quaes serão nossos versos? Que força teria a eloquencia portugueza?

Sem revolvermos muitos livros, fitando a nossa contemplação unicamente na historia das letras, acharemos com facilidade, que os bons seculos nascerão nos braços da paz; durarão, em quanto durou a tranquillidade publica; e acabarão, tanto que se arvorou o estandarte da guerra. Grecia, Roma, Italia, França e Portugal ainda nos offerecem em seus annaes incontestaveis exemplos desta verdade. Quem fez emmudecer a lingua de Cicero, senão quem destruiu a paz, aquella mesma



pois que talvez se devia em grande parte à
 quencia do orador. Finalmente, para que me ca
 em amplificar o que vos sabeis, e uma meste
 que para ser grande e magestosa, não neces
 nem dos adverbios, nem dos auxílios da Rhetorica.

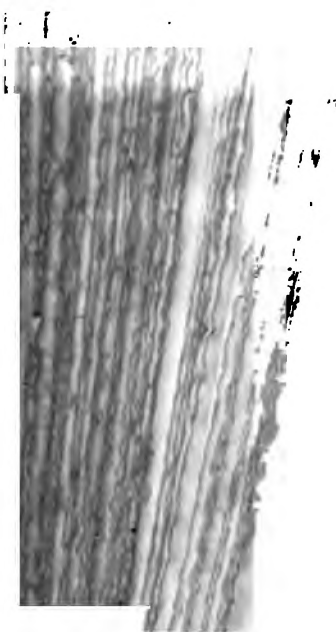
Mas, o Arcades, se nos conhecemos esta v
 dade, se não somos tão ingratos, que neguem
 este benefício, para que nos esqueçamos da no
 corção? Que esperamos? Que nos acordar
 Que nos prende? Não deixemos, senhores, não d
 temos passar inutilmente um tempo tão precioso
 agora, agora e que devemos honrar-nos de serm
 Arcades, de cumprirmos o que devemos a um pr
 o po tão digno de ser honrado. E, Arcades,
 tempo de lhe pagarmos tanto benefício; não co
 nus devemos, mas como nos podemos. Trabal
 mos seriamente em adiantar os progressos de
 illustres faculdades. Façamos tão glorioso, qua
 é feliz o século de D. José o I.

Aqui deveria eu propor-vos o methodo de c
 seguirmos esta empreza, e de verificarmos
 soberbas esperanças: mas eu fallo com Arcad
 fallo convosco, que bem sabeis qual é a estru

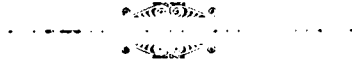
que devemos seguir para adiantar o progresso de tão illustre sociedade.

Frequentar as assembleas é sem duvida a primeira pedra deste sumptuoso edificio; mas frequentar sem methodo, e sem proveito, é deixar a machina sem alicerces. Qual seja, ou qual devia ser este methodo, é materia para que não bastão as minhas forças. Depende de que todos nos ajuntemos, de que cada um com ingenuidade proponha o seu arbitrio, de que se tome a mais prudente resolução; e de que se observe constante e religiosamente o systema, que sahír approvedo.

Mas para que me canso, ó Arcades? Quem dá ouvidos á oração do presidente? Ou quem lhe deo autoridade para deliberar? Basta fazer um discurso em louvor da Academia; ou para melhor dizer, basta engana-la com detestaveis lisonjas; não é este negocio tão sincero, que mereça mais ponderação, do que soffrer um papel em prosa, que sempre é fastidioso; e muitos são de parecer que se devem supprimir, pois não servem de mais do que de fazer compridas as lições.



E
se
e c
E
P
do a
credi
meu a
pir o
zendo l
cipal, d
clementis
des de qu
presentes
chia: tudo,
porque assi
não serdes e



ORAÇÃO SEGUNDA

*em que se declama contra a falta de applicação
dos Arcades aos estudos, notando-os esquecidos
já das leis da sua empresa, e obrigações dos
seus estatutos (1).*

Amantissimos e sapientissimos Senhores,

Se as circumstancias do lugar, e a distincção
dos ouvintes podem assustar alguma vez o animo
do orador, que cobarde, que temeroso não ve-
nho hoje fallar na vossa presença? Não houve
preceito que me obrigasse: não é a abundancia,
que me desculpa: nem o escrutinio, nem a vossa
eleição me nomearão presidente. Quem deixará

(1) Recitada na Conferencia da Arcadia lusi-
tana no dia 30 de junho de 1759.



de accusar a minha affoiteza, e o meu amento?

Parece-me, que ainda que a modestia, que verna as vossas acções, vos obriga a dar a attenção, não se livrará de estranhar a vossa que um homem destituido de todos os tale e tão pouco versado em materias de eloque não tenha pejo de frequentar uma cadeira, que desmaiariam os Ciceros, e os Demosth. E quanto será mais pezada vossa reprehe se souberdes, ô Arcades, quem venho substit

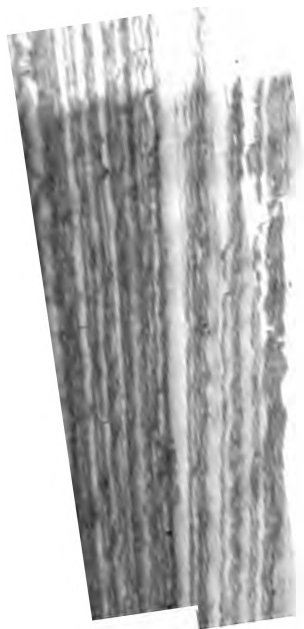
Confesso-vos, senhores, que esta reflexão envergonha, e me confunde. O profundo co cimento da arte de orar; a pureza e ene da phrase; a sublimidade dos pensamentos; a ordem; a vasta erudição do nosso sabio pu Matalazio Klasmeno, não são estes talentos u das mais solidas columnas, em que se apoi em que descansa a gloria, e a honra da A dia? E se eu tenho que supprir a falta deste moso pastor; se voluntariamente tomei s meus hombros este formidavel pezo, como pod consegui-lo? Quem deixará de estranha-lo?

qual de vós será tão indulgente, que se abstenha de reprehender-me? Assim é, ô Arcades.

Mas se a importancia da materia pôde, de algum modo, relevar a baixeza do estylo, a falta de disposição e de vehemencia, procurando assim com minha oração interessar-vos no adiantamento da reputação da Arcadia; se vos descobrir o caminho, que deveis trilhar para alcançardes maior nome (se é possível) e mais honrada fama, porque me não ouvireis? Quantas vezes não vemos nós em inexpertos praticantes governarem com felicidade o mesmo leme, que tocaria os cachopos na mão dos mais famosos pilotos?

Logo que fundamos esta nossa sociedade, me interessei tanto nos seus progressos, como se a causa fosse só minha. Trabalhei convosco quanto o permittirão minhas debeis forças, tentamos aquelles caminhos, que nossos compatriotas ou desprezavão, ou não conhecião. Fizemo-nos famosos, conseguimos que o Menalo seja nomeado com admiração e com respeito: que se leião, que se busquem, e que se estimem nossas obras.

Assim é, ô Arcades; mas seja me licito pergun-



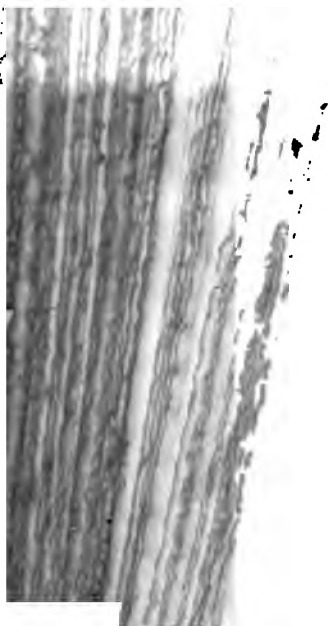
mais se
preza es
servancia
escritos a
entre nós
mente devi
e sacrificari
mum, á ho

Não sou
me atreva a
grande projec
Não, senhora
que não leva
a minha conta
que um certo e
vencível neglig
ata e que nos p
em reprehensivel

Parece-me que

um profundo alicerse, que levantamos na outra uma soberba columna. Está cortada a pedra para a grande obra: não faltão os obreiros; e talvez sobejem os architectos; mas apesar de todo este magnifico apparatus a cidade não pôde alojar os habitantes de uma aldeia! E quem susterá o riso, vendo este ridiculo painel? Chamar-me-heis insolente, porque vô-lo ponho diante de vossos olhos? Assim o julgaria a malicia ou a desconfiança, se eu não apparecesse na scena, se não fosse actor da tragedia.

Permitti-me, senhores, que discorrendo em tão importante materia, possa fallar livremente, possa dizer o que entendo. O projecto do estabelecimento da Arcadia foi grande, foi magestoso, foi util e era necessario. Os estatutos, com que ella se fundou erão sólidos, apoiados na razão e na prudencia, e concernentes ao glorioso fim, a que se dirigio o nosso trabalho e a nossa esperanza. Os animos estavam dispostos ou ao menos os semblantes: chegou a desejada occasião, mudarão-se os bastidores, desapareceu a sinceridade, confundio-se a boa ordem, enchemo-nos de um ter-



Ar
de
uns
Q
lidade
câmos
com li
mão: li
o falso d
nas, com
mos, casa
leis da poe
E que fix
veis seiscenti
choravamos p
de Bernardes e
custo as suas ol
las, que imita-la
era idyllo, idyllo
era...



tão accelerados a nossa decadencia, que já parecia inevitavel a ultima ruina, ou ao menos se deveria julgar impossivel o remedio destes damnos.

Aquelles pomposos designios de domar o genio da nação, fazendo que a critica fosse recibida como conselho, e não como offensa, aquella magnifica idéa de banir da poesia portugueza o inutil adorno de palavras empolladas; conceitos estudados; frequentes antitheses; metaphoras exorbitantes, e hyperboles sem modo, introduzindo em nossos versos o delicioso e apetecido ar da nobre simplicidade, forão os dois polos que primeiro perdemos de vista. Erguerão a cabeça esses mesmos vicios, que promettiamos e juravamos reformar, ou reprimir, ficando tolerados ou por inercia, ou por cobardia, ao mesmo passo que o podão pintado em o nosso escudo ameaçava ou fazia rir aos estranhos (1).

Não vos pareça, ó Arcades, que debaixo destas palavras em lugar de um verdadeiro zelo,

(1) Allude as armas da Arcadia, um podão com a seguinte legenda: *truncat inutilia* (Vide THEOPHILO BRAGA, *Man. da hist. da litt. port.*).



que me move, e que me atormenta, se encob
o veneno da satyra, ou uma simulada m
cencia.

Não, senhores, sou eu o primeiro que, a
destas desordens, conheço, admiro e divul
rarissimas bellezas poeticas, que brilham em
sos escritores; os sublimes talentos, de que
dotados: confesso sem o menor espirito de a
ção, que muitas de vossas composições poden
aos nossos contemporaneos uma clara idéa da
poesia e da verdadeira eloquencia; mas isto
nhores, não basta; nós promettemos mais. Não
ajuntamos para as cousas ficarem no seu a
estado. Serdes vós grandes poetas, e grandes
dores, e ser eu medíocre em qualquer destas
faculdades, é um phenomeno, que appareceria, s
que não houvesse Arcadia; e talvez que m
injuriosa me seria a minha ignorancia, se livr
funções da Academia, deixasse de expôr ao
blico a minha incapacidade.

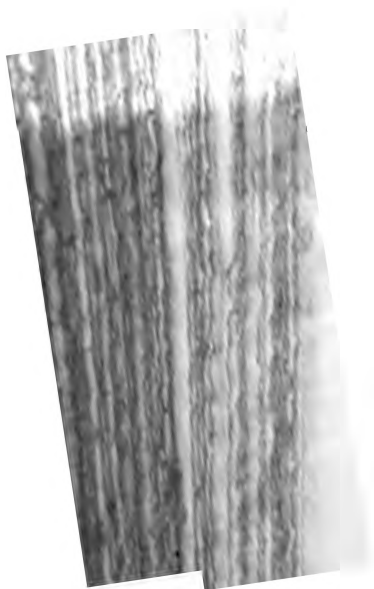
Desta lastimosa falta, que eu lamento, e
que talvez se queixarão, outra nasce, e é, a
des, da reprehensivel indolencia, que reina e



nós. Entregues a uma vergonhosa indifferença, deixamos passar os dias como se não tivéssemos mais que fazer, como se nos não obrigassemos a mais louvavel trabalho, como se não houvessemos de dar conta ao publico do tempo, que consumimos inutilmente, ou como se elle se pagasse de puerilidades, ou se governasse pelos mesmos respeito, que nos arrastão e nos constringem a commettermos estes abusos.

Se eu clamar, que aprovei este, ou aquelle poema porque era do meu amigo, ficará desculpado o autor? Haverá homem prudente, que aprove o meu froxo procedimento? Se eu não quiz sujeitar á censura os meus escriptos, porque cheio de amor proprio e de soberba, julguei que não havia na Arcadia quem devesse ter o atrevimento de censurar-me haverá quem se não ria de mim? Será bastante apologia divulgar que ninguem na Arcadia faz melhores os versos do que eu? Não acharei quem me responda, que dahi o que se segue é que todos somos pessimos poetas? Certamente, que estes pressagios não é preciso conhecer, as estrellas, para poder annuncia-los.





gresso
deixas
vesse
querem
que a c
de infam
por este
verniz? R
que injuri
namente a
plares da co
que me pers

Advertirão
nhos scharia
Cahiria sobre
piritos insolén
rece que se nu
dizer, motela-



les, que tem na sua mão a craveira dos juizos, e que só approvão as obras de seus amigos.

Estaréis talvez persuadidos, de que estou satisfeito de mostrar-vos, que a critica é o unico meio, que temos de conseguir, que cheguem á posteridade nossos escritos, e que frequentando mais as censuras, poderemos atalhar estas desordens e avançar a nossa reputação. Mas eu ainda olho para mais longe; ainda vos peço maior reforma. Não basta criticar o que se faz, é preciso ensinar o que se ha de fater.

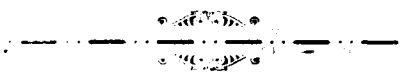
Sim, sapientissimos Arcades, é preciso que nos applicemos com methodo, e com frequencia a explicar as regras mais difficultosas da poesia, e da rhetorica, de sorte, que qualquer de nossos socios possa conceber uma clara idéa destas faculdades, e seguir uma uniforme doutrina. Devemos empenhar-nos em que brilhe geralmente nas composições de nossos pastores a mesma pureza da lingua, e a mesma graça de estylo, a mesma magnificencia de imagens, a mesma perfeição d'arte; n'uma palavra, o mesmo gosto, e até, se possivel fosse, o mesmo genio. Então seria util



a Academia, então poderíamos jactar-nos de mos os fundadores de tão sumptuoso edificio: tão confessarião nossos compatriotas que mos o seculo do nosso adorado e clemente soberano mais distincto, e mais famoso do de Augusto, de Pedro Grande e de Luiz

Para conseguirmos este glorioso fim, não preciso que cada um de nós componha um tica, ou uma rhetorica: as mesmas dissertações que os arbitros repetem nas conferencias, e a decisão do presidente, havendo a providencia de ter distribuido a materia por pontos ou que que tenham connexão umas com as outras: não derão conduzir-nos tão longe sem que cheguemos cansados, ou que desmaieemos no caminho. O que se deve esperar deste trabalho, é certissimo: inestimavel, e eu vos prometto que chegaremos colhê-lo, se approvando o meu arbitrio, não vantarmos do vergonhoso lethargo, em que jaziamos.

Não creio que haja entre nos quem me tenda reclamar a liberdade, com que foi fundada esta Academia: circumstancia, com que ou



qualificar a sua excellencia, ou talvez arrogar-lhe a primazia. Quem não vê quanto é mais util e proveitoso tratar com methodo esta, ou aquella faculdade, do que hoje disputar sobre a tragedia, amanhã sobre a historia, depois tratar das eclogas, e logo de questões de orador? Que mais poderia fazer quem tivesse o malvado designio de atormentar a memoria, e o juizo dos ouvintes? O agrado que traz consigo a variedade, e que tem já passado a axioma, é a perniciosa origem de que nascem estas desordens. E que terriveis damnos não tem ella causado na republica das letras? Com tão exquisita doutrina se resolverão poetas dramaticos a misturar o sócco com o cothurno: foi o berço da tragi-comedia, dos acrosticos e dos labyrinthos, verdadeiros monstros, a que bem podemos chamar *sombos de um doente*.

E que estes vicios reinassem entre o vulgo, que fossem sustentados por mediocres poetas, ou para melhor dizer, escurios trovadores, não me admirára; mas que uma companhia de homens doutos, que se levantou para restaurar o *bom gosto*, haja de adoptar os mesmos dogmas, e que não





trabalhe quanto pôde, e como deve para conseguir o que prometteo, é o mesmo que abrirem-se os montes, e sahir um ridiculo ratinho. Que general será tão louco, que emprenda tomar uma praça sem dispor o sitio, formar as linhas, montar as baterias, avançar os aproches, bater a brecha, e escalar as muralhas; bastará dizer que vai render Bergabzum? Haverá quem o creia, vendo que o exercito á vista dos muros ameaçados, consome os dias em jogos e banquetes? Que reina no campo um profundo socego, como se estivessem em segura paz; e que apenas ha quem se lembre do projecto?

Não adormecemos, ó Arcades, ao som de uma aura popular, que hoje nos levanta ás estrellas, e amanhã nos ha de precipitar no abysmo, sendo a primeira, que cruelmente devore a nossa reputação. Estes applausos são nuvens, que qualquer zephyro as dissipa. Cuidemos estabelecer a nossa memoria em mais solidas columnas, que resistindo á força do tempo, possam transmitti-las á posteridade. Que proveito me resulta de que ou por ignorancia, ou por cerimonia, gibem al-





guma composição minha, se eu mesmo agitado de uma especie de recurso, desconfio dos applausos, e sinto as dores de que anda achacado o papel?

Evitemos este dissabor com o remedio da critica; e para que haja tempo, em que nem della necessitemos, tratai de formar um systema de bom gosto pelas mais irrefragaveis regras da poesia, e da eloquencia. Illustrem-se os Aristoteles, os Demosthenes, os Longinos, os Horacios, os Ciceros e os Quintillianos: seja este nosso trabalho e nossa occupação. Ponhamos em mais socego as musas: deixemo-las restaurar as forças, que estão cansadas de tão continuas tarefas. Apareção depois mais fortes, mais engraçadas, e mais dignas de assistirem com novo alento á sombra dos pinheiros do Menalo.

Eis aqui, ó Arcades, as idéas, que ha muito revolveo na memoria; até que instigado do zelo, com que estimo a vossa reputação soube guardar em segredo, persuadindo-me que era culpavel um silencio de que resultava tanto prejuizo á gloria commum desta sociedade. Dar-me-hei por bem pago do meu desejo, ou por absoluto da minha auda-





502

cia, se for tão feliz, que chegue a ver, que vós, compadecidos da minha incapacidade, entraes no projecto de instruir-me, e que o publico reconhecendo que cumpris o que promettestes, vos honre com os soberbos titulos de *bons compatriotas, de verdadeiros sabios, de restauradores do credito e gloria da nação.*





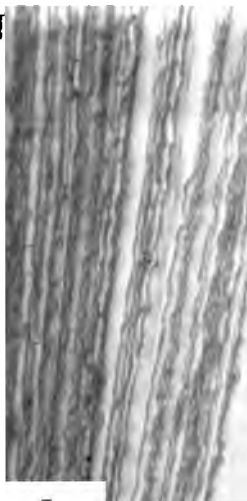
ORAÇÃO TERCEIRA

*em que se persuade os bem devidos louvores do nosso
soberano, sempre augusto e fidelissimo (1).*

Confesso-vos, illustrissimos, sapientissimos e
amabilissimos senhores, que eu me vejo confuso,
perplexo, e cheio de temor, todas as vezes, que
tenho que discorrer na vossa presença. Conheço,
que vós me puzestes neste lugar não só para
sondardes a minha insufficiencia, mas tambem
para me promoverdes a maiores estudos. Sei qual
é para comigo a vossa indulgencia; que descul-
pais os meus erros, e que me haveis acudir com
as vossas lições. Tudo isto sei, tudo vos agra-
deço; mas nada disto é bastante para vencer o
meu justo receio: nada disto apaga a vehemente

(1) Recitada na Conferencia da Arcadia lusi-
tana no dia 4 de março de 1763.





d
P
as
as
eu a
der b
elegan
Se o
rificar a
orar; es
meio de
contribuir
curso, o m
estilo?
Mas se ei
eu cumpra

nistrar-vos materia para vossas composições. Corra por vossa conta o revesti-la de sublimidade de pensamentos, de energia de dicção, e de boa economia da fabula, que exige a grandeza do assumpto.

Tendo nós a felicidade de vivermos debaixo de um governo o mais benigno, que tem desfrutado o reino de Portugal, não seria, amabilissimos socios, feia a nossa memoria, se com ella não passasse á posteridade a noticia, de que não degenerando da filiação portugueza, tínhamos, para mostrar-nos agradecidos, trabalhado por fazer eternas as grandes acções, as heroicas virtudes de nosso clementissimo soberano.

Que dirão os vindouros, se lessem nas nossas decadas, que em Lisboa se tinha fundado uma academia, que erão Portuguezes os membros della, que estava em ditosa paz o reino todo; que a justiça brilhava incorrupta; que não se tolerava o vicio; que se estimava a virtude; que florescia o commercio; que se conservavão as conquistas (ou para melhor dizer); que reinava o augusto, o pio, o fidelissimo Senhor

...de mimos mais se se
...que infamia para
os vissemos accusados de tão

Eu me envergonho só con
gula-se-me o sangue, estreme
foge o tempo; que chegam o
que ouço detestar tão abomi
doai-me, senhores, esta distri
enthusiasmo, é a força da ve
o coração, que me sorprende

É bem vulgar o axioma, e
são desejados, senão quando s
no centro da paz: não conh
licidade. Talvez que os solda
não haver guerra: talvez qu
de que não saão armadas.
sermos conhecidos no mun

putão a despeza de uma longa guerra ; o sangue que custa qualquer victoria ; os incommodos de uma contribuição ; a violencia das reclutas ; e as feias consequencias da licença militar.

Pôde-se interprender com justiça uma guerra: pôde-se avançar o exercito com vantagem: tudo pende da fatalidade de um dia : pôde ser obrigado a retirar-se precipitadamente: podiamos ver a nossa capital cercada de tropas inimigas. Então tudo seria espanto, tudo confusão : todos detestariam a guerra, e chorariam pela paz : se firtarmos a consideração em uma scena tão funesta, se virmos alijar as bombas ; cahir os edificios ; atear-se um voracissimo incendio ; derramarem-se pelas ruas as afflictas mãs com os innocentes filhos, espavoridos do estrondo da artilheria ; as donzellas desamparadas, cobertas de pó e de sangue ; os cansados velhos não podendo fugir : finalmente, os nossos esquadrões atropelando os seus mesmos compatriotas ; os soldados inimigos...

Basta, senhores ; não é preciso mais ; levantemos os olhos para o nosso clementissimo rei, para aquelle astro de paz, de abundancia, que





nos livra de tantas calamidades. Que odes, que versos não merece? E se o soffrêra a nossa religião, que hymnos lhe não cantaríamos? Que altares lhe não ergueríamos? Não os merecia mais Augusto; nem Horacio tinha mais razão para jurar pelo seu nome.

Se quem tem um largo conhecimento da materia, que pretende expôr nos seus poemas, lhe não falta a energia, nem a elegancia: quem desejára cantar as reaes virtudes de um tão grande rei, que não tenha fertilidade na fantazia, graça nas palavras, e força nos pensamentos? Que falta pois, nobilissimos socios, senão principiar? E que vos demora?

Talvez com profundo respeito receais que no augusto coração não sejam bem recebidos os vossos louvores? Dizeis-me, que entre as grandes virtudes deste bom principe brilha a modestia: que é ella a que aparta do throno a infame adulação. Assim é; mas a verdade, a verdade é que domina naquella grande alma.

Se nós para louvarmos o nosso soberano nos fosse preciso tecer elogios mentirosos, invectivas





contra os vícios, seria justo o nosso receio. Mas cantar virtudes verdadeiras, acções notoriamente grandes; efeitos da clemencia, da justiça, da generosidade, não pôde deixar de ser uma acção bem acceita daquelle animo justo, que não costuma deixar a virtude sem premio.

Ha poucos tempos, que a Divina Providencia, quiz que os Portuguezes soffressem os golpes de um horroroso flagello. Chegou o grande instante: revolveo-se o pavimento da cidade: cahirão com feio estampido as torres, os templos e os palacios. Tudo forão lagrimas, tudo espanto, tudo confusão! Que memoravel dia! Sahimos das ruinas das nossas casas, deixando alli tudo quanto é necessario para a commodidade da subsistencia da vida. Refugiamo-nos no campo e insensivelmente se nos foi apresentando tudo quanto podia remediar-nos e ajudar o nosso novo estabelecimento. Que impulsos de compaixão, de clemencia não moverão o augusto coração de um bom rei, quando poz os olhos na calamidade pública! Que ordens, que determinações não sahirão daquella grande alma em soccorro dos affligidos Portu-



guezes ! Grande rei ! Rei sabio ! Rei pacifico
Rei clemente !

Que mais heroico assumpto, amabilissimos socios ! Certamente que não teve Horacio, nem Virgilio outro tão cheio de verdades maravilhosas, nem tão susceptivel de bellezas poeticas !

Não é menos digna de elogios a sabia eleição que este monarca faz de seus ministros. Quas excellentes poesias se não podem compor, querendo mostrar o augmento do commercio ! A no-
economia das conquistas ! O grande projecto de estabelecimento das fabricas ! A disciplina das tropas ! As leis que quotidianamente se estão promulgando, dirigidas todas a refrear os vicios que fomenta o espirito da ambição, ou do orgulho ! Ellas só farão novo código, que será fasto da historia portugueza, em que melhor se veja, não sem admiração, a felicidade que tivemos os que vivemos debaixo de um tão feliz governo, e sabio ministerio.

Sim, senhores, eu estou já vendo que nos vossos corações faz uma notavel impressão este discurso, já estais resolutos a sacrificar todas as



vossas forças a tão honroso trabalho. Parece-me que já estou ouvindo as singulares composições, com que mostrais bem recebido o meu arbitrio.

Se a soberba dos Romanos edificou o Capitolio: se fez deste edificio o sacrario da heroicidade sô para ser agradecido aos valorosos capitães, que conservarão por longo tempo a felicidade da republica, e a gloria de nação; nós que podemos levantar estatuas mais duraveis aos nossos herôes, isto é, que podemos fazer eternas as grandes acções transmittindo-as á posteridade nos nossos escritos, com que inercia os deixaremos sepultados em um ingrato esquecimento? Se de justiça devemos este obsequio, se é acrédor delle um rei o mais amavel, o mais clemente, que nos ata? que nos demora?

Tem tanta força a justiça desta causa, que a mim me parece que já nos vossos semblantes descubro algum gésto, que me reprehende.

A verdade não precisa de defensores. Vós, melhor do que eu, conheceis, e observais este magnifico assumpto. Ha muito que premeditais





...into
com pra
verdade,
não pena
tira dos
almas, q
delicias d
pazes de s
acções, nã
benemerito,
Não houv
sem Virgilio



ORAÇÃO QUARTA

*em que trata de conciliar a seu favor as vontades
dos Arcades contra falsas apreciações que se
havião levantado (1).*

... Prima est hæc ultio, quod ex iudicio nemo nocens absolvitur...

Ex JOVENAL, Satir. 18.

Não creio, ó Arcades, que em vossos corações
se pervertesse a antiga sinceridade de costumes
com tão violenta metamorphose, que para recon-
ciliar-me convosco me seja preciso cantar a pa-
linodia. Vós estais offendidos? Eu ultrajei-vos?
Haverá entre nós algum espirito tão escravo da

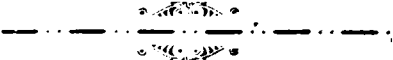
(1) Esta oração não vem numerada, nem traz
a summa do assumpto e tão pouco a data em
que foi recitada, na edição de 1778. Impressa de-
pois da terceira, dei-lhe naturalmente a numera-
ção seguinte, adoptando o summario de Innocen-
cio. (Vid. *Dicc. bibl.*, artigo Garção, pag. 391.)



vangloria, que não possa, nem se atreva a
frer a verdade? Chamar-me-heis atrevido, por
sou zeloso da honra, e do credito da Arca.
Porque não sei lisonjear-vos com fantasticas
peranças; porque vos não attribuo, se poss
é, maior merecimento do que o vosso? Ou fi
mente porque não me atrevo a divulgar
soberba jactancia, que restaurámos a boa po
e a verdadeira eloquencia? Que pelcijamos
que vencemos?

Não, Arcades, não sou tão ingrato, que
julgue destituídos de piedade, e de benevolen
Tenho reiteradas provas de que sois indulgen
para comigo; e se em minhas obras ha alg
sólido merecimento, a quem devo esta vantag
senão a vós, ás vossas lições, e ao vosso exempl
Mas, como não ha juiz mais recto, do que
propria consciencia; como não ha mais intole
vel castigo, do que o remorso, eu sou o mes
que me accuso, e me condemno.

Confesso-vos, ó Arcades, que foi indiscret
zelo, com que me atrevi a imputar-vos um cri
que vós não tinheis commettido, um tão v



gonhoso, como seria faltardes á vossa palavra ; esquecer-vos da gloria da nação, e desprezar os interesses da patria. Estas erão as funestas consequencias, que traria consigo qualquer desunião, que se levantasse entre nós. Ou se possuidos de mais atrevidos desejos, desamparássemos o Menalo, porque o julgavamos pequeno theatro para nossos accelerados progressos.

E quando eu via que os Arcades desejavão, que se não demorassem as sessões, que se não negasse ao público o gosto de ler os nossos escritos ; quando via crescer o numero dos pastores do Menalo ; quando achava de cada vez maiores, e mais extraordinarias bellezas poeticas em vossos versos ; quando ouvia orar com eloquencia, com força e com energia, como me atreveria a proferir, que a Arcadia estava exposta á menor decadencia ? Porventura devia julgar-vos tão cobardes, que se pudesse esperar de vós, que cedesseis aos prognosticos da inveja ?

Havia quem dissesse, que não havia Arcadia ; mas havia Arcadia : havia quem dissesse, que





os Arcades emmudecêrão; mas os Arcades não emmudecêrão: havia quem dissesse, que os Arcades já não se ajuntavão no Menalo; mas os Arcades ajuntavão-se no Menalo. Finalmente havia quem dissesse, que não podíamos tornar a ajuntar-nos; mas nós quizemos ajuntar-nos, ajuntamo-nos; quizemos que houvesse uma sessão, houve uma sessão.

Devíamos dar ouvidos a quem desejava a nossa ruína, porque não podia ouvir a nossa fama; a quem queria que nos calássemos, porque não pode fallar como nós fallamos; a quem desaprovava os nossos versos, porque não tinham consoantes, ou porque imitavamos Horacio, Pindaro, Theocrito e Bion? A quem estranhava a nossa dicção, porque adoptavamos a de Camões, de Bernardes e de Ferreira; a quem desaprovava a nobre simplicidade de nossos pensamentos, porque é escravo de Gongora; a quem finalmente não soffre nossas orações e dissertações, porque não discutimos nellas frivolos problemas, ou porque guardamos austeramente os regras da arte de persuadir? É certo que não. É certo





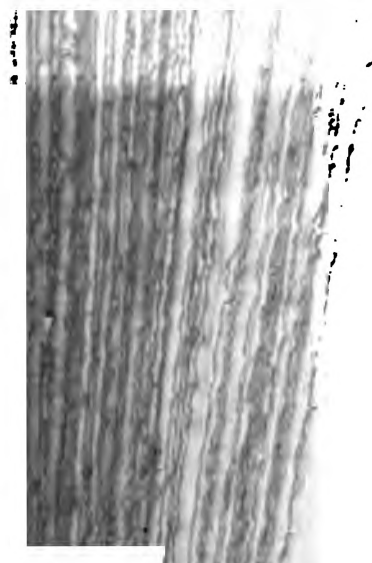
rão ha entre nós um espirito tão humilde, que pudesse sujeitar-se a tão panicos terrores. E eu temi que acabasse a Arcadia?

Que importa, que importa que alguns animos malevolos procurassem desatar os estreitos laços de felicissima união e de nossa inalteravel tranquillidade, attribuindo sinistras intenções a nossas criticas e apologias, se nós as recebemos com sereno rosto, se as suscitamos e as queremos. E eu temi que acabasse a Arcadia?

Que importa que nos apontem para as Scyllas, em que naufragarão tantas Academias, se a nossa dura e durará á sombra da gloriosa paz, em que nos conserva o nosso clementissimo soberano. E eu temi que acabasse a Arcadia?

Que importa que digão, que sacrificamos a particulares interesses e domesticas paixões o estudo de tão divinas artes, se nós de cada vez nos engolfamos com mais ardor na lição dos Gregos, dos Latinos e dos Portuguezes; se os imitamos, se talvez os igualamos, e se algum de vós chega a excedê-los. E eu temi que se acabasse a Arcadia?





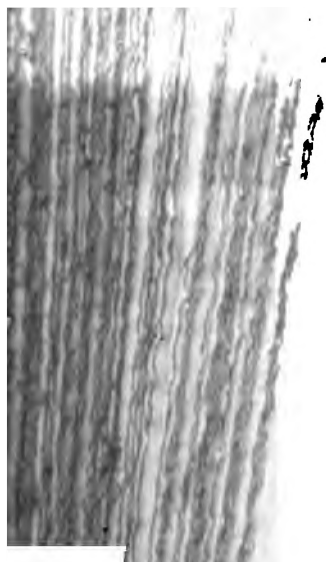
a
du
pre
prec
e qu
nome
de pr
causa,
da Arc
um a



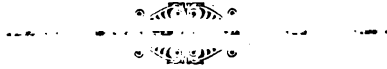
Quando houve avarento, que não fosse covarde? Qualquer ruído lhe congela o sangue; a leve folha de um alamo meneado pelo fresco zephyro, lhe parece um trovão; e acostumado a temer, facilmente se persuade que ha quem lhe rouba os thesouros, que guarda com ambição e disvelo.

Se eu me não interessasse pela vossa gloria e pelas vantagens da Academia, ouviria murmurar publicamente, murmuraria com elle. Acabar a Arcadia, ficaria mais descansado; quebraria as peçadas algemas, que vós me puzestes; e reclamaria minha antiga liberdade, isto é, zombaria das regras de Aristoteles, de Cicero e de Quintiliano; faria uma tragedia com a mesma facilidade, com que vós compoendes uma estrophe; inculcar-me-hia por poeta, por critico e por orador; a toda a hora leria os meus versos aos mesmos, a quem mil vezes os tinha repetido; não cuidaria na pureza da dicção, da harmonia do verso, da magnificencia da fabula, da igualdade dos costumes, da constancia dos caracteres; finalmente faria versos sem poesia, orações





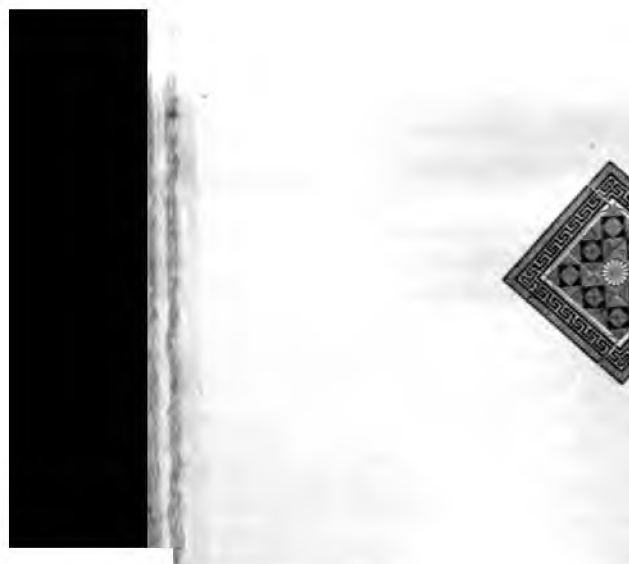
d
ba
tas
de
veg.
cant.
cioso
theso
podess
que o j
rento ;
seria un
fossem a
serião o
Trova : --



trincheira, que lançasse bombas e disparasse artilheria. Então ganharia uma nova fama, a que não aspirou Sophocles, nem Euripedes.

Eis-aqui a ruína, que eu temia, quando temia que acabasse a Arcadia; eis-aqui o perigo, a que me parecia que estava exposta a poesia portugueza.







ORAÇÃO QUINTA (1)

*para se recitar no acto do juramento de bandeiras do
Regimento de Infantaria, sendo Coronel delle o
Illustrissimo e Excellentissimo Marquez das
Minas.*

Nobilissimos senhores officiaes ; nobres e hon-
rados camaradas.

Sempre a gloriosa reputação das armas depen-
deo da disciplina militar. Os povos, que mais
religiosamente observavão as leis da guerra, fun-
darão reinos, conquistarão imperios e chegarão
a ser senhores de quasi todo o mundo. Assyrios,
Gregos e Romanos, em cujas decadas lemos ainda
hoje os mais illustres exemplos de valor, não

(1) Dei-lhe esta numeração segundo a ordem
que guarda na edição de 1778, onde occupa o
ultimo lugar das orações nella impressas. Não se
menciona comtudo a data em que teria sido re-
citada.



commetterão facções pasmosas fiados na
numero de phalanges e legiões; mas s
estudo, com que a sombra da mais pr
paz aprendião os vastissimos preceitos da
guerra.

Que não fizerão poucos Portuguezes en
ca, Asia e America! Se tallirão campos,
rão cidades e subjugirão ferocissimas naçõ
sempre a disciplina quem pizou e subme
desordenada multidão dos barbaros. Esta
testavel tradição vos põe diante dos ol
mais clara idéa das honradas obrigações
soldado; e não será muito que em coraçõe
tuguezes inspire um ardentissimo desejo
lemnemente ligar-vos com tão santo juram
juramento, de que depende toda a fortun
guerra.

Neste público e solemne acto, em que
mos as bandeiras, se obriga o regimento,
obrigamos todos a servir como leaes vas
ao nosso legitimo rei e senhor; a guardar
reaes ordens; a obedecer cegamente aos cor
dantes; a defender as bandeiras; a não ev



morte; a sustentar o terreno; a ganha-lo; a não desertar, a arrostar-nos sem susto com o mais formidável inimigo; finalmente a derramar gloriosamente o sangue pela defensão da patria, pela honra e gloria de nosso clementissimo soberano.

Que Portuguez, ou que vassallo de tão bom rei deixará de abraçar com gosto e de observar religiosamente tão honrados preceitos? Quem haverá tão cobarde, que na referta das armas e no ardor dos conflictos, alçando os olhos e pondo-os nas bandeiras de seu regimento, não haja de abalançar-se ao mais vivo fogo, não obre prodigios de valor e de fidelidade, se lembrado de tão santo juramento, vir que Deos, que o rei, que a patria e que seus majores lhe estão naquellas bandeiras bradando pelo desempenho da sua palavra; pela obrigação de seu officio e pela honra de toda a nação?

Não fôra estranha exageração dizer, que nas bandeiras se representa o soberano. Quem levar em seu coração bem gravada tão magnífica idéa, commetterá com sereno rosto as mais arduas





empresas. Quem haverá, que figurando um breve instante em sua imaginação; que vê cercado de inimigos um rei, delicias de seus vassallos, pai da patria, pio e magnífico que observa recrescer os esquadrões; que ouve o tropel dos cavallos, o fragor da artilheria; que vê brilhar as armas; e, finalmente, que vê travar a peleija, não sinta inflamar-se em um generoso e indomito furor: não arranque a espada e não tema que algum se lhe adiante e lhe roube a gloria de vencer, ou de morrer primeiro? Quem haverá, que penetrado da mais nobre fidelidade, tema as sibilantes rociadas de mosquetaria, ou não rompa os mais cerrados batalhões? Um soldado portuguez deve olhar para as bandeiras de seu regimento como para um painel, que a toda hora e a todo o instante lhe apresenta aos olhos esta pintura.

A este glorioso juramento, o qual abrange todas as obrigações da vida militar, deveo a republica romana o respeitado poder de suas armas; o pasmoso progresso de suas victorias; e a in-crivei vastidão de seus dominios. Poucas legiões forão o instrumento de tão avantajados successos.





Tanto pôde a boa disciplina ! Na guerra nunca a multidão desordenada atropelou o pequeno numero bem disciplinado. Que farião, ou que podião tentar os Romanos contra a espantosa multidão dos Gallos sem disciplina ? Quem lhes daria forças contra os agigantados corpos dos Germanos ? Quem os aconselharia a desprezar o poder, e arrogancia dos Hispanos ? Quem os levaria a contrastar os estratagemas e a riqueza da Africa ? Quem finalmente lhes infundiria animo para vencer a arte e prudencia dos Gregos, se não a boa disciplina, alcançada pelo continuo exercicio, pelo incansavel estudo da arte da guerra e pela religiosa observancia do juramento ?

Tão honrado era o nome de soldado, e tão santas as obrigações militares nos bemaventurados dias daquella famosa gente, que era quasi sacrilegio pegar nas armas, e servir na guerra quem antes com solemne juramento não houvesse sido installado na ordem da milicia ! De Catão se conta, que licenciando Pompilio uma legião, na qual militava o filho d'aquelle grande patricio ; e querendo o generoso mancebo ficar no exercito,





o velho e sizoado pai, zeloso dos antigos costumes das leis militares e da severidade da disciplina, foi o primeiro, que protestou pela observancia, escrevendo a Pompilio, que não consentisse seu filho na tropa, sem tomar-lhe segundo juramento, pois sem esta solemnidade lhe não era licito pelejar com o inimigo.

Eis-aqui o pezo, que tão grandes homens davão ao juramento das bandeiras. A estes religiosos costumes e santas maximas de guerra deveo Roma a antonomasia de cidade e a gloria de capital de todo o mundo. A disciplina lhes infundio valor; e o valor de seus grandes capitães e de seus obedientes e intrepidos soldados levou as aguias romanas ás mais remotas provincias do mundo.

Os soldados portuguezes, ainda mais que os romanos, estão obrigados a defender com valor, constancia e fidelidade as bandeiras de seu corpo e o guião do exercito. Quasi todas estas insignias apresentão aos olhos as sagradas quinas de Portugal; ou ao menos as côres tiradas de um brazão dado pelo mesmo Deos, quando para





si fundou tão glorioso imperio. Que soldado haverá tão infame e tão perjuro, que antes não quizesse derramar o sangue e perder a vida, que ver na mão dos inimigos abatidas e arrastadas tão sagradas bandeiras? Quem escolheria antes um prisioneiro affrontoso, que uma morte honrada? Quem teria valor para tornar a ver os seus amigos e parentes, infamado de tão horrenda cobardia? Como se atreveria a alçar o collo trilhado do jugo, ou que pretendia obrar com as mãos calejadas da soga?

Nobres e muito honrados camaradas, em vossos semblantes estou vendo a feroz indignação, com que detestais tão abominavel e feio procedimento; e talvez me reprehendeis de lembrar-vos o que não ignorais. Assim é; mas o zelo de serviço de Sua Magestade, o amor da patria, me fizeram esquecer de que fallava com Portuguezes e com soldados disciplinados por um coronel, em cujas illustres acções e generosas virtudes tendes a mais propria doutrina da honra, do zelo e do fervor, com que deveis cumprir com as obrigações de soldado.



Continuai pois com incansavel animo no emprego das armas. Deste trabalho depende o successo das batalhas. Deos, El-Rei e Portugal vos entregão hoje aquellas sagradas bandieiras, livres da menor mancha de cobardia e infidelidade, e vede que ante tão grandes juizes haveis de dar conta da gloria, com que vós-las entregistis. Aprendes a pelear e a não temer o perigo: quem dese a paz, prepara-se para a guerra. Não vos esqueçais de qual é a obrigação, a que vos ligou este juramento, e se trouxerdes presente sempre na memoria e gravado em vossos corações o solemne acto deste prospero dia, sereis verdadeiros soldados, vassallos de tão bom rei e filhos de tão honrada patria.

L. sic.

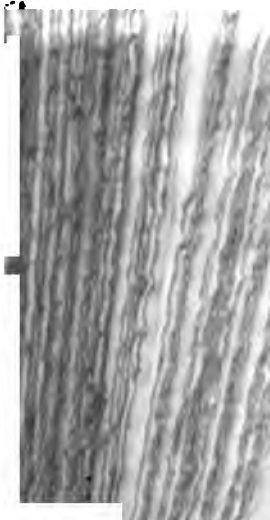
ORAÇÃO SEXTA (1).

Rebus augustinis animosus atque fortis apparet.
Hom., Od. 7, Lib. II.

Ainda que a experiencia me tenha repetidas vezes mostrado, que a vossa benignidade desculpa os meus erros, confesso, ô Arcades, que nunca recebi a incomparavel honra de fallar em vossa presença, que me não achasse trespassado de susto e possuido de uma confusão invencivel; mas, este susto e esta confusão é certo que devia desamparar-me quando chegasse o promettido e feliz tempo de conseguir a Arcadia a reforma da poesia e da rhetorica, isto é, quando vós fre-

(1) Esta oração é a primeira que se encontra no Ms. do Conego Manoel de Figueiredo. Pôde ser considerada inedita, pois só uma limitada parte de acha trasladada no *Curso da litteratura portugueza* do Snr Visconde de Correia Botelho, do qual aproveitamos as varias notas illustrativas do texto.





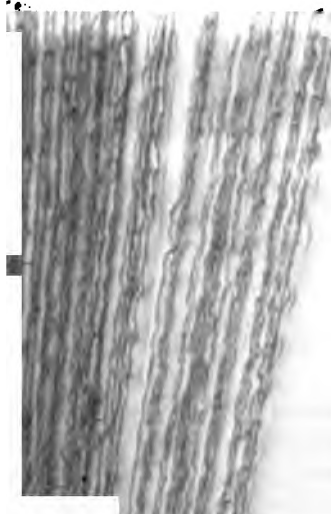
c
do
Fita:
que i
e eu
vens de
fanto.
ndo ha
pareça um
o incan-

res, os espantosos echos do mar e rasgados reflexos dos relampagos, perdendo o rumo e perdendo o animo, espera que sobre o desamparado navio caia a machina celeste.

Mas esta subita mudança de onde nasceo, ó Arcades? Houve alguma força superior que fizesse tão violenta metamorphose? O publico zombou dos nossos escritos? O generoso pastor Albano, fechou-nos a porta desta cabana (1)? Tinhamos quando florescia a Arcadia maior abundancia de cabedaes, que facilitasse a subsistencia de tão numerosa companhia, e houve uma mão tão avara, que veio a saquear as choupanas do Menalo? E se heide seguir esta metaphora, que inundação de lobos degollou os nossos rebanhos? Ou que pastores mais valentes, nos lançirão fóra destes bem-aventurados montes?

Parece-me que todos me respondeis, que estas conjecturas são verdadeiros sonhos de um doente,

(1) D. José I havia adoptado o nome academico de D. João V na Academia romana dos Arcades. (CAMILLO CASTELLO BRANCO, *Curs. litt. port.*, vol. II, pag. 176).



n
ex
sa
esta
do q
mais
nece
confes
e final
causa ?
nos stre
cio ? Era
a nossa fa



foi a nossa cobardia e a nossa ambição; soffrei que vól-o diga. Veja o mundo que nem só ficções tem entrada na Arcadia; se até fundamos na verdade nossos poemas e nossos pensamentos, não vos deve scandalisar, que sem lisonja e sem prevenção vos exponha a verdade tal qual eu a comprehendo; e prouvéra a Deos que vós podesseis reconvir-me nesta occasião, expulsar-me de tão illustre companhia, por haver adoptado imposturas.

A nossa ambição (não vos assusteis) a grande ambição de gloria com que nos sacrificamos ao trabalho de tão profundos estudos, foi quem nos reduziu a tão extrema penuria, foi quem executou tão vergonhosa catastrophe: julgamos que entre montes não cabia a nossa fama e quizemos expô-la a maior theatro, e Deos que não podia deixar de proteger nossos desejos, emquanto fomos sinceros, não tardou em levantar-nos a maior altura de honra e de estimação. Apparecemos aos olhos do publico, agradamos, fomos ouvidos; conhecião-se os nomes e respeitava-se a Arcadia. Então namorados de tão alta fortuna, nos pareceo



mal tornar para um monte e viver em cabanas. Presidir n'uma grande sala magnificamente decorada, rodeado de ouvintes illustres, sabios e virtuosos, que talvez conversarão nos successos da campanha, enquanto nós fallavamos como se n'os ouvissem: ou estavam com o lapis notando palavras que lhe parecerão novas, porque não lerão Ferreira nem as toparão nos sermões do padre Vieira?

Cantarmos nossos versos ao som de uma orquestra numerosa, e talvez impropria, isto é que julgamos honra: e uns homens que trajarão estas galas e fizerão tão respeitavel figura, não devem concorrer mais em uma simples sala a que chamamos cabana, não devem contentar-se de que os ouça com attenção e louve sinceramente quem os conhece. Isto é pouco. Se eu sei, se eu sou poeta, se eu sou orador, quero que me apontem com o dedo, quero que todos me conheçam, e isto se é fruto que pode colher-se em uma Academia chega tão tarde, que já não merece estimação.

Eis-aqui, senhores, a desatinada soberba que

se apoderou da nossa fantasia; até que fatigadas nossas esperanças, desmaiarão: quebrarão-se nossas forças e concluindo uma perfeita peripecia. Passamos do fausto para a humildade do Estado, para a maior miseria, e cheios de um abatimento de que só nós eramos autores, cruzamos os braços e offerecemos os pescoços, para nos atar ao jugo uma mão, que não se atrevia a erguer-se contra a Arcadia: quero dizer derramou a inveja, a preguiça e a ociosidade sobre nós todo o seu intoleravel veneno.

Estes vicios com mais ou menos força tomárão posse de nossos discursos; uns dizião que a Arcadia não podia subsistir sem patrocínio, como se fosse pouca a tutela de quem é senhora de todo o mundo, dos astros e dos céos (1); outros julgavão que sem rendas effectivas, não podia conservar-se uma companhia de homens sabios, porque sem um escrutinio de prata, se não devião eleger Arcades; outros que era indispensavel fazer mais ses-

(1) Tomárão os Arcades como protectora a Virgem Maria. (CASTELLO BRANCO, *Obras ci.*, pag. 178).



sões publicas, porque este foi o unico objecto da fundação da Arcadia, ainda que tal não lembrou aos fundadores; outros finalmente, que não podia subsistir uma sociedade, sem se effectuar a impressão de suas obras, pois sem este pennacho ninguém podia fazer bem versos, nem exercitar-se na arte de persuadir, e que o publico queria ver com vagar e com seus proprios olhos os nossos defeitos, que para satisfazermos tão sincera vontade, devíamos à custa da nossa reputação, fazer-lhe este gosto. Para isto é que se fundarão Academias, e sem isto depressa acabão ou se arruinão.

Se estes ridiculos pensamentos não achassem acceitação e talvez applauso entre nós, porque passaria tanto tempo sem nos ajuntarmos, porque não haverão sessões? Para que desprezariamos tão honrado exercicio e nos esqueceríamos do que promettemos à patria?

Envergonchemo-nos, senhores, da reprehensivel cobardia, de tão culpavel indolencia. Contentemo-nos com o que cabe em nossas forças, que não é pouco vermo-nos livres de credores, e de



credores, que talvez imaginassem, que não só lhes deveríamos a fama mas até os entendimentos. Não é pequena a gloria de merecermos grande applauso e sabermo-lo desprezar.

Tempo, tempo virá em que cheguem os echos do nosso merecimento aos ouvidos de quem o estima, de quem o conhece e de quem o protege (1), ainda quando o descobre desvalido, pobre e desprezado. Já nós ouvimos da sua bocca promessas que não hão de faltar, e foi a nossa cobardia quem deixou fugir a occasião. Cuidemos em merecer o premio, que é mais facil consegui-lo, do que merecê-lo: e ordinariamente o deseja quem o não merece. A Arcadia fundou-se para adiantamento das bellas letras, e não para fazer ostentação de talentos, para divertir o publico, ou para dar que fazer aos prêlos.

Porém, Arcades, que força de enthusiasmo me obrigou a fazer uma declaração, estando obrigado a discutir hoje nesta assembléa algum ponto de

(1) Allude ao conde de Oeiras. (CASTELLO BRANCO, *obra cit.*, pag. 179).



rhetorica ou de poesia? Quem faz caso dos meus clamores, ou quem não conhece que eu sou cúmplice dos mesmos delictos, de que me faço accusador, e talvez juiz? Assim é, senhores, mas se não houver quem advirta estes abusos, quem advogue pela causa commum, ficará a Arcadia eternamente sepultada em tão feio lethargo. Eu não vos crimino, não vos accuso, choro e quero lamentar-me convosco, quero convosco prantear a nossa desgraça, quero lembrar-vos que promettestes ensinar-me, quando me chamastes para esta sociedade. Não posso, não sei, não me atrevo a concorrer para a ultima ruina da boa fama e solida reputação que tinhamos adquirido entre os nossos compatriotas. E que materia mais digna de ser tratada por um Arcade não só zeloso da honra da Academia, mas até da gloria da nação? E se devo com effeito tratar de alguma regra de poesia, farei uma pequena reflexão sobre as qualidades e natureza da peripecia, alma da tragedia.

A peripecia é uma subita mudança do estado prospero para um abysmo de misérias e de hor-





rores. Assim *Cedipo*, rei de *Thebas*, marido de *Jocasta*, venerado por sabio e honrado com o illustre nome de libertador e pai de seus vassallos, possuido de uma vehemente ambição de conservar este inestimavel titulo, vendo devastar aquella populosa cidade uma voraz e inexoravel peste, tanto examina, tanto se obstina e a tanto se atreve, que o mesmo ardor da sua curiosidade o precipita em um pelago de angustias, de maldições e de remorsos: acha-se marido de sua mãe, filho de sua esposa e irmão de seus mesmos filhos. Autor da ruina da patria, objecto da ira divina, réo de suas mesmas imprecções, execrando, abominavel, impio e profugo, arranca os proprios olhos e foge de *Thebas*.

Eis-aqui a mais perfeita peripecia que vio o theatro de *Athenas*, e que talvez verão os de todo o mundo. Quereis outro exemplo?...

Mas, senhores, que materia escolhi para a minha oração? Que estranha força torna a pôr-me a *Arcadia* diante dos olhos? E que fatal exemplo da inconstancia da fortuna me não representa o torpe esquecimento.com que temos



tratado os progressos e vantagens da Arcadia? Quem não esperaria que uma companhia tão numerosa, composta de sujeitos tão dignos da pública estimação, havia de ser duravel e haver conservar-se apesar do genio da nação? Appareceu em triumpho: louvou o maior dos reis e o maior dos ministros: e foi louvado pelo maior dos reis e pelo maior dos ministros e guiada por sua mesma vaidade, cahio no estado da miseria. Os seus proprios filhos, os seus maiores amigos, todos fugiram, todos a desampararam, quebrando-lhe as forças e esquecendo-lhe o nome os mesmos, que o receberam d'ella.

Ha espectáculo mais digno da nossa commiserção, ou paizel mais capaz de provocar o nosso pranto, ou finalmente mais tragico exemplo e modelo de uma perfeita peripecia?

Contemplai, ó Arcades, o apparatus desta scena e se sois Portuguezes, se amais as sciencias, se desejais adquirir um nome honrado, não desampareis a Arcadia; continuai as vossas sessões, não desanimeis, que nos perigos é que se conhecem as almas grandes; na força da tormenta é que o



coração illustre deve mostrar-se forte. Se com effeito ha alguma força que nos opprima, o que não devemos crer, agora é que estamos obrigados a desempenhar nossa palavra, a mostrar-nos constantes, fortes e animosos. Zombaremos da inveja, pisaremos a ambição, triumpharemos da cobardia, renascerá a Arcadia, renascerá a vossa fama.







ORAÇÃO SETIMA (1).

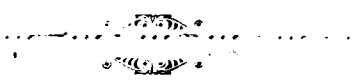
Se a primeira vez, ó Arcades, que vós me obrigastes a orar em publico neste solemne dia, não tivesse exposto em fórma de dissertação, os textos, os decretos pontifícios as autoridades dos Santos Padres, e as resoluções dos concilios, que além da devoção, e pode-se dizer instincto portuguez, nos obrigão a jurar e defender o altissimo mysterio da Immaculada Conceição da Purissima Padroeira da Arcadia, pôde ser que ainda hoje não escolhesse a melhor parte da materia que deve fazer minha oração digna de vossos ouvidos, capaz de persuadir, bastante para mover o animo

(1) Esta segunda Oração, inserta no Ms. de Figueiredo, diz o Snr Visconde de Correia Botelho, que a trasladou em parte, haver sido recitada em 1758, terceiro anno da fundação da Arcadia. (CASTELLO BRANCO, *Curs. litt. port.*, tomo II, pag. 166).





ra
ben
prota
nio n
Academ
na socm
nitro, p
dos princ
terno. Pal
faltava quon
accusar-nos d
em nossa dula
cimen-



cusações dissipar o estranho systema, com que o mau gosto tinha envilecido a nobreza das bellas artes. Resuscitou a poesia verdadeira; restaurou-se a boa elcquencia e ainda não havia entre nós quem publicamente tivesse erguido as mãos ao céu e rendesse as devidas graças a nossa Immaculada Padroeira, quem confessasse ingenuamente, e na face de todo o mundo, que os Arcades não confiam em suas forças, mas sim no celestial patrocínio que escolherão, que os guarda e que os anima.

A importancia desta causa pedia melhor advogado, mas a grandeza da materia falla por si mesma, não depende dos auxilios da rhetorica: successos tão incontestaveis, como maravilhosos, ainda narrados sem artificio, persuadem, interessão e arrebatão.

Parece-me, ó Arcades, que não pôde haver mais excellente ideia do reconhecimento, do que a simples, mas fiel narração dos beneficios. Esta maxima que ainda nos lugares em que entra a lisonja seria agradevelmente recebida; quando se trata de agradecer favores que recebemos do céu,





é o único e o mais elegante modo de publica e solemnemente nos confessarmos e de nos mostrarmos obrigados. E, com effeito, quem será tão barbaro, que olhando para os progressos da Arcadia, não reconheça que só a força de tão alta protecção podia adianta-los, ou para melhor dizer, corôa-los com tanta honra e com tanta gloria.

Se fitarmos nossas reflexões no estabelecimento desta sociedade e ponderarmos os terriveis embarços que foi preciso vencer, ficaremos persuadidos, que não houve circumstancia que deixasse de parecer milagre. O tempo, o lugar, a difficuldade da empreza, a magnificencia da ideia, tudo pedia un braço mais forte de que os nossos e uma constancia invencivel e extraordinaria ; e quando parecia que a planta ainda estava na mão, vimos levantadas as soberbas columnas e sobre ellas fechadas as vastissimas abobadas deste maravilhoso edificio.

Soffrei, ó Arcades, que para melhor mostrar a nossa felicidade me lembrem antigas calamidades, á semelhança do experimentado piloto que para bem calcular a sua derrota, se não esquece





de marcar o porto donde levantando o ferro e desfaldando as vélas, principiou a viagem.

Perdidas e derrotadas em Africa, com a gloria das armas portuguezas nossas altivas esperanças, principiou a quebrantar-se o genio forte da nação : apagou-se a honra da ambição de gloria que até aquella desastrada epoca nos tinha feito triumphadores e invenciveis. Cahirão os animos, enfraquecerão-se as mãos, como de quem já as destinava para as algemas. Ainda entre as cinzas brilhavão de quando em quando algumas reliquias da perdida grandeza daquelles bemaventurados dias, até que finalmente cahindo sobre nós a força da tyrannia nos vimos sujeitos a um rei estranho, ou para melhor dizer, a um usurpador, sem fazenda, sem honra e sem liberdade.

Estas successivas desgraças ao mesmo passo que embotarão as armas e opprimirão as forças da monarchia, afugentando as boas artes até ali estimadas e conhecidas em Portugal, introduzirão tão estranha desordem nas escolas, que em poucos annos perdeu a poesia portugueza seu antigo genio. A nobre simplicidade, a pureza da phrase,





a verosimilhança dos pensamentos, o maravilhoso das ideias e energia das figuras, tudo foi tratado com desprezo. Jactava-se a barbaridade daquelles tempos que assim sacudio o jugo das regras nimamente austeras, e que só servião de opprimir a força do espirito. Tão prolixos erão em pontos de liberdades uns homens que arrastavão grilhões !

Correo o tempo e chegou o grande instante de quebrarem os Portuguezes os cepos em que gemião. Subio ao throno um legitimo herdeiro do sceptro e das virtudes de D. Affonso Henriques ; mas o que era até então effeito da miseria e do captiveiro, veio a ser consequencia da alegria. A teimosa guerra com que nos vimos obrigados a rebater a furia dos Hespanhoes ainda não permittia que entre o ruido das armas e motim dos tambores se dêsse ouvidos à harmonia das musas : continuava a decadencia. Ajustou-se a paz, socegarão-se os animos, mas estava tão inveterado o contagio que se houve quem o intentou, não houve quem não desesperasse da restauração das bellas letras, das artes e das sciencias em Portugal.



O negocio era tão importante e de tão difficil exito, que nem ainda o grande espirito e prodiga mão do magnifico D. João o V poudo conseguir mais do que lançar os primeiros fundamentos; estimou os sabios, premiou os mestres e enriqueceo as livrarias do reino e fundou a real Academia da Historia. Roubou-lhe a morte esta gloria, quando principiava a amanhecer em Portugal as primeiras luzes do bom gosto, da verdadeira erudição e da prudente critica.

Devemos alegrar-nos de ser incontestavel que o primeiro documento em que podemos fixar a epoca desta restauração, é o papel critico que compoz e imprimio o Arcade *Sincero Jerabrieuse* (1). É verdade que alguns espiritos mais fortes, tentarão esta empreza ainda hoje ardua, e então impossivel; mas como nas primeiras escolas rei-

(1) José Xavier de Valladares e Souza. Garção reporta-se ao opusculo d'aquelle escriptor: *Exame critico de uma Sylva poetica feita á morte da Serenissima Senhora Infanta D. Francisco, 1739*. Era autor da Sylva Caetano José da Silva Souto Maior, antonomasticamente o *Camões do Rocio*. (Obra cit., nota a pag. 169).



nava um certo espirito de opinião, que soberbamente sustentava o partido do máo gosto, o verdadeiro methodo, ou se não conhecia, ou se desprezava.

Fundarão-se Academias, algumas permanêcerão, mas sem mais fruto do que o de propagarem o contagio. Nos ultimos annos do prospero reinado de D. João o V apparecêrão os primeiros crepusculos do bom gosto. Já então a Sociedade dos Occultos estabelecida em um palacio em que sempre habitárão as musas e fundada por um genio extraordinario, herdeiro não só do sangue, mas tambem dos raros talentos e virtudes de seus eruditos progenitores (1), trabalhava neste tempo na restauração da lingua portugueza, do estylo e da boa poesia. Poderia ser que a ella se devesse toda a gloria se a publica desgraça não separasse tão util e tão sabia companhia (2).

Em um tempo de calamidades e de afflicções quando parecia que os Portuguezes só tratavão de reedificar Lisboa e de restabelecer os seus

(1) Allude a D. Francisco Xavier de Menezes, quarto Conde da Ericeira. (Idem, ibidem).

(2) Refere-se ao terremoto de 1755. (Idem, ibidem).



particulares interesses, quando seria desculpavel que as musas fugissem do nosso continente, quando se julgaria que as artes jazião sepultadas nas ruinas da cidade, n'uma palavra, quando era impossivel tratar da restauração das sciencias, então, ô Arcades, chegou o feliz instante de nos ajuntarmos, então fundamos esta sociedade, jurando padroeira della a Immaculada Rainha dos céos e da terra, debaixo do inefavel titulo da sua purissima Conceição. Cada um de nós jurou o sagrado mysterio e embraçado este impenetravel escudo nos apresentamos no campo, confiadlos entramos na peleja, e não tardou muito a victoria.

É bem natural, ô Arcades, e bem digno de corações portuguezes, a publica confissão de que esta vantagem a devemos toda ao sagrado patrocinio da Senhora. Olhemos para os successos que forão consequencias desta nossa venturosa escravidão: adoptamos o systema da critica phenomeno litterario, se lhe posso assim chamar, que era em Portugal espantoso prognóstico de desastres, e que não era visto entre nós com menos



susto do que um eclipse entre os Godos, veio a ser recebido com sereno rosto, veio a ser desejado. Conheceo-se que esta era a estrella que nos devia guiar, e que sem as luzes da critica não podia descobrir-se o verdadeiro gosto.

Persuadimo-nos de que era amizade e não odio a reciproca correcção de nossas obras; e quem expunha ao publico os seus escriptos, sem lhes dar com esta lima o ultimo polimento sujeitava o seu nome ao desprezo do mundo. Conhecemos que sem imitar os antigos era impossivel enriquecer nossas composições das infinitas bellezas poeticas que descobre a cada passo quem frequenta a lição dos Gregos e dos Latinos: e que neste dictame de Horacio consistia o maior segredo do bom gosto. Principiamos a familiarisar-nos com Homero, com Sophocles, com Virgilio e com Terencio; e estes nomes que entre nós erão estranhos, e unicamente servião nas dedicatorias, passarão a ser os idolos de nossos estudos.

E que deviamos, ó Arcades, esperar de tão subita e feliz mudança? Ganháráo as nossas obras uma nova reputação. Conciliou respeito o nome



de Arcade e desejou o publico assistir ás nossas conferencias: atrevemo-nos a louvar um principe, a quem Plinio podia sem lisonja recitar o famoso panegyrico, que fez a Trajano. O mesmo foi ouvirem-nos, que estimarem-nos, os homens mais sabios e mais prudentes. Olhárão para o fruto do nosso trabalho como para uma vantagem da nação, e a grande alma daquelle vigilante ministro que não tira as olhos do adiantamento da patria com publicas demonstrações nos honrou, e nos animou para não desistirmos da difficultosa, mas illustre empreza, a que sacrificavamos os nossos estudos. Segunda vez nos ouviu, segunda vez nos honrou: de sua mesma bocca ouvimos nós expressões com que em Portugal não costumão fallar os ministros.

Podemos asseverar que vimos aquelle grande coração e que nelle estava vivamente impresso o incansavel zelo com que trabalha pelo bem de seus compatriotas, com que honra e com que estima os Portuguezes benemeritos. Não tardará muito que o publico conheça, que este genero de letras lhe merece uma seria protecção, que as estima porque as conhece.



Entre tão consideráveis benefícios, não é justo, ó Arcades, que eu me esqueça de recordar um que devemos reputar entre os maiores e que pôde ser seja elle a alma, digamo-lo assim, de todos os distinctos progressos desta sociedade.

Bem dita sejais, Immaculada Senhora, que vos dignastes de inspirar-nos uma constante união.

Esta virtude, ó Arcades, é uma das maiores graças que devemos ao patrocínio da Senhora. As discordias, o rancor, a inveja, vícios que ordinariamente nascião no berço das Academias e sociedades portuguezas, estão vícios, digo eu, nunca apparecêrão na nossa Arcadia. A sinceridade dos costumes, de que nos revestimos, repugnava a tão feio e pernicioso genio: a modestia, a sinceridade, a boa fé, são os rudimentos de faculdades tão nobres, como a poesia e como a rhetorica; são os primeiros talentos que devem brilhar nos sujeitos que ou se ajuntão, ou se escolhem para ser os membros de uma sociedade: a prudencia, a civilidade, a tolerancia, são as estimaveis partes de que se compõe o caracter de um homem academico.





O amor e veneração de seus companheiros é a distincção dos sabios: estas virtudes, estes raros talentos, é verdade, que pela mesma lição dos livros se aprendem, e se conservão; mas atrevo-me a asseverar, que vós estais, ó Arcades, seriamente persuadidos, que vós sois tão geralmente praticados, e tão honradamente estimados, é um milagre que tão visivelmente deveis á protecção santissima da Immaculada Padroeira da Arcadia.

Eis aqui, ó Arcades, os preciosissimos favores e inestimaveis mercês que devemos ao patrocínio da Senhora: eis aqui a origem de todas nossas felicidades; astro que anima nossas esperanças. Tomamos sobre nossos hombros debaixo de tão santo auspicio o formidavel peso de restaurar a boa poesia e a grande eloquencia: conseguimos o que desejavamos. Estudão-se e praticão-se nesta sociedade as verdadeiras leis da tragedia e da comedia: a poesia melica, tanto lyrica como dithyrambica, está restituída á sua natural magnificencia; a nobre simplicidade da bucolica, da ecloga, e dos idyllios, tem bastantes exemplos em vossas composições; a sa-



tyra, não aquella satyra grosseira e infame que expõe ao riso do povo os defeitos de nossos compatriotas, mas sim a satyra urbana, aquella que ataca os vícios, que os reforma, e que com a sua casta alegria ensina as maximas da boa ethica, é bem familiar aos nossos ouvidos.

A rhetorica em todos os trez generos, se vê felizmente exercitada nesta Academia. Bem evidente ficou esta verdade depois que o nosso clementissimo soberano, querendo reformar as escolas do reino, tirou de entre nós para mestres de eloquencia alguns Arcades; a lingua está restituida á sua natural energica pureza, abundancia e magnificencia: n' uma palavra, a Arcadia chegou ao cume da sua felicidade, venceo o genio da nação e triumphou da inveja.

Soberana Rainha dos céos e da terra, Padroeira da Arcadia, pura e immaculada; a Arcadia publica e solemnemente vos rende as devidas acções de graças pelos beneficos recebidos, e se podesse tambem vò-los agradeceria: jura e promette de sempre defender a justiça da vossa causa, da vossa honra e da vossa gloria, confia



em o vosso patrocínio, espera não desmerecê-lo, sacrificando todas as suas forças ao bem publico, ao credito da nação e á honra do principe.

Acceitai, Senhora, os nossos votos, amparai o nosso trabalho, fazei nossas composições dignas de vosso patrocínio, capazes de louvar-vos e de defender-vos.







ORAÇÃO OITAVA (1).

A protecção de Deus, que tantas vezes experimentou o reino de Portugal, nunca foi mais visível do que agora que evidentemente nos mostrou que erguia para guardar as reaes virtudes de V. M. o mesmo omnipotente braço com que fundou para si este glorioso Imperio, salvou-nos a necessaria e preciosa vida de V. M. rebatendo os golpes do mais execrando e abominavel paricidio; dissipou a feia tempestade que esteve im-

(1) Terceira e ultima do Ms. esta oração foi a que soffreu as emendas e mutilações, a que se referio Figueiredo no prefacio da cuidadosa collecção, attribuindo ao facto a esquivança do poeta em dar publicidade ás suas produções. (Vide *Introdução* deste livro). Quaes fossem as arguidas alterações elle mesmo as indicou e nós as consignamos nos lugares proprios, aqui transcrevendo a nota com que as encerrou:

« Estas forão as emendas que se pozerão e



minente a Portugal e o raio que vimos acceso sobre nossas cabeças apagou-se, desfez-se em fumo, desapareceu! Arrancou das mãos dos traidores o ferro e o fogo com que se armavam para assolar a patria (1), queimar as cidades, demolir os templos, profanar os altares, abolir as leis mais santas e sacrificar a seus perniciosos interesses o sangue de innocentes compatriotas.

Este e não outro era o plano de tão horrenda conjuração; este foi o projecto que forjaram (2) as

com as quaes só se dava a licença para imprimir-se por despacho de 29 de julho de 1759. Cala-se por respeito o tribunal e os juizes. »

A esta oração parece-se referir-se Innocencio dando-a como recitada em uma das salas do Real Hospicio de N. Senhora das Necessidades, em obsequio ás melhoras de S. M. F. o senhor D. José I experimentadas depois do attentado de 3 do setembro de 1757. Digo parece porque as expressões iniciaes não são as mesmas, o assumpto porém é aquelle proprio facto. (Vide Innocencio, *Dicc. bibl.* art. Garção).

(1) Em lugar das palavras — com que se armavam para assolar a patria — se emendou, que *podia* não somente assolar... mas chegar a demolir.

(2) Em lugar das palavras — este foi o plano de tão horrenda conjuração; este foi o projecto

sacrilegas maximas do odio, da hypocrisia, da ambição e da soberba. Mas amparou-nos o céu, escapáramos (1) as nossas vidas, as nossas honras e as nossas fazendas; ainda ha Lisboa; ainda temos rei; ainda temos pai.

Eis aqui, senhor, o inestimavel bem e o evidente (2) milagre, que os Portuguezes, como fieis e legitimos vassallos de V. M. celebrão com incessantes votos em todas as igrejas: alli humilhados á roda dos altares na presença do Altissimo, com as mãos erguidas, com os olhos cheios de lagrimas e os rostos de alegria, jurando sua antiga fidelidade, agradecem em repetidos canticos de jubilo e solemnes acções de graças a milagrosa conservação da sacratissima pessoa de V. M. Nas casas, nas ruas e nas praças, em toda parte sôa o grande nome de V. M., repetido com

que formáram — corrigio-se: *estes os tristes successos que poderião produzir.*

(1) A' palavra — *escapáramos* — substituirão, *livramos.*

(2) A' palavra — *evidente* — substituirão, *visivel.*



inexplicavel prazer entre reiterados vivas e altas acclamações.

Estes echos da publica alegria, estas protesta-
ções de amor e vassallagem, não devia escuta-
las com indiferença uma sociedade composta de
honrados e leaes vassallos. A Arcadia, que to-
mou sobre seus hombros o illustre peso de trans-
mittir á posteridade acções de Portuguezes be-
nemeritos, havia de ser muda testemunha do
jubilo de todo o reino? Que seculo passaria em
que os vindouros não accusassem tão detestavel
silencio? Que vergonhosa não fôra a tradição
dos seus progressos, se cotejadas nossas memo-
rias com a chronica de V. M. não se descobrisse
nella dignamente assignalado o zelo, a pruden-
cia e a justiça com que V. M. desaggravou a
honra e a gloria de nação?

Soffra pois a modestia de V. M. que repe-
tindo a Arcadia algumas das heroicas virtudes que
adornão sua grande alma, exponha aos olhos de
todo o mundo, quanto devem os Portuguezes
estimar a preciosissima vida de V. M. e a jus-
tiça com que lhe dão os grandes nomes de pai





da patria e delicias de seus vassallos, pio, magnanimo e justo.

Mas, senhor, em que passo do glorioso e felicissimo reinado de V. M. poderemos fitar a contemplação, que não encontremos circumstancias de maior espanto? Que acção de V. M. não accusa e não afêia mais a ingratição e atrocidade de tão sacrilego attentado? Se é axioma da politica que os povos devem pedir a Deus um principe justo, e obedecer ao que por elle lhe fôr dado, que fanatismo se atreveo a contestar o direito que tem á corôa as reaes virtudes de V. M.? Que Portuguez desejou melhor rei? Que barbaro foi tão ousado que podesse negar que, ainda que o throno não fosse hereditario, devia V. M. ser levantado rei e jurado senhor dos Portuguezes? Os Titos, os Trajanos e os Antoninos, não merecêrão com tanta justiça os votos do povo e do senado. Se investigarmos os annaes de Roma, descobriremos que o seu merecimento sempre se apoiou em simulados artificios.

V. M. antes de tomar o sceptro, já o merecia, já era desejado e já reinava nos nossos corações; su-





bio ao throno e nelle tomou posse deste glorioso dominio, sem que a lisonja nem o medo nos dictassem a sujeição. Não duvidou d: que o amariamos, porque nos amava e conservou em seu augusto coração este raro systema de reinar, porque não queria mais do que fazer-nos venturosos. Que maior prova desta verdade do que a benigna paz, que desfructamos, de que foi preciosissimo refem a sagrada pessoa de V. M. e que só conhecemos quanto nos era util, quando vimos, que V. M. introduzia á sombra della uma felicissima harmonia em todo o reino!

O inalteravel socego, em que se mantinhão quietos e seguros os estados e dominios de Portugal, ainda que fazia inutil a defeza das armas, não soffreo o real animo de V. M. que ou no ocio, ou no desprezo se abatesse o brio das tropas. Faltavão-lhe cabos, faltava-lhe disciplina, faltava-lhe talvez o premio, e ainda que V. M. não quizesse soldados, não queria queixotos, queria honrar os benemeritos: examinou o merecimento e logo na primeira promoção, subirão accelerados aos ultimos postos muitos daquelles



que tinham envelhecido, e esperavam morrer nos primeiros.

Acordou o genio portuguez do ocioso lethargo em que jazia: entrou a mocidade a assentar praça uns levados da gloria, outros da emulação. Apparecerão, ou, para melhor dizer, resuscitarão officiaes de prestimo e de valor, lerão-se os Vegecios, os Polybios e os Cesares, exercitou-se o maneo das armas, demonstrarão-se evoluções militares: proverão-se os governos: reforçarão-se os presidios; n'uma palavra, parecia que tinhamos o inimigo na fronteira, estavamos no centro da paz. Não era o medo, não era a violencia, que opprimindo o povo levantava tão numerosas reclutas, era a prudencia, era a magnanimidade do principe, que restabelecia o luzimento e o valor do exercito.

O augmento das boas artes e das sciencias (inspirado fructo de uma duravel e venturosa paz) não deixou de gozar logo as benignas influencias do real agrado e protecção de V. M. E que methodo mais seguro de adianta-las? Pôde-se dizer que as *Odes* de Horacio, a *Enaida* de Vir-



gilio, devêrão a sua inimitavel perfeição, mais a amizade de Augusto e de Mecenas, do que ao genio d'aquelles grandes homens: e os Pindaros nascerão nos bemaventurados seculos em que as mais florentes republicas e os maiores principes do mundo contendião pela naturalidade de um cidadão; trazião consigo as *Iliadas* e mandavão preservar do incendio de uma cidade a casa de um poeta. V. M. não só imita, mas excede aos Augustos e aos Alexandres.

Quem deixará de sacrificar-se ao trabalhoso estudo das bellas artes e sciencias, vendo que V. M. desce a examinar o methodo e o progresso das primeiras escolas? Parece-me, senhor, que ainda vejo no ambito deste real hospicio aquella magestosa scena, que não poderia ideiar, nem a phantasia dos Sophocles, nem a architectura dos Vitruvios, nem a emulação dos Archontes, nem a magnificencia dos Cessres! Parece-me que ainda vejo os nossos clementissimos soberanos, toda a familia real, toda a cõrte, assistindo a um certame de grammatica! Parece-me que ainda vejo um menino com um ponteiro na fraca mão estar



mostrando no mappa aonde é Lisboa, aonde está Roma, aonde foi Carthago ! Parece-me que ainda observo no real semblante de V. M. aquelles graciosos signaes de prazer, que são difficeis de explicar, e que não sabem esconder nem os pais, nem os mestres, quando veem adiantados os filhos e discipulos !

Sabiamos, é verdade, que este real hospicio era grande entre os sumptuosos monumentos que fazem eterna a memoria do senhor rei D. João o V augusto pai de V. M. Sabiamos, que seu magnifico fundador estabeleceo nelle novas e melhores escolas, mandando que a sagrada Congregação do Oratorio dirigisse os estudos ; sabiamos que as casas da Congregação do Oratorio forão da sua fundação até o presente santuarios da virtude e das sciencias ; sabiamos que apezar de orgulhosas opposições, fizerão estes grandes homens amanhacer em Portugal a primeira luz da boa philosophia, que nos ensinárão os nomes de Halley, de Bayle, de Locke e de Carthesio ; sabiamos que já entre nós havia um Newton portuquez ; sabiamos, finalmente, que varões tão doutos

e apostolicos trabalhavão por restaurar a grande eloquencia e viril estylo, com que nos pulpitos, se deve explicar o Evangelho aos catholicos; mas como as raizes da inveterada prevenção, ainda não estavão totalmente arrancadas, foi preciso que V. M. com tão raro exemplo da humanidade nos declarasse, que só nestas escolas devia aprender a mocidade portugueza.

Para que só (1) devessemos a nossa felicidade ás inestimaveis fadigas de V. M. vimos, com extranha admiração empregar-se a real economia do soberano em restabelecer os perdidos interesses dos vassallos. As mesmas revoluções de tempos e de costumes, que promettião grandes vantagens, tinhão lastimosamente concorrido para a decadencia. A paz, a opulencia, o luxo, o grande trafico, novos descobrimentos e novas minas, erão os tyrannos algozes que apertavão o garrote ao commercio de Portugal ao mesmo passo que sem ellas fôra impossivel beneficia-lo.

(1) Para que só, emendou-se, *para que em tudo.*

O genio da nação, a chimerica esterilidade do paiz, a dependencia de estrangeiros, nossas distantes e dilatadas conquistas, crão os Encelados e Typhæos, com que ninguem se atrevia a combater. Se a providencia offereceo arbitrios, que podião ser uteis, não faltáráo pretextos para sacrificá-los a interesses particulares. Corria o tempo, arruinava-se o credito da praça, barateavão-se nossas drogas, sobejavão generos alheios; quebravão os negociantes e parecia ja inevitavel a ultima e universal fallencia.

Tão lastimoso espectaculo não podia deixar de abalar o augusto coração de V. M. que reconhecendo os raros talentos de um ministro, que parece que pelo céu lhe foi dado para V. M. ter uma espada, com que cõrte os nós gordianos destes pretendidos impossiveis, fiou V. M. do seu zelo e actividade a reforma de tão perniciosas desordens. Foi então que os Portuguezes ouvirão dizer, que o commercio era o maior apoio do estado, que tambem delle havia uma theorica; que esta theorica não consistia no dõlo, na ambição e na malicia; mas que tinha regras deter-



minadas e infalível geometria; que era sua pratica a verdade, a boa fé e a diligencia; que vender não era enganar; e que o corpo do commercio era um corpo nobre e respeitavel entre as nações mais polidas e republicas mais poderosas.

Então conhecemos as nossas forças, então olhamos para V. M. como para nosso redemptor; envergonhados de nos não lembrar o que Portugal tinha sido, nem olhamos para o que podia ser. Fatal era o nosso esquecimento, não menos fatal a inercia! Esquecimo-nos de que fôramos os primeiros descobridores das riquezas de todo o mundo, e que nossos galeões forão os que primeiro surgirão em portos da Asia, da Africa e da America. Não liamos a historia do nosso paiz; tapavamos os ouvidos; não queriamos saber que Portugal tinha sido em seculos mais remotos o emporio do commercio; que subsistio poderoso e opulento, independente de outras nações, e até de suas conquistas; que nossos antigos reis socorrião com grandes subsídios e formidaveis exercitos seus alliados e visi-





nhos. Demos este elogio as illustres cinzas de um Dionisio, de um João II, de um Afonso IV e de um afortunado Manoel. Confesse o Imperio, Napoles, Veneza, Flandres, Aragão e Castella quantas vezes implorarão nosso auxilio, e quantas vezes colhêrão os louros da victoria á sombra das respeitadas bandeiras lusitanas.

Parecerá inverosimil aos vindouros que para V. M. atelhar a nossa ruina, se vio obrigado a servir-se da autoridade real, do rigor das leis e do poder da justiça. Houve vassallos (não o ouça o mundo, nem o saiba a posteridade) que para serem venturosos foi preciso serem castigados. Tanto podia a fatal cegueira que nos alucinava! Foi preciso que V. M. erigisse um tribunal do commercio, que lhe dêsse estatutos e que o ministerio com attenta circumspecção elegesse para membro deste novo corpo os sujeitos mais intelligentes e de mais reconhecida probidade. Assim acabamos de conhecer, que os interesses dos commerciantes erão os interesses da nação, que delles resultavão o bem commum e que sem elles se abatião as forças da monar-





chia. Atalhãrão-se os contrabandos e extravios; promulgãrão-se leis sumptuarias, tratou-se de levantar fabricas, de estabelecer companhias e de abrir uma escola para aprendizes do commercio. Eis aqui as venturosas resoluções que Deus não manda aos estados, sem crear para instrumento uma alma extraordinaria, como a de Luiz XIV, como a de Pedro Grande, como a de V. M.

Incansavel a real ideia de V. M. em investigar novos caminhos para o augmento da nossa felicidade, olhou benignamente para o commercio do Douro, e não soffrendo que a decadencia caminhasse com passos tão accelerados, se resolveo a pôr um freio á tyranna cobiça que tinha reduzido a monopolio o contracto daquelle paiz. Ella arbitrava o preço, ella qualificava os generos, ella estipulava os pagamentos. Não era nosso mais do que o trabalho da cultura e despesa da fabrica e o limitado interesse de algum avanço, sempre sujeito a illegitimos lucros e duras condições. Introduzio-se com o luxo o cambio de alheias manufacturas, e em pouco tempo chegou





a parecer tributo a extracção dos nossos generos. Atalhou V. M. este damno quasi irreparavel, promulgando o estabelecimento da companhia do Alto Douro, privilegiada e protegida com a autoridade real e com o incansavel zelo do ministerio, e pôde tanto a indolencia natural que a desatinada plebe....

Mas, senhor, não é justo que a ingratidão dos vassallos profane a narração das reaes virtudes do monarcha: entreguemos á fama o adoravel nome de V. M. sem descobrirmos vestigios de infames e detestaveis memorias.

Não bastava para socegar o amor e o desvelo de V. M. que os milagrosos effeitos da sua grande beneficencia inundassem só os limites do nosso continente. Olhou para as conquistas e para as colonias, vio tambem ali vassallos, não quiz deixar de trata-los como filhos: appareceo-lhe deserto e inculto o paiz mais fertil do mundo: vio abandonado um dos ramos do nosso commercio, que podia incontestavelmente ser dos primeiros, se a negligencia, se a inercia ou avariza daquelles que o maneavão, lhe não tivesse





subnegada a reputação. Uma longa guerra, grandes desastres, grandes calamidades, talvez que não redussem a tão miseravel estado o negocio do Maranhão e do Pará: faltava industria que o remisse do clandestino e pesado captiveiro que o opprimia. Chegou a epoca da sua felicidade, e apesar de animos rebeldes, se estabeleceu uma companhia para aquelle estado. Approvou-lhe V. M. os estatutos, privilegiou-lhe as acções, autorizou-lhe o credito, deo-lhe navios e franqueou-lhe os meios de se completar o necessario e importante fundo.

Persuadido V. M. da grande maxima de estado, que um rei deve ser senhor de vassallos opulentos, e não de provincias e sertões desertos e intrataveis, mandou tambem cobrir de habitações aquelle fertil paiz, que só em poder de barbaros deixaria de ser povoado. Convidou os novos moradores com honras, com terras, com privilegios, e para ficar inimitavel a piedade de V. M. muitos réos condemnados a vergonhosos destinos, não soffrêrão maior castigo do que irem ser fundadores d'aquellas colonias.



Mas quem dicéa, senhor, que tendo os Portuguezes levado áquelles remotos climas a luz da verdadeira religião, depois de lhe ter Deus pago este glorioso trabalho com o honrado nome e riquissimos thesouros, se atreverião os mesmos Portuguezes, abusando da credulidade dos proselytos, a sacrificar o zelo da fé aos feios interesses e abominaveis ideias da cobiça? Quem dicéa que a promulgação do Evangelho e do baptismo havia de ser o sacrilego jugo com que a hypocrisia chegou a tyrannisar a liberdade de inumeraveis povos? Como gemêrão tantos annos neste injusto captiveiro aquelles infelizes, sem que os brados da sua miseria chegassem ao throno de nossos graciosissimos soberanos? Como havião prelados, que com frouxa connivencia, tollerárão esta escandalosa contravenção da lei divina, dos decretos synodales e das bullas pontificias? Como houve magistrados, que soffrião tão notoria infracção do direito natural, do direito da hospitalidade e do direito da conquista?

Parece que guardava o céu para V. M. a gloria de ser o libertador d'aquelles povos. Como

já não valião dissimulações, como já se não dava credito a chimeras, como já se não temião ameaças, como já reinava V. M. como já tinha ministros desinteressados, completou-se o resgate de tantos milhões de almas. Chegou o tempo de V. M. reivindicar aquelles affligidos vassallos que a avareza e a crueldade dos usurpadores, tratava como escravos e como brutos. Nascerão livres, vivião captivos, abraçãrão a verdadeira religião, achãrão perversos dogmas; occupavão-se no trabalho, negava-se-lhes a recompensa; sujeitavão-se a um rei, achãrão mil tyrannos! Em que estatua, em que monumento poderemos dignamente gravar a memoria deste glorioso triumpho de V. M.? (1)

(1) Este paragrapho e o precedente, que o collector com justa razão considera dos mais bellos da oração, forão supprimidos pela censura.

Comprehende-se facilmente que os prelados e magistrados, cuja connivencia no captiveiro dos Indios verberara o orador, se revoltassem contra merecidas censuras e tratassem de suffoca-las. Estas duas importantes classes não tolerarião *aguo* animo tão certeiras pedradas nos seus telhados.

O eloquente rasgo de Garção em favor dos

Julgava eu, senhor, que poderia acabar a narração das admiráveis virtudes de V. M. sem que a lembrança da fatal ruína de Lisboa, perturbasse o jubilo, que hoje occupa a ideia dos Portuguezes; mas como n'aquelles calamitosos tempos, foi quando esteve mais patente o grande coração de V. M., não me atrevo a suffocar as vozes do publico agradecimento. Parece-nos, que pelo céo foi mandada esta geral consternação para conhecermos que V. M. não só era rei, mas tambem era pae, parece que Deos não quiz tocar-nos com sua poderosa mão, senão quando tivéssemos um principe digno de sua misericórdia, capaz de socorrer-nos e capaz de conservar-nos. São inexcrutaveis seus altissimos juizos; mas é quasi sempre visivel a sua providencia!

Como todas as maravilhosas acções de V. M. se regulão por um inalteravel systema de justiça,

principios de liberdade, ao mesmo passo que revela a elevação de seus sentimentos, descansa o espirito das lisonjarias, de que inundou a maior parte do seu discurso. Vê-se que não era só corteão, mas amante da justiça, e defensor do direito.



depois de render a Deos as dividas acções de graças, tratou logo de restabelecer o culto da religião e exhortando aos prelados a que promptamente fizessem continuar os officios divino. acudio com igual providencia as communidades dispersas ou necessitadas.

Eis aqui as grandes maximas, com que V. M. sabe conciliar a protecção divina. Esta é a verdadeira politica e a forte alliança, que em tantos seculos e em tantos climas fizeram conhecidas, respeitadas e invenciveis as sagradas quinas. A honra de Deos foi sempre a causa, porque advogarão nossas armas. Se a religião é a base dos imperios, que reino, ou que estado mais seguro que a monarchia portugueza? Se é esta virtude a fonte de que manão as heroicas acções do principe, a equidade dos magistrados, a fé das allianças, a observancia das leis, a obediencia dos vassallos e a tranquillidade publica, ainda apesar de tão fataes calamidades, será sempre feliz o glorioso reinado de V. M. A exaltação da fé, a promulgação do Evangelho, a extirpação das heresias, são os mundos, que deseja o grande co-





ração de V. M. e que lhe deverião lagrimas se fosse possível faltar entre tantas virtudes a da constancia. Estes são os costumes, que nos fastos da historia hão de fazer distincto e respeitado o seculo de V. M.

Cercado V. M. de attonitos vassallos sentia o publico desastre, como se não podesse remedia-lo e resolveo-se a remedia-lo como se não podesse senti-lo; temeroso, mas resignado; resignado, mas constante. Mostrou V. M. que como homem receava o flagello, como catholico sujeitava-se ao golpe, como principe acudia aos vassallos. Que impulsos de piedade, de amor e de compaixão não atormentavão com inexplicavel tumulto o forte animo de V. M.! Ainda era geral o desacordo, já se dava sepultura aos mortos; ainda lançavão fumo as cinzas das nossas casas, já tinhamos reparo contra o rigor da estação; lembrou-nos temer a fome, quando já reinava a abundancia. Que viuva, que familia consternada, não achou abrigo na real clemencia de V. M.? Choravão os filhos sobre as cinzas do defunto pae e sobre as ruinas de sua casa, orphãos, pobres





e desamparados ; a triste mãe, não sabia nem podia consola-los, chorava com elles, augmentava o pranto. Ouvi-os V. M. ; acudio-lhes. Houve barbaros, que aproveitando-se do geral espanto d'aquelles terriveis dias, se atreverão a saquear a cidade, mas logo conhecemos, que nem entre as desgraças nos desamparava a inalteravel justiça de V. M. ; expostos em patibulos promulgárão a lei como exemplo, fizeram cessar o crime e o castigo. Nem a constancia, nem a clemencia de Tito, pôde reparar com tão efficazes providencias o lastimoso estrago, que a conflagração do Vesuvio causou na miseravel provincia de Campania.

Que bem fundadas esperanças do publico restabelecimento não vimos brilhar logo no acerto das primeiras ordens ? Parecia que o ministerio trabalhava no ordinario expediente e não em meios de atalhar tão extraordinarias desordens. Sabiamos as perigosas consequencias, a que estavamos expostos, quando viamos prevenidas as cautelas : igualmente nos espantava o damno, que o reparo, não podendo comprehender, como successos tão repentinos, achavão prompta a ac-





tiva providencia de V. M. que não seria menos admiravel, ainda quando fossem esperados.

Não tardou muito que não vissemos medir os destroçados bairros da cidade para se dar principio á execução de sua magnifica planta. Vimos com sabias e justissimas leis vencidos os embaraços que podião obstar á grande obra: vimos lançar os primeiros fundamentos da nova Lisboa e vimos crescer sumptuosos edificios, os quaes sem auxilio de soberbas inscripções, mostrarão nas futuras idades que foi V. M. quem reedificou a cidade; e os que então lerem nossas decadas, olhando para a chronologia, não poderão comprehender, como medeia tão curto espaço entre a ruina e a restauração.

É verdade, senhor, que as nações estranhas não ouvem com terror o nome de V. M.; não o divulga no mundo o estrepito das armas; mas nem por isso é elle menos grande ou menos illustre, adorado entre os vassallos, invejado pelos estrangeiros, respeitado por todos, faz que os povos olhem para V. M. como para um astro de felicidade, de paz e abundancia. Não bri-





lha menos a corôa real guarnecida com ramos de oliveira, do que ornada com os louros da victoria tintos com o sangue dos vassallos. A lisonja e a politica inventarão a pompa dos triumphos: o amor, com que é estimado um rei justo e pacifico nasce connosco em nossos corações; não o podemos fingir; não chega a tento nem o medo, nem a adulação.

Quantos miseraveis pisados por seus proprios cavallos no furioso tropel dos conflictos, mordendo a dura terra, não estarão amaldiçoando agora os interesses dos monarchas? Em vão chamão pela paz, em vão detestão a cruel guerra, ninguém os ouve, ninguém lhes acode; morrem, acabão desesperados! Quantas cidades, depois de soffrer constantemente as misérias e os sustos de um longo sitio, não chorarão pela paz quando virem avançarem-se as tropas inimigas para o assalto geral? Abala os montes o pavoroso estrondo da artilharia; cruzão pelos ares sibilantes balas; estalão horriveis bombas; descoradas e espavoridas as miseraveis donzellas, correm pelas ruas; attonitas as mães, deixão cabir dos





braços os innocentes filhos; querem mas não podem fugir os cansados velhos; sahem dos templos os sacerdotes abraçados com as sagradas reliquias, mas não tem para onde fujão. Em toda a parte se apresenta o mesmo perigo e o mesmo aspecto da morte: desmornados os altos edificios, tremem, cabem, espantão, ferem, matão e sepultão os desgraçados habitantes!

Se compararmos o horror de tão feia perspectiva com a deliciosa paz de que gozamos á sombra do real throno de V. M. só então conheceremos nossas venturas e a infelicidade d'aquellas nações, que sacrificadas mais ás idéas do gabinete do que á defesa da patria ou decoro do rei, pagão com suas vidas a má interpretação dos tratados. Sem nos insultar a liberdade das tropas, sem nos vexar o peso dos tributos, sem nos opprimirem exorbitantes contribuições, venturosos, opulentos, livres e seguros vivemos, unicamente sujeitos ás santas e justissimas leis que promulga V. M. não para nos opprimir, mas para arrancar de entre nós os vicios e abusos que á semelhança de uma inveterada enfermidade arruinavão a cons-



tuição civil da monarchia. Que grandeza de alma, que espirito de clemencia, de religião e de justiça, que extraordinarias virtudes, não admira quem lê a colleção das leis, alvarás e decretos, que no feliz reinado de V. M. lhe tem dignamente merecido a antonomasia de legislador? Muito ha que os Portuguezes darão este nome a V. M. se guiados mais pelo amor, que pela vassallagem, não escolhessem antes chamar-lhe pa..

Com effeito, senhor, se ás reaes virtudes de V. M. devemos o inestimavel bem de sermos tratados como filhos e não como vassallos, se é o principal objecto das acções de V. M. fazer-nos venturosos, porque lhe não chamaremos pai da patria? Nem a modestia de V. M. deve prohibir-nos a repetição de tão agradável nome, se não pôde negar-nos que o merece; nem o nosso reconhecimento dictar-nos outra inscripção mais digna de ser deixada aos vindouros no pedestal da estatua de V. M. pio, magnanimo, justo e amado, que nos conservou em uma venturosa e inalteravel paz em quanto devastava grande parte da Europa a mais obstinada e sanguinolenta

guerra: mo trará que V. M. restabeleceo a disciplina militar e o luzimento das tropas, que o desprezo ajuda mais do que o ocio, tinha submergido em ignominioso lethargo: que protegeo e que animou as artes, as musas e as sciencias: que amparando os interesses de seus vassallos, fez V. M. que o nosso commercio tyrannizado pela cobiça albêa e pela inercia natural quebrasse as grossas algemas que o manietavão: mostrará que foi V. M. quem resgatou tantas almas de clandestino e tyranno captivo com que as opprimia a cobiça, a avareza e a hypocrisia: que V. M. nos acudio com prompto remedio em consternação, que parecia que o não podia ter: mostrará que V. M. restaurando o culto divino, trabalhando na propagação da fé, respeitando os ministros da igreja, foi em tudo legitimo herdeiro do throno de D. Affonso Henriques: mostrará finalmente, senhor, que V. M. inexoravel inimigo dos vicios, promulgou innumeraveis leis todas justas, todas necessarias, todas santas, não só dirigidas a manter a publica tranquillidade, mas ainda a conservar nos futuros tempos



feliz, opulenta e segura a monarchia portugueza.

Mas, Omnipotente Deus, que paiz é este que habitamos, em que cidade vivemos? Aonde está o reino fundado pela vossa mão? Aonde está a forte gente que morria pela honra do vosso nome e pela gloria de seu rei? Tambem em Portugal, famosa patria dos Monizes, dos Pachecos, dos Freitas e dos Farias, nascêrão traidores? Tambem em Lisboa, cujos muros estão fundados sobre os ossos de tantos honrados Portuguezes, se criárão parricidas? Tambem havia entre nós Perenios, Plauteanos e Catilinas? Vivião? Fallavão convosco? Viamo-los? Não lhes descobriamos nos perfidos semblantes os remorsos que lhes trespassavão os corações? Que sacrilegas esperanças lhes davão forças para supportarem o peso das suas consciencias e soffrerem diante dos seus olhos o aspecto de um vassallo fiel? Esperavão, revolvendo as ruinas da patria, achar debaixo das nossas cinzas honras, riquezas, a corôa ou sceptro, sem que houvesse uma mão, que primeiro o levantasse? Que acções allegarião para disputa-



lo, ainda a um homem abjecto, a um banido, a um facinoroso ? Atrever-se-hião a lançar em rosto ao roubador que tinha tirado o alheio, elles que intentavão saquear a patria ? Accusarião ao assassino, elles que conspiravão contra a vida do seu rei e legitimo senhor ? Culparião a um falsario, elles que forão perjuros ? A um herege, elles que seguirão tão perniciosas doutrinas ?

Aqui em Lisboa, grande Deus ! aqui no centro da paz ; aqui aonde as leis mais justas e mais santas, não soffrem que os vicios ultrajem as virtudes ; aqui se traçou o plano de tão infame conspiração. Aqui se ajuntarão os traidores ; aqui jnrarão nossa ruina, nossa orphandade e nossa vergonha ; aqui se vendeo a patria ; aqui se blasphemou de vossa irrevogavel promessa ; aqui se despezarão os raios com que vossa mão omnipotente costuma destruir os impios.

Houve, senhor, houve ingratos que pudêrão esquecer-se do muito que devemos a V. M. houve barbaros que machinarão atalhar o progresso das gloriosas acções com que V. M. nos mostra de cada vez mais que nos ama e que se faz de cada



vez mais digno de ser amado. Houve quem pôde infamar a nossa vassallagem, publicando com eterno escandalo, que tambem entre Portuguezes havia traidores, havia parricidas e havia ingratos. Mas soube a constante e inalteravel justiça de V. M. lavar a nossa infamia no sangue dos culpados, vingar a patria, satisfazer as leis, desagravar a corda (1).

(1) Conclue aqui a Oração no Ms. sem que a feche declaração alguma, seguindo-se logo as poesias.









NOTAS E VARIANTES

NA primeira pagina do manuscrito do Conego Manoel de Figueiredo, que fez outr'ora parte da bibliotheca do eximio litterato portuguez Camillo Castello Branco (visconde de Correia Botelho) leem-se estas linhas de proprio punho e com a sua assignatura:

« As alterações que Garção fizera nos seus poemas, e aqui se encontram, não se achão nas suas poesias publicadas posthumamente. Estes traslados forão feitos sobre os originaes dados pela viuva do poeta ao collecter. Se um dia se fizer edição nova dos versos de Garção (tarde será) deverão adoptar-se estas emendas e publicarem-se as poesias ineditas constantes deste volume manuscrito. »

As duvidas que a respeito das alludidas emendas me assaltarão o espirito e de que tratei na *Introdução*, forão objecto de carta minha áquelle no-



tabilíssimo escritor a que cortezmente deo a seguinte resposta:

« Não precisava V. interpor medianoiro para me communicar a honra de sua carta. Recebi as duas quasi simultaneamente, por isso não respondi á primeira.

« Tenho um grande dissabor em não poder cabalmente ser arbitro n'um processo que V. modestamente declina de sua alçada. Não tenho livros, nem apontamentos, nem reminiscencia que me lembre o que em tempo de mais folga li e ajusei a tal respeito. Entrelembro-me, porém, que o Conego Figueiredo colleccionou um codice com as correções de Garção e os editores da edição de Lisboa, primeira e unica, servirão-se de outro codice em que havia parte das correções. Ou talvez o Figueiredo quando colligia os poemas emendados, e se referia aos incorrectos, alludisse aos que corrião manuscritos.

« É provavel que V. já haja formado esta e outras hypotheses mais luminosas.

« *S. Miguel de Seide, 17-1-86.*

« De V. criado e respeitador

« CAMILLO CASTELLO BRANCO. »

A' vista do exposto tive por acertado, como já declarei, não affastar-me do texto das edições anteriores, e offerecer como variantes as divergencias do Ms. de Figueiredo.

Nas annotações o manuscrito hoje propriedade do *Instituto historico* será designado pela data, 1767, e o do Conego Manoel de Figueiredo pelo nome do paciente collector.



SONETOS.

Soneto V, pag. 5. — A *mesma senhora* a quem foi dedicado parece ser a mencionada no Soneto II. Assim a dedicatória abrangia os dous precedentes, nos quaes igualmente o poeta se dirige a Marilia.

Soneto VI, pag. 6, lin. 6. — A errata da edição de 1778 corrige *pedragosos*. A lição mais seguida actualmente conservaria a orthographia do texto, sem attender á etymologia.

Soneto XIV, pag. 14. — A epigrapha que traz o Indice do Ms. de 1767 é: *Soneto a um frade para que lhe levasse um recado a uma moça, a quem o poeta namorava e onde o frade ia.*

Soneto XVI, pag. 16. — No texto da edição de 1778 o terceto final que a errata corrigio era:

Se vens, ou caia chuva ou *berre* o vento
Não pode a longa noite enfastiar-nos
Antes tudo será *divertimento*.

Soneto XXVI, pag. 26. — Outra correcção ao texto da edição de 1778 da mesma errata. O terceiro verso dizia:

O *esfuimado* nariz o *coice* atura.

E o 11º:

Com um rodeiro *malho* atocha o taco.

Soneto XXVII, pag. 27. — No Ms. do Conego Figueiredo vem encimado com esta epigrapha: *Estando preto no Limociro*. Estas palavras, porém, se achão traçadas por outra penna que não a do collector. Ha toda a verosimilhança que o fossem pelo Snr. Visconde de Correia Botelho, que as substituiu pela nota *duvidoso*.

Soneto XXXVII, pag. 37. — No Ms. do Figueiredo é dedicado *Ao Padre Delphim, capellão do Loureto*.



Ainda a errata da edição de 1778 corrige do modo, como em se lê, a nona linha do verso :

Silvada vaga assim de rua em rua.

Soneto LVII, pag. 57. — E o ultimo que trazem as edições e apresenta uma feliz imitação do bem conhecido de Camões :

Alma minha gentil que te partiste.

Soneto LVIII, pag. 58. — Este soneto não se acha em nenhuma das edições anteriores. Fui encontra-lo por indicação de Innocencio da Silva na *Miscellanea poetica ou Collecção de Poemas diversos de autores escolhidos*. Rio de Janeiro, 1853. (Vide Obra cit., pag. 168).

Soneto LIX, pag. 59. — Igualmente não faz parte das precedentes edições. No Ms. de 1767 está incompleto com a epigraphe que conservei, e não vem no *Curso de litteratura portugueza* de Camillo Castello Branco, donde o trasladei na integra. Aqui se dá copiada dessa obra a seguinte chave para os nomes citados no soneto :

Pinto. — Luiz Pinto de Souza Coutinho, 1.^o Visconde de Balsemão.

Monteiro. — Domingos Pires Monteiro Bandeira.

Padre Niceno. — Padre Francisco Manoel do Nascimento.

Manoel de Souza. — Manoel de Souza, capitão de infantaria.

Manoel Mendes. — Antes de Antonio Xavier Ferreira de Azevedo escrever a farsa *Manoel Mendes*, já este nome e appellido erão proverbiaes.

Ulpiano venal. — Dr. Jeronymo Estoquette.

Sonetos LX, LXI, LXII, LXIII, pag. 60 a 63. — São inteiramente inéditos : extrahidos do Ms. do Conego Figueiredo.

Soneto LXIV, pag. 64. — Tambem está fóra da collecção das poesias impressas. Trasladei-o do *Diccionario bibliographico*, pretendendo o seu erudito autor que esta foi a ultima composição de Garção. No exemplar do *Diccionario* que possui o *Gabinete portuguez de leitura* do Rio de Janeiro, e pertenceo á bibliotheca do senhor Camillo Castello Branco, lê-se á margem do artigo sobre o poeta, onde se emette aquella opinão, a nota — não foi.



ODES.

Ode I, pag. 67. — *A' nobreza e grandes de Portugal* é a dedicatória com que vem no Ms. de 1767. Conservei, porém, a da edição de 1778, que particularisa a razão della.

Ode II, pag. 77. — Escapou á collecção impressa. Trá-la o *Curso de litteratura portugueza* já citado, que a tomou do Ms. de Figueiredo.

Ode IV, pag. 83. — Adoptei de preferencia a epigraphe do *Parnaso lusitano* por mais concisa e adequada. A das edições anteriores rezava assim: *Sendo convidado o autor para assistir a um ponche, que se havia de fazer no outro dia, elle quando veio trouxe esta Ode. A Lydia com que falla é a do Soneto XII e a Marilia a do Soneto II.*

Pag. 83, lin. 14. — Comamos, bebamos, murmuramos.
(Ms. de Figueiredo).

Neste manuscrito a Ode não vae alem da nona quadra.

Ode V, pag. 86. — No Ms. de 1767 é dedicada á *Constancia*. Eis as variantes á esta Ode no Ms. de Figueiredo:

Pag. 86, lin. 2-3. — Ligado com asperrimas cadeias
Ao horrido penedo;
" " " 14. — Innocente se julga; á força iniqua.
" 87, lin. 1-2. — Deve immovel soffrer uma alma nobre,
O' Silvio esclarecido.
" " " 6. — Como no tecto rico,
" " " 13. — Com dourados bezerros longa terra.
" " " 16-17. — Ao negro mar que freme,
O procelloso Arcturo;
" " " 24. — A perfida mentira
" 88, lin. 1. — Com os titubantes braços o crimine.
" " " 3. — Só de delicto pôde o vil remorso.
" " " 9. — É a consciencia pura, a fé intacta,
" " " 11. — Não fantasticas honras tanto ensino.
" " " 13. — Os Uticenses, Regulos e Camillos
" " " 15-16. — As lethargicas ondas
Do Lethes somnoento.



- Pag. 89, lin. 1. — Peça a gineta o tímido guerreiro,
Que com a espada limpa
» » » 6. — Descubra o desvalido
» » » 17. — Estende os tibios raios pelas ondas;
» » » 24. — Na comprada balança
» 90, lin. 5. — Da memoria immortal da fama illustra.
» » » 8. — Não roga, não se abala.

Ode VI, pag. 91. — No Ms. d: 1767 é como a precedente
tambem dedicada à *Constancia*.

Nella imitou Garção com muita felicidade a Ode III de Ho-
rácio, liv. III, que começa por estes bellissimos versos:

*Iustum ac tenacem propositi virum,
Non civium ardor prava jubentium,
Non vultus instantis tyranni
Mente quatit solida neque Auster.*

- Pag. 91, lin. 2. — O constante varão que firme e justo
» » » 5. — Não teme, não receia.
» » » 8. — No potro soffra asperrima tortura
» 92, lin. 6. — Foi infiel a Galba?
» » » 14-15. — as aras jurem que me virão
Sempre a seu lado.
» » » 20. — D'amada patria o nome repetindo.
» 93, lin. 3. — De Galba foi amigo. Adonde! adonde!

Ode VII, pag. 94, lin. 12. — Dobra os ulmeiros, os curraes destelha;

- Pag. 94, lin. 16. — A roxa face no pelico esconde;
» 95, lin. 1. — Alli ajunta as podadas vides
» » » 5. — Pulão nos olhos lagrimas que enxugão
» » » 7. — Insanas dores reflexões pesadas
» » » 11-12. — Corre assustado, d'um fuzil o cega
A luz vermelha!
» » » 17. — Ficou partida do voraz corisco,
» 96, lin. 56. — Agora, diz, quem seguro vive?
Amado Silvio da infiel fortuna,
(Ms. de Figueiredo.)

Ode VIII, pag. 97. — Innocencio diz que esta ode ou hymno,
bem como as seguintes a S. Norberto, a S. Thomaz de Aquino e a
S^{te} Ubaldo forão as unicas, que sabe terem sido impressas em vida



de Garção. Achto-se, segundo elle, bem como outras de diversos autores no voluminho, que Francisco Jo-é Freire deo á luz com o titulo *Santos Patronos contra as tempestades e raios* e accrescenta: « não será inopportuno observar que essas odes lhe renderão em retribuição umas cinco empanadas, com que foi presenteado pelo F. Freire, as quaes elle altamente elogia e agradece em uma chistosa carta missiva, cujo *fac-simile* conservo em meu poder. » (Vide *Dicc. bibl.* artigo *Garção*).

Fiz as maiores diligencias para obter essa carta, a fim de com ella enriquecer a presente edição, mas nada consegui. O digno continuador de Innocencio, o Snr Brito Aranha, arrematante de grande parte de seus papeis, não a encontrou entre elles. Assim o affirmou ao amigo e compatriota, o distincto poeta Dr Luiz Guimarães, que com a maior gentileza se prestou ás minhas importunações na lida de descobrir manuscritos e autographos de Garção.

- Pag. 97. lin. 3. — Teu nome Santo no escaldado monte.
 " " " 5. — Da arida penha.
 " " " 8. — Sonoros ventos rapidos chuveiros.
 " " " 11-12. — Vermelho raio subito rasgando.
 Nos negros ave vio cruzar silvando.
 " 78, " 8. — Pallidos tremem

(Ms. de Figueiredo).

Ode IX, pag. 99. lin. 2-7. — Espiritos rebaldes, que as intensas
 Aljavas scintillantes
 As feias legiões de nuvens densas
 Armaes de roxas farpas crepitantes
 Fugi para as distantes
 Incultas brenhas de arido deserto,

- Pag. 99. lin. 11. — Do leão de Judá; do escudo alçado
 " " " 15. — Settas que dentro d'alma lhe atroáirão
 " 100, " 4. — Astros brilhando o carro luminoso
 " " " 6. — A mão potente que se toca os montes
 " " " 9. — Indomito e valente
 " " " 13. — Que o bruto do trovão espavorido
 " " " 21. — Nas azas dos coriscos espantosos.
 " 101, " 2. — E ao puro firmamento
 " " " 5. — Que ouviu o claro accento
 " " " 8. — Movido pois ao nosso rogo ardente
 " " " 10. — Dissipa em teu nome tanto fogo,

(Idem).



Ode X, pag. 102, lin. 10. — Attente a nossos damnos
Pag. 102, lin. 14. — Que desatão em raios as estrellas.
» 103, » 7. — Ampara-nos, Thomaz; lembre-te quasi
» » » 18. — E com fraterno sangue rociava.
» 104, » 1. — De fumo ardente um mar caliginoso.
(Ms. de Figueiredo).

Ode XII, pag. 107, lin. 34. — Se já ouviste Conde magnanimo
A minha pobre cithara rustica
Pag. 107, lin. 7. — Ouve, que aos versos honrados titulos
» 108, » 4. — Seguirão outra bussola :
» 109, » 9. — Com lentos passos calcando os tumulos.
» » » 11. — Larga as confusas cinzas.
(Idem).

Ode XIII, pag. 112. — No indice do Ms. de 1767 está dedicada esta Ode aos annos de uma irmã do poeta. E, porém, evidente de seu mesmo contexto o equivoco.

Tambem é do mesmo Ms. a seguinte variante :

Pag. 114, lin. 24. — A meu tyranno imperio ver curvado
O teu rispido collo.

Ode XV, pag. 121, lin. 4. — As estridentes settas empinando;
Pag. 121, lin. 8. — As crespas azas sem cessar batendo,
» » » 12. — Os domados farpões muitos provirão,
» » » 4. — Em bandos se espalharão.
» 122, » 1. — Com um doce riso com um celeste agrado
» » » 7. — Nunca tão bella aurora ou tão brilhante
» » » 10. — As virtudes gentis do céu baixarão;
» » » 11. — E cantando as acções dos seus maiores,
» » » 17. — As castas Musas vestidas de gloria
» 123, » 3. — Apesar dos defeitos anhelantes,
» » » 18. — Pretende assignalar com faustas glorias,
» 124, » 13-14. — O veloz tempo rompa a fouce dura;
E o sol gyrando seus friões ufano;
» » » 16. — O dia de seus annos.
(Ms. de Figueiredo).

Ode XVI. — Tomei do *Parnaso Lusitano* a epigraphe desta Ode, que nenhuma traz nas edições anteriores. No Ms. de 1767 inscreve-se simplesmente — *à Riqueza*. Do proprio contexto, porém, verifica-se a ausencia de toda a generalidade e a applicação especial á situação de um favorito das Musas.



- Pag. 125, lin. 4. — A passagem não vejo do Granico
" 126, " 7-8. — Que os pastores do Menalo me recabão
Do Menalo nos jogos!
(Ms. de Figueiredo).

Estes dous versos forão omittidos nas referidas edições.

- Pag. 126, lin. 9. — O mineiro na lavra afficto cave
" " " 15. — Soffra na linha a podre calmaria
" " " 23. — Para a vermelha cruz luzir no peito
(Idem).

Ode XVII, pag. 130, lin. 17. — Não é preciso que venal propheta
Aponte com o dedo para a cinza.

Allude o poeta a certo individuo, que em trajos de propheta
vae apontando para uma salva cheia de cinza na procissão deste
nome. (*Parnaso lus.*, tomo III, pag. 299).

- Ode XVIII, pag. 135 linh. 4. — Na solitaria praia
Pag. 135, lin. 9. — Em que vermelho sol detráz da serra
" " " 24. — Os ares destes campos?
" 136, " 15. — Contra o cto commetterão teus pastores?
" " " 22. — Que em doce paz descansão?
" 137, " 2. — Jamais a ver não tornão
" 138, " 1-2. — E soberbas columnas levantamos
Palacios magestosos:
" " " 6-7. — Cobrir na fatal hora!
Escondem frias campas igualmente
" " " 9. — Tudo deve acabar. O' caro Fido!
(Ms. de Figueiredo).

Ode XIX, pag. 139. — A epigrapha no Ms. de 1767 a esta
Ode é: *Ode ao Coronel Macbean convidando-o para ir jantar com
elle e o Conde de S. Vicente, coronel do mar, ella se excusou por
andar em casa fazendo uma escada.* A do Ms. do Conego Figuei-
redo pouco differe: *Ao intendente d'artilheria Macbean, que dava
um jantar ao Conde de S. Vicente e aos dous Weinholdt, convidando
o A. desta Ode, que se desculpa.*

Por demasiado longas deixei de empregar qualquer dellas.

- Pag. 139, lin. 10. — A postiga gadelha afaga e puxa
" " " 13. — Que Sylla mais cruel o sol daria
" 140, " 1. — Furibundo petardo d'outra parte

- Pag. 140, lin. 4. — Que siffo pelos ares
" " " 7. — Nas ondas inda mostra o grande Carlos
" " " 19. — Os domados rabbões esporeando
" 141, " 3. — Se quizeres vencer os Alexandres
" " " 15. — Tu, que escadas não fazes, passas alegre
" 142, " 3. — Namorado de seu valor
" " " 6. — Da curva porçolona que retine
(M. de Figueiredo).

Ode XX, pag. 143. — Tanto esta Ode como a seguinte trazem
no Ms. de 1767 a dedicatória: *ao Pinheiro, capitão da mar e guerra.*

- Pag. 141, lin. 2. — Quantos caro Pinheiro toda a vida.
" " " 4-5. — A triste vida passou para verem
Cobrir-lhe as sobrancelhas
Uma borla encarnada? Quantos busclo
A chimerica palma?
" " " 11-14. — Na canícula treme
Com frio susto à vista da trincheira
O barbaro soldado
Que a musica mistura dos batidos
" " " 16-17. — C'os ultimos suspiros; pelos ares
Pelouros assobião
" 144, " 1-3. — Como tropel dos cavallos grossas nuvens
De escuro pô levanta
" " " 7. — Em debil lenho entregue a longos mares
" " " 11-14. — Entre a grossa saraiua o retorcido
Fulminante coriaco
Estala a fraca verga a solta vela
Ondeando sussurra!
" " " 16. — Do que a dura pobreza.
" " " 21. — Vai perder-se n'um dia porque gosta
" 145, " 7-11. — Este pela empinada serra açula
O javali hirsuto
Britanicos sabujos: o alarido
No fundo valle assusta
A inquieta pastora que espantada
" 146, " 2. — D'hera verdes c'roas
" " " 6-7. — Escute ao novo canto
Com a verde cabeça fôra d'agua
" " " 10. — Negar-me e um nome eterno.
(Ms. de Figueiredo).



- Ode XXI, pag. 147, lin. 4. — Com fossos e com muros guarnecida
Pag. 147, lin. 6. — Executar, porém, o grande plano
" " " 9. — Dido, Romulo ou Remo
" " " 11. — Pela bredda enxarcia Africo ou Noto
" " " 13-16. — Impavido e previsto
Se de longa experiencia acautelado
Te não visses então, que te valêra
" 148, " 5. — Assim é ou devia ser, mas vemos
" " " 9-10. — Com perversa malícia uns aos outros
Enganar-nos queremos
" " " 12. — Hypocritas tyrannos
" " " 17. — Alternão as reciprocas saudes
" 149, " 4-5. — Que mais faria o barbaro Argelino
Se c'o estreito chaveco te abordára
" " " 12-13. — A rapida soberba.
Ou fera pois já vio a antiga Roma
" 149, lin. 15. — Um faminto leão lambe as plantas
" " " 19-20. — Abrieste as brancas azas que agitadas
Nos ares te equilibrao
" 150, " 5 6. — Cobrisse a luz do sol, vacilla tudo
A luz do dia foge, foge a terra
Ao seu primeiro cahos reduzido
" " " 8. — Eis surge o fingimento
" " " 11. — No sophistico ornato disfarçando
" " " 17-19. — E nesta ferrea idade fracas almas
Almas de feios vicios opprimidas
Da profuga amizade?
" 151, " 8. — Te insulta ou te infama
" " " 11-15. — Os olhos scintillar do cervical lobo
A casa desamparão.
Já não vemos Euryalos e Nisos
E para renascer a extensa casa
Esperas nova Pyrrha?
(Ms. de Figueiredo).
Ode XXII, pag. 152. — Esta Ode é uma bellissima imitação
da XXXI de Horacio, liv. I, que assim começa:
*Quid, dedicatam poscit Apollinem
Vates? Quid ora de patera novum
Fundens liquorem?*
Pag. 155, lin. 6. — Do fulvo Tejo arar as fortes margens
" " " 9. — Os rufos touros as castanhas vaccas



- Pag. 154, lin. 12. — Nem perolas luzentes.
" " 16. — Parece que domina.
" 153, " 11. — Não quero mais que ver na fragil meza
" " 13-14. — Um limpo copo com que neste graude
Nesse só para mim prospero dia.
" " 17. — Com mui pouco se mata a crua fome
" " 19. — Ou pobre ou rico viva tenho a lyra
" 154, " 5. — Tempos depois virão que desferindo
" " 7. — Arrazadas as ondas de turbantes
" " 9. — Do negro sangue as armas rodeadas
" " 12. — As roxas mãos torcidas.
" " 16. — De gloria e de fortuna.

(Ms. de Figueiredo).

Ode XXIV, pag. 159. — No Ms. de 1767 esta Ode vem dedicada ao Coronel Walnot. O equívoco é palpavel. No Ms. do Conego Figueiredo ella se inscreve *aos annos da Senhora D... Arminda*, provavelmente, se esse nome que se encontra no final, não é propriamente poetico. No mesmo Ms. é a primeira que o collector classificou *Odes profanas*.

Ode XXVI, pag. 166. — Não lhe pude conseguir o original inglez, nem tão pouco saber qual o Sertorio que nella se canta. Percorrendo a lista dos pintores inglezes notaveis nenhum deparei com esse nome. (Vide *La peinture anglaise*, par Ernest Chesneau).

Ode XXVII, pag. 168. — Esta Ode bem como as seguintes até pag. 180 encontrão-se estralinhadas no fim do volume da edição de 1778 e sem numeração. A mesma desordem foi escrupulosamente observada nas subseqüentes. Reuni-as e numerei-as, segundo o lugar em que nellas se achão.

Ode XXVIII, pag. 170. — A epigraphe pertence á edição de 1825. O *Parvato Lusitano* a adoptou na selecção das poesias de Garção. (Vide tomo III, pag. 319).

- Pag. 170, lin. 10. — Emquanto sobre a relva se reclina.
" " 14-15. — O não vão perturbar no bramido sommo
A sordida ambição.
" 171, " 12. — E aos malhados tigres
" 172, " 3-4. — De esteril murta de cheirosas plantas
E o campo que ondeava
" " 9. — No seio das delicias e regalos...

(Ms. de Figueiredo).



Ode XXXI, pag. 178. — Varios pensamentos e imagens desta composição ver-se-hão adiante reproduzidos na ode XXXIV ao *Santissimo Natal*, inédita. O autor por qualquer motivo abandonou a metrificacão alli adoptada, e fundio aquelles versos nest'outros. Dirão os entendidos se teria razão, e qual a preferencia entre as duas.

Ode XXXII, pag. 181. — Não está em nenhuma das edições precedentes. Fui encontra-la, como já declarei, por indicação de Innocencio no tomo III do *Parnaso Lusitano* a pag. 327.

Ode XXXIII, pag. 184. — Inédita; pertence ao Ms. de 1767.

Ode XXXIV, pag. 187. — Inédita; acha-se no Ms. de 1767 com a nota *incompleta*.

Ode XXXV, pag. 192. — Inédita. No Ms. de 1767.

Ode XXXVI, pag. 194. — Inédita; della apenas archivou no seu Ms. o Conego Figueiredo as linhas que vão impressas. Julguei não dever omitti-las apesar de formarem um verdadeiro troço de Ode. Pôde ser que esteja alhures coroada de fuste e capitel, se realmente o autor a concluiu.

EPISTOLAS.

Epistola II, pag. 201. — É do Ms. de 1767 esta epigraphe: *Epistola a um ministro seu amigo, que estava em a Provincia do Minho e lhe pedia fosse para lá, porque tinha um tio que lhe queria deixar uns prazos.*

Epistola III, pag. 207. — A numeracão é minha. Na edição de 1778, onde se acha desgarrada no fim do volume, depois da parte em prosa, não a tem.

O seu melhor elogio, diz Innocencio, traçou elle (Garção) a si proprio nesta epistola. (Vide *Dicc. Bibl.*, art. Garção).

Epistola IV, pag. 210. — Inédita, porém com a nota *incompleta* no Ms. de 1767.

Falia do Infante D. Pedro, pag. 220. Este poemeto como o denomina o Snr Visconde de Correia Botelho vem no Ms. de Figueiredo com a seguinte nota: *Para a Academia dos Occul-*



tos, 1754. Pretende aquelle escritor ter servido para estreia de Garção na dita Academia. Não podia na verdade estreiar com mais brilhantismo.

No appendice da obra *Brazil and Brazilians*, por Kidder e Fletcher, os autores vertendo para o inglez esta poesia a attribuem ao Snr D. Pedro II, Imperador do Brazil. Dizem elles: *The following lines were composed by D. Pedro II and written by him in the album of one of the maids of honor. They were doubtless never intended for the public eye, but were obtained through a member of the diplomatic corps at Rio Janeiro.*

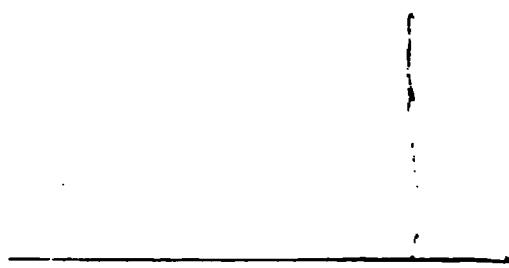
O fardo do inculcado diplomata foi singularmente extraviado. ds certo teria melhor conhecimento de Wattel e de Martens do que de poetas portuguezes. Mais segura informação comtudo levou aquelles escriptores a eliminar da segunda edição do livro essa parte do appendice.

O Imperador trasladaria para o album de alguma dama (ouvi fallar na Condessa de Sarapuby) assignando-a, uma poesia de sua predilecção, sem jamais cuidar lhe attribuissem por isso a autoria, pretensão que ninguem de boa fé lhe poderia emprestar tão conhecida é ella de quem possuir a mais leve tintura da litteratura portugueza. Quadrão, porém, tão bem os sentimentos expressos no poema com os do Monarcha brasileiro, que facilmente se desculpa o equívoco do diplomata.

Como o Infante de Portugal, o Imperador D. Pedro II tambem nobremente recusou a estatua que a gratidão nacional pretendia erigir-lhe. Fô-lo na conhecida carta dirigida ao illustre estadista brasileiro, Cons.^o Paulino de Souza, então Ministro do Imperio, adiante reproduzida em *fac-simile*. Nesse documento de mór valia para a historia de seu reinado destacão se em brilhante relevo as eminentes qualidades do soberano; admira-se a um tempo a modestia da recusa e a generosidade dos intuitos na applicação recommendada.

A abnegação não é aliás o unico traço distinctivo do caracter do Imperador. Iria, porém, alem do meu proposito invadindo assumpto propriamente biographico, se me detivesse na enumeração de varios outros factos, que espelham uma alma coroada de muitas e grandes virtudes, como diria o famoso dominicano portuguez. No emtanto corria-me o dever de assignalar a munificencia, que permittio fosse enriquecido este volume com o alludido *fac-simile*, e ante a qual me inclino profunda e respeitosamente reconhecido.







O original desta carta foi incluído nos alicerces da Escola de S. Sebastião na cidade do Rio de Janeiro por occasião do assentamento da primeira pedra.

SATYRAS.

Satyra I, pag. 231. — A epigraphé é do *Parnaso Lusitano*. Abi se lê o seguinte conceito :

« Nesta satyra onde se nota toda a correcção epica, que se admira nas de Boileau, mofa o autor de certos zoilos, que (incapazes de reflectir que nenhuma palavra é rasteira quando é bem collocada e congruente ao assumpto) tinham censurado alguns termos ao poeta, taxando-o de baixos. É pena que Garção fosse tão parco neste genero de poesia, pois só estas duas satyras nos deixou. Mas elle retocava muito as suas obras, e não as avaliava pelo numero. (Obra cit., tomo III, pag. 55).

Innocencio menciona a existencia de uma Satyra inedita accusada por Luiz Raphael Soyé no prologo do seu poema o *Soubô*, onde transcreve della este unico verso :

« Ao rabido furor do pedantismo »

Não pude descobri-la. Sei, entretanto, que o Snr Theophilo Braga encontrou uma tambem inedita em um leilão de livros á rua larga de S. Roque em Lisboa. O Ms. porém foi-se, com grande lamentamento seu e meu.

Satyra II, pag. 238. — Tomei igualmente do *Parnaso Lusitano* a epigraphé desta Satyra, que nas outras edições é dedicada ao Conde de S. Lourenço. A respeito della assim se exprime o compilador :

« Com as armas do ridiculo combate o Garção nesta segunda satyra alguns cegos admiradores das phrases e termos antiquados ; porque sem discernimento e escolha introduzião em assumptos serios as palavras mais rasteiras só porque erão antigas ». (Obra cit., pag. 62).



DITHYRAMBOS.

Dith. I, pag. 248, lin. 3. — Nos lindos olhos vivo rutilando
Pag. 248, lin. 3. — Paixão, tristezas, magoas, temores.

» 249, » 19-20. — Das Tercygedes Phydias raivosas
Coricei escutando
» 250, » 1. — No prado ameno
» » 16. — Dourado este dia
(Ms. de Figueiredo).

Dith. II, pag. 253, linh. 5. — Crepitantes lanças te não prendem.
(Idem).

CANTIGAS.

Cantiga I, pag. 267. — Inserta no Ms. de 1767 com esta epigraphe: *Cantiga de Pedro Antonio Garçon ao acampamento que fez no Rio frio em 1768.*

Cantiga I, pag. 269, lin. 16. — Da feia gente estrondosa.
» » 271, » 15. — O teu nome annunciarei.
(Ms. de Figueiredo).

Cantiga III, » 277, » 5. — Allude ao pellicano de ouro, que a familia dos Alencastros tem por timbre de suas armas. (Nota da edição de 1768).

ENDECHAS.

Endecha II, pag. 284 lin. 5. — Depois que os teus olhos.
(Ms. de Figueiredo).

THEATRO.

Il (Garçon) s'est aussi efforcé de reformer le théâtre et de donner à sa patrie quelques poésies dans la manière de Térence. La première qu'il a intitulé *Theatro Novo*, est plutôt un cadre pour exposer ses principes sur l'art dramatique et faire la cri-



tique de ce qui existait déjà, qu'une comédie faite pour devoir ses succès à elle même. Une autre pièce de lui intitulée *Assemblée ou Partida*, est une satire du beau monde, à peu près dans le genre du *Cercle de Poinsinet*. (SIMONDE DE SISMONDI, *De la litt. du midi de l'Europe*, tome, IV pag. 542).

Theatro Novo, pag. 285. — No Ms. de 1767 se diz haver sido esta comedia representada no theatro do Bairro Alto em 1766. O Sur Theophilo Braga em carta que tenho á vista, referindo-se a uma *Collecção das obras poeticas de P. A. Corrêa Garção* copiadas por Antonio Lourenço Caminha, escreve que no fim da Comedia depara-se com a seguinte curiosa nota: « *Este finalizado drama se representou no theatro do Bairro Alto em 22 de janeiro de 1766 e o povo espectador o não deixou acabar com patoadas e assobios.* » (p. 154).

Cantata, pag. 381. — Esta obra prima da poesia portugueza, em a qual no dizer de um critico a situação e os sentimentos intimos da heroína se desenhão em accordo tão harmonioso, mereceo ser agora vertida pela primeira vez para a lingua de Byron. A Mr. Collard Stock, illustrado cavalheiro inglez e distincto cultor das Musas, devo a fortuna de poder offerecer esse mimo aos amigos das boas letras. A traducção é como se segue:

CANTATA.

Mafalda.

Now in the red East afar yet faintly gleaming
The proudly swelling sails of the swift Trojan fleet
Amidst the azure billows of the sun-gilt ocean
Flying on the wings of the winds are hid from sight.
The wretched, hapless Dido
Doth wander through the royal palace loud lamenting,
And still with tear swoll'n eyes in vain she seeks
The fugitive Eneas.
Nought but deserted solitary streets and squares
The new-built Carthage to her gaze reveals:
Upon the naked shore with awful tumult breaking
Rage through the livelong night the waves in solitude:



And on the gilded pinnacles of lofty domes and temples
Nocturnal birds do screech with harsh foreboding voice.
And from the marble sepulchre with terror she imagines
That from the cold ashes of the dead Sicheus
A thousand times she hears a feeble voice arise,
Crying with deep drawn sighs, Elissa, Elissa,
Then to the awful deities of Orcus she
The sacrifices due makes ready;
But suddenly she sees, affrighted,
Around the altars smoking with fragrant incense
A black scum boiling in the rich sculptured vessels:
And the wine poured in libations
Seems to her eyes transformed to crimson seas of blood.

She raves in wildest frenzy;
Pallid is grown her lovely face,
Her silken tresses flow down all dishevelled;
Unconscious and with trembling foot she enters
The once delightful chamber
Where from the now faithless lover

She heard with deep emotion
Sighs so heartbroken mingled with soft complaints.
But there the cruel Fates did show to her
The Ilian garments, that still hanging
From the gilded couch with dazzling gleam revealed
The glittering shield and the bright Teucric sword.
With a convulsive hand she snatches suddenly
From out its sheath the blade refulgent,
And on the adamantine piercing steel
Her tender breast snow-white and crystalline she hurls:
And in bubbles of foam plashing and murmuring
Leaps the hot life-blood forth from the deadly wound:
With the red spouting gore bedewed and sprinkled
Tremble the Doric columns of the hall.
Thrice does she strive in vain to rise
And three times fainting back upon the couch again
Her body falls, while unto Heaven she raises
Her tortured dying eyes.
Then gazing at the lustrous armour
Of the fled Dardan chief,
These her last utterances did she repeat,



And the most pitiful and mournful accents
Still floating through the golden arches of the roof
Long afterwards were heard in plaintive sad lament.

O ye sweet treasures
Source of deep pleasures
To my glad eyne,
While Fate beguiled
And the Gods smiled
Consent benign:
Of Dido mournful
The soul receive,
From all these troubles
My heart relieve.
Dido unhappy
Has lived out her days:
Of lofty Carthage
The walls she did raise:
Now naked and bare
Her shade alone
In Charon's bark there,
The hideous one,
Goes ploughing the stream
Black as night without gleam
Of Phlegethon.

Assemblée, pag. 374, lin. 16-17:

Quando a aurora apparece sempre é cedo.
Eu aqui venho já co' a minha dama.

Nas edições anteriores este segundo verso é posto na bocca de Branca a meu ver erradamente. Taes expressões caberiam antes na de Jofre, que descêra a buscar D. Mafalda e entrando na sala faria a sua apresentação á companhia ali reunida.

Assemblée, pag. 390, lin. 13:

Victor sério, senhores, versos, versos:

A primeira parte deste verso é incompreensivel. Talvez indicasse alguma expressão da epoca, parecida com o nosso « leva rumor », ou o *favete linguis* dos Romanos.



Assembléa, pag. 410, lin. 4 :

Deixará permear pelos seus vasos (edição de 1812)
em vez de

Deixará premiar pelos seus vasos,
como se lê na edição d: 1778. Preferi aquella lição que tenho por
mais correcta.

Assembléa, Pag. 421, lin. 21 :

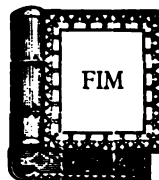
Ês tu Tullio, meu Braz? Eu não sou nescio,

Em todas as edições esta falla é proferida por Florestão. Nada
mais absurdo. Florestão é escudeiro de Braz Carril e no correr
da comédia nada se vê que possa autorisar linguagem tão fami-
liar para com seu amo. Tambem não consta que em tempo al-
gum lhe houvesse emprestado dinheiro. Quem o fazia, segundo
lê-se na Scena I, era o amigo Gil. A este, portanto, e não ao
escudeiro melhor pertencem as censuras dirigidas ao amphytrão.

Assembléa, pag. 393, lin. 5 :

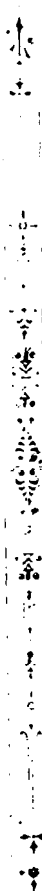
Os cabellos subtile de Amor um dia

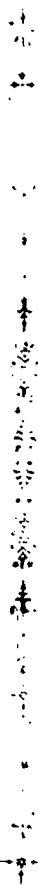
Pag. 393, lin. 7. — Outras andão mil gemmas preparando
" " " 11. — Porque Aglaia lhe está as cãs atando.
(Ms. de Figueiredo).





INDICE.





INDICE

Dedicatória	Pag. VII
Introdução	XII

PARTE I. — POESIA.

SONETOS.

I.	1
II. Á Snra D. Maria Joaquina de Gusmão e Vasconcellos	2
III.	3
IV.	4
V. Á mesma senhora	5
VI. Á mesma senhora	6
VII.	7
VIII.	8
IX.	9
X.	10
XI. Á Snra D. Maria Caetana de Souza Seyão	11
XII. Á Snra D. Helena Felippa Xavier Na- varro.	12
XIII.	13
XIV.	14
XV. Aos annos do Coronel de Artilheria Fre- derico Weinboltz.	15
XVI.	16

XVII.		Pag.	17
XVIII.			18
XIX.			19
XX.			20
XXI.	Ao Snr Theotonio Gomes de Car-		
	valho, socio da Arcadia		21
XXII.	Aos annos do Snr Theotonio Gomes		
	de Carvalho		22
XXIII.	Aos annos do mesmo senhor . . .		23
XXIV.	Ao mesmo senhor		24
XXV.			25
XXVI.	Ao Padre Francisco José Freire, da		
	Congregação do Oratorio e socio		
	da Arcadia, mandando-lhe pedir ta-		
	baco hespanhol.		26
XXVII.			27
XXVIII.	A calva do Padre Antonio Delfim,		
	amigo do autor		28
XXIX.	Ao Padre Delfim		29
XXX.	À calva do mesmo.		30
XXXI.	Ao Padre Delfim.		31
XXXII.	Ao fogo que houve em Alcantara		
	n'um grande monte de tojo, al-		
	ludindo à calva do Padre Delfim . .		32
XXXIII.	Ao Padre Delfim.		33
XXXIV.	À calva do mesmo.		34
XXXV.	Ao Padre Delfim.		35
XXXVI.	Ao mesmo		36
XXXVII.	À calva do Padre Delfim		37
XXXVIII.	Ao Padre Delfim.		38
XXXIX.	Ao mesmo		39
XL.	Ao mesmo		40
XLI.	Ao mesmo		41
XLII.	Ao mesmo		42
XLIII.			43
XLIV.	Aos annos da Sra D. Maria Eu-		
	phrasia		44

XLV.	Pag.	45
XLVI. Aos annos da Snra D. Camilla . . .		46
XLVII. Á uma senhora, a quem o autor cha- mava sua mãe		47
XLVIII. Á Jeronymo Henriques de Sequeira		48
XLIX.		49
L.		50
LI.		51
LII.		52
LIII.		53
LIV. Ao terremoto do primeiro de novem- bro de 1755		54
LV. A sua mulher a Snra D. Maria Anna Xavier de Sande e Salema . . .		55
LVI.		56
LVII. Á morte de Felix Continho . . .		57
LVIII. Contra José Basilio da Gama . . .		58
LIX. Contra um rancho satyrico . . .		59
LX.		60
LXI.		61
LXII. Ao Padre Antonio de S. Jeronymo Justiniano, Capellão do côro de N. Snra do Loreto, da Nação ita- liana		62
LXIII.		63
LXIV. A Antonio Diniz da Cruz.		64

ODES.

I. Aos fidalgos que protegião o theatro do Bairro Alto.	67
II. Ao Exmo Conde de Oeiras	73
III. Á Snra D. Maria Joaquina de Gusmão e Vasconcellos	81
IV. O ponche	83
V. Á Virtude	86

VI.	À mesma	Pag.	91
VII.	Ao Snr Manoel Pereira de Faria, so- cio da Arcadia		94
VIII.	Ao beato Bernardo, Marquez de Baden		97
IX.	A S. Norberto, Bispo e Confessor		99
X.	A S. Thomaz de Aquino doutor e Confessor		102
XI.	A S. Ubaldo, protector da cidade de Eugubio, Bispo e Confessor		105
XII.	Ao Snr Manoel Pereira de Faria, so- cio da Arcadia		107
XIII.	Aos annos do Coronel d' artilheria Frederico Weinholts		112
XIV.	À restauração da Arcadia		116
XV.	Aos annos da Illma e Exma Sra D. Leonor de Almeida		121
XVI.	À riqueza de um poeta		125
XVII.	Ao Padre Antonio Delúm		128
XVIII.	A morte de José Gonsalves de Mo- raes, socio da Arcadia		134
XIX.			139
XX.	Ao Snr Gaspar Pinheiro da Camera Manoel		143
XXI.	Ao mesmo		147
XXII.			152
XXIII.	Aos annos do Snr José Carlos Mardel		155
XXIV.			159
XXV.			163
XXVI.	Traducção de uns versos inglezes fei- tos a um seu grande pintor		166
XXVII.			168
XXVIII.	À vida rustica		170
XXIX.			173
XXX.	À Horacio		175
XXXI.			178
XXXII.	O suicidio		181
XXXIII.	A uns annos de uma senhora ingleza		184

XXXIV. Ao SS. Natal.	Pag. 187
XXXV.	192

EPISTOLAS.

I.	197
II. Ao Senhor Dr. João Evangelista.	201
III.	207
IV. Ao Exmo Senhor Conde de Oeiras, secretario do Estado	210
— Falla do infante D. Pedro, duque de Coimbra, aos Portuguezes, querendo-lhe levantar uma estatua pelo seu bom governo, o que elle não consentio	220
— Á feliz acclamação do Snr Rei D. José I de gloriosa memoria. — Romance hendecasyllabo	224

SATYRAS.

I. O poeta	231
II. Sobre a imitação dos antigos.	238

DITHYRAMBOS.

I.	247
II. Ao Snr Antonio Diniz da Cruz e Silva, socio da Arcadia	252

MOTES E GLOSAS.

I.	257
II.	260
III. Tudo faz o Padre Antonio	263

CANTIGAS.

I.	Pag. 267
II.	272
— Ao Divino Espirito Santo no anno em que servio de Imperador um filho do Ilmo e Exm ^o Sr D. José de Alencastro	273

ENDECHAS.

I.	281
II.	284

PARTE II. — THEATRO.

Theatro Novo (drama)	289
Assembléa ou partida (drama).	339

PARTE III. — PROSA.

DISSERTAÇÕES.

I. Sobre o character da tragedia propondo ser inalteravel regra della não se dever en- sanguentar o theatro e no desempenho de cujo drama devem reinar o terror e a compaixão, para que assim com esta representação se purguem os especta- dores destas e outras semelhantes paixões	431
II. Sobre o mesmo character da tragedia e uti- lidades resultantes na sua perfeita com- posição.	445
III. Sobre ser o principal preceito para for- mar um bom poeta procurar e seguir a imitação dos melhores autores da anti- guidade.	461

O RAÇÕES.

I. Em que se intima e persuade aos Arcades se interessem em cumprir as leis da Arcadia que erão empenhar-se com todo o esforço na restauração da eloquencia e antiga poesia portugueza . . . Pag.	477
II. Em que se declama contra a falta de applicação dos Arcades aos estudos, notando-os esquecidos já das leis da sua empresa, e obrigações dos seus estatutos	487
III. Em que se persuade os bem devidos louvores do nosso soberano, sempre augusto e fidelissimo	503
IV. Em que trata de conciliar a seu favor as vontades dos Arcades contra falsas apreciações que se havião levantado . . .	513
V. Para se recitar no acto do juramento de bandeiras do Regimento de Infanteria, sendo Coronel delle o Illustrissimo e Excellentissimo Marquez das Minas. .	523
VI.	531
VII.	545
VIII.	561
Notas e variantes	593





ROMA
TYPOGRAPHIA DOS IRMÃOS CENTENARI

35, Rua della Coppella

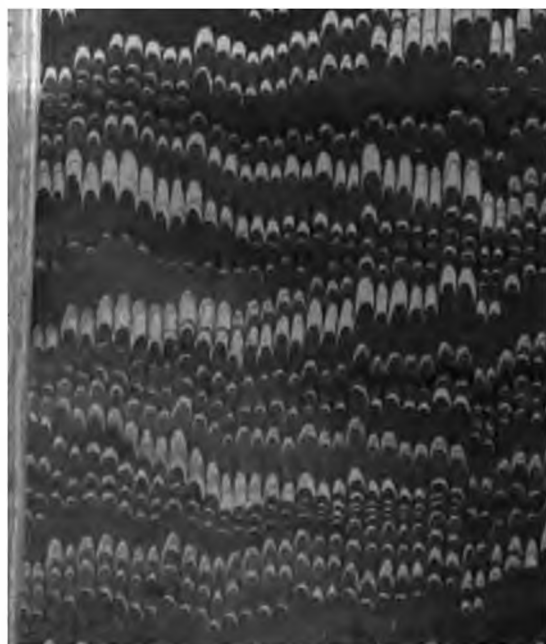
—
1888.













—